

Universidade de Lisboa  
Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação



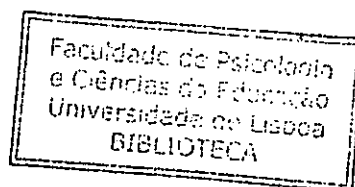
**A EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE JOVENS**  
**PERCURSOS E PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO**

**Rita Isabel Rosado da Silva**

**Mestrado em Ciências de Educação**  
**Área de Especialização em Formação de Adultos**

**2007**

Universidade de Lisboa  
Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação



**A EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE JOVENS**

**PERCURSOS E PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO**

**Rita Isabel Rosado da Silva**

**Mestrado em Ciências de Educação**  
**Área de Especialização em Formação de Adultos**  
**Dissertação orientada pelo Prof. Doutor Rui Canário**

**2007**

*“Interroguemos (...) as próprias pessoas (...) perguntemos-lhes onde adquiriram os seus conhecimentos, as suas convicções, e eles acabarão por admitir que foi, na maior parte das vezes, fora dos estabelecimentos escolares.”*

Ivan Illich

*“ Educar tornou-se o sinónimo de condicionar às exigências do meio social; em vez de ser processo de promover as potencialidades individuais. (...) Saiba o homem partir só para a aventura da vida; e então o encontro com o outro será um pacto de solidariedade e não um laço de escravidão.”*

António Coimbra de Matos

## Agradecimentos

Ao Marco, à Sónia, ao Ricardo; ao Paulo e ao Francisco por, generosamente, terem partilhado as suas histórias, em nome da busca do saber

Ao Professor Doutor Rui Canário pela sua capacidade de orientação mas, sobretudo, por estimular o meu pensamento crítico

Ao Américo e à Ludovina por me abrirem as portas do conhecimento

À Maria por me mostrar como o é grande o privilégio de saber e poder “ler”

Ao Nuno pelo incentivo e pela partilha e desafio intelectual

À minha doce Anaís por me recordar, todos os dias, como a curiosidade e a espontaneidade fazem parte da natureza humana

## RESUMO

A presente investigação procura compreender de que forma os jovens, que abandonam precocemente o sistema formal de ensino, constroem um sentido para a frequência de acções de educação e formação, alternativas à escola, numa tentativa de abordagem das temáticas da formação profissional em relação com o fenómeno da exclusão social.

O ponto de partida teórico incidiu sobre as actuais concepções do campo de estudo da Formação de Adultos, bem como de teorias psicológicas, psicanalíticas e sociológicas a respeito dos processos de socialização e construção de identidades e de teorias sobre a exclusão social.

A metodologia de investigação utilizada foi de tipo qualitativo e baseou-se no estudo de cinco casos individuais de jovens de baixa escolaridade, aos quais foram realizadas entrevistas de “inspiração” biográfica.

A partir do material empírico foi possível concluir que as medidas de educação e formação de jovens, alternativas à escola, são percebidas enquanto medidas válidas porque proporcionam experiências de socialização passíveis de contribuir para a consolidação das identidades dos jovens. Verificou-se, ainda, que os jovens valorizam sobretudo a obtenção de um título ou diploma e não tanto, o desenvolvimento de competências concretas; embora considerem importante compreender a finalidade das suas aprendizagens. Contudo, persistem fortes dúvidas quanto à eficácia destas medidas, em termos da promoção de um verdadeiro processo de transformação individual e do desenvolvimento de competências efectivamente mobilizáveis em contexto de trabalho. Consequentemente, mantém-se a ideia de que estas medidas não são instrumentos eficazes no sentido da prevenção da exclusão social pois não subjaz à sua criação uma profunda modificação das representações a respeito dos actuais modelos de sociedade.

Palavras-chave: Educação, Formação; Jovens; Exclusão Social

## **ABSTRACT**

The present investigation intend to understand how young people, who prematurely abandoned the formal educational system, build a meaning to the frequency of education and formation actions, in alternative to school, in an attendt to approach the subjects of Professional training in it's relation with social exclusion.

The theoretical start point were the present conceptions from the adult formation study field, as well as psychological, psychoanalytical and sociological theories about the socialization and identity building processes and social exclusion theories.

It was used a qualitative investigation method and the study was based upon five case studies of young people, with low graduation levels, who were submitted to biographic interviews.

The empirical material allowed to conclude that this measures, to form and educate young people, in alternative to school, are perceived as valid because they provide socialization experiences, wich contribute to consolidate young people identities. It was also verified that young people, above all, valorize the achievement of a title or certificate, and not so much the development of concrete competences, although they think it is important to understand the purpose of what they learned. But it still remains strong doubts about the efficacy of these measures to promote a real individual transformation process, as well as the development of competences truly capable of being mobilized to work context. Consequently, it remains the idea that these measures are not efficient instruments to promote the social exclusion prevention, because in it's creation there are not a profound change of the representations about the present society models.

**Key-words:** Education; Formation; Youth; Social Exclusion

## ÍNDICE

	Pág.
<b>RESUMO</b>	4
<b>ABSTRACT</b>	5
<b>INTRODUÇÃO</b>	9
<b>CAPÍTULO I – A FORMAÇÃO DE ADULTOS: ENTRE A SOCIALIZAÇÃO E A EXCLUSÃO SOCIAL</b>	13
<b>1. A FORMAÇÃO DE ADULTOS</b>	14
1.1. BREVE HISTÓRIA	14
1.2. FORMAÇÃO OU EDUCAÇÃO DE ADULTOS?	19
1.3. FORMAÇÃO DE ADULTOS OU FORMAÇÃO DE JOVENS?	21
1.4. FORMAÇÃO DE ADULTOS NA ACTUALIDADE: ALGUNS PRINCÍPIOS	26
<b>2. FORMAÇÃO, SOCIALIZAÇÃO E EXCLUSÃO SOCIAL</b>	32
2.1. TEORIAS DA SOCIALIZAÇÃO	33
2.1.1. A NOÇÃO PIAGETIANA DE SOCIALIZAÇÃO	33
2.1.2. ABORDAGENS PSICANALÍTICAS DA SOCIALIZAÇÃO	37
2.1.2.1. A SOCIALIZAÇÃO DOS JOVENS	43
2.1.2.2. UM MODELO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA	46
2.1.3 A NOÇÃO DE SOCIALIZAÇÃO DE CLAUDE DUBAR: UMA TEORIA SOCIOLÓGICA DA IDENTIDADE	49
2.2. A EXCLUSÃO ESCOLAR E EXCLUSÃO SOCIAL	53
<b>CAPÍTULO II – FORMAÇÃO E EXCLUSÃO SOCIAL DE JOVENS DE BAIXA ESCOLARIDADE: O “PROBLEMA” E AS “SOLUÇÕES”</b>	57
1. O ACTUAL CONTEXTO HISTÓRICO	58
2. O ABANDONO ESCOLAR E O DESEMPREGO DE JOVENS: A REALIDADE E AS SUAS IMPLICAÇÕES	59
3. INVENTÁRIO DE POLÍTICAS EDUCATIVAS E SOCIAIS DE PREVENÇÃO DO ABANDONO ESCOLAR	63
3.1. O SISTEMA DE APRENDIZAGEM	65

*Dina  
Espinas  
x  
Bibliografia*

3.2. OS CURSOS DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL INICIAL "9º ANO + 1"	67
3.3. O PROGRAMA 15-18	67
3.4. O 10º ANO PROFISSIONALIZANTE	67
3.5. OS CURSOS DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE ADULTOS	68
3.6. OS CURSOS DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE JOVENS	68
<b>CAPÍTULO III – METODOLOGIA</b>	<b>71</b>
1. A QUESTÃO CENTRAL DE INVESTIGAÇÃO	72
2. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA	73
2.1. O ESTUDO DE CASO	75
2.1.1 O MÉTODO BIOGRÁFICO	76
2.2. AS TÉCNICAS DE RECOLHA DE INFORMAÇÃO	79
2.2.1 AS ENTREVISTAS BIOGRÁFICAS	80
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	83
3.1. A SELECÇÃO DOS SUJEITOS E A RECOLHA DA INFORMAÇÃO	83
3.2. O TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO	88
3.2.1 A ANÁLISE QUALITATIVA DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS	88
<b>CAPÍTULO IV – “ESTUDAR PARA AMANHÃ SER ALGUÉM”: CINCO HISTÓRIAS DE JOVENS EM BUSCA DE UM SENTIDO PARA A VIDA</b>	<b>91</b>
1. <i>“OS HERÓIS JÁ MORRERAM TODOS”</i>	92
2. <i>“QUERIA SER POPULAR”</i>	115
3. <i>“SER UMA PESSOA COM ESTUDOS, PARA ESTAR BEM NA VIDA”</i>	131
4. <i>“O QUE EU PRECISO É DE TRABALHO, NÃO PRECISO DE MAIS NADA”</i>	139
5. <i>“PODE SER QUE AINDA ENTRE PARA A FACULDADE”</i>	162
<b>CAPÍTULO V – CONCLUSÕES</b>	<b>178</b>
1. <i>“CINCO HISTÓRIAS...CINCO SENTIDOS?”</i>	179
1.1. <i>“O MARCO”...“OS HERÓIS JÁ MORRERAM TODOS”</i>	179
1.2. <i>“A SÓNIA”...“QUERIA SER POPULAR”</i>	181
1.3. <i>“O RICARDO”... “SER UMA PESSOA COM ESTUDOS, PARA ESTAR BEM NA VIDA”</i>	183
1.4. <i>“O PAULO”... “O QUE EU PRECISO É DE TRABALHO, NÃO PRECISO DE</i>	<i>185</i>

<i>MAIS NADA</i>	
1.5. "O FRANCISCO"... <i>PODE SER QUE AINDA ENTRE PARA A FACULDADE</i>	187
2. SÍNTESE CONCLUSIVA	190
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	201
<b>ANEXOS</b>	207
<b>Anexo 1 – Entrevista ao Marco</b>	208
<b>Anexo 2 – Entrevista à Sónia</b>	256
<b>Anexo 3 – Entrevista ao Ricardo</b>	275
<b>Anexo 4 – Entrevista ao Paulo</b>	288
<b>Anexo 5 – Entrevista ao Francisco</b>	322

## INTRODUÇÃO

A presente investigação enquadra-se num Curso de Mestrado em Ciências de Educação, na área de especialização em Formação de Adultos, iniciado em Outubro de 2003 na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (FPCE-UL) e designado: "Educar e Formar – Mutações e Convergências de um campo profissional". O mesmo surge como resultado de uma iniciativa conjunta do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), através do Centro Nacional de Formação de Formadores (CNFF), e a FPCE-UL.

*"O IEFP, criado em 1979 (Decreto-Lei nº 519-A2/79, de 29 de Dezembro) é um organismo público, sob a tutela do Ministério da Segurança Social e do Trabalho, ao qual compete a execução das políticas de emprego e formação profissional, definidas e aprovadas pelo governo. As 5 Delegações Regionais, distribuídas pelo País, de acordo com as regiões estabelecidas para as Comissões de Coordenação Regional, enquadram 86 Centros de Emprego, 31 Centros de Formação Profissional de Gestão Directa, 1 Centro de Reabilitação Profissional e 8 Centros de Apoio à Criação de Empresas<sup>1</sup>.*

Os Centros de Emprego aplicam, desde 1998, a metodologia definida pelo Plano Nacional de Emprego (PNE), (Resolução do Conselho de Ministros nº 59/98, de 6 de Maio) o que se traduz no desenvolvimento de actividades tais como: a dinamização de sessões de informação colectiva destinadas a candidatos a emprego e/ou a formação profissional; entrevistas de orientação profissional; avaliação psicológica de utentes interessados em formação profissional, etc. As actividades desenvolvidas têm, maioritariamente, como destinatários utentes desempregados a beneficiar, ou não, de subsídio de desemprego. No entanto, poderão recorrer aos Centros de Emprego trabalhadores integrados no mercado de trabalho, seja com o intuito de procurar outras oportunidades de emprego, seja com interesse em frequentar formação profissional. De qualquer forma, os Centros de Emprego trabalham sobretudo com pessoas em situação de desemprego (muitas vezes, de desemprego de longa duração) e em risco de exclusão social. Esse risco é, naturalmente, variável dependendo de inúmeros

---

<sup>1</sup> In. : [www.iefp.pt](http://www.iefp.pt)

factores tais como: a realidade geográfica do Centro de Emprego, em termos das características do seu mercado de trabalho, e as características dos próprios utentes.

Enquanto Conselheira de Orientação Profissional (COP), num centro de emprego do IEFP, tenho vindo a contactar, de perto, com a realidade do desemprego e a contribuir directamente para a execução das medidas, criadas para minimizar os seus efeitos negativos. De facto, uma grande parte do trabalho levado a cabo pelos COP dos Centros de Emprego inclui a orientação profissional de jovens para medidas de formação alternativas ao sistema escolar, uma vez que a procura de uma integração no mercado de trabalho (logo após o abandono escolar) resulta infrutífera. Na minha actividade diária sempre me questioneei a respeito da eficácia e, sobretudo, do sentido dessas mesmas medidas, particularmente na perspectiva dos próprios jovens, já que estes são os seus principais visados.

O Curso de Mestrado, no qual se enquadra este trabalho de investigação, surgiu-me como uma oportunidade assaz interessante no sentido de permitir a reflexão incitada pela minha prática profissional, particularmente no que diz respeito à situação acima descrita. A Formação de Adultos é, na minha perspectiva, o campo de estudo adequado ao enquadramento da questão de investigação inicialmente formulada, ou seja: *“De que modo, os jovens que abandonam precocemente o sistema formal de ensino, se apropriam de experiências alternativas de educação/formação? Isto é, que sentido lhes atribuem?”*

A questão enunciada evidencia o objecto de estudo, o qual remete para a temática da formação profissional na sua relação com a exclusão social. Este ponto de partida impôs a definição de uma estratégia metodológica, enunciada de forma detalhada, mais adiante, neste trabalho. Contudo, é possível avançar, sucintamente, que sendo o objectivo do estudo a compreensão dos processos de construção de sentido, em relação a experiências de vida concretas, parecia adequado optar por um estudo do tipo qualitativo onde a subjectividade fosse valorizada enquanto fonte de produção de conhecimento. Assim, foram estudados cinco casos individuais de jovens de baixa escolaridade que haviam frequentado medidas de educação e formação, alternativas ao sistema formal de ensino. O objectivo deste estudo é compreender em profundidade cada caso e não construir teorias explicativas generalizáveis a todo o universo de

jovens em igualdade de circunstâncias. Contudo, foi interessante verificar que comparando os casos entre si, emergem semelhanças que nos tentam a acreditar numa matriz comum, de acordo com o que o sociólogo Ferrarotti (citado por Couceiro, 2000, p. 13) nos diz, ou seja, *“cada sujeito, pela sua práxis singulariza nos seus actos a universalidade de uma estrutura social e pela sua actividade individualizada a história social colectiva”*.

A Tese encontra-se organizada em torno de cinco capítulos. No primeiro capítulo pretendeu-se enquadrar teoricamente o objecto de estudo, desenvolvendo duas grandes áreas temáticas: a “Formação de Adultos” e a “Formação, Socialização e Exclusão Social”. As temáticas desenvolvidas, neste capítulo reflectem o pensamento que subjaz à tentativa de compreensão do fenómeno em estudo.

O segundo capítulo tem como objectivo contextualizar a temática e objecto de estudo, apresentando e discutindo dados objectivos a respeito da situação actual dos jovens em termos de insucesso e abandono escolar, formação profissional e emprego/desemprego.

O terceiro capítulo refere-se à metodologia de investigação e pretende explicitar os procedimentos metodológicos deste trabalho, bem como justificar as opções realizadas em termos dos pressupostos epistemológicos e da estratégia metodológica.

O quarto capítulo consiste na apresentação de sínteses das histórias de vida de cada um dos jovens entrevistados, as quais estão organizadas em torno das grandes áreas temáticas definidas previamente à realização das entrevistas e contêm extractos das próprias entrevistas, de forma a, melhor, ilustrar o percurso dos jovens.

Finalmente, o quinto capítulo apresenta as conclusões do estudo começando pela apresentação de um comentário a respeito de cada estudo de caso e de uma tentativa de resposta, à questão inicial de investigação, para cada caso particular. Este último capítulo termina com uma síntese conclusiva onde se apresentam e discutem as principais conclusões formuladas a partir do material empírico.

Em conclusão, importa referir que este trabalho de investigação teve um importante significado pela oportunidade que me conferiu de construir um sentido para a minha actividade profissional, permitindo-me reflectir a respeito das medidas e práticas que visam promover a formação de jovens e, sobretudo, tive a oportunidade de desenvolver um pensamento crítico a respeito destas matérias. Nesta perspectiva, este trabalho foi verdadeiramente formativo, tendo contribuído para a minha transformação pessoal no sentido em que reforçou a minha convicção de que *“somos também – e desde o início – criadores activos (...), espontâneos e livres do nosso ser psíquico”* (Coimbra de Matos, 2002, p. 215) e não, apenas, meros executantes que *“obedecem, automaticamente, qual cão de Pavlov, aos diferentes toques de trombeta.”* (ibidem, p. 117).

**CAPÍTULO I**

**A: FORMAÇÃO DE ADULTOS:**

**ENTRE A SOCIALIZAÇÃO E A EXCLUSÃO SOCIAL**

# CAPÍTULO I – A FORMAÇÃO DE ADULTOS: ENTRE A SOCIALIZAÇÃO E A EXCLUSÃO SOCIAL

## 1. A FORMAÇÃO DE ADULTOS

### 1.1. BREVE HISTÓRIA

A formação de adultos enquanto campo de estudo, no domínio das Ciências da Educação (as quais se dedicam ao estudo dos fenómenos educativos) consolidou-se há pouco mais de 50 anos, contudo poder-se-á afirmar que o seu “nascimento” é bem mais antigo.

Canário (2000) relembra, a este respeito, a afirmação de Bertrand Schwartz em 1988, referindo a declaração que valeria a Condorcet o epíteto de “profeta” da educação permanente, ou seja: *“a instrução deve estar presente em todas as idades e não há nenhuma em que seja inútil aprender”*. A declaração de Condorcet data de 1792.

O propósito acima referido foi parcialmente concretizado após a Revolução Francesa (finais do século XIX e início do século XX) quando nasce e emerge o conceito de Formação de Adultos; surgem iniciativas estatais no sentido de assumir a responsabilidade da alfabetização dos adultos iletrados e surgem iniciativas ligadas à formação profissional e política, conforme é enumerado por Noel Terrot referido por Canário (2000).

A maior parte das iniciativas levadas a cabo no âmbito da Formação de Adultos, antes da II Guerra Mundial não partiram, contudo, do Estado mas sim de estruturas populares (Canário, 2000).

O grande desenvolvimento e consolidação deste campo de estudo deu-se, no entanto, a partir da II Guerra Mundial uma vez que se começou a considerar que todos os adultos deveriam de ser alvo de educação, em grande parte pelo facto de se necessitar de um grande envolvimento e esforço de todos na reconstrução do que a guerra havia destruído. Nesta época assistiu-se a uma enorme expansão económica bem como a

uma verdadeira revolução tecnológica. Nos anos 50 e 60 multiplicaram-se as acções de formação destinadas aos adultos. Nesta altura, a formação de adultos tinha, segundo Bhola (cit. Por Canário, 2000, p.12) *“o papel de encorajar a tolerância entre as nações, promover a democracia nos países, criar uma cultura comum englobando a elite e as massas, trazer esperança aos jovens, dar às populações um sentimento de pertença a uma comunidade”*.

A Formação de Adultos não só se consolidou, a partir dos anos 50, como se complexificou assistindo-se ao surgimento de uma grande diversidade quer no plano das práticas educativas, quer das instituições, quer ao nível da figura do formador. (Canário, 2000, p. 13). Ao nível das práticas educativas ocorreu uma diversificação ainda maior ao ocorrer a divisão das mesmas em: práticas ligadas à alfabetização, à formação profissional, à animação sócio-cultural e ao desenvolvimento local.

Todo este desenvolvimento e afirmação da Formação de Adultos enquanto campo específico de estudo conduziram a que, na actualidade se conceba *“a educação como um processo largo e multiforme que se confunde com o processo de vida de cada indivíduo”* (Canário, 2000, p. 11). Assim, como refere o mesmo autor, poder-se-á concluir que sempre existiu formação de adultos.

António Nóvoa (1988) num texto designado *“A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projecto Prosalus”* apresenta-nos um contributo para a compreensão da história da formação de adultos que também se revela bastante elucidativo e que importa relembrar.

O autor identifica três grandes momentos na história quer da *“educação das crianças”* quer da *“formação dos adultos”*, considerando os mesmos como os principais movimentos de contestação do paradigma escolar: O *“Movimento da Educação Nova”*, nos anos 20; O *“Movimento da Educação Permanente”*, nos anos 70; e a *“Nova Epistemologia da Formação”*, na actualidade.

O *“paradigma escolar”* também denominado de *“modelo escolar”* imperou claramente durante o século XIX, o qual chegou a ser considerado o *“século da escola”*. Contudo e apesar dos movimentos de contestação que surgiram sobretudo no século XX, não se

poderá afirmar que este tenha sido abandonado uma vez que facilmente se observa a sua influência nas práticas actuais.

Este modelo assenta em alguns pressupostos bem conhecidos de todos nós dada a sua contemporaneidade. Nomeadamente: a crença na necessária separação entre os locais onde é suposto ocorrer a formação e os locais onde deverá ocorrer a aplicação prática das aprendizagens daí decorrentes; a separação entre o momento em que se aprende e o momento em que se age e, finalmente, a separação das lógicas subjacentes à organização das situações de formação e das situações de trabalho (e diria mesmo das situações de vida). Assim, as situações de formação baseiam-se numa *“lógica dos conteúdos a transmitir e das disciplinas a ensinar”* (Nóvoa, 1988, p.110) enquanto que as situações de trabalho são *“organizadas segundo uma lógica dos problemas a resolver e dos projectos a realizar”* (ibidem, p.110).

As clivagens descritas têm caracterizado o modelo escolar até aos nossos dias conduzindo, inevitavelmente, à questão continuamente colocada: “Como aplicar toda a “teoria” transmitida nas situações de formação à “prática” do mundo do trabalho e da vida em geral?”. Penso que se continuarmos “presos” ao modelo escolar dificilmente poderemos obter resposta para esta questão. Deste modo, ficaremos “resignados” à ideia de que a formação (entendida no sentido que lhe é dado à luz do paradigma escolar) poderá ser uma “perda de tempo” para quem tem “problemas reais” para resolver.

O paradigma escolar tem vindo, portanto, a ser contestado justamente pela impossibilidade de responder à questão acima colocada. O Movimento da Escola Nova, iniciado em finais do século XIX, mas tendo tido o seu auge nos anos 20 do século XX, foi a primeira tentativa de contestação do referido paradigma. Este movimento “dissidente” teve origem no próprio sistema educativo

Nóvoa (1988, p.111) apresenta como princípios do Movimento da Escola Nova: *“a defesa da autonomia dos educandos e dos métodos activos, o estímulo à espontaneidade e à criatividade, a valorização da aprendizagem e do “aprender a aprender” em detrimento do ensino, a procura de uma ligação entre a escola e a vida, a tentativa de construção de uma “escola do trabalho” como crítica à “escola do alfabeto”,*

*o realce dado ao “aprender fazendo”, o incentivo à participação activa dos formandos no seu próprio processo de aprendizagem, a luta por um ensino centrado nos interesses dos educandos, o esforço em prol da educação integral”.*

Os princípios enunciados demonstram que o Movimento da Escola Nova marca uma mudança de rumo no pensamento sobre o que deverá ser a formação. Contudo, de acordo com Nóvoa (1988) os dois “pilares” sobre os quais assenta o modelo escolar permaneceram intactos. Isto é, mantiveram-se as noções de existência de **espaços e momentos** separados para aprender e para agir.

A segunda grande tentativa de contestação do paradigma escolar surge na sequência da II Guerra Mundial, aproveitando a “incompetência” daquele paradigma para fazer face aos desafios colocados pelo pós-guerra e já referidos anteriormente. Trata-se do Movimento da Educação Permanente manifesto de forma clara num relatório sobre a educação, publicado pela UNESCO em 1972 – O Relatório Faure. Neste relatório são defendidas ideias absolutamente em ruptura com os pressupostos do modelo escolar, nomeadamente: a ideia de que a educação deve ser global e permanente, isto é deve ajudar os indivíduos a prepararem-se para *“elaborar, ao longo de toda a vida, um saber em constante evolução e...de aprender a ser”* (Nóvoa, 1988, p. 112). Assim, conforme é referido por Nóvoa (1988, p. 113) este relatório remete para a ideia de que *“a educação tem lugar em todas as idades da vida e na multiplicidade das situações e das circunstâncias da existência.”*

Nesta época (anos 70) surgem noutros contextos e noutros domínios, para além do educativo, manifestações ideológicas que vão no mesmo sentido da ruptura com o modelo escolar e que se poderão considerar, igualmente, enquadradas no Movimento da Educação Permanente. Trata-se, por exemplo, do pensamento de Ivan Illich que vai tão longe a ponto de defender uma “Sociedade sem Escola” e de Paulo Freire, o qual sempre defendeu uma “educação libertadora”. Este último, mesmo num texto mais recente defende que *“...a educação de que precisamos (...) é a que coloca ao educador ou educadora a tarefa de, ensinando conteúdos aos educandos, ensinar-lhes a pensar criticamente”.* (Freire, 2000, p. 100).

O Movimento da Educação permanente parece ter conseguido ir mais longe na tentativa de contestação do paradigma escolar uma vez que, finalmente, se começava a aderir à ideia de que *"é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos"*, de acordo com as palavras de Freire (1997). Assim, tentava-se não separar os espaços da formação e da acção, da teoria e da prática. A crença numa educação permanente, em todos os momentos da vida, começou também a substituir a ideia da existência de momentos da vida destinados à aprendizagem (as fases iniciais da vida) e momentos para agir com base no aprendido (a vida adulta).

Segundo Nóvoa (1988, p. 114) apesar desta modificação mais profunda no pensamento a respeito da educação *"continuou-se a agir segundo uma lógica escolarizante, ainda que não confinada a tempos próprios e a espaços específicos. A questão central continuou a ser formar (Como? Quando? Onde?) e não formar-se (O que é que é formador na vida de cada um?) continuou a reflectir-se (e a trabalhar-se) fundamentalmente em torno de uma formação institucionalizada"*:

Nos últimos anos, tem-se vindo a assistir, segundo Nóvoa (1988) à tentativa de *"construir uma nova epistemologia da formação"*, integrando, contudo, muitas das ideias que se foram desenvolvendo a partir dos dois movimentos descritos anteriormente. *"As histórias de vida e o método (auto) biográfico integram-se no movimento actual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que "ninguém forma ninguém" e que "a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida."* (Nóvoa, 1988, p. 116).

As seguintes palavras de Josso (1987, p. 38-39) clarificam o pensamento implícito nas histórias de vida e método (auto) biográfico: *"Parece-me que um dos objectivos da formação contínua deve ser o alargamento das capacidades de autonomização e, portanto, de iniciativa e de criatividade. Neste sentido, preferimos a ideia de que a Educação dos Adultos se caracteriza por uma pedagogia que tem como objectivo "aprender a aprender" e que concederá um lugar de destaque à reflexão sobre as experiências formadoras que marcam as histórias de vida."*

Gaston Pineau, referido por Nóvoa (1988, p.116) *"considera as histórias de vida como um método de investigação-acção, que procura estimular a auto-formação, na medida*

*em que o esforço pessoal de explicitação de uma dada trajectória de vida obriga a uma grande implicação e contribui para uma tomada de consciência individual e colectiva. A biografia é, simultaneamente um meio de investigação e um instrumento pedagógico: esta é a dupla função que justifica a sua utilização no domínio das ciências da educação e da formação.”.*

O mesmo autor refere que a formação pode ser entendida a partir da “Abordagem Bio-Epistemológica”, a qual *“apreende o adulto na globalidade daquilo que a sua vida lhe permitiu aprender”.* Assim, a formação é entendida enquanto *“ciclo vital no decurso do qual se produz uma autonomização da pessoa que produz a sua própria forma. Assim, a formação é um processo tripolar em que a dimensão auto desempenha o papel articulador fundamental entre os três mestres da educação de cada um de nós: o eu (autoformação); os outros (heteroformação) e as coisas (ecoformação).*

Esta “nova epistemológica da formação”, da qual fazem parte as Histórias de Vida e o Método (Auto) biográfico, pode ser entendida como nova justamente porque a formação baseada no processo de reflexão de cada indivíduo a respeito de como se foi formando (e como se continua a formar) no seu todo, nas diversas fases da sua vida (na continuidade dos tempos) e nos diversos contextos da mesma (na diversidade de espaços) pode ser entendida como um verdadeiro processo de formação-acção e investigação-acção. Deste modo, é possível a cada indivíduo formar-se a partir da tomada de consciência, isto é, da reflexão (investigação no sentido da procura de conhecimento) a respeito das situações reais (práticas) de toda a sua vida, que se revelaram formadoras.

## **1.2. FORMAÇÃO OU EDUCAÇÃO DE ADULTOS?**

Até ao momento tenho-me referido à Formação de Adultos e não à Educação de Adultos, contudo a partir do contacto com a vasta bibliografia sobre esta temática é possível identificar autores que utilizam preferencialmente o segundo termo e outros que utilizam ora um termo, ora o outro, como se de sinónimos se tratassem. Por exemplo, Claude Dubar parece fazer parte deste último grupo. Pelo contrário, António Nóvoa adopta sobretudo o termo “formação”, enquanto Bogard, segundo Canário (2000) privilegia o termo “educação”.

Conforme é elucidado por Canário (2000, p. 33) *“a consagração do uso das expressões de “educação de adultos” e de “formação de adultos” está associada a duas grandes tradições que, de modo grosseiro, podemos designar como a tradição da “alfabetização” e a tradição da “formação profissional”*”. Assim, com alguma frequência se tende a adoptar concepções algo redutoras de ambos os termos, entendendo-se a educação de adultos como o conjunto de *“práticas escolarizadas de ensino recorrente”* (Canário, 2000, p.33) e a formação de adultos como o conjunto dos *“processos adaptativos e instrumentais em relação ao mercado de trabalho”* (ibidem, p.33).

Por outro lado, é possível atribuir a ambos os termos um sentido mais lato. Por exemplo, os autores identificados com o Movimento da Educação Permanente, já referido no ponto anterior, entendem a “Educação de Adultos” como a *“totalidade dos processos educativos que estão presentes ao longo da vida”* (Canário, 2000, p. 33). Por seu turno, autores identificados com o “Paradigma das Histórias de Vida”, tal como Bernard Honoré, entendem a “Formação de Adultos” como *“um processo abrangente de auto-construção da pessoa, num processo de “abertura à existência”* (ibidem). Tomando em consideração estas concepções de “Educação” e “Formação” de Adultos parece razoável a utilização de ambos os termos como sinónimos. Contudo, por uma questão de clareza no discurso optei por utilizar preferencialmente o termo “Formação de Adultos”. Uma vez que a minha actividade se encontra mais associada ao “meio” da formação profissional será tentador interpretar a minha opção terminológica recorrendo à definição mais restrita de formação (enunciada no final do parágrafo anterior), no entanto a minha opção vai no sentido da utilização do termo “formação” enquanto *“processo de diferenciação e de activação energética, exercendo-se em todos os níveis da vida e do pensamento”*, tal como é definido por Honoré, citado por Canário (2000, p. 34).

Neste sentido, a formação é entendida enquanto *“acção vital essencial integrando, a educação, a instrução, o ensino, entre outros, mas não se reduzindo, a nenhum.”* (Pineau, 1994, p. 439).

### 1.3. FORMAÇÃO DE ADULTOS OU FORMAÇÃO DE JOVENS?

Na parte introdutória do presente projecto de investigação apresentei resumidamente, o objecto de estudo visado. Refiro-me às medidas de formação destinadas aos jovens (e jovens adultos) que abandonaram o sistema formal de ensino antes da conclusão da escolaridade obrigatória, ou seja os jovens nascidos depois de 1 de Janeiro de 1981, que não frequentaram a escola até ao 9º ano de escolaridade. Estes jovens terão actualmente, entre 15 e 23 anos e são várias as modalidades de formação que os têm como destinatários. Uma dessas modalidades de formação designa-se “Educação-Formação de Jovens” ou “Educação-Formação de Adultos”, conforme os destinatários sejam jovens entre os 15 e os 17 anos ou a partir dos 18 anos, respectivamente.

A diferença de nomenclatura poderá ter uma justificação meramente “prática”. Trata-se de distinguir as medidas em função dos seus destinatários. Contudo, este facto remete-nos para uma reflexão, que me parece pertinente, a respeito das fronteiras e diferenças (se é que as há) entre a formação de jovens e a formação de adultos.

De facto, por vezes parece haver uma tentativa no sentido de definir fronteiras claras. Aliás, em termos legais vamos para além da tentativa, uma vez que é unanimemente aceite que a “maioridade”, no nosso país, é atingida aos 18 anos. Mas será assim tão simples definir o que caracteriza a juventude e o que caracteriza um ser adulto? Deverão existir diferenças entre a Formação para Adultos e a Formação para Jovens?

Jean Pierre Boutinet (2001, p. 185) refere que *“devemos (...) reconhecer o défice de reflexão ainda actual em torno da vida adulta.”* E, porque não, em torno da possibilidade (ou não) de a demarcar em relação à adolescência. Se por um lado esta reflexão é essencial por outro será, talvez, de admitir as dificuldades de definição de ambos os termos, dada a multiplicidade de sentidos que lhe vão sendo atribuídos, ao longo dos tempos.

*“Durante todo o século XIX, o termo adulto será reservado de facto ao período da pós-adolescência, aquele que correspondia ao fim do crescimento.”* (Boutinet, 2001, p. 189). Contudo, nesta época era uma noção pouco utilizada. Foi na segunda metade do século XX que não só se assistiu a uma maior referência ao termo em questão, como a

uma modificação do seu significado inicial. Até ao final dos anos 50 o adulto “é o referencial a partir do qual as outras idades são apreciadas” (ibidem) existindo uma ideia do adulto como um ser acabado, completo.

Segundo Boutinet (2001, p. 190) “...em menos de meio século, passámos sucessivamente por três representações da vida adulta: do ano 1950 ao ano 1965, o adulto-padrão associado, a uma ou outra forma de maturidade identificada dominou; desse ano de 1965 até ao ano 1980 constituiu-se progressivamente um novo modelo de vida adulta, o do adulto em perspectiva centrado sobre a sua própria maturação e as suas potencialidades; a partir do ano 1980 desenvolveu-se sob os nossos olhos uma espécie de anti modelo, o adulto com problemas caracterizado por um sentimento de imaturidade.”

A concepção de adulto surgido a partir dos anos 80 remete para a ideia de uma “juventude interminável” para utilizar as palavras de Boutinet. De facto, o adulto assim entendido será alguém que busca incessantemente ultrapassar os conflitos próprios da adolescência, sem nunca alcançar esse objectivo.

Segundo António Coimbra de Matos no livro “Adolescência” (2002, p.180) O objectivo adulto é a conquista do que é estranho ou novo, em oposição ao objectivo infantil, ou seja, a conservação do que é familiar. O adolescente encontra-se num conflito entre estes dois objectivos, denominado de “conflito de ambigüência”. Coimbra de Matos refere ainda que “Nuns indivíduos prepondera a tendência infantil; noutros, a tendência adulta. Uns são os conservadores; outros os empreendedores. Um terceiro tipo de pessoas vive, constantemente em ambigüência.” (Coimbra de Matos, 2002, p. 181)

A concepção de adulto assumida a partir dos anos 80 e descrita por Boutinet parece enquadrar-se nesta noção de adulto em constante ambigüência, sem meios (internos e externos) para ir à conquista do que é novo, intervindo no mundo. Ora, se “a tarefa do adolescente é abandonar o mundo da infância e integrar-se no mundo dos adultos, abdicar das vantagens infantis para poder assumir os benefícios da adultícia – pois a solução de usufruir de ambos não é válida” (Coimbra de Matos, 2002, p. 185), o adulto “preso numa juventude interminável” (conforme refere Boutinet) vê-se forçado a adiar consecutivamente a sua integração no “mundo dos adultos”.

O assumir da actual concepção de vida adulta, conforme é designado por Boutinet: “...presa entre uma juventude interminável e uma velhice precoce” não poderá conduzir a que se considere indefinida a fronteira entre a adolescência e a adultícia? Esta resposta a esta questão parece caminhar cada vez mais no sentido afirmativo.

Perante a dificuldade em definir a fronteira entre a adolescência e a vida adulta, mais difícil será definir a fronteira entre a Formação dos Adultos e a Formação dos Jovens, o que nos remete para a discussão em torno da necessidade, ou não de abordagens educativas distintas para crianças, jovens ou adultos.

Esta discussão conduz-nos até aos anos 60, mais propriamente a 1968, quando Malcolm Knowles introduziu o conceito de andragogia para se referir às estratégias de acção educativa destinadas aos adultos, o que pressuponha a possibilidade de diferenciar claramente as características específicas destes em relação às crianças e jovens.

Conforme é referido por Canário (2000), Knowles opõe claramente o modelo pedagógico (destinado ao ensino das crianças e dos jovens) ao modelo andragógico. Assim, “o modelo pedagógico funda-se num conjunto de postulados, relativamente aos aprendentes, que são enunciados por este autor:

*Necessidade de saber: os aprendentes apenas precisam de saber aquilo que o professor lhes ensina;*

*Conceito de si: o professor tem do aprendente a imagem de um ser dependente. É esta dependência que marca, também, a auto imagem daquele que aprende;*

*Papel da experiência: a experiência daquele que aprende é considerada de pouca utilidade. O que é importante, pelo contrário, é a experiência do professor (ou do autor do manual, ou dos materiais pedagógicos);*

*Vontade de aprender: a disposição para aprender aquilo que o professor ensina tem como fundamento critérios e objectivos internos à lógica escolar, ou seja a finalidade de obter êxito e progredir, em termos escolares;*

Orientação da aprendizagem: a aprendizagem é encarada como um processo de aquisição de conhecimentos sobre um determinado tema. Isto significa que é dominante, uma lógica centrada nos conteúdos (e não em problemas);

Motivação: a motivação para a aprendizagem é, fundamentalmente, o resultado dos estímulos externos ao sujeito como é o caso das classificações escolares, das pressões familiares e das apreciações do professor.

Em contraste com este conjunto de postulados, Knowles enuncia aquilo que designa por hipóteses andragógicas que supõem uma visão completamente diferente da situação de aprendizagem e do papel desempenhado por quem aprende:

Necessidade de saber: antes de iniciar um processo de aprendizagem, os adultos têm a necessidade de saber por que razões essa aprendizagem lhes será útil e necessária;

Conceito de si: os adultos têm consciência de que são responsáveis pelas suas decisões e pela sua vida. Por consequência, toma-se necessário que sejam encarados e tratados como indivíduos capazes de se auto gerir;

Papel da experiência: os adultos são portadores de uma experiência que os distingue das crianças e dos jovens. Em numerosas situações de formação, são os próprios adultos, com a sua experiência, que constituem o recurso mais rico para as suas próprias aprendizagens;

Vontade de aprender: os adultos estão dispostos a iniciar um processo de aprendizagem desde que compreendam a sua utilidade para melhor afrontar problemas reais da sua vida pessoal e profissional;

Orientação da aprendizagem: nos adultos, as aprendizagens são orientadas para a resolução de problemas e tarefas com que se confrontam na sua vida quotidiana (o que desaconselha uma lógica centrada nos conteúdos);

Motivação: os adultos são sensíveis a estímulos de natureza externa (promoção profissional, por exemplo), mas o principal factor de motivação para a realização de aprendizagens são factores de ordem interna (satisfação profissional, auto estima, qualidade de vida, etc.). (Knowles, 1990, pp. 67-69, citado por Canário, 2000, pp.132-133).

A partir da análise dos postulados enunciados por Knowles em relação aos modelos pedagógico e andragógico parece possível depreender que para este autor existe uma

clara diferenciação entre as crianças e os jovens, por um lado, e os adultos, por outro. Efectivamente, penso que se poderá admitir a existência de diferentes “tarefas” de desenvolvimento (por exemplo, em termos afectivos e cognitivos) durante as diversas fases da vida, no entanto, a dicotomização proposta por Knowles não deixa de sugerir alguma crítica, por parecer algo reducionista. Aliás, Canário (2000, pp. 133) refere a este respeito: *“Esta visão da andragogia como uma perspectiva original e, eventualmente, “revolucionária” da situação educativa é, contudo, bastante limitada se considerarmos o seu carácter simplificador, dicotómico e normativo sobre a acção educativa.”*

Na verdade, algumas das hipóteses andragógicas apresentadas por Knowles, parecem poder aplicar-se tanto às situações de aprendizagem dos adultos, quanto dos jovens e, até mesmo, das crianças. Por exemplo, no que diz respeito à necessidade de saber: não poderemos afirmar que, à semelhança dos adultos, tanto as crianças quanto os jovens têm necessidade de saber as razões pelas quais dada situação de aprendizagem lhes é útil e necessária? E porque razão a aprendizagem das crianças e dos jovens não poderá, igualmente, ser orientada para a resolução de problemas e tarefas com que se confrontam na sua vida quotidiana?

Coimbra de Matos (2002, pp. 173) refere que *“com o desenvolvimento da autonomia, o indivíduo aprende a melhor utilizar os seus recursos próprios. (...) É toda uma passagem de uma conduta passiva (...) para um comportamento activo em que explora o ambiente...”*. O autor refere-se a uma aprendizagem que é iniciada logo no primeiro ano de vida, já que dá como exemplos: *“estender o braço para atingir algo desejado, gatinhar ao encontro de um objecto distante, subir às árvores para colher os frutos (...), etc.”*. Esta afirmação coloca-nos perante a necessidade de assumir que “todas as aprendizagens são activas” conforme refere Karl Popper (1995, citado por Canário, 2000, pp. 135) e, portanto as crianças e os adolescentes, tal como os adultos, aprendem activamente no contacto com experiências vividas desde a mais tenra infância. Sendo assim, segundo Jean Marc Monteil (1985, citado por Canário, 2000, pp. 135-136) as diferenças entre os públicos adultos, os adolescentes e as crianças *“deverão ser encaradas mais como diferenças de grau do que como diferenças de natureza.”*

Para além do que já foi referido parece, ainda, pertinente lembrar as palavras de Lesne e Mynvielle (1990, pp. 113-114, citados por Canário, 2000, pp. 136-137), as quais defendem a impossibilidade opor totalmente a formação/socialização dos jovens e dos adultos: *“De facto, a educação dos jovens e a formação dos adultos correspondem a aspectos e momentos sucessivos do processo de socialização onde cada um é, ao mesmo tempo, objecto de socialização, sujeito da sua própria socialização, agente de socialização para os outros. Estas duas formas de práticas sociais que se constituíram historicamente procedem de uma prática mais global, característica da espécie humana: produção do homem e produção da sociedade. Elas contribuem de uma forma intencional e orientada, para a continuidade funcional do processo global de socialização, assegurando a ligação entre a auto-construção das pessoas e a reprodução das formas sociais (...)”*.

#### **1.4. FORMAÇÃO DE ADULTOS NA ACTUALIDADE: ALGUNS PRINCÍPIOS**

No ponto 1.1.1 deste trabalho foi feita referência à complexificação do campo de estudo da Formação de Adultos, a partir dos anos 50 (Canário, 2000), bem como ao surgimento de uma “nova epistemologia da Formação de Adultos” na continuidade dos movimentos anteriores da Escola Nova e da Educação Permanente, numa tentativa de ruptura com o modelo escolar tradicional (Nóvoa, 1988). Toda esta evolução tem ocorrido no sentido da consolidação da Formação de Adultos enquanto campo de estudo e enquanto problemática específica. Na actualidade assiste-se, portanto, à definição de uma abordagem própria deste campo de estudo assente em princípios que importa enunciar. Nóvoa (1988, pp. 128-130) apresenta alguns princípios que na sua opinião, deverão servir de referência em qualquer projecto de Formação de Adultos e que traduzem bem as novas tendências deste campo de estudo ao nível das práticas educativas, da investigação ou, mesmo, a um nível mais filosófico:

*“1º Princípio*

***O adulto em situação de formação é portador de uma história de vida e de uma experiência profissional; as suas vivências e os contextos sociais, culturais e institucionais em que as realizou são fundamentais para perceber o seu processo***

**de formação.** Mais importante do que pensar em formar este adulto é reflectir sobre o modo como ele próprio se forma, isto é, o modo como ele se apropria do seu património vivencial através de uma dinâmica de “compreensão retrospectiva”.

### *2º Principio*

**A formação é sempre um processo de transformação individual, na tripla dimensão do saber (conhecimentos), do saber-fazer (capacidades) e do saber-ser (atitudes).**

*Este objectivo só será atingido se:*

- *Houver uma grande implicação do sujeito em formação, de modo a ser estimulada uma estratégia de auto-formação, a única que pode assegurar resultados a longo prazo, pois “ninguém forma ninguém” e...”a formação pertence, de facto, a quem se forma”.*
- *Esta estratégia foi encarada numa perspectiva de auto-formação participada, e não numa óptica isolacionista, pois a interacção com o grupo (formandos e formadores) é um elemento estruturante e profundamente enriquecedor do processo de formação individual.*
- *For assegurada uma participação alargada dos formandos na concepção e implementação do projecto de formação, bem como uma interacção constante e uma cooperação no seio da equipa de trabalho.*

### *3º Principio*

**A formação é sempre um processo de mudança institucional, devendo por isso estar intimamente articulada com as instituições onde os formandos exercem a sua actividade profissional.**

*Este objectivo só será atingido se:*

- *Houver uma grande implicação das instituições na concepção, implementação e avaliação do projecto de formação.*
- *For celebrado uma espécie de contrato de formação entre as três partes interessadas (equipa de formação, formandos e instituições), que defina o mais claramente possível o contributo de cada um dos parceiros e estipule os*

*compromissos a assumir antes, durante e após a realização do projecto de formação.*

- *For desenvolvida uma estratégia de formação em alternância, que viabilize uma ligação estrutural entre os espaços de formação e de trabalho; importa assegurar que esta alternância seja estrutural, e não apenas justaposta ou associativa, pois só assim será possível uma imbricação efectiva entre o “aprender” e o “fazer”.*
- *A formação for entendida, não só como um contributo futuro para uma mudança institucional, mas também como um elemento actuante (no presente) das dinâmicas institucionais.*
- *O projecto de formação assumir sem equívocos a dimensão social, que está presente (quer queiramos quer não!) em toda e qualquer acção de formação de adultos.*

#### *4º Principio*

***Formar não é ensinar às pessoas determinados conteúdos, mas sim trabalhar colectivamente em torno da resolução de problemas. A formação faz-se na “produção”, e não no “consumo”, do saber.***

*Este objectivo implica que se procurem levar à prática três conceitos centrais da formação de adultos:*

- *Formação-Acção – A formação deve organizar-se numa tensão permanente entre a reflexão e a intervenção, pois o saber não é independente dos instrumentos utilizados na sua elaboração e das práticas sociais que se encontram na sua génese. Por outro lado é fundamental que se estipulem as potencialidades formadoras das diversas actividades profissionais.*
- *Formação-Investigação – A formação deve basear-se no desenvolvimento de um projecto de investigação (individual e/ou institucional); esta opção permite a junção de duas operações intimamente ligadas pela mesma matéria-prima (o saber), mas que tradicionalmente têm estado separadas: a formação socialmente reconhecida faz-se em centros especializados e a investigação científica reconhecida faz-se em laboratórios próprios.*

- *Formação-Inovação – Se a formação implica uma transformação individual e uma mudança institucional, então ela deve realizar-se através de um empenho dos formandos num processo de inovação, isto é, num processo de procura de soluções alternativas para a resolução dos problemas; a formação deve ser encarada como uma função integradora, institucionalmente ligada à mudança.*

#### *5º Princípio*

***A formação deve ter um cariz essencialmente estratégico, preocupando-se em desenvolver nos formandos as competências necessárias para mobilizarem em situações concretas os recursos teóricos e técnicos adquiridos durante a formação.***

*A consecução deste objectivo obriga a:*

- *Definir de forma rigorosa os objectivos da formação, formulando-os, por um lado, em termos das competências que os formandos terão de mobilizar e, por outro lado, em termos das mudanças que se desejam no plano profissional e/ou institucional.*
- *Conceber um percurso de formação, estruturado e organizado em função dos objectivos acima definidos, que, sem restringir as liberdades e os ritmos individuais, dê consistência a uma situação colectiva de formação.*
- *Destrinçar claramente os diferentes níveis de avaliação (a avaliação dos formandos em situação de formação, a avaliação dos formandos em situação de trabalho e a avaliação do projecto de formação), construir os instrumentos adequados à avaliação rigorosa de cada um destes níveis.*

#### *6º Princípio*

***E não nos esqueçamos nunca que, como dizia Sartre, o homem caracteriza-se sobretudo, pela capacidade de ultrapassar as situações, pelo que consegue fazer com o que os outros fizeram dele.***

*A formação tem que passar por aqui..."*

Os princípios definidos por Nóvoa (1988) resultam de um trabalho de reflexão decorrente da implementação de um projecto inovador de formação (partindo das Histórias de Vida e do método (auto) biográfico) para profissionais da área da saúde – “o *Prosalus*”. Os mesmos permitem, de forma resumida, compreender quais as principais tendências actuais na Formação de Adultos, enquanto campo de estudo, contudo, alguns destes princípios têm implícitas noções que convinha aprofundar mais adiante no decorrer do trabalho de Mestrado, por exemplo:

- A formação não ocorre apenas nas instituições **formais** (Escola, Centro de Formação) mas também, e sobretudo, em contextos **não formais** (com uma maior flexibilidade quanto às regras formais) e **informais** (“*todas as situações potencialmente educativas mesmo que não intencionais nem conscientes*” (Canário, 2000, pp. 80));
- As tradicionais figuras do professor e do formador não são as únicas com um papel formador, pois se todas as situações são potencialmente educativas, então “*qualquer pessoa que viva em sociedade é de algum modo um agente informal de formação*” (Marcel Lesne, 1978, pp. 249, citado por Canário, 2000, pp. 17). Assim, segundo Canário (2000, pp. 17) “*o formador ou educador de adultos corresponde a uma multiplicidade de tarefas distintas, a que corresponde também uma multiplicidade de designações: “O formador pode ser instrutor, professor, monitor, animador, interveniente, responsável ou animador de formação, conselheiro de formação, conceptor, agente de mudança, psicossociólogo, formador inter-empresas, formador analista, engenheiro de formação, etc.”* (Lesne, 1978, pp.236, citado por Canário, 2000, pp. 17-18);
- A aprendizagem é permanente, isto é, não há um momento único para aprender já que tal acontece durante toda a vida. Contudo, deve haver uma distinção entre os termos “Formação Permanente” e “Formação ao Longo da Vida” já que a cada um deles subjaz um sentido considerado diametralmente oposto;

- Os indivíduos devem ser entendidos como sujeitos da sua vida e os seus comportamentos configurados enquanto “acções finalizadas, no quadro de estratégias racionais (***ainda que de uma racionalidade limitada***) no interior de sistemas de acção colectiva, construídos pela própria acção humana” (Canário, 2000, pp. 40). Esta noção tem implícita a crítica a uma visão instrumental do homem, ou seja, enquanto entidade programável (conforme é sugerido, por exemplo, pelo paradigma de motivação e aprendizagem “*behaviorista*”). Esta abordagem tem implicações quer na forma como é entendido o indivíduo em formação, quer na forma como se concebe a investigação científica no âmbito das Ciências da Educação (o estudo dos fenómenos educativos). Assim, não só os indivíduos são entendidos como sujeitos da sua formação como a investigação a respeito dos processos formativos poderão também implicar os sujeitos, valorizando-se a subjectividade daí resultante (numa forte crítica ao paradigma positivista);
  
- A formação deverá desenvolver nos formandos “**competências**” (no sentido do “saber encontrar e pôr em prática, eficazmente, as respostas apropriadas ao contexto na realização de um projecto” (canário, 2000, pp. 47)) e não tanto “**qualificar**”, já que este último termo remete, muitas vezes para a obtenção de um título ou diploma, independentemente da capacidade de mobilização do saber para as situações concretas;
  
- A formação deverá articular a experiência dos sujeitos com momentos de reflexão sobre essa mesma experiência, já que se entende que é, essencialmente, por este processo que as pessoas aprendem;
  
- A organização da formação em torno de “necessidades de formação” pressupõe que o que deverá ser aprendido poderá encontrar-se desvinculado das situações nas quais tal saber será aplicado. Desta forma, contraria a noção da formação enquanto estratégia de resolução de problemas;

- *“A valorização das vertentes informais da formação, o papel central de cada sujeito, a contextualização e a temporalidade longa, que marcam a formação, conduzem a deixar de centrar as atenções no programa de formação e deslocar essa atenção para os dispositivos de formação (...) entendidos como o conjunto de condições materiais, simbólicas e institucionais, indutoras de uma dinâmica reflexiva.”* (Correia, 1991, p. 164, citado por Canário, 2000, p. 129).
  
- O processo formativo deverá ser “sistémico” e “ecológico”, isto é, deverá articular modalidades educativas formais e não formais, escolares e extra-escolares e processos educativos de crianças, jovens e adultos, já que a aprendizagem é recíproca e interactiva. (Furter, 1981, referido por Canário, 2000, pp. 139-140).
  
- O carácter “natural” das situações de socialização permite afirmar que as mesmas são formativas, embora de forma não intencional, assim como se poderá entender as situações de formação como situações deliberadas de socialização, dado o seu carácter “construído”. (Canário, 2000, p. 122).

## **2. FORMAÇÃO, SOCIALIZAÇÃO E EXCLUSÃO SOCIAL**

O último parágrafo do capítulo anterior ofereceu o mote para a temática a abordar neste segundo capítulo, deixando adivinhar a relação inevitável entre a formação, a socialização e, naturalmente, a própria noção de exclusão social. De facto se entendermos a formação no sentido anteriormente descrito, ou seja, como um processo global de autoconstrução de cada indivíduo, ao longo da sua vida e nas múltiplas situações da mesma, então poderemos afirmar que as inúmeras situações de socialização com que cada um se vai confrontando são, naturalmente formativas. Por outro lado, torna-se inevitável que se assuma que as acções de formação constituem situações de socialização *“que resultam de interacções quotidianas nos meios onde se desenrola a vida profissional e social”* (Lesne e Mynvielle, 1990, p. 18, citados por

Canário, 2000, p. 123). Isto é tanto assim quanto mais se considerar a pertinência do deslocamento dos projectos formativos para os contextos de trabalho.

A relação entre os conceitos referidos impõe, contudo um maior aprofundamento dos mesmos, particularmente, das noções de socialização e exclusão social, uma vez que a sua abordagem, até ao momento, ocorreu de forma implícita ou superficial.

## **2.1. TEORIAS DA SOCIALIZAÇÃO**

A noção mais comum de socialização remete para um “processo de interiorização individual de normas, disposições e valores que fazem de cada indivíduo “um ser socialmente identificável”” (Claude Dubar, 1991, citado por Canário, 2000, p. 121). Esta noção leva-nos a pensar nos processos de socialização como processos de integração social, o que parece ter implícita a ideia do indivíduo como um objecto passivo da influência social. Ora, conforme já havia sido referido anteriormente, neste projecto: *“cada um é, ao mesmo tempo, objecto de socialização, sujeito da sua própria socialização, agente de socialização para os outros”*, conforme é referido por Lesne e Mynvielle (1990, pp. 113-114, citados por Canário, 2000, p. pp. 136-137). Esta é uma noção que importa reter já que permite entender os indivíduos enquanto agentes de mudança e não apenas como seres que se adaptam passivamente ao seu meio. Trata-se de assumir uma noção de socialização enquanto *“processo de construção da realidade social”*, para utilizar as palavras de Canário (2000, p. 121). Apesar de ter assumido partir desta definição, importa relembrar algumas teorias a respeito dos processos de socialização.

### **2.1.1. A NOÇÃO PIAGETIANA DE SOCIALIZAÇÃO**

Claude Dubar no seu livro *“A socialização: construção das identidades sociais e profissionais”* (1997, p. 17) refere que Piaget desenvolveu, em 1965 (no seu livro: *“Études sociologiques”*) argumentos quanto aos fenómenos de socialização que constituem uma *“primeira tentativa de superar as oposições entre os pontos de vista psicológico e sociológico”*.

Piaget interessou-se especialmente pela elaboração de uma teoria do desenvolvimento mental da criança. Contudo, importa esclarecer que para este autor *“Este desenvolvimento mental tem sempre uma dupla dimensão individual e social: as estruturas através das quais circulam normalmente todas as crianças são simultaneamente “cognitivas” (internas ao organismo) e “afectivas”, quer dizer relacionais (orientadas para o exterior) ”* (Claude Dubar, 1997, p. 18). Assim, para Piaget *“o desenvolvimento da criança e, portanto, a sua socialização – que constitui um elemento essencial daquele”* é entendido enquanto *“processo activo de adaptação descontínua a formas mentais e sociais cada vez mais complexas”* (Dubar, 1997, p. 18).

Para Piaget, as crianças não se limitam a adaptar-se ao meio já que, simultaneamente, procuram modificar, internamente, o mesmo adaptando-o às suas necessidades. Esta ideia é explicada através de uma descrição do desenvolvimento mental da criança através de etapas sucessivas. Isto é, para Piaget a criança vai passando de uma etapa de menor equilíbrio a uma outra de equilíbrio superior, a este processo de desenvolvimento enquanto construção contínua (mas não linear) Piaget chamou *“processo de equilibração”*. Este processo de equilibração resulta da articulação de dois movimentos complementares, embora de natureza diferente. Esses movimentos são:

- *“A **assimilação** consiste em “incorporar as coisas e as pessoas externas” às estruturas já construídas. Assim, a sucção é prioritariamente, para o recém-nascido, um reflexo de incorporação bucal do mundo (vivido como “realidade a sugar” de acordo com os termos de Piaget) que o conduz a generalizar a conduta (ele chupa o seu polegar, os dedos de outrem, os objectos que lhe são apresentados (...)) a tudo aquilo que lhe dá prazer depois de na prática ter discriminado aquilo que correspondia à sua necessidade vital (o seio da mãe, o biberão). (...) Estas condutas envolvem, assim, formas de assimilação específicas a cada um dos estádios de desenvolvimento da criança: num determinado momento elas constituem uma modalidade de relação com o mundo adaptada a um estágio de maturação biológica da criança. Quando a criança evolui, tornam-se simultaneamente necessárias e possíveis novas formas de assimilação”;* (Dubar, 1997, pp. 18-19)

- “A **acomodação** consiste em “reajustar as estruturas em função das transformações exteriores”. Assim, as mudanças do ambiente são fontes perpétuas de ajustamentos: se passar do seio materno ao biberão, o reflexo de sucção modifica-se (...) Estas variações contribuem para aquilo a que Piaget denomina por “construção do esquema prático do objecto”, que é uma condição para a descoberta activa da permanência dos objectos (materiais ou humanos) mesmo quando eles estão ausentes. Estas variações permitem, também, as estruturações do espaço e do tempo e a emergência das modalidades sucessivas de reconhecimento das relações de causalidade. Estes quatro elementos (esquemas práticos, espaço, tempo, causalidade) entram na composição das estruturas mentais características de cada um dos estádios significativos do desenvolvimento da criança.” (Dubar, 1997, p.19)

Claude Dubar (1997, p. 19) continuando a explicitar a teoria de Piaget refere, ainda que as estruturas mentais típicas de cada uma das fases de desenvolvimento da criança são inseparáveis de “estilos típicos” de relação com os outros, ou seja, cada estágio caracteriza-se por uma determinada estrutura mental (dimensão individual do desenvolvimento) bem como pelo correspondente “estilo relacional” ou “forma típica de socialização” (dimensão social do desenvolvimento). Assim, para Piaget, os indivíduos passariam de um “egocentrismo inicial” (típico do recém-nascido) caracterizado por “uma indistinção do Eu e do Mundo” “à inserção terminal do adolescente escolarizado no mundo profissional e na vida social do adulto”.

No final dos anos 60, Piaget descreve quatro de estádios do desenvolvimento mental (cognitivo e afectivo) da criança, bem como as suas correspondentes “formas típicas de socialização”. Os quatro estádios foram designados e caracterizados da seguinte forma (Claude Dubar, 1997, pp. 20-21):

- **Estádio Sensório-Motor** (antes dos 2 anos) – o qual se caracteriza, na sua dimensão individual, pelas estruturas mentais: “tendências instintivas” seguidas de “percepções organizadas” e de “regulações elementares de ordem prática”. Na sua dimensão social, ou seja em termos de formas de socialização, este

estádio caracteriza-se pela passagem de um “egocentrismo inicial” à “imitação como primeira “socialização da acção””, passando pelos “primeiros sentimentos diferenciados”.

- **Estádio Pré-Operatório (dos 2 aos 5 anos)** – Neste estágio a criança já “utiliza imagens e intuições representativas” o que identifica a “gênese do pensamento”. No que diz respeito ao seu estilo de socialização, ele caracteriza-se, predominantemente, pela “submissão aos adultos por constrangimento”.
- **Estádio Operatório-Concreto (dos 7 aos 12 anos)** – Nesta fase o funcionamento mental assenta em “operações concretas” e começam a surgir na criança sentimentos e práticas de cooperação.
- **Estádio da Inteligência Formal (depois dos 12 anos)** – A partir desta fase é possível à criança (agora no início da puberdade) constrições teóricas, utilizando um pensamento hipotético-dedutivo. Em termos da sua socialização, a criança passa a ter consciência da existência e necessidade de regras formais, contudo tem agora condições para discutir a sua justificação.

Segundo Claude Dubar (1997, p. 22, citando Piaget, 1964, p. 72) “o “núcleo-duro” da concepção piagetiana de socialização” seria: “a reciprocidade entre estruturas mentais e estruturas sociais, a correspondência em cada estágio, entre as operações lógicas e as acções morais, isto é sociais: “a moral é uma espécie de lógica dos valores e das acções entre os indivíduos da mesma forma que a lógica é uma espécie de moral do pensamento””. Importa ainda acrescentar que, para Piaget “a moral apresentada ao indivíduo pela sociedade não é homogénea porque a sociedade em si não é única. A sociedade é o conjunto das relações sociais.” (Piaget, 1932, p.417, citado por Dubar, 1997, p. 24). Piaget “considera a sociedade como “um sistema de actividades cujas interacções elementares consistem em acções que se modificam umas às outras de acordo com determinadas leis de organização ou de equilibração” (...) “A socialização pode, por isso ser definida como um processo descontínuo de construção colectiva de condutas sociais que integra três aspectos complementares:

- O aspecto cognitivo representando a estrutura da conduta e traduzindo-se em **regras**;
- O aspecto afectivo representando o enérgico da conduta e exprimindo-se em **valores**;

- O aspecto expressivo (ou “conativo”) representando os significantes da conduta e simbolizando-se em **signos**” (Piaget, 1965, citado por Dubar, 1997, p. 25).

Para Piaget (1965, p. 29, citado por Dubar, pp.24-25) a sociedade ou “todo social” não seria “nem uma reunião de elementos anteriores” (uma **agregação de indivíduos – posição individualista-atomista**), “nem uma entidade nova” (uma **globalidade realista – posição holista-organicista**), “mas um sistema de relações, onde cada uma das relações, enquanto relação engendra uma transformação dos elementos que relaciona” (**posição relacionista-construtivista**).

A descrição de Piaget a respeito das diferentes fases que caracterizam as formas de socialização da criança tem, mais uma vez, implícita a questão do “conflito” entre a necessidade de cada indivíduo em satisfazer as suas próprias necessidades, afirmando a sua individualidade e, ao mesmo tempo, a procura da relação com os outros e, naturalmente, da aceitação destes. Trata-se de uma constante oscilação entre a busca de integração social e o risco de exclusão que advém da necessidade de auto afirmação. Na última etapa descrita por Piaget, a criança (cujo o desenvolvimento tenha decorrido normalmente) parece encontrar um compromisso entre estas duas solicitações internas, contudo tem necessidade de continuamente questionar as “regras interiorizadas”.

### 2.1.2. ABORDAGENS PSICANALÍTICAS DA SOCIALIZAÇÃO

O processo de socialização, remetendo para relação que cada indivíduo estabelece com os seus semelhantes, pode (e deve) ser analisado a partir de diversas perspectivas. A perspectiva de Piaget, como vimos, tenta articular pontos de vista quer da psicologia quer da sociologia e nesse aspecto é, talvez, uma abordagem mais integrativa. A teoria psicanalítica de hoje ao enfatizar as interações que as pessoas estabelecem umas com as outras, ou seja “as relações de objecto”<sup>2</sup> pode, igualmente, oferecer um importante contributo no sentido da compreensão dos processos de socialização.

---

<sup>2</sup> E não tanto a pulsão

Desde a gênese da Psicanálise, com Freud, a teoria psicanalítica sofreu uma enorme diversificação, pelo que não podemos considerar que exista, na actualidade, um único pensamento psicanalítico, contudo, alguns conceitos psicanalíticos parecem gerar "algum consenso" importando fazer-lhes referência.

Para muitos dos teóricos psicanalíticos da actualidade a principal força motivacional<sup>3</sup> do comportamento humano é a procura da relação com os outros<sup>4</sup>, por esta razão é utilizada a expressão "teoria das relações de objecto" para mencionar *"as tentativas, no seio da psicanálise, para confrontar a observação potencialmente confusa de que as pessoas vivem simultaneamente num mundo interno e num mundo externo, e de que a relação entre esses dois mundos vai desde a fluida mistura até à mais rígida separação. Deste modo, a expressão designa teorias ou aspectos de teorias que dizem respeito à exploração da relação entre pessoas reais, externas e imagens internas e resíduos de relações com essas pessoas, e a significância destes resíduos para o funcionamento psíquico"* (Greenberg & Mitchell, 2003, p. 32).

Assim, poder-se-á considerar que cada indivíduo interioriza (no decurso do processo de socialização) um padrão de relação com os outros significativos, o qual inclui uma determinada representação interna dos mesmos. Em cada nova relação que estabelece vai, em certa medida, repetindo o seu padrão relacional (ou "forma típica de socialização" como em Piaget) e, portanto, "transferindo" para o novo "objecto" a representação que tem interiorizada. *O impacto relativo das características das pessoas reais e destas imagens internas varia amplamente segundo cada indivíduo, mas a sua presença e actividade é, nalguma medida, demonstrável em todas as pessoas*" (Greenberg & Mitchell, 2003, p. 31). Este aspecto é de realçar dada a importância em entender este fenómeno de forma dinâmica e flexível, ou seja, não se poderá considerar que os padrões relacionais sejam imutáveis, pelo contrário, ao longo da vida poderão sempre ocorrer alterações na representação que temos da nossa relação com os outros e com o mundo.

---

<sup>3</sup> Sendo essa força motivacional apenas, parcialmente, inconsciente, já que os indivíduos têm uma capacidade de "insight" que lhes permite tomar consciência da sua motivação para a procura da relação, bem como das suas formas típicas de se relacionarem com os outros. Isto é, na perspectiva psicanalítica (ao contrário do que é comum pensar-se) os indivíduos não podem ser entendidos como entidades totalmente determinadas por motivações inconscientes.

<sup>4</sup> Não obstante o facto de não se poder negligenciar a influência das pulsões

Coimbra de Matos (2001, p. 279) refere que *“para além da relação com o objecto (o outro) temos de considerar a relação narcísica, a relação que o sujeito estabelece com a imagem que faz de si próprio”*. Assim, ora os indivíduos investem em maior grau a imagem que têm dos outros, ora a imagem que têm de si, o que se traduz na expressão de duas formas típicas, e opostas, de relação com os outros: o “estilo de relação objectal” e o “estilo de relação narcísica”. No primeiro caso os outros são sobrevalorizados em detrimento do próprio, no segundo caso passa-se o inverso. Estes dois estilos são formas extremas de relação, pelo que num indivíduo cujo desenvolvimento tenha decorrido normalmente, é de esperar um investimento equilibrado na imagem de si e dos outros. No entanto importa referir que *“em todo o indivíduo, seja qual for a sua estrutura, o balanço investimento objectal/investimento narcísico é sempre o retrato fiel da sua posição existencial momentânea”* (Coimbra de Matos, 2001, p. 280). Uma vez mais se coloca a questão da “afirmação individual” vs “adaptação ao meio”.

Entre os autores psicanalíticos que tentaram aprofundar esta dialéctica, é interessante mencionar os trabalhos de Margaret Mahler, com a sua descrição do “processo de separação-individuação” da criança e Donald Winnicott com a sua teoria geral do desenvolvimento na qual refere que *“os processos que conduzem ao desenvolvimento ou à inibição do Eu apenas são descritos e compreendidos no contexto da interacção entre a criança e o que o meio lhe proporciona através dos outros significativos.”* (Greenberg e Mitchell, 2003, p.230). Estes autores centraram-se essencialmente nas fases do desenvolvimento correspondentes ao período da primeira infância. Assim, a abordagem da dimensão social (ou formas de socialização) do desenvolvimento mental (ou psicológico) resume-se a este período.

Winnicott desenvolve a sua teoria, essencialmente a partir de 1945, partindo da questão: *“Como é que a pessoa pode preservar um núcleo pessoal sem ficar isolada?”*. Segundo Greenberg e Mitchell (2003, p. 229) quase todos os contributos deste autor *“se centram em torno do que descreve como a luta contínua e arriscada do Eu por uma existência individuada que permita ao mesmo tempo contacto íntimo com os outros. (...) Para Winnicott quer a ausência de contacto com os outros quer a total acessibilidade a outros comportam perigos para a sobrevivência do eu”*.

Para Winnicott *“a mãe (ou quem a substitui nos primeiros cuidados à criança) providencia experiências que permitem que o Eu incipiente do bebê emerja. Este último começa a sua existência num estado de «não integração», com pedaços e partes da experiência dispersos e difusos. A organização que a criança pequena faz da sua própria experiência é precedida e assenta nas percepções que a mãe organiza sobre o bebê. A mãe fornece um «meio seguro» no seio do qual o bebê é experiência do e contido (...) funciona como um espelho e fornece à criança um reflexo exacto da sua própria experiência e gestos (...) “quando eu olho sou visto, logo existo”. (...) Quando a mãe é capaz de estar em ressonância com as vontades e necessidades do bebê, este último fica em sintonia com as suas próprias funções e impulsos, que se tomam a base do desenvolvimento lento do sentido do eu”* (Greenberg e Mitchell, 2003, p. 232).

Outra das importantes noções desenvolvidas por Winnicott refere-se ao que designa como *“capacidade de estar só”*. O autor *“sugere que é extremamente importante para a mãe não só moldar o mundo à medida das necessidades do bebê mas também disponibilizar uma presença não exigente quando a criança pequena não está a fazer exigências ou a experienciar necessidades. Tal possibilita ao bebê experienciar a inutilidade e a não integração completa, um estado de «continuar sendo» a partir do qual emergem necessidades e gestos espontâneos. A presença não exigente da mãe torna possível esta experiência de ausência de forma e de solidão confortável e esta capacidade torna-se uma característica central no desenvolvimento de um Eu pessoal estável. “É apenas quando está só (o que é o mesmo que dizer na presença de alguém) que a criança pode descobrir a sua própria vida pessoal”* (Winnicott, 1958, p. 34, citado por Greenberg e Mitchell, 2003, p. 233).

Em suma, Winnicott entendia que *“a emergência da pessoa implica um movimento de um estado de onipotência ilusória, no qual o bebê, através da facilitação da mãe, sente que cria e controla todos os aspectos do mundo em que vive”* (o que parece uma noção idêntica à de *“Egocentrismo inicial”* descrito por Piaget), *“até um estado de percepção objectiva, no qual a criança pequena aceita os limites dos seus poderes e se torna ciente da existência independente dos outros”* (talvez o que caracteriza as últimas formas de socialização descritas por Piaget). *“A passagem entre estados não corresponde a uma progressão linear, quer as crianças quer os adultos vacilam continuamente entre os mesmos.”* (Greenberg e Mitchell, 2003, p. 235).

Margaret Mahler também se refere, de certo modo, ao processo socialização no desenvolvimento psicológico da criança referindo-se ao *“problema da adaptação”* dos indivíduos como *“um chegar a acordo com o meio humano”* (Greenberg e Mitchell, 2003, p. 321), o que não deixa de ter um certo paralelismo com as formas de socialização típicas do último estágio do desenvolvimento descrito por Piaget. Mahler *“aponta para um movimento desenvolvimental da implantação dentro de uma matriz simbiótica mãe-criança para a aquisição de uma identidade individual estável num mundo de outros previsíveis e realisticamente percebidos. Designa este processo «separação-individuação» ou, nas suas formulações mais recentes, «nascimento psicológico»”* (Greenberg e Mitchell, 2003, p. 321).

O processo de separação-individuação é descrito, em pormenor, por Margaret Mahler, em 1979, no segundo volume do livro: *“The selected papers of Margaret S. Mahler”* intitulado: *“Separation-Individuation”*. Este livro é editado no Brasil, em 1982, com o título: *“O processo de separação-individuação”*. Nos capítulos 8-10 deste livro Mahler descreve as quatro sub-fases deste processo, nomeadamente: *“a diferenciação”*; *“a exploração”* (subdividida em *“exploração inicial”* e *“exploração propriamente dita”*); *“a reaproximação”* e a última sub-fase que designa de *“a caminho da constância objectal”*. A autora estabelece, ainda duas fases antecedentes do processo de separação-individuação e que caracterizam o período que decorre do nascimento aos 5/6 meses: *“o autismo normal”* e *“a fase simbiótica”*.

Segundo Mahler (1982) o recém-nascido encontra-se num estado de “desorientação alucinatória”, no qual a satisfação das necessidades pertence a si mesmo (ser onipotente, à semelhança do que havia sido descrito por Winnicott), e a caminho da aquisição da noção de que as suas tensões são aliviadas por algo vindo do mundo exterior. Estes dois estados correspondem às fases de “autismo normal” e de “simbiose”.

A fase de diferenciação (dos 6 aos 7/10 meses aproximadamente) caracteriza-se pela ruptura desta “membrana simbiótica” que une mãe e bebé e que ocorre a par do desenvolvimento físico do bebé (por exemplo, a aquisição de capacidades sensório-motoras que permitem um maior e melhor contacto com o mundo exterior). Assim,

ocorrem as primeiras experiências de separação da mãe as quais serão tanto mais gratificantes quanto mais confiante for a expectativa do bebé (para tal contribui a capacidade da mãe em proporcionar um «meio seguro» conforme é referido por Winnicott). (Mahler, 1982, p. 98-99)

Dos 7/10 meses aos 15/16 meses o bebé adquire a capacidade de se separar fisicamente da mãe, apesar de continuar a necessitar do seu apoio. Nesta fase – “exploração inicial” – a distância psicológica óptima seria aquela que permitisse ao bebé liberdade para explorar o meio envolvente a alguma distância física da mãe, apesar de continuar a necessitar da presença desta a fim de a procurar para se “reabastecer emocionalmente”, de acordo com a expressão de Furer, referida por Mahler (1982, p. 99-100).

A partir dos 16 meses, e até cerca dos 25 meses, a criança torna-se mais consciente da sua separação física em relação à mãe, o que acontece a par da aquisição da capacidade de locomoção vertical. Com esta maior consciência surge, também, a noção de que, perante o perigo, a mãe nem sempre se encontra disponível. Assim, dá-se um retrocesso na tolerância da criança à frustração, devido ao medo de perder a mãe (o objecto). Este retrocesso exprime-se por um comportamento activo de aproximação. Esta fase é, por isso, denominada de “reaproximação” (Mahler, 1982, pp. 103-104).

Quando a criança atinge os 25 meses de vida, em princípio, já terá ocorrido uma diferenciação muito clara entre a representação intrapsíquica do objecto e a representação do Eu. Nesta altura a criança começa a experimentar os obstáculos que se lhe vão deparando na exploração do mundo exterior e a adquirir a capacidade de “resistência à frustração” (Mahler, 1982, pp. 103-104). Esta capacidade ser-lhe-á imprescindível ao longo de toda a sua vida. Nesta fase Mahler refere que a criança se encontra “a caminho da constância objectal”, entendida num sentido diferente da “permanência dos objectos” descrita por Piaget (a qual ocorrerá por volta dos 18/20 meses e refere-se à aquisição da noção de que os objectos (materiais ou humanos) continuam a existir na mente da criança mesmo quando não estão presentes). A “constância objectal” a que Mahler se refere tem um sentido libidinal, isto é, refere-se apenas aos objectos humanos e pressupõe a unificação de “boas” e “más”

representações dos mesmos, bem como a *“fusão das pulsões libidinal e agressiva com as quais estão investidos”* (Greenberg e Mitchell, 2003, p. 329). *“Na sub-fase de reaproximação”, percebemos a origem da eterna luta do homem contra a fusão e o isolamento”* (Mahler, 1982, p. 104).

Winnicott e Mahler ofereceram um importante contributo no sentido da compreensão das formas de socialização<sup>5</sup> “utilizadas” pelos indivíduos nos primórdios do seu desenvolvimento. Contudo, e à semelhança de Piaget, centraram-se exclusivamente na infância e na relação da criança com a família,<sup>6</sup> dirigindo pouca atenção às fases ulteriores do processo de socialização. Ainda assim, é possível encontrar alguns autores de orientação analítica que se empenharam no sentido da compreensão dos processos<sup>7</sup> pelos quais os indivíduos se integram socialmente (em fases posteriores à infância), tentando preservar, contudo, a sua individualidade.

#### **2.1.2.1. A SOCIALIZAÇÃO DOS JOVENS**

A propósito da juventude escreve Coimbra de Matos (2002, p. 83): *“...é o período de consolidação da identidade, querendo com isto dizer-se que a identidade adquire não uma forma definitiva (...) mas um fundo definido de ser sexuado e pessoa social – com um corpo bem delimitado, uma função biológica específica e uma intenção transformadora do meio, que resumem a substância e o destino do Homem; fundo organizado e de organização em que se configura o papel mutável e mutante do indivíduo inserido na sua circunstância, vivendo o presente com a luz clarificadora da história e rasgando o horizonte do futuro com o desejo indomável de alguém que sabe quem é, conhece limites e almeja modificações”*. O autor refere, ainda, que esta identidade é construída na oscilação do investimento nos outros e em si próprio. Esta perspectiva realça o carácter conflitual do processo de socialização nos jovens, já que o mesmo ocorre numa tentativa de afirmação e autonomização, que se revela difícil dada a situação de dependência e fragilidade que ainda caracteriza esta fase da vida, e ao mesmo tempo uma tentativa de proximidade e aceitação por parte dos outros.

---

<sup>5</sup> No sentido do estabelecimento de relações com os outros significativos

<sup>6</sup> No caso dos autores de orientação psicanalítica, o interesse centra-se, quase exclusivamente, na relação entre a mãe (ou cuidador primário) e o bebé.

<sup>7</sup> Posteriores à infância

Peter Blos (1967, p. 62, citado por Manuela Fleming, 1992, p. 91) sugere que *"durante a adolescência tem lugar um segundo processo de separação-individuação (...) Blos reintroduz a problemática de Mahler na compreensão da autonomia adolescente"*. No processo de separação-individuação descrito por Mahler, a criança procura "individuar-se" partindo da ruptura da relação simbiótica com a mãe. Para este autor, na adolescência ocorre o mesmo fenómeno embora neste caso o adolescente procure a ruptura da relação de dependência infantil em relação aos pais (ou seus substitutos). Se por um lado esta separação é desejada, por outro é temida uma vez que o adolescente deseja manter laços afectivos, com a família de origem, que lhe confirmam algum sentimento de segurança na exploração do mundo. A este sentimento ambivalente, Coimbra de Matos chama "conflito de ambitendência", conforme já foi mencionado anteriormente.

Ruthellen Josselson (1977, p. 980, citada por Manuela Fleming, 1992, p. 93) apoiando-se em observações empíricas na adolescência aprofundou a conceptualização de Peter Blos, contribuindo para a compreensão sobre a autonomia adolescente. A este respeito, refere Manuela Fleming (1992, p. 93): *"...para Josselson (1980), o conceito de individuação é central para a compreensão do desenvolvimento do ego, permite ligar a adolescência a um processo contínuo de desenvolvimento e permite ainda articular entre si outros processos centrais dizendo respeito ao ego adolescente: a autonomia e a formação de identidade."*

Coimbra de Matos (2002, p. 75), refere-se, ainda, a *"uma mudança de objecto e de objectivo"* durante a adolescência, querendo com isto dizer que o investimento afectivo inicialmente dirigido para os pais dirige-se agora para os pares, *"para o desenvolvimento dos interesses sociais, de grupo, que marcam a vida do adulto"*. É o período em que ocorre um maior investimento na relação com outros grupos sociais que não a família (os amigos, os colegas de trabalho, de escola, de formação, do grupo desportivo, etc), embora essa "saída de casa" já se tivesse iniciado antes em diversas situações de socialização, como por exemplo no jardim-de-infância ou na escola. Coimbra de Matos (ibidem) diz-nos que *"é neste percurso que o encontro com figuras válidas de identificação, num amplo leque de possibilidades, permite ao jovem o florescimento da sua personalidade própria e a abertura relacional estável para o mundo social e actuante"*.

A forma como decorre o processo de socialização na infância e juventude contribui em grande medida<sup>8</sup> para a definição da identidade do ser adulto. Neste processo é especialmente importante a aquisição da “capacidade de estar só” (com os outros) para utilizar a expressão de Winnicott. Tal capacidade apenas poderá emergir no contexto de uma formação para a independência e liberdade porque o Homem “*Sem liberdade e independência; despersonalizado, sem uma identidade própria – funde-se na massa militarizada, obedecendo automaticamente, qual cão de Pavlov, aos diferentes toques de Trombeta*” (Coimbra de Matos, 2002, p. 117). Coloca-se então a questão: estaremos hoje em condições de proporcionar esse contexto formativo a crianças, jovens e adultos? Coimbra de Matos (ibidem) avança dizendo que: “*Prisioneiro de uma estrutura sociopolítica cada vez mais complexa e limitante, enredado num espaço cada vez mais superlotado, o homem da era industrial e da urbe perde-se diluindo-se no contexto*”. Em resposta a esta visão algo negativa é possível recorrer às palavras de Paulo Freire (2000, p. 92) que nos diz que “*o que ocorre hoje não produz inevitavelmente o amanhã.*” Assim, formando para a liberdade e independência (em todo e qualquer contexto e em todas as fases da vida) veremos “*...homens e mulheres não apenas capazes de se adaptar ao mundo mas sobretudo de mudá-lo. Seres curiosos, actuates, falantes, criadores*” (Paulo Freire, 2000, p. 96) mas, também com a capacidade de partirem sós “*...para a aventura da vida; e então o encontro com o outro será um pacto de solidariedade e não um laço de escravidão.*” (Coimbra de Matos, 2002, p. 118).

A função essencial das situações de socialização na adolescência é o permitir da emergência de indivíduos com uma identidade bem definida, com capacidade para pensar criticamente e agir no sentido de produzir mudanças que visem o bem-estar comum. Tal “proeza” só é possível se nesse mesmo processo de socialização houver espaço para que os indivíduos se sintam valorizados enquanto seres únicos e, simultaneamente, enquanto membros da “família humana”.

---

<sup>8</sup> Embora nunca de forma definitiva

### 2.1.2.2. UM MODELO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

A maioria dos modelos descritos até ao momento apresenta o processo de socialização como indissociável do processo de construção identitária. De facto, a noção a respeito de “quem se é”, seja para o próprio seja para os outros, nasce e reformula-se, inevitavelmente na relação com esses outros, isto é, a partir da identificação com os mesmos.

*“Parte-se, é certo, da identidade biológica, objectiva de um programa genético para o seu desenvolvimento. Mas (...) de um programa aberto: que permite um leque relativamente amplo de evoluções possíveis, mesmo da própria constituição biológica; muito mais, da organização mental. O meio sobretudo o ambiente afectivo-humano e sociocultural, modela-nos e, até certo ponto, pode transformar-nos. (...) Porém, e sobremaneira, somos também – e desde o início – criadores activos (passe a redundância), espontâneos e livres do nosso ser psíquico, da identidade peculiar que nos vai definindo e diferenciando. Ser intencional por excelência, o homem constrói-se – mais que é construído. Para além de sermos (...) nós próprios os construtores do mundo – e únicos obreiros, com os outros (em colaboração, abraço humano), do universo civilizacional e político que psicologicamente habitamos. (...) E é no vínculo com o semelhante, na relação de apego e intimidade – relação biunívoca de amor e descoberta – que me conheço e reconheço: sei quem sou e o que valho.” (Coimbra de Matos, 2002, p. 215).*

Coimbra de Matos (2002, pp. 216-224) propõe-nos um modelo para a compreensão do processo de construção identitária que parte da ideia de que se nos reconhecemos e se somos reconhecidos pelos outros, isto é, se temos uma identidade definida (embora não definitiva) é porque nos vamos pensando na relação com os outros. Pensamos porque existimos e existimos porque fomos amados. A dimensão afectiva é, na perspectiva deste autor, um factor fundamental no processo de autoconstrução. Assim, são propostos três processos de construção identitária:

1. **“Identificação Imagóico-imagética** – O indivíduo identifica-se por incorporação-assimilação da imago e/ou imagem com que o outro o define, ou seja, por captação e capturação da identidade atribuída. É o processo primitivo

*mais persistente de identificação. (...) Não fosse o homem um animal narcísico – que se vê ao espelho do olhar do outro. (...) Leva à constituição do núcleo primário da identidade (...) à identidade psíquica básica.”*

2. **“Identificação Idiomórfica** – (...) o sujeito identifica-se, constroi a sua identidade por intussuscepção (recepção no interior) das suas formas visíveis e comportamentos observados. Porque se percebe, é um ser auto-reflexivo (riqueza dos circuitos centro-límbico-pré-frontais), reconhece-se e autoconcebe-se. Identifica-se à sua própria forma – identificação idio (própria) – mórfica. É uma identificação por aprendizagem directa – experiência de se ver e experiência de fazer; e de mostrar-se e mostrar o que faz (a dimensão narcísea também aqui se revela). (...) Pela vida fora, a identificação ideomórfica, cedo iniciada, mantém-se. É mesmo o retalho mais nobre, genuíno e fiel da identidade pessoal. Na adolescência, em que se dão profundas transformações identificativas, a identificação ideomórfica acentua-se: são os meus valores, os meus ideais e o resultado da minha aprendizagem com a experiência que me guiam e determinam a minha identidade. (...) Toda a educação-relação que facilite e promova a expressão do self autêntico (...) deixa espaço para a aventura, ensaio, sucesso e erro (...) lastro em que se desenvolve a identificação idiomórfica, autoplástica, assertiva e de competência ( (...) potencia necessária e suficiente, além da impotência e aquém da onipotência)”.
  
3. **“Identificação Alotriomórfica ou Xenomórfica** – É a identificação ao modelo. O indivíduo identifica-se ao objecto eleito, o escolhido. É o objecto amado, admirado e também invejado, ao qual procuro assemelhar-me – introjectando atributos seus, reais e/ou imaginados. É a identificação mais conhecida e a única que a psicanálise clássica e a psicopatologia dinâmica tradicional descrevem, como se o processo de construção da identidade se reduzisse à identificação ao modelo; é uma teoria (...) bastante reducionista – simplificadora mas restritiva. (...) A identificação ao modelo veste-nos de peles alheias, nem sempre à nossa medida. O que muitas vezes se traduz por uma película de «pronto-a-pensar». Claro que há identificações alotriomórficas que resultam em excelentes atributos pessoais e que este crescimento identificativo que a relação

*e a cultura propiciam não é desprezível (...) tem uma grande virtude – a abertura do imaginário. É na medida em que desejo ser como o outro idealizado que expando a minha imaginação. (...) Só que não chega e não é o único.”*

*“Na transformação adolescentil e juvenil assiste-se a uma dissolução das camadas de identidade de origem imagóico-imagética e alotriomórfica – processo de desidentificação (por vezes dramática, raiando a despersonalização); o que permite o reforço da identificação idiomórfica, levando o jovem à especificação e consolidação da sua identidade própria. (...) Mesmo depois de relativamente estruturada, no início da adultícia, a identidade vai mudando; uma vez mais, por desenvolvimento diferencial. (...) A identidade é, concluimos, a possibilidade de ser diferente – em sonho, ao menos!...”. (Coimbra de Matos, 2002, p. 220, p. 223, p. 224).*

Se consideramos as situações de formação enquanto situações de socialização (e vice-versa) e estas enquanto processos de construção identitária, então o modelo que se acaba de apresentar fornece-nos argumentos interessantes no sentido da concepção de dispositivos de formação de jovens que favoreçam uma identificação idiomórfica<sup>9</sup>, ou seja, que proporcionem um contexto propício à autoreflexão e experimentação, na relação afectiva com outros. Desta forma estarão reunidas condições<sup>10</sup> para a emergência de adultos que, por se sentirem valorizados e respeitados na sua individualidade, serão certamente mais criativos e participativos no seio da comunidade.

---

<sup>9</sup> A reforçar nesta fase da vida

<sup>10</sup> Sobretudo, se em todos os contextos formativos da vida desses jovens (desde a infância), se proporcionarem, não só, essas mesmas condições de abertura à experiência e à autoreflexão (identificação idiomórfica), bem como as que propiciem a hipótese de se observarem num “espelho” que reflecta uma imagem “positiva” de si (identificação imagóico-imagética), e ainda se os seus modelos de identificação forem um exemplo de criatividade e participação solidária (identificação alotriomórfica).

### 2.1.3. A NOÇÃO DE SOCIALIZAÇÃO DE CLAUDE DUBAR: UMA TEORIA SOCIOLÓGICA DA IDENTIDADE

Claude Dubar (1997) apresenta-nos uma visão sociológica do processo de socialização entendido enquanto processo de produção de identidades sociais. Retoma, portanto, a noção de identidade sem rejeitar as visões quer de Piaget, quer de algumas das teorias psicanalíticas, especialmente as de Freud, Lacan e Erickson. Contudo, Dubar (1997, p. 105) considera que apenas será possível incluir a noção de identidade destes autores, numa perspectiva sociológica se restituirmos a *“relação identidade para si/identidade para o outro ao interior do processo comum que a torna possível e que constitui o processo de socialização. Deste ponto de vista a identidade não é mais do que o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e colectivo, subjectivo e objectivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem as instituições.”*

Na perspectiva de Dubar, os indivíduos vão passando por diversos processos de socialização, ao longo da vida, os quais são, simultaneamente, processos de construção de identidades sociais. As **identidades sociais** resultam da *“articulação entre duas transacções: uma transacção “interna” ao indivíduo e uma “externa” estabelecida entre o indivíduo e as instituições com as quais interage.”* (Dubar, 1997, p. 103). Claude Dubar rejeita, portanto a distinção entre identidade individual e colectiva, apresentando-nos uma noção de identidade que *“tenta introduzir a dimensão subjectiva, vivida, psíquica no âmago da análise sociológica”* (Dubar, 1997, p. 105).

As transacções internas e externas ao indivíduo, de cuja articulação resulta a **identidade social**, são designadas, por Dubar, de **“transacção subjectiva”** e **“transacção objectiva”**, respectivamente. No primeiro caso o autor refere-se ao “compromisso interior” entre a **“identidade herdada”** e a **“identidade visada”**, isto é, entre a necessidade de salvaguardar uma parte das suas identificações anteriores e o desejo de construir para si novas identidades no futuro, procurando assimilar a identidade-para-outro à identidade para si. No segundo caso ocorre uma transacção externa, portanto objectiva, entre o indivíduo e os outros significativos que visa acomodar a **“identidade para si”** à **“identidade para o outro”**. (Claude Dubar, 1997, p. 107, p. 235). Aos actos que visam definir a “identidade para si”, Dubar chama de

“actos de pertença” e aos que definem “identidade para o outro” chama de “actos de atribuição”.

*“As estratégias identitárias”, conforme são descritas por Dubar (1997), podem “ser comparadas aos processos de equilíbrio de Piaget”, anteriormente descritos (Dubar, 1997, p. 108). Contudo, em relação ao modelo de construção identitária de Coimbra de Matos, a comparação total parece pouco adequada, já que Coimbra de Matos parece referir-se apenas às transacções internas, ou “subjectivas” (intrapsíquicas), descritas por Dubar. Este autor <sup>11</sup>parece interessar-se sobretudo pelos processos de socialização inicial e pela identidade individual enquanto que Dubar coloca uma grande ênfase não só nesta dimensão mas também nas socializações ulteriores e na construção das identidades colectivas, nomeadamente, as identidades sociais e profissionais. A este respeito refere Dubar (1997, p. 239): “A socialização “inicial”, durante a infância, combina mecanismos de desenvolvimento das capacidades e de construção de “regras, valores, sinais” (Piaget) oriundos da família de origem, mas também do universo escolar e dos grupos de pares onde as crianças fazem as primeiras experiências de cooperação. É assim, que elas constroem as suas primeiras identidades por assimilações e acomodações sucessivas. Esta socialização contribui igualmente para fornecer as referências culturais a partir das quais os indivíduos terão de identificar os grupos de pertença e de referência, e de interiorizar as características culturais gerais, especializadas, opcionais e individuais (Linton) e de, antecipar as socializações ulteriores.*

Nas fases de socialização inicial, os “outros significativos”, ou seja, as esferas onde ocorre o processo de construção identitária, são sobretudo a esfera familiar e escolar. Nas fases ulteriores de socialização *“as esferas do trabalho e do emprego (...) como a da formação (escolar mas também profissional, inicial mas também contínua) constituem domínios pertinentes das identificações sociais (...) dos indivíduos”* (Dubar, 1997, p. 112).

---

<sup>11</sup> Bem como outros autores de orientação mais psicanalítica

Partindo da ideia da construção de identidades sociais e profissionais através das transacções “subjectivas” e “objectivas”, já descritas, Dubar (1997, p. 237-238) apresenta-nos quatro **processos identitários típicos**:

1. **A PROMOÇÃO** – Diz respeito a uma “**identidade de empresa**” e é um processo que decorre da continuidade da transacção subjectiva (continuidade entre a “identidade herdada” e “identidade visada”) e do reconhecimento, encorajamento e confirmação da progressão visada.

Na actualidade, é valorizado o modelo da competência numa dependência crescente em relação às estratégias da organização.

Numa biografia profissional ideal:

**Momento privilegiado:** reconhecimento da identidade, a qual está sujeita a responsabilidades na empresa.

**Espaço privilegiado:** o da empresa.

**Saberes privilegiados:** os “saberes de organização” associado a uma lógica da responsabilidade (SER).

2. **O BLOQUEAMENTO** – Este processo, associado a uma “**identidade de ofício**” decorre igualmente de uma continuidade entre a necessidade de salvaguardar uma parte das identificações anteriores dos indivíduos e o desejo de construir para si novas identidades no futuro, contudo a progressão visada é invalidada, recusada e infirmada.

Esta identidade é, actualmente, desafiada a ser reconvertida ou reestruturada em função das novas normas de competência.

Numa biografia profissional ideal:

**Momento privilegiado:** Consolidação da Identidade<sup>12</sup>, ligado à inserção e à aquisição progressiva da qualificação nas carreiras do ofício.

**Espaço privilegiado:** o espaço do ofício

**Saberes privilegiados:** Os “saberes profissionais” associados a uma lógica da qualificação no trabalho (FAZER). Implica uma articulação entre saberes práticos e técnicos.

---

<sup>12</sup> A qual se encontra hoje bloqueada

3. **A CONVERSÃO** – é um processo que remete para uma “**identidade de rede**” ou “**identidade incerta**” e dá-se quando ocorre uma ruptura entre a identidade herdada e visada pelo indivíduo e, simultaneamente, ocorre uma confirmação legítima pelo outro da identidade para si.

Esta identidade é, hoje, marcada pela incerteza e pela instabilidade e está associada a uma lógica de reconversão permanente sendo, simultaneamente, o produto e o alvo das incitações à mobilidade (muito desenvolvidas nas empresas e administrações actuais).

Numa biografia profissional ideal:

**Momento privilegiado:** o da construção da identidade, o qual corresponde à formação profissional inicial.

**Espaço privilegiado:** o espaço da formação

**Saberes privilegiados:** os “saberes teóricos” associados à autonomia e à acumulação de distinções culturais (SABER). Não estão ligados a saberes práticos ou profissionais.

4. **A EXCLUSÃO** – corresponde a uma ruptura em termos da transacção subjectiva, que é acompanhada por um conflito entre a identidade atribuída pela instituição e a identidade forjada pelo indivíduo. Este processo está associado a uma “**identidade de fora-do-trabalho**” ou “**identidade ameaçada**”.

Na actualidade, esta identidade encontra-se, portanto, ameaçada de exclusão e em conflito com o modelo de competência difundido nas empresas.

Numa biografia profissional ideal:

**Momento privilegiado:** o do “envelhecimento” da identidade e da passagem progressiva à reforma.

**Espaço privilegiado:** o espaço de fora-do-trabalho

**Saberes privilegiados:** os “saberes práticos”, oriundos directamente da experiência do trabalho e não ligados a saberes teóricos ou gerais mas sim a uma lógica instrumental do trabalho para o salário (TER).

As designações utilizadas por Dubar para referir as identidades típicas associadas a cada processo correspondem a **vias**, ou **subespaços sociais**, ao longo das quais se desenrolam as trajetórias dos indivíduos e que ultrapassam a esfera do trabalho uma vez que englobam, também, a de fora-do-trabalho. Por outro lado a designação dada a

cada processo refere-se ao **tipo de “carreira”** no interior das vias mencionadas. A cada um dos quatro subespaços e dos quatro tipos de carreira podem associar-se, ainda, os respectivos **actores típicos (ou tipos de relações profissionais)**: *“actores “internos” à empresa, actores que estruturam os ofícios ou os ramos profissionais, actores da formação, actores da gestão social do desemprego”, etc.* (Dubar, 1997, p. 237).

Convém, ainda, esclarecer que *“as identidades sociais e profissionais típicas não são nem expressões psicológicas de personalidades individuais nem produtos de estruturas ou de políticas económicas que se impõem a partir de cima, elas são construções sociais que implicam a interacção entre trajectórias individuais e sistemas de emprego, sistemas de trabalho e sistemas de formação.”* (Dubar, 1997, p. 239).

## **2.2. A EXCLUSÃO ESCOLAR E A EXCLUSÃO SOCIAL**

A problematização desenvolvida até ao momento conduz-nos no sentido de uma concepção dos processos de socialização “secundária” enquanto processos de construção de identidades sociais e profissionais<sup>13</sup>, os quais se desenrolam, idealmente, nas esferas do trabalho e da formação. Por outro lado, poderemos considerar pertinente o deslocamento dos projectos formativos para os contextos de trabalho, conforme já foi referido, o que conduz a uma associação destas duas esferas. Ora, numa biografia profissional ideal poderemos efectivamente falar de construção das identidades mas o que dizer das biografias profissionais que se afastam consideravelmente deste ideal?

De facto, no contexto actual, marcado por profundas mudanças no mercado de trabalho<sup>14</sup>, é legítimo considerar outras trajectórias possíveis, nomeadamente, no sentido da “conversão”, “bloqueamento” e até “exclusão” nos processos de construção identitária<sup>15</sup>. Conforme é demonstrado por Claude Dubar (1997), nomeadamente, na descrição do processo identitário designado de exclusão e associado a uma

---

<sup>13</sup> No sentido atribuído por Claude Dubar

<sup>14</sup> Bem como em outras esferas

<sup>15</sup> Conforme é, tão claramente, demonstrado pelo modelo de Claude Dubar

"identidade ameaçada", as trajetórias dos indivíduos seguem, hoje, por vias que abrangem até o espaço de fora-do-trabalho, isto é o desemprego.

As situações de desemprego colocam, por sua vez, os indivíduos, em situações de privação quanto à obtenção de um rendimento; de um estatuto; quanto à actualização das suas competências profissionais e quanto à possibilidade de vivenciar situações privilegiadas de socialização, proporcionadas pelos contextos de trabalho, isto é, coloca-os em situação de "exclusão social". (Centeno, Erskine e Paulosa, 2000, p. 38). Aliás, estes mesmos autores referem: "...a questão que provavelmente estará no centro de um maior número de situações de exclusão social prende-se com o papel crescentemente importante que o trabalho ganhou na forma de estabelecer redes de socialização". (Centeno, Erskine e Paulosa, 2000, p. 39).

*"Etimologicamente, a palavra excluído significa estar fora do sistema ou do lugar que ocupa. No campo sócio-económico é um conceito recente, considerado por alguns como um produto próprio do paradigma técnico-económico" (Centeno, Erskine e Paulosa, 2000, p. 50). Para Thai-Hop (1994, citado por Centeno, Erskine e Paulosa, 2000, p. 51-52) "a situação de excluídos pode-se sintetizar nos planos técnico-económico, sócio-político e cultural. No plano técnico-económico, os excluídos são aqueles que desenvolvem uma actividade nos sectores economicamente débeis ou à margem da transformação tecnológica: pequenos agricultores, trabalhadores eventuais, mão-de-obra barata, subempregados. Caracterizam-se por possuírem níveis de produtividade muito baixos, por trabalharem com ferramentas obsoletas e por falta de qualificação tecnológica. Caracterizam-se ainda pelos baixos salários que recebem e pela insignificância dos seus empregos. Na esfera sócio-política, os excluídos encontram-se na categoria das pessoas sem protecção social, sem habitação digna e sem trabalho estável. Ao nível cultural a exclusão apresenta diversas formas, todas elas de graves consequências: excluídos do conhecimento (analfabetos, pessoas que abandonaram o sistema de ensino), excluídos da informação (fora dos canais de informação), excluídos do direito à palavra, do direito de viver segundo uma cultura, etc. Com frequência a exclusão encontra-se nos extremos mais frágeis e vulneráveis da sociedade: crianças e idosos. O mercado exclui-os porque economicamente não têm valor. Do ponto de vista racial, existe uma estreita relação entre a exclusão social e a cor da pele e a origem étnica. Finalmente, existe uma relação estreita entre a*

*exclusão social e o sexo. No sistema neoliberal a pobreza feminiza-se tanto nos países pobres como nos países industrializados. A situação ganha contornos mais complexos quando se assiste à sobreposição de dois ou mais dos factores evidenciados”.*

Para Manuela Silva (1998, p. 277, citada por Canário, 2001, p. 151) a *“exclusão social é um fenómeno estrutural das sociedades industrialmente avançadas contemporâneas e não apenas um acidente explicável por causas ou circunstâncias que tenham a ver com a vida de alguns indivíduos ou grupos.*

*A exclusão social é um fenómeno gerado pelo próprio sistema económico e sócio-político orientado este, como está, para a eficácia económica, a competitividade e a maximização da rentabilidade do capital financeiro no curto prazo, num horizonte de globalização da economia, forte desenvolvimento tecnológico, capital intensivo e total fluidez dos capitais.”*

Canário (2001, pp. 151-152) refere que este ponto de vista *“identifica os problemas sociais como estruturais e consequência de um tipo particular de “prosperidade” marcado pelo seguinte paradoxo: a existência de um “generalizado e profundo mal-estar sócio-político num contexto que é de abundância de meios materiais e de um incrível e inimaginável progresso científico-tecnológico”* (Silva, 1998, p. 280, citada por Canário, 2001, p. 152).

Na investigação que se pretende levar a cabo é dirigida uma especial atenção às pessoas jovens que abandonaram o sistema de ensino, as quais de acordo com a descrição de Thai-Hop, se enquadram no grupo dos excluídos a nível cultural. Contudo, uma exclusão a tal nível está associada a uma exclusão no plano técnico-económico e sócio-político, ou seja, estes jovens tenderão a ter maior dificuldade de integração num primeiro emprego; a trabalhar em situações precárias (instáveis e com baixos salários); a permanecer durante longos períodos em situação de desemprego; a viver na ausência de protecção social, etc. Serão, em consequência, “socialmente excluídos” e definidos por identidades sociais e profissionais “ameaçadas” ou “incertas” (Dubar, 1997). Torna-se, então, importante equacionar a questão da “exclusão escolar” na sua relação com a “exclusão social”, considerando esta última no sentido que lhe é atribuído por Manuela Silva (1998). Neste sentido, a educação deveria de ser *“encarada pelo ângulo da legitimidade e da construção do sentido das situações*

*educativas, bem como da sua capacidade de contribuir para dinâmicas emancipatórias e transformadoras da realidade*” (Canário, 2001, p. 152) e não vista de *“forma instrumental e totalmente subordinada a critérios mercantis que conduz a enfatizar a contribuição da educação para o processo de “modernização” através de níveis acrescidos de “eficácia” e de “qualidade”* (ibidem).

Poderemos hoje equacionar a “crise de legitimidade da instituição escolar” e, portanto, o abandono escolar como consequência de uma “crise do sentido” atribuído às situações educativas? Canário (2001, p. 152) refere que: *“só se aprende alguma coisa em situações que façam sentido para o sujeito, portanto a questão central da escola é a construção do sentido”*.

*“A educação e a formação têm sido apresentadas como os ingredientes fundamentais para combater o desemprego e portanto a exclusão social. Contudo, a própria evidência empírica da evolução do fenómeno do desemprego mostra a sua eficácia relativa. A elevação geral do nível de qualificações não contribui para aumentar a oferta global do volume de emprego, nem define as suas modalidades. Um trabalhador com qualificações elevadas possui vantagens relativas que desaparecem se todos os concorrentes no mercado de trabalho estiverem, nesse capítulo, em igualdade de circunstâncias”* (Canário, 2001, p. 150). Por outro lado e, *“paradoxalmente, a democratização da escola comprometeu-a com a produção de desigualdades sociais e ela deixou de poder ser vista como uma instituição justa num mundo injusto* (Dubet, 1999, citado por Canário, 2001, p. 150), *aumentando os níveis de frustração e desencanto que marcam a sua entrada numa era de incertas”*. Estas evidências, percebidas pelos jovens abrangidos por este modelo escolar conduzem inevitavelmente ao abandono, ou será melhor dizer, à “exclusão escolar” inseparável do fenómeno de “exclusão social”. É neste contexto que surgem cada vez mais *“políticas sociais de carácter paliativo”* (Canário, 2001), nomeadamente medidas de formação que visam constituir uma alternativa ao sistema escolar e cujo **sentido para aqueles a quem se destinam** é ainda uma questão obscura que parece pertinente colocar.

## CAPÍTULO II

### A FORMAÇÃO E EXCLUSÃO SOCIAL DE JOVENS DE BAIXA ESCOLARIDADE: O "PROBLEMA" E AS "SOLUÇÕES"

## CAPÍTULO II – A FORMAÇÃO E EXCLUSÃO SOCIAL DE JOVENS DE BAIXA ESCOLARIDADE: O “PROBLEMA” E AS “SOLUÇÕES”

Conforme já foi enunciado, nesta investigação a temática estudada remete para a relação entre “formação” e “exclusão social”, sendo o objecto de estudo: o sentido atribuído, por jovens de baixa escolaridade, a medidas de formação alternativas ao sistema formal de ensino. Após a apresentação da problematização teórica, importa agora explicitar o contexto no qual se inscreve a referida temática e objecto de estudo.

### 1. O ACTUAL CONTEXTO HISTÓRICO

Na actualidade é comum haver referência ao contexto de rápidas mudanças e de grandes incertezas em que vivemos. A este propósito Ana Pires (2000, p.15) afirma que *“ ao nível do contexto internacional, vivemos num período de grandes incertezas, decorrentes da crise generalizada da economia mundial, das consequências da integração europeia, da ruptura dos países de leste, da afirmação do Japão como primeira potência produtiva, das crises do 3º Mundo, do “boom” demográfico, dos desafios económicos e sociais decorrentes do paradigma técnico-económico, enfim, de um conjunto de fenómenos que se traduzem numa época de grande instabilidade, ao nível político, social, económico e cultural.”*

A fim de caracterizar a actualidade, a mesma autora realça: *“a internacionalização da economia, a introdução das novas tecnologias nos mercados, o aumento da competitividade pela qualidade e inovação, a redução dos empregos indústrias (por perda de competitividade), as mutações económicas e sociais como a terciarização da economia, a diminuição dos trabalhadores dos sectores primário e secundário e aumento de efectivos do sector terciário (empregados e pessoal dos serviços, quadros superiores e intermediários de empresas; as profissões de alta taxa de crescimento são as duas áreas da informática, da electrónica, da saúde, do direito, do turismo, do ensino).”* (Ibidem). Em consequência surgem *“novas clivagens sociais decorrentes...”: “das mutações científicas e tecnológicas (...) (emergência de um sistema sócio-técnico centrado sobre as tecnologias de informação); o desenvolvimento da automatização; a evolução da organização do trabalho; o aumento do desemprego” e “a inflação dos diplomas.”* (ibidem, p. 16).

Neste contexto surgem novas exigências educativas já que *“os postos de trabalho de amanhã necessitarão de indivíduos que saibam enquadrar problemas, definir tarefas, planejar construir e avaliar resultados e cooperar na procura de soluções inovadoras”* (Drucker, citado por Darling-Hammond, 1993, citados por Isabel Mata, 2000, p. 2). Ou seja, cada vez mais, importa educar no sentido da emergência de cidadãos activos e criativos, o que nos conduz à questão da própria competência do sistema escolar no sentido de promover este tipo de educação.

## **2. O ABANDONO ESCOLAR E O DESEMPREGO DE JOVENS: A REALIDADE E AS SUAS IMPLICAÇÕES**

A instabilidade que se vive hoje em diversos contextos parece ter chegado igualmente à escola. *“A instituição escolar que promoveu o acesso massivo à escolarização, como instrumento de políticas públicas baseadas na “igualdade de oportunidades” está ela também profundamente afectada pelas mudanças do seu contexto. As mudanças verificadas no mundo do trabalho que estão na raiz dos fenómenos de exclusão social, decorrem de processos de integração económica supranacional em que o poder financeiro tende a sobrepor-se aos mecanismos institucionais tradicionais de exercício do poder político no quadro dos Estados nacionais. As mutações sofridas pelo Estado inscrevem-se no processo de transformação do Estado de Providência que, no período áureo do fordismo, consubstanciou o compromisso político entre a democracia e o capitalismo.”* (Canário, 2001, p. 149).

Neste contexto torna-se imperioso reequacionar o papel da escola que embora esteja hoje ao alcance de todos, não oferece mais do que incertezas que porventura estarão na origem dos elevados números de abandono escolar precoce a que assistimos.

No relatório do Plano Nacional de Prevenção do Abandono Escolar (PNPAE), publicado em Março de 2004 pelo Ministério da Educação e Ministério da Segurança Social e do Trabalho são divulgadas taxas de **“abandono escolar<sup>16</sup>”**, **“saída**

---

<sup>16</sup> **“taxa de abandono escolar”** – o *“total de indivíduos, no momento censitário, com 10-15 anos que não concluíram o 3º ciclo do Ensino Básico e não se encontram a frequentar a escola, por cada 100 indivíduos do mesmo grupo etário.*

**antecipada**<sup>17</sup>” e **“saída precoce**<sup>18</sup>” na ordem dos **12,5%, 54,1% e 63,7%** em **1991**, respectivamente; e na ordem dos **2,7%, 24,6% e 44,8%** em **2001**. No mesmo relatório refere-se que se *“é verdade que Portugal registou uma quebra acentuada destas duas taxas, entre 1991 e 2001, não deixa de ser grande a diferença que nos separa não só da média europeia, mas igualmente do nosso parceiro mais próximo, a Espanha”* (Ibidem, p. 52). Na Península de Setúbal, em **2003**, a **“taxa de abandono escolar”** andava pelos **2%** e a de **“saída precoce”** pelos **37,9%**<sup>19</sup>.

*“A saída da escola antes de concluído o actual Ensino Básico (o 9º ano) tem muito mais a ver com a idade do que com o ano de escolaridade que se frequenta, é geralmente precedido de histórias de insucesso repetido e concretiza-se ainda pela forte atractividade exercida por uma actividade profissional ainda acessível aos jovens desqualificados”* (Ibidem, p. 52).

O **Relatório Sobre a Situação do Mercado de Emprego (RSME) em 2002**, contendo dados quer do Instituto Nacional de Estatística (INE), quer do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) refere que *“a população desempregada, segundo o Inquérito ao emprego do INE, de acordo com os valores médios de 2002 para o Continente, era de 266,8 mil. Relativamente a 2001, verificou-se um aumento de 26,7%, equivalente a mais 56,2 mil desempregados (...) O aumento da taxa de desemprego foi significativa para os jovens, atingindo 11,8%”* (...) No fim de 2002 havia 24509 desempregados inscritos sem nenhum nível escolar. Os desempregados com o 1º ciclo do ensino básico estão representados, em maior número com 33,4%. Comparativamente ao ano anterior houve um aumento dos desempregados inscritos em todos os níveis habilitacionais, sobretudo a partir do 2º ciclo (...) Relativamente aos motivos que estiveram na origem das inscrições o *“fim de trabalho não permanente”* foi indicado pelo maior número de desempregados representando 31,1% do total. O segundo e terceiro motivos foram o *“foi despedido”* e *“ex-estudante”*.” (Faro, 2003, pp. 12-14).

<sup>17</sup> **“taxa de saída antecipada”** refere-se ao total de indivíduos, no momento censitário, com 18-24 anos que não concluíram o 3º ciclo do Ensino Básico e não se encontram a frequentar a escola, por cada 100 indivíduos do mesmo grupo etário.

<sup>18</sup> **“taxa de saída precoce”** designa o total de indivíduos, no momento censitário, com 18-24 anos que não concluíram o ensino secundário e não se encontram a frequentar a escola, por cada 100 indivíduos do mesmo grupo etário.

(Canavarro et al., 2004, p. 50).

<sup>19</sup> Não são divulgados os dados regionais quanto à **“taxa de saída antecipada”**

O mesmo relatório, mas referente ao ano de 2005, revela-nos que o desemprego em Portugal Continental já atingia cerca de 468 mil pessoas (Fernandes, 2005, p. 9), admitindo tratar-se do valor mais alto da última década. Deste elevado número de desempregados, cerca de 64 mil são jovens com menos de 25 anos (ibidem, p. 16), ou seja, 13,7% do total de pessoas em situação de desemprego. Mais importante ainda é notar que, do total de desempregados com o 1º ciclo do ensino básico, 1,7% eram jovens (ibidem, p. 19) e é, precisamente, nos desempregados com este nível de habilitação que se verifica a maior taxa de desemprego de longa duração, como seria de esperar (ibidem, p. 9). Em contrapartida, a taxa de satisfação da procura de emprego mostrou-se mais elevada nos jovens, naqueles que procuram emprego pela primeira vez e, sobretudo, nos detentores do 3º ciclo do ensino básico (ibidem, p. 10). Assim, Apesar da integração profissional dos jovens à procura do primeiro emprego ser mais “fácil”, por razões que se prendem com a idade, com questões salariais e com políticas de incentivo financeiro à contratação destes, à medida que a idade avança, aumenta também a duração dos períodos de desemprego para as pessoas com menores níveis de escolaridade. Paradoxalmente, em 2005, cerca de 41 mil desempregados (cerca de 8,8% do total) eram detentores de um grau de escolaridade de nível superior (Fernandes, 2005, p. 16) e destes 56,6 % eram jovens entre os 25 e os 34 anos (ibidem, p. 19). Também é de notar, que neste ano, 5,3% dos desempregados não possuía qualquer grau de instrução (ibidem, p. 19).

Apresentados os dados da realidade, importa discutir as suas implicações. A questão do abandono escolar, e da conseqüente baixa escolaridade, dos jovens tem vindo a ser apresentada como um “problema” que carece de solução. Tal facto prende-se com a ideia de que a baixa escolaridade e a falta de qualificação dos jovens é uma das principais causas do desemprego de uns e da precariedade do emprego de outros. Contudo, e como nota Canário (2005, p. 166) *“A elevação do nível de qualificações não contribui para aumentar a oferta global do volume de emprego, nem define as suas modalidades”*, pois os diplomas são desvalorizados a partir do momento em que todos os detêm. Os 41 mil desempregados, com nível superior de qualificação, são a prova empírica desta afirmação. Contudo, é também verdade que o desemprego é mais acentuado, e de maior duração, nas pessoas com menores níveis de escolaridade. Mas serão a educação e a formação as “soluções milagrosas” para este problema?

Para Canário (2005, pp. 166-167) a actualidade é marcada por fenómenos aparentemente contraditórios, ou seja, *“um acesso mais democrático a níveis cada vez mais elevados de escolarização é concomitante com desigualdades sociais mais acentuadas; o progresso tecnológico e o conseqüente aumento de produtividade, em vez de gerarem emprego, aparecem associados, na Europa, a formas estruturais de desemprego de massas”*. Para o mesmo autor, tal *“obriga a reequacionar o papel da educação e da escola”*.

As instituições educativas parecem estar, actualmente, mais sensibilizadas para os fenómenos de natureza social. Pelo que se assiste a uma correspondência simétrica entre exclusão escolar e exclusão social. Assim, para Canário (2005, p. 164) não se pode considerar que haja um agravamento de problemas especificamente escolares, mas sim de problemas de cariz social de onde se destaca a raridade e precariedade do emprego. A propósito desta maior sensibilização das instituições Machado Pais (2001, p. 402) cita Deleuze (1990), o qual *“formula uma passagem histórica da sociedade disciplinadora para a sociedade do controlo”* explicando que essa passagem se caracteriza pelo *“desmoronamento dos muros que garantiam uma autonomia das instituições”*<sup>20</sup>. *Esta autonomia encontra-se crescentemente posta em causa. Com este Ricardor de muros é cada vez mais difícil distinguir o dentro e o fora das instituições.* Assim, dentro e fora da instituição escolar há *“zonas de obscuridade e de incerteza – e que se prendem (...) com a complexidade labiríntica de nossas sociedades”* (Machado Pais, 2001, p. 413). Os jovens, na sua transição da escola para o mundo do trabalho, vêm-se, por isso, perante *“verdadeiras encruzilhadas”*. A escola não parece servir o propósito, frequentemente apregoado, de preparar o futuro, porque este tem que ser construído, o que só é possível com a participação dos próprios jovens.

A raridade e precariedade do emprego estão na base de uma maior fragilidade de grandes franjas da população o que, por sua vez, está no cerne da exclusão social. Este fenómeno conduz ao agravamento e produção de novas desigualdades, ameaçando a tão desejada coesão social, mas sobretudo comprometendo o processo

---

<sup>20</sup> As instituições que constituíam a Sociedade Disciplinadora eram a escola, a família, a fábrica, o hospital, a prisão (Machado Pais, 2001, p. 402, citando Deleuze, 1990)

de construção de uma sociedade mais solidária. Mas se a educação não “resolve” o problema do desemprego e da exclusão social, qual o seu papel?

As medidas de educação e formação que têm vindo a ser criadas, como alternativa ao tradicional modelo escolar, assentam na lógica da causalidade directa entre maior nível de escolaridade e de qualificação e maior “*empregabilidade*”. Se as evidências empíricas não comprovam esta causalidade, directa e inequívoca<sup>21</sup>, então qual o sentido das referidas medidas, especialmente, na perspectiva dos seus destinatários?

## **5. INVENTÁRIO DE POLÍTICAS EDUCATIVAS E SOCIAIS DE PREVENÇÃO DO ABANDONO ESCOLAR**

No quadro do contexto descrito caracterizado por níveis consideráveis de abandono escolar, bem como de taxas elevadas de desemprego de jovens, foram surgindo diversas políticas com o objectivo de fazer face ao problema enunciado. O Plano de Prevenção do Abandono Escolar (Canavarro, 2004, pp. 77-104), anteriormente referido, apresenta-nos um inventário dessas mesmas políticas, as quais se apresentarão sob a forma de uma breve cronologia.

### Medidas e Programas Educativos enunciados e desenvolvidos desde a publicação da Lei nº 46/86 (Lei de Bases do Sistema Educativo):

- 1987 – Programa Interministerial de Promoção do Sucesso Educativo (PIPSE);
- 1989 – Regime Jurídico da Autonomia da Escola – Decreto-Lei nº 43/89, de 3 de Fevereiro
- 1989 – Ressurgimento do Ensino Profissional – Decreto-Lei nº 26/89, de 21 de Janeiro
- 1991 – Regulamentação do Ensino Recorrente – Decreto-Lei nº 74/91 de 9 de Fevereiro;
- 1991 – Criação dos Serviços de Psicologia e Orientação (SPO)

---

<sup>21</sup> De acordo com um inquérito realizado, em 2002, pelo Observatório de Entradas na Vida Activa, a ex-formandos, 66% dos mesmos estavam empregados 9 meses após a conclusão da acção de formação. Contudo, 25% já estavam empregados antes de iniciarem a acção de formação. Logo, a formação não teve impacto na obtenção de emprego, para mais de metade dos ex-formandos.

- 1991 – Criação do Ensino Básico Mediatizado (Telescola) – Despacho Conjunto nº 48/SEAM/SERE/91, de 20 de Abril;
- 1991 – Programa Educação para Todos – Resolução do Conselho de Ministros nº 29/91
- 1992 – Regime de Avaliação dos Alunos do Ensino Básico – Despacho Normativo nº 98-A/92, de 20 de Junho
- 1993 – Sistemas de Incentivo à Qualidade da Educação – Despacho nº 113/ME/93
- 1996 – Regulamentação actual do Sistema de Aprendizagem (formação profissional inicial em alternância) – Criado em 1984, mas regulamentado mais tarde pelo Decreto-Lei nº 205/96, de 25 de Outubro
- 1996 – Criação dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP)
- 1996 – Criação dos Currículos Alternativos – Despacho nº 22/SEEI/96
- 1997 – Entrada em vigor da Rede Única e Integrada de Educação Pré-Escolar
- 1997 – Criação do Programa de Integração de Jovens na Vida Activa (PIJVA) – Resolução do Conselho de Ministros nº 44/97
- 1997 – Criação dos Cursos de Educação e Formação Profissional Inicial (CEFPI – 9º ano +1) – Despacho Conjunto nº 123/97, de 7 de Julho
- 1998 – Entrada em vigor do Regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário – Decreto-Lei nº 115-A/98, de 4 de Maio
- 1998 – Criação do Plano para a Eliminação da Exploração do Trabalho Infantil (PEETI) – Resolução do Conselho de Ministros nº 75/98, de 2 de Julho
- 1999 – Criação do Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF) – Despacho Conjunto nº 882/99, de 15 de Outubro
- 1999 – Programa 15-18 – Despacho nº 19971/99, de 20 de Outubro
- 2001 – Criação do 10º ano profissionalizante – Despacho Conjunto nº 665/2001, de 21 de Julho
- 2001 – Criação do Sistema Nacional de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências – CRVCC – Portaria nº 1082-A/2001, de 5 de Setembro

- 2001 (com remissão para 2000) – Criação dos Cursos EFA (Educação e Formação de Adultos) – Despachos Conjuntos nº 1083/2000, de 20 de Novembro e nº 650/2001, de 20 de Julho.
- 2002 – Criação dos Cursos de Educação-Formação – Despacho Conjunto nº 279/2002, de 12 de Março.
- 2002 – Regulamentação da introdução de uma Cláusula de Formação nos Contratos Individuais de Trabalho de menores sem a escolaridade mínima obrigatória – Decreto Regulamentar nº 16/2002, de 15 de Março
- 2004 – Nova regulamentação para os Cursos de Educação-Formação, com o objectivo de abranger jovens até aos 25 anos e alargando a possibilidade de certificação escolar até ao 12º ano – a aguardar publicação em Diário da Republica (fonte: IEFP- *intranet*).

Conforme se pode observar, nos últimos 18 anos tem-se assistido a uma proliferação de medidas políticas com vista a “colmatar” as consequências das mudanças globais antes referidas. Nos últimos anos tem sido dada especial atenção às medidas que visam associar a componente escolar à profissional, conferindo uma certificação em ambas as vertentes. No âmbito da investigação em curso pretendeu-se estudar, preferencialmente, casos de jovens que foram alvo de medidas dessa tipologia. Assim, parece pertinente proceder a uma breve caracterização de algumas delas com particular ênfase para o sistema de aprendizagem e para os cursos de educação e formação de jovens, uma vez que são as medidas de que foram alvo os jovens entrevistados, no âmbito desta investigação.

### **3.1. O SISTEMA DE APRENDIZAGEM**

O sistema de aprendizagem foi criado há cerca de 23 anos através do Decreto-Lei nº 102/84, de 29 de Março na continuidade de uma acção piloto de formação profissional de jovens com início em 1980. Em 1996 este Decreto-Lei foi revogado pelo Decreto-Lei nº 205/96, actualmente em vigor. No texto introdutório deste último é possível ler que *“a aprendizagem distingue-se entre as diversas ofertas de formação profissional inicial pela importância que nela assume a situação de trabalho, enquanto processo de aquisição de competências, ultrapassando a situação simples de aplicação prática de conhecimentos.”* Para além deste aspecto, a qualificação profissional no âmbito deste

sistema está associada à aquisição de competências que implicam uma progressão escolar. Os argumentos apontados pelo legislador para a reforma do Decreto inicial vão desde a necessidade de promover a qualificação de base dos excluídos precocemente do sistema escolar até ao desenvolvimento da qualidade de vida dos Portugueses, passando pela contribuição da modernização da economia de forma a desenvolver as condições necessárias ao crescimento da competitividade.

Em termos concretos a aprendizagem é um sistema de formação dirigido aos jovens que tenham ultrapassado a idade limite para o cumprimento da escolaridade obrigatória e que não tenham ultrapassado os 25 anos. Estes cursos caracterizam-se pela interacção entre componentes de formação sócio-cultural, científico-tecnológica e prática. Esta última integra a formação em situação de trabalho e formação prática simulada. Assim, trata-se de um dispositivo de formação em alternância pois os formandos vão alternando entre as várias componentes formativas. A formação em posto de trabalho tem uma carga horária que vai aumentando, progressivamente, ao longo de todo o processo formativo. Esta modalidade formativa pode ser organizada por qualquer pessoa singular ou colectiva, desde que credenciadas pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP).

O sistema de aprendizagem compreende quatro tipos de cursos, os quais variam quanto à carga horária; às habilitações literárias de acesso e ao nível de qualificação e grau de progressão escolar obtidos no seu final. Assim, a legislação prevê a organização de cursos de orientação de nível I, cursos de aprendizagem de nível II (com equivalência escolar ao 9º ano); cursos de aprendizagem de nível III (com equivalência escolar ao 12º ano) e cursos de formação pós-secundária, de nível IV ou de especialização tecnológica. Anualmente, são organizados vários cursos no âmbito do sistema de aprendizagem, abrangendo um número significativo de jovens<sup>22</sup> que saíram do sistema formal de ensino e decorrendo, em grande parte, nos centros de formação profissional de gestão directa do IEFP. A grande maioria das acções de formação, organizadas pelo IEFP, é de nível III.

---

<sup>22</sup> Cerca de 25 0000 jovens por ano, de acordo com o Plano Nacional de Prevenção do Abandono Escolar (2004, p. 81)

### **3.2. OS CURSOS DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL INICIAL (CEFPI – “9º ano + 1”)**

Em 1997, o Despacho Conjunto nº 123/97 cria os cursos de Educação e Formação Inicial, designados “9º ano+1”. Esta medida foi criada para ser organizada pelas escolas, numa perspectiva de autonomização das mesmas. Embora, estivesse previsto que se gerassem parcerias com outras entidades, nomeadamente com o IEFP.

O público-alvo, para o “9º ano+1” eram os jovens com o 9º ano, ou com frequência do 9º ano, e que já tivessem completado os 15 anos. Pretendia-se que com estas acções os jovens completassem a escolaridade obrigatória e, em simultâneo, obtivessem uma qualificação profissional de nível II (Canavarro et. Al., 2004, p. 86).

### **3.3. O PROGRAMA 15-18**

O Programa 15-18 foi criado em 1999, pelo Despacho nº 19971/99 e a sua criação foi fundamentada na necessidade de flexibilizar as ofertas curriculares para que fosse atingido o objectivo do cumprimento da escolaridade obrigatória. Paralelamente, estava prevista a aquisição de competências com vista a uma integração no mercado de trabalho, bem como o acesso a percursos de educação e formação. Este programa foi extinto em 2002. (Canavarro et. Al., 2004, p. 89).

### **3.4. O “10º ANO PROFISSIONALIZANTE”**

Dois anos depois, em 2001, é criado o “10º ano profissionalizante”, através do Despacho Conjunto nº 665, 2001. Esta medida destinava-se a permitir aos jovens que haviam concluído o 9º ano de escolaridade, e cujo projecto pessoal não passava pelo prosseguimento de estudos, uma qualificação profissional de nível II. Também estavam abrangidos por esta medida os jovens que, tendo frequentado o ensino secundário, não o concluíram por pretenderem uma integração mais imediata no mercado de trabalho. O Decreto-Lei nº 74/2004 veio extinguir esta medida. (Canavarro et. Al., 2004, p. 89).

### **3.5. OS CURSOS DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE ADULTOS (EFA)**

No mesmo ano de 2001 (com remissão para 2000), são criados os cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA), pelos Despachos Conjuntos nº 1083/2000 e 650/2001. Estes cursos destinam-se a pessoas com idade superior a 18 anos e permitem uma certificação escolar ao nível dos 4º, 6º e 9º anos e profissional de nível I, e II. A Direcção Geral de Formação Vocacional, tem sido a principal promotora destes cursos, os quais têm vindo a abranger um número significativo de pessoas, desde a sua criação, nomeadamente de jovens com menos de 25 anos.

### **3.6. OS CURSOS DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE JOVENS (EFJ)**

Os cursos de educação e Formação foram criados em 2002, através do Despacho Conjunto nº 279/2002, com o objectivo de *“dinamizar uma oferta educativa e formativa junto de jovens, entre 15 e 18 anos de idade, que se encontrem em risco de abandono sem concluir o 9º ano de escolaridade, proporcionando-lhes uma formação profissional qualificante de nível 1 ou de nível 2 e a titularidade dos 1º, 2º ou 3º ciclos do ensino básico.”* Desta forma, passaram a estar abrangidos os jovens cuja idade não permitia a integração num curso EFA. Esta modalidade formativa passou a ser conhecida como Educação e Formação de Jovens e o principal fundamento para a sua criação, assentava no imperativo de aumentar os níveis de qualificação escolar e profissional dos portugueses devido às exigências impostas pelas mutações científicas e tecnológicas e pela *“sociedade de aprendizagem”*. Por outro lado, a medida visava assegurar o cumprimento da escolaridade básica (Despacho Conjunto nº 279/2002, p. 6807).

As entidades designadas para o desenvolvimento dos cursos de EFJ, eram os centros de gestão directa e participada do IEFP, os estabelecimentos de ensino básico e secundário e outras entidades de formação, desde que devidamente acreditadas e em articulação com entidades da comunidade. A estrutura curricular dos cursos de EFJ estava compreendida três componentes: a formação sócio-cultural; a formação científico-tecnológica e a formação prática em contexto de trabalho. A formação sócio-cultural visava a aquisição de competências ao nível das línguas; cultura e comunicação; cidadania e sociedade e matemática. A formação científico-tecnológica

tinha como objectivo a aquisição de competências profissionais específicas de cada área profissional. A formação em contexto de trabalho tinha como finalidade proporcionar aos jovens uma experiência profissional na respectiva área de qualificação, durante um a três meses. As acções de EFJ realizavam-se em horário diurno, durante cerca de 31 horas semanais.

Em 2004, e na sequência do alargamento da escolaridade obrigatória para 12 anos, o Despacho Conjunto nº 453/2004, veio reformular os cursos de Educação e Formação Jovens e apresentar uma alternativa perante a extinção do 10º ano profissionalizante. No texto introdutório deste Despacho pode ler-se que a *“qualificação dos Portugueses (...) implica a prioridade na tomada de medidas que visem, de forma sistemática, a promoção do sucesso escolar, bem como a prevenção dos diferentes tipos de abandono escolar, designadamente o desqualificado. Estas medidas assumem, ainda, um papel estratégico no quadro das políticas activas de emprego, enquanto meio privilegiado das condições de empregabilidade e de transição para a vida activa dos indivíduos e de suporte à elevação dos níveis de produtividade da economia portuguesa.”* Este pequeno fragmento de texto, permite compreender com clareza o pensamento que subjaz à reformulação desta medida. Assim, os cursos de EFJ passaram a dirigir-se, preferencialmente, a jovens com 15 ou mais anos, em risco de abandono escolar, ou que já tivessem abandonado a escola, antes de completarem o ensino secundário. Também estão abrangidos os jovens com o 12º ano completo que pretendam uma qualificação profissional com vista a uma integração mais imediata no mercado de trabalho.

Os cursos de EFJ podem ser desenvolvidos pelos centros de formação profissional do IEFP, pela rede de escolas públicas, particulares e cooperativas ou outras entidades devidamente acreditadas. Foram criadas 8 tipologias para estes cursos, nomeadamente: o **tipo 1** – destinado a jovens com habilitação inferior ao 6º ano e tem duração até 2 anos, conferindo o 6º ano de escolaridade e qualificação profissional de nível 1; o **tipo 2** – destinado a jovens com o 6º ano, 7º ou frequência do 8º ano e com duração de 2 anos, conferindo o 9º ano de escolaridade e qualificação profissional de nível 2; o **tipo 3** – destinado a jovens com o 8º ano ou frequência do 9º ano e com duração de 1 ano, conferindo o 9º ano de escolaridade e qualificação profissional de nível 2; o **tipo 4** – destinado a jovens com o 9º ano ou frequência do ensino secundário

e com duração de 1 ano, conferindo uma qualificação profissional de nível 2; os  **cursos de formação complementar** – destinado a jovens titulares de cursos de tipo 2, tipo 3 ou cursos de qualificação profissional de nível 2, têm a duração de um ano e visam conferir os requisitos para integração nos cursos de tipo 5; o  **tipo 5** – destinado a jovens com o 10º ano ou frequência do 11º, com o 10º ano profissionalizante ou titulares de um curso tipo 4, têm duração de 2 anos, conferindo uma qualificação profissional de nível 3 e o 12º ano; o  **tipo 6** – destinado a jovens com o 11º ano ou frequência do 12º, com o têm duração de 1 ano ou mais, conferindo uma qualificação profissional de nível 3 e o 12º ano e, finalmente o  **tipo 7**, destinado a jovens com o 12º ano e conferindo uma qualificação profissional de nível 3. Estes últimos têm a duração de 1 ano.

A estrutura curricular compreende uma componente de formação sócio-cultural; científica; tecnológica e prática. Esta última tem a duração de 1 a 6 meses e realiza-se em contexto de trabalho. A duração semanal das restantes componentes de formação é de 34 a 35 horas em regime diurno.

**CAPÍTULO III**

**METODOLOGIA**

## CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

### 1. A QUESTÃO CENTRAL DE INVESTIGAÇÃO

Quivy e Campenhoudt (1992, pp. 29-30) no seu livro *“Manual de Investigação em Ciências Sociais”* referem que uma *“investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal...”*, pelo que *“enunciar o projecto de investigação na forma de uma pergunta de partida, através da qual o investigador tenta exprimir o mais exactamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor”* é algo que *“a experiência revelou ser muito eficaz”*.

A investigação levada a cabo teve como ponto de partida uma questão já mencionada na parte introdutória desta dissertação<sup>23</sup>, no entanto é chegada a altura de a lembrar e explicitar, nomeadamente no que diz respeito às razões que conduziram à sua escolha.

Como vimos, na actualidade têm vindo a surgir diversas medidas formativas que visam constituir uma alternativa ao sistema escolar, para aqueles que o abandonaram precocemente. Estas medidas, apesar de serem relativamente recentes, têm vindo a abranger um número considerável de jovens, particularmente os jovens cuja escolaridade obrigatória foi estendida a 9 anos<sup>24</sup>. Assim, se considerarmos que estes mesmos jovens abandonaram o sistema formal de ensino, eventualmente pela impossibilidade de lhe atribuírem um sentido, então importa perguntar: ***que sentido atribuem a estas medidas alternativas? Ou seja que apropriação fazem das mesmas?***

A partir destas questões é possível enunciar outras que permitem clarificar o objectivo da investigação, nomeadamente: *Serão estas medidas pertinentes, na perspectiva destes jovens? Possibilitarão um verdadeiro processo de transformação individual<sup>25</sup>? Possibilitarão o desenvolvimento de competências mobilizáveis em situações concretas? De que modo se articulam as dimensões “autoformativa”, “heteroformativa”*

---

<sup>23</sup> Assim como na parte final do enquadramento teórico

<sup>24</sup> Todos os nascidos após o 1º de Janeiro de 1981

<sup>25</sup> Na tripla dimensão dos conhecimentos, das capacidades e das atitudes.

e “ecoformativa”? De que modo estas medidas contribuem para a construção das identidades sociais e profissionais destes jovens? Em suma, serão verdadeiras alternativas a um sistema escolar abandonado e, eventualmente, abandonante?

No que diz respeito às razões que motivaram a opção por esta questão de investigação, poderei afirmar que as mesmas remetem para um período anterior ao início deste Curso de Mestrado. Na verdade, na minha prática profissional enquanto Conselheira de Orientação Profissional num Centro de Emprego, confronto-me diariamente com a tarefa de orientação e encaminhamento de jovens, que abandonaram precocemente o ensino, para medidas de formação alternativas à escola, que lhes proporcionem quer as competências profissionais para o desempenho de uma dada profissão, quer uma progressão escolar. Assim, desde sempre me interroguei a propósito da pertinência destas mesmas medidas, na perspectiva dos referidos jovens. Com frequência me ocorreu pensar como seria importante<sup>26</sup> e interessante perceber em que medida estas novas experiências lhes proporcionaram o que referiam não encontrar na escola, isto é, uma sensação de “*ter valido a pena*” para utilizar as palavras de alguns desses jovens. A oportunidade de integração neste Curso de Mestrado possibilitou-me, a procura de respostas, através de um método científico que visa a “produção de saber” ao alcance todos aqueles que colocam a si mesmos esta questão.

## 6. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Uma vez elaborada a questão de investigação, impôs-se a definição da estratégia metodológica mais adequada à busca de resposta (s) para a mesma. Na minha perspectiva a questão colocada remete para a procura do significado subjectivo de uma dada experiência, na óptica dos seus próprios protagonistas. Ora, de acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 50) “o significado é de importância vital na **abordagem qualitativa**”, pelo que poderei afirmar que é esta a abordagem que me fez sentido dado o objecto em estudo.

---

<sup>26</sup> Começando por mim própria

*“A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objecto de estudo.”* (Bogdan e Biklen, 1994, p. 49). Trata-se de *“questionar os sujeitos de investigação, com o objectivo de perceber “aquilo que eles experimentam, o modo como interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem”* (Psathas, 1973, citado por Bogdan e Biklen, 1994, p. 51). Logicamente, o objectivo é **compreender** (e não explicar) as significações que alguns indivíduos atribuem a uma dada experiência, logo trata-se de um estudo **intensivo** partindo de um nível de análise **micro**, sem que haja a intenção de generalizar os “resultados” obtidos.

A abordagem de investigação qualitativa apresenta diversos fundamentos teóricos, nomeadamente oriundos da Filosofia Fenomenológica (de onde se destacam os filósofos Edmund Husserl e Alfred Schutz, mas também o Sociólogo e Economista Max Webber) e da Interação Simbólica (com o importante contributo da Escola de Chicago, especialmente de John Dewey). A abordagem fenomenológica considera que *“a realidade não é mais do que o significado das nossas experiências”* (Greene, 1978, citado por Bogdan e Biklen, 1994, p. 54), logo *“é socialmente construída”* (Luckmann, 1967, citado por Bogdan e Biklen, 1994, p. 54). Por sua vez, na abordagem dos Intercionistas Simbólicos, *“compatível com a perspectiva fenomenológica, encontra-se a asserção de que a experiência humana é mediada pela interpretação. Nem os objectos, nem as pessoas, situações ou acontecimentos são dotados de significado próprio; ao invés, o significado é-lhes atribuído.* (Bogdan e Biklen, 1994, p. 55). Então, *“Os seres humanos criam activamente o seu mundo; a compreensão dos pontos de intersecção entre a biografia e a sociedade torna-se essencial”* (Gerth e Mills, 1953, citados por Bogdan e Biklen, 1994, p. 55). Partindo das mesmas ideias, parece-me legítimo que a produção de saber dito “científico”, no âmbito das Ciências da Educação<sup>27</sup> ocorra com base numa abordagem qualitativa de investigação. Contudo, esta posição conduz com frequência à seguinte questão: *Será a abordagem qualitativa verdadeiramente científica?*

---

<sup>27</sup> Bem como de qualquer outra Ciência Social e Humana

Bogdan e Biklen (1994, p. 64) dizem-nos que *“no passado os investigadores educativos baseavam o seu trabalho nas investigações feitas pelos colegas das “ciências exactas”. Alguns autores entendiam medida como sinónimo de ciência e tudo o que saísse deste registo era considerado suspeito”*. Nesta época imperavam as abordagens de investigação quantitativa, inspiradas num Paradigma “Positivista” da ciência. Nesta perspectiva, só poderíamos considerar científica a investigação que visasse explicar objectivamente os fenómenos estudados, que permitisse a generalização de resultados, que recolhesse dados quantificáveis, que permitisse o teste de teorias e a previsão de fenómenos, etc. Curiosamente, *“muitos físicos, químicos e matemáticos eminentes questionam a existência de um método susceptível de replicação, que todos os investigadores possam ou devam adoptar. As suas investigações têm mostrado que utilizam formas muito diversas e, por vezés, de difícil explicitação, de descoberta e resolução de problemas.”* (Dalton, 1967, p. 60, citado por Bogdan e Biklen, 1994, p. 64). Perante tais evidências é possível questionar não só os métodos e técnicas utilizados pelas “ciências” ditas “exactas” mas, sobretudo o próprio paradigma positivista. (Couceiro, 2000, p.3). *“A investigação científica implica um escrutínio empírico e sistemático que se baseia em dados. A investigação qualitativa preenche estes requisitos...”* (Bogdan e Biklen, 1994, p. 64).

O objectivo desta investigação é, então, tentar *“melhor compreender o comportamento e experiência humanas”*, isto é, *“compreender o processo mediante o qual as pessoas constroem significados e descrever estes mesmos significados”* (Bogdan e Biklen, 1994, p. 70).

## **2.1. O ESTUDO DE CASO**

Definida a abordagem de investigação a adoptar impôs-se a definição do tipo de estudo a realizar. A abordagem de investigação qualitativa permite a opção por diversos tipos de estudo, nomeadamente, a indução analítica, o método comparativo constante, o estudo de caso, etc. O tipo de estudo pelo qual me fez sentido optar foi, justamente, este último.

*“O estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico”* (Merriam, 1988,

citado por Bogdan e Biklen, 1994, p. 89). No caso específico da investigação realizada, o objectivo foi a realização de um número reduzido de estudos de caso, isto é, o estudo compreensivo de casos de jovens que tenham abandonado a escola, antes da conclusão do 9º ano de escolaridade, e que tenham frequentado acções de formação alternativas ao sistema formal de ensino. Refiro-me a *“indivíduos que partilham uma característica particular, mas que não formam grupos”*, logo *“aquilo que partilham entre si revelar-se-á mais claramente, individualmente, quando solicitar as suas perspectivas...”* (Bogdan e Biklen, 1994, p. 92).

### **2.1.1. O MÉTODO BIOGRÁFICO**

A investigação do tipo qualitativo possibilita a realização de estudos de diversas naturezas, como por exemplo o estudo de caso, o qual pode ser realizado com recurso a vários métodos de investigação, entre os quais se destaca o método biográfico pelo qual optei no âmbito da presente investigação.

O método biográfico inscreve-se no seio do paradigma epistemológico das Histórias de Vida e consiste na escrita (*grafia*) da vida (*bio*) de outro a partir de um pedido de evocação do seu percurso pessoal. Esta biografia poderá estar mais centralizada sobre aspectos específicos da vida dos sujeitos (o percurso escolar ou profissional, por exemplo) ou abarcar de forma global toda a existência dos mesmos. Um dos principais pressupostos epistemológicos subjacentes a este método é o de que é possível e desejável produzir conhecimento (dito científico) a partir da narrativa que as pessoas fazem das suas experiências de vida, uma vez que, elas próprias produzem esse conhecimento a partir do sentido subjectivo que constroem sobre si. Trata-se, portanto de reconhecer o valor epistemológico da subjectividade o que remete para a discussão, já descrita, entre os paradigmas de investigação quantitativo e qualitativo.

Um outro pressuposto epistemológico da corrente de pensamento das Histórias de Vida é a ideia de que o singular pode ser, em certa medida, uma expressão do universal. O sociólogo Ferrarotti (citado por Couceiro, 2000, p. 13), por exemplo, *“preconiza que cada sujeito, pela sua práxis singulariza nos seus actos a universalidade de uma estrutura social e pela sua actividade individualizada a história*

*social colectiva*". Esta posição<sup>28</sup> entra em ruptura com a concepção positivista de ciência que impõe a necessidade de produzir conhecimento a partir de uma amostra de indivíduos que seja representativa de todo o universo, conforme já foi referido.

*"A história de vida é uma criação em que o narrador constrói a sua narrativa de maneira improvisada, dá-lhe uma forma pessoal"* (Pineau, Le Grand, 1993, p. 116, citados por Cármen Cavaco, 2002, p. 46) num contexto de interacção dinâmica com o "investigador-formador". Portanto, pode ser entendida enquanto abordagem de *investigação* mas também de *formação* no sentido em que *"põe em evidência um conhecimento de si, do seu processo de formação, dos seus processos de aprendizagem...e de conhecimento"* (Josso, 1993-c, p. 4, citada por Couceiro, 2000, p. 27). Deste modo, o sujeito poderá construir uma nova representação de si e das suas experiências articulando o passado, presente e futuro. Então, *"o campo das Histórias de Vida mobiliza e articula (...) três grandes componentes: o sujeito, a narrativa e a temporalidade"* (Couceiro, 2000, p. 30) na interacção com o outro (investigador-formador).

O método de investigação biográfico coloca a pessoa no centro, já que a realidade é lida do ponto de vista do sujeito<sup>29</sup>, o que suscita algumas questões quanto ao estatuto a atribuir ao mesmo (Couceiro, 2000, p. 34). Esse estatuto pode ser de *"mero informador"* o que conduz a que o sujeito seja *"olhado como objecto"* sendo *"o investigador quem é colocado no centro como dono do saber e do conhecimento"*. Contudo, partindo desta postura é negada a subjectividade dos sujeitos a qual é valorizada pela abordagem epistemológica subjacente a este método<sup>30</sup>. *"Assim, a palavra do sujeito não pode ser, prioritariamente, fonte de informação. Ela é fonte de conhecimento, revalorizando antes o papel do sujeito e sublinhando a importância de aceder à sua dinâmica profunda. (...) O conhecimento objectivo fornece informação, mas não a intenção que lhe subjaz. A intenção é revelada pela subjectividade."* (Ibidem, p. 34). A investigação realizada teve, justamente a intenção de revelar mais as intenções dos sujeitos, os sentidos subjectivos que atribuem às experiências, do que apenas recolher informação, pelo que este método se revelou como o mais adequado.

---

<sup>28</sup> Que é, igualmente, a que escolhi adoptar

<sup>29</sup> Este é justamente o meu objectivo, conforme já havia sido referido

<sup>30</sup> A Abordagem epistemológica das Histórias de Vida

Uma outra questão suscitada pela utilização do método biográfico é: *qual a postura que o investigador deverá adoptar?* Essa postura poderá ser analítica, ilustrativa ou restitutiva de acordo com Demazière e Dubar (1999, citados por Couceiro, 2000).

*"No caso da perspectiva ilustrativa, a investigação decorre numa lógica causal considerando a palavra dos sujeitos como matéria a ser categorizada segundo critérios pré-definidos pelo investigador, independentemente do discurso por eles elaborado. (...) O investigador posiciona-se como que numa atitude de desconfiança, na medida em que interessa "verificar" a veracidade dos factos, a verificação das hipóteses colocadas. O estatuto da palavras do (s) sujeito (s) é puramente informativo, a subjectividade expressa no discurso é remetida para a sua dimensão de ilusão, a relação entre investigador e narrador é basicamente assimétrica" (Demazière e Dubar, 1999, citados por Couceiro, 2000, p. 35).*

*"No caso da postura restitutiva, ao contrário, ao querer dar todo o lugar ao discurso dos sujeitos, o investigador remete-se para uma posição que pouco mais é do que de divulgação da palavra enunciada. A investigação tem uma lógica que os autores denominam de hiper-empirista. O estatuto da palavra do sujeito é o de "testemunho", devendo o investigador reservar-se para um papel de mero" porta-voz, "não lhe competindo senão a restituição do discurso produzido." (ibidem, p. 35).*

*"O posicionamento analítico enraíza-se numa perspectiva de valorização da palavra comum encarando a subjectividade como uma boa porta de entrada no campo social. O essencial nesta perspectiva é que a relação entre o investigador e o narrador seja de confiança de modo a permitir uma procura metódica de produção de sentido. Essa procura vem das suas partes: entre as significações manifestas e o sentido latente interpõe-se um verdadeiro trabalho de análise que é por sua vez o do próprio sujeito (elaboração de sentido com, e através, das palavras significantes) e o do investigador (decifrando o sentido a partir das palavras trocadas na entrevista de pesquisa), numa lógica de reconstrução de sentido. A linguagem é considerada aqui como um veículo de representações ou um simples suporte de acção mas (...) como processo pelo qual o real se constitui. Este posicionamento coloca-nos numa lógica social (...). É com e através da linguagem que o social ganha forma." (Ibidem, p. 36).*

Pineau e Le Grand (1996, pp. 99-102, citados por Pineau, 2001, pp. 345-346) sugerem, igualmente, três modelos que visam esclarecer as várias posturas que o investigador poderá assumir: o modelo biográfico, o modelo autobiográfico e o modelo interactivo ou dialógico.

*“O modelo biográfico, que prolonga a relação de lugar disciplinar separando nitidamente o profissional do sujeito segundo uma epistemologia da distanciação do sujeito para construir um saber objectivo. O sujeito é um fornecedor de informações mas o tratamento objectivo destas é obra quase exclusiva do profissional”.* Este modelo tem correspondência com a postura ilustrativa descrita por Demazière e Dubar.

*“O modelo autobiográfico, em oposição, elimina em última análise o profissional. A expressão e a construção de sentido são a obra exclusiva do sujeito. O outro está reduzido a um papel de auditor ou de leitor que deve mostrar-se bom público. O outro é eliminado como interlocutor.”* Neste caso Pineau e Le Grand parecem referir-se a uma postura dita reconstitutiva.

O modelo interactivo ou dialógico “trabalha uma nova relação de lugar entre profissionais e sujeitos para uma co-construção de sentido. O sentido não é redutível à consciência que dela têm os actores, não mais do que à análise pelos investigadores.” Este modelo tem forte correspondência com a postura analítica descrita por Demazière e Dubar, a qual me faz sentido adoptar nesta investigação. Portanto, a utilização do termo “método biográfico”, neste projecto de investigação, visa referir o método de investigação-formação a adoptar numa postura analítica, isto é de acordo com o modelo interactivo ou dialógico.

## **2.2 AS TÉCNICAS DE RECOLHA DE INFORMAÇÃO**

Uma vez definida a estratégia metodológica e explicitados os seus fundamentos epistemológicos impôs-se a decisão a propósito das técnicas de recolha de informação a adoptar. No âmbito do método biográfico é possível recorrer a diversos tipos de narrativas com essa mesma finalidade. Segundo Pineau e Le Grand (1993, p. 112, citados por Cármen Cavaco, 2002, p. 43) as narrativas possíveis são:

- *“A notícia biográfica (recolha de narrativas junto de um grande número de pessoas, regista-se um tratamento estatístico);*
- *A narrativa de práticas (a narrativa focaliza-se em determinados aspectos da vida de um conjunto de pessoas);*
- *A entrevista biográfica (a narrativa incide na diversidade de vivências do narrador);*
- *A história social aprofundada (a narrativa decorre de um conjunto de entrevistas e o narrador participa activamente em todas as fases do trabalho de investigação);*
- *A autobiografia (no sentido restrito, é uma narrativa de vida escrita pelo próprio narrador);*
- *A história de vida de grupo (trata-se de narrativas cruzadas junto de pessoas que partilham situações ou vivências comuns);*
- *A história de vida em grupo (a narrativa é verbalizada no seio de um grupo, normalmente, de formação e a escrita pode ser individual ou colectiva).”*

Na presente investigação pretendeu-se compreender o sentido atribuído por jovens, pouco escolarizados, a experiências de formação alternativas ao sistema formal de ensino. Assim, a entrevista de inspiração biográfica, incidindo na diversidade das vivências dos sujeitos, e permitindo compreender a articulação entre todas elas (incidindo sobre as experiências de formação referidas, em particular) impôs-se como sendo a técnica de recolha de informação mais adequada aos objectivos da investigação.

### **2.2.1. AS ENTREVISTAS BIOGRÁFICAS**

De acordo com Demazière e Dubar (1999, p. 226) a entrevista biográfica de investigação pode ser definida enquanto récita específica, relativamente a outras interacções sociais, articulando mecanismos narrativos e processos dialógicos. Trata-se de uma *“narrativa que resulta da análise e tomada de consciência de actos, atitudes e comportamentos constituintes da história de vida de cada pessoa. A entrevista*

*e comportamentos constituintes da história de vida de cada pessoa. A entrevista biográfica pode incidir na totalidade da vida ou orientar-se para determinados domínios do vivido.”* (Cavaco, 2002, p. 48).

Esta técnica de recolha de informação tem, portanto, características próprias que a distingue de outras técnicas. Por exemplo, o que as pessoas “contam” sobre as suas vidas, numa entrevista biográfica, inscreve-se no *“quadro de uma troca aberta, aprofundada, compreensiva e distante da sucessão de questões predeterminadas características do questionário”* (Demazière e Dubar, 1999, p. 226). Assim, este tipo de entrevista pode ser semi-estruturado no sentido da definição, previa das temáticas que se espera que sejam abordadas pelo entrevistado, contudo tem sempre um carácter aberto e flexível de modo a possibilitar uma associação de todas as ideias possíveis a respeito do que o próprio sujeito considera que foi importante no seu percurso. Por exemplo, numa pesquisa sobre os processos de inserção profissional de jovens pouco escolarizados, começa-se por pedir aos jovens para contarem o que se passou nas suas vidas depois da saída da escola. (Demazière e Dubar, 1999, p. 226). No caso da presente investigação pretendeu-se utilizar este tipo de entrevista semi-estruturada a partir de um guião (Anexo I) que contemplava uma questão de partida e algumas questões orientadoras, a colocar numa fase posterior.

*“As narrativas transmitidas variam consoante o momento da vida em que a pessoa se encontra e o contexto em que se realiza a narrativa. Os relatos de vida estão dependentes da reflexão que a própria pessoa já fez sobre o seu percurso, e essa reflexão evolui, tendencialmente ao longo da vida e é influenciada pela situação presente<sup>31</sup> e pelos projectos de futuro”* (Cavaco, 2001, p. 48). *“Cada narrador oferece uma narrativa lacunar e esquemática. Cada entrevistado refere-se à sua representação do real e não conta, necessariamente, a totalidade das suas recordações. O discurso dos narradores funde-se com o seu sistema de representação do social e, no limite, nisso reside o objectivo mais importante da pesquisa”* (Clapier-Valladon, Raybaut, 1999, p. 44, citados por Cavaco, 2001, p. 48).

---

<sup>31</sup> A própria situação de entrevista induz a uma reflexão e influencia o discurso do entrevistado

Deste modo, torna-se importante sublinhar o papel da relação entre entrevistador e entrevistado, a qual deverá estabelecer-se num clima de confiança, de empatia, de respeito e de escuta sensível (Demazière e Dubar, 1999, p. 226). *“Durante a realização das entrevistas biográficas ocorrem relações sociais onde se denota um sistema de papéis, expectativas, normas e valores, ainda que por vezes implícitos. Deste modo, têm subjacentes tensões, conflitos, hierarquias de poder e reacções de defesa. O entrevistado está a contar a sua vida a outra pessoa, as formas e os conteúdos da sua narrativa (Cavaco, 2001, p. 49) “variam consoante o interlocutor e dependem do tipo de interacção que se estabelece entre ambos” (Ferrarotti, 1990, p. 52, citado por Cavaco, 2001, p. 49) ”.* Assim, em qualquer entrevista biográfica é essencial a celebração de um “contrato” verbal que garanta ao entrevistado o respeito pelo seu anonimato e que explicita claramente a “utilização” a dar aos conteúdos por ele partilhados.

A condução da narrativa do entrevistado deverá realizar-se pela participação intelectual e afectiva do entrevistador, não apenas através de sinais de encorajamento, de interesse e de reconhecimento, mas também através das suas intervenções, questões e relances, que façam de toda a entrevista uma troca verbal e de conversação. Por esse motivo podemos afirmar que a narrativa é necessariamente dialógica<sup>32</sup>. Na procura da compreensão, o investigador deverá incitar à produção de significações, desenvolver argumentações e solicitar esclarecimentos, pedir que se estabeleçam relações e que se explicitem fórmulas que lhe pareçam obscuras. A entrevista biográfica não consiste apenas na rememoração de episódios de vida mas também na interpretação dos mesmos, conduzindo à sua inscrição numa temporalidade que articula o passado, o presente e o futuro e inserindo-os numa história com sentido. Este sentido surge da análise da utilização que o sujeito faz da linguagem. (Demazière e Dubar, 1999, p. 228).

---

<sup>32</sup> Conforme já foi referido

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1. A SELECÇÃO DOS SUJEITOS E A RECOLHA DA INFORMAÇÃO

A selecção dos casos individuais a estudar, no âmbito da presente investigação, obedeceu a critérios que importa explicitar. Antes de mais, os números de casos estudados foram reduzidos, ou seja, apenas cinco. A razão de ser desta opção prendeu-se com o facto de se pretender um estudo mais intensivo do que extensivo. O objectivo foi estudar em profundidade cada caso, sem a preocupação de generalizar as conclusões daí resultantes a todo o universo populacional, embora se partilhe da perspectiva de Ferrarotti<sup>33</sup>, anteriormente enunciada. Assim, um número reduzido de entrevistas tornou viável, em termos práticos, este objectivo. Pela mesma razão, não houve preocupação quanto à questão da representatividade de ambos os sexos, daí que dos 5 jovens apenas uma seja do sexo feminino.

No que diz respeito à selecção dos casos, pretendeu-se ter por base critérios relacionados com a idade e com a integração numa medida de educação e formação alternativa à escola. Assim, procurou-se que fossem entrevistados jovens cujas idades se situassem entre os 15 (idade mínima para a integração numa das medidas de formação referidas) e os 23 anos (uma vez que apenas interessava contemplar os jovens nascidos depois de 01.01.1981, e cuja escolaridade obrigatória fosse de 9 anos, sem que tivessem concluído o 9º ano através do sistema formal de ensino).

Os sujeitos foram seleccionados a partir do universo dos utentes do centro de emprego onde exerço a minha actividade profissional, nomeadamente entre os utentes que já haviam sido alvo de intervenção técnica por parte de algum conselheiro de orientação profissional. Desta forma, assegurou-se um importante requisito para a realização das entrevistas, ou seja o estabelecimento de uma prévia relação de confiança, com os entrevistados. Antes da realização das entrevistas foi elaborado um guião (Quadro I) contendo uma questão inicial, que visava incentivar uma narrativa livre a respeito dos

---

<sup>33</sup> *“Cada sujeito, pela sua práxis singulariza nos seus actos a universalidade de uma estrutura social e pela sua actividade individualizada a história social colectiva”*

percursos dos jovens, e algumas questões orientadoras que permitissem a abordagem de três grandes temas centrais: A experiência alternativa de formação; a formação alternativa vs formação escolar a escola e o insucesso e o abandono escolar e de quatro temas secundários (visando um melhor enquadramento dos temas centrais), ou seja: os tempos livres, a família, o trabalho e o futuro.

## QUADRO I – GUIÃO DAS ENTREVISTAS

### QUESTÃO INICIAL

*“Poderia contar-me um pouco da sua história até ao momento em que procurou o centro de emprego? O que espero é que me fale um pouco do seu percurso escolar, do que o(a) levou a desistir da escola e, sobretudo, que me fale da sua experiência de formação (EFJ/Aprendizagem, etc). Poderá, também, falar de outras coisas que considere importantes para melhor contar a sua história. Por exemplo: da família, dos amigos, dos tempos livres, etc”*

#### **A – Temáticas centrais a ter como referência e questões possíveis:**

##### **A experiência alternativa de formação:**

Como decorreu a formação? Como era o teu dia-a-dia durante esse período? Como estava organizado? Como era a relação com os formadores? Como era a relação com os colegas? O que aprendeste com eles? O que achaste dos espaços onde decorreu a formação? O que era parecido com a escola? O que era diferente da escola? Que importância ala para ti?

##### **A formação alternativa vs formação escolar**

Quais as semelhanças com a escola? O que era diferente? O que achas que aprendeste na escola? E na acção de formação? E em outras situações?

##### **A escola, o insucesso e o abandono escolar:**

E a escola, que importância teve para ti? Agora, o que achas que aprendeste na escola? Com os professores? Com os teus colegas? Com outras pessoas? Agora, porque achas que abandonaste a escola? Voltarias para a escola? Voltarias a desistir? As coisas sempre correram da mesma forma na escola? Com que idade entraste para a escola? Alguma vez reprovaste? Se sim, porque achas que isso aconteceu? Sentias dificuldades? Em quê? Com quem falavas sobre isso? O que gostavas na escola primária e no 2º ciclo? Quando é que as coisas se começaram a tornar mais complicadas? Porquê? Antes da escola primária estiveste em algum jardim-de-infância e/ou ATL? Com quem ficavas quando não tinhas aulas? Com quem estudavas?

#### **B – Temáticas secundárias (visando um melhor enquadramento das temáticas centrais)**

##### **Tempos livres:**

Como passavas os teus tempos livres na infância? E agora? O que mais gostas de fazer? Com quem mais gostas de estar?

##### **A família:**

E a tua família o que achou de teres desistido da escola? Com quem vives? Que idades têm? Em que trabalham? Estudaram até que ano? Conversas com eles sobre a escola, a formação ou o trabalho? Conversam sobre o quê? Com ala conversas mais? Sobre o quê? O que achas que te fazia falta aprender?

##### **O trabalho:**

E quanto ao trabalho? Já trabalhaste? Em que? Quando? Durante a escola? Depois da escola e antes da formação? E depois da formação? Quanto recebias? Gostaste? O que aprendeste?

##### **O futuro:**

O que gostarias de vir a fazer? Em que gostarias de trabalhar? Como imaginas a tua vida no futuro?

Durante os meses de Fevereiro a Maio de 2005 foram convocados, por correspondência, 11 jovens, seleccionados pela “riqueza<sup>34</sup>” dos seus percursos e pelos critérios atrás referidos. Dos 11, foram entrevistados apenas 7, já que os restantes não compareceram. Aos 7 jovens entrevistados foram, previamente, explicitados os objectivos da entrevista e do estudo e todos concordaram, prontamente, em colaborar. Aliás, a disponibilidade revelada por estes jovens<sup>35</sup> foi absolutamente surpreendente<sup>36</sup>. As entrevistas foram gravadas em formato áudio<sup>37</sup>. Por razões técnicas, 2 das entrevistas ficaram inaudíveis. As restantes 5 entrevistas foram, posteriormente transcritas para documento de texto. Considerando as “fragilidades e resistências” emocionais de alguns destes jovens, bem como o carácter algo “intrusivo” das entrevistas biográficas, considerou-se o desdobramento das mesmas em dois ou três momentos de forma a garantir alguma continuidade relacional que resultasse “contentora” em termos afectivos. A seguir, apresenta-se uma breve caracterização dos jovens entrevistados<sup>38</sup>, os quais tinham em comum uma história de repetidos insucessos escolares, antes da integração nas respectivas acções de formação:

### **“O Marco”**

Tinha 16 anos à data da entrevista e havia frequentado e abandonado, há pouco tempo, um curso de Educação e Formação de Jovens em contexto escolar. A acção de formação visava proporcionar-lhe o 9º ano de escolaridade e uma qualificação profissional de nível 2 na área de Electricidade de Instalações. Encontrava-se desempregado, à procura de emprego, mas pretendia vir a ser integrado num curso de Educação e Formação de Jovens num centro de formação profissional de gestão directa do IEFP, com vista a progredir até ao 9º ano e a obter uma qualificação profissional de nível 3 na área de Instalação e Reparação de Computadores.

---

<sup>34</sup> “Riqueza” em termos da dinâmica das experiências vividas em todas as esferas dos seus percursos de vida

<sup>35</sup> Refiro-me até à disponibilidade afectiva

<sup>36</sup> Um dos jovens, por exemplo, recebeu uma proposta de trabalho entre a sua primeira e segunda entrevista e no contrato verbal que celebrou com o empresário, teve o cuidado de garantir que lhe seria dada disponibilidade para comparecer na entrevista.

<sup>37</sup> com a devida autorização dos jovens

<sup>38</sup> De forma a garantir a confidencialidade dos jovens, os seus nomes reais foram substituídos por nomes fictícios.

### ***“A Sónia”***

Tinha 17 anos à data da entrevista e encontrava-se a frequentar, há 10 meses, um curso de Educação e Formação de Jovens num centro de formação profissional de gestão directa do IEFP, com fim previsto para Março de 2006. A acção de formação visava proporcionar-lhe o 9º ano de escolaridade e uma qualificação profissional de nível 2 na área de Práticas Técnico-Comerciais.

### ***“O Ricardo”***

Tinha 18 anos à data da entrevista e encontrava-se a frequentar o 2º ano de um curso do sistema de Aprendizagem, em acção externa de um centro de formação profissional de gestão directa do IEFP, com fim previsto para Janeiro de 2007. A acção de formação visava proporcionar-lhe o 9º ano de escolaridade e uma qualificação profissional de nível 2 na área de Serralharia Mecânica.

### ***“O Paulo”***

Tinha 18 anos à data da entrevista e havia concluído, há cerca de 2 anos, um curso de Educação e Formação de Jovens no âmbito de um projecto de parceria (“Escola Incluir”), envolvendo a escola secundária que frequentava; um centro de formação profissional de gestão directa do IEFP, uma I.P.S.S. com actividade na área de inserção de pessoas em risco e exclusão e a Autarquia Local. A acção de formação proporcionou-lhe o 9º ano de escolaridade e uma qualificação profissional de nível 2 na área de Mecânica de Automóveis. Encontrava-se desempregado, à procura de emprego, mas não pretendia colocação na área em que se diplomou.

### ***“O Francisco”***

Tinha 17 anos à data da entrevista e havia concluído, há cerca de 9 meses, um curso de Educação e Formação de Jovens no âmbito de um projecto de parceria (“Escola Incluir”), envolvendo a escola secundária que frequentava; um centro de formação profissional de gestão directa do IEFP, uma I.P.S.S. com actividade na área de inserção de pessoas em risco e exclusão e a Autarquia Local. A acção de formação

proporcionou-lhe o 9º ano de escolaridade e uma qualificação profissional de nível 2 na área de Mecânica de Automóveis. Encontrava-se desempregado mas pretendia vir a ser integrado num curso do sistema de Aprendizagem, com vista a progredir até ao 12º ano e a obter uma qualificação profissional de nível 3 na área de Mecatrónica de Automóveis.

### **3.2. O TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO**

Após a realização e transcrição das entrevistas biográficas tornou-se necessário tratar a informação recolhida para que esta adquirisse um sentido, com vista à resposta à questão inicial de investigação. A análise qualitativa do conteúdo das entrevistas afigurou-se como sendo a técnica mais adequada à concretização deste objectivo.

#### **3.2.1. A ANÁLISE QUALITATIVA DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS**

*A “complexidade dos discursos exige o recurso a áreas diversificadas do saber, para que se consiga captar a riqueza que o discurso encerra, ou seja, a riqueza do material obtido também está na base da complexidade da sua análise. A análise de conteúdo permite efectuar uma série de operações destinadas à interpretação de um corpus abundante, multiforme e recheado de informação. O problema reside, precisamente, no sentido a dar a este conjunto de factos sem reduzir a riqueza das significações. A análise de conteúdo tem, por isso de ser ajustada aos objectivos e aos dados do estudo, não havendo modelos fixos e pré-estabelecidos” (Cavaco, 2002, p. 47).*

No presente estudo pretendeu-se adoptar uma estratégia de análise semi-indutiva uma vez que se partiu de uma problemática, explícita no enquadramento teórico, mas considerou-se a possibilidade de reformular a mesma perante o sentido atribuído ao “material” recolhido das entrevistas. Apesar da inexistência de modelos fixos de análise de conteúdo pareceu-me aceitável a utilização, de forma flexível, de um modelo de **análise temática**. De acordo com este tipo de análise, numa fase inicial e partindo de uma *“leitura flutuante”, “são identificadas as “ideias-força”, os acontecimentos e “momentos-chave” na vida do narrador e os temas abordados”,* o que permite *“definir as temáticas para a análise de conteúdo das entrevistas biográficas”.* As temáticas resultam, portanto da articulação entre a síntese do discurso dos entrevistados e os

*objectivos de pesquisa*” (Cavaco, 2002, p. 47). *“Na análise de conteúdo não se trata de analisar toda a riqueza do discurso, de retirar do conteúdo todos os significados possíveis, mas apenas os significados pertinentes para o objecto de estudo”* (Bertaux, 1997, p. 65, citado por Cavaco, 2002, p. 47). Cavaco (2002, p. 47) acrescenta ainda que este tipo de análise de conteúdo *“permite identificar com facilidade as variações individuais e as recorrências entre as várias entrevistas”*.

Nesta investigação, após a transcrição das entrevistas, foram elaboradas sínteses das histórias de cada um dos jovens o que resultou de um trabalho prolongado, que começou por uma leitura inicial das transcrições das entrevistas sem qualquer intenção de análise ou decomposição. Pretendia-se, apenas, ficar com uma “imagem” global da história de cada jovem sem alterar os seus “ritmos” e “lógicas” discursivas individuais. Posteriormente, procedeu-se a uma tentativa de decomposição do discurso dos jovens com o objectivo de encontrar *“sentidos latentes de interpretação”* (Machado Pais, 2001, p. 102), pois *“as histórias de vida são apreendidas numa discursividade linear que é posteriormente decomposta para, a partir dos fragmentos decompostos, mostrar-se uma nova composição, desta feita analítica”* (ibidem).

De acordo com Machado Pais (2001, p. 105) o desafio da análise interpretativa é *“trabalhar os fragmentos de sentido, interconectando-os, revirando-lhes os sentidos”*. Neste estudo pretendeu-se, precisamente identificar os fragmentos do discurso dos jovens, que melhor nos ajudassem a compreender o sentido que estes construíram em torno das experiências formativas vividas, o que é, logicamente, indissociável dos sentidos que atribuem a toda a sua vida. Assim, a partir do trabalho de decomposição dos discursos, foram identificadas seis grandes temáticas (Quadro II), as quais foram decompostas em sub-temáticas. Estas temáticas e sub-temáticas foram seleccionadas por permitirem organizar o conteúdo das narrativas, de maneira a que delas fosse retirada a informação mais pertinente para os objectivos do estudo.

**QUADRO II**  
**ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS**

<b>TEMÁTICAS</b>	<b>SUB-TEMÁTICAS</b>
A ESCOLA, O INSUCESSO ESCOLAR E O ABANDONO ESCOLAR...	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. PERCURSO ESCOLAR</li> <li>2. CAUSAS INSUCESSO</li> <li>3. CAUSAS DO ABANDONO</li> <li>4. RELAÇÃO COM COLEGAS</li> <li>5. RELAÇÃO COM PROFESSORES</li> <li>6. REACÇÃO FAMILIAR</li> </ol>
O CURSO...	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. SURGIMENTO DA OPORTUNIDADE</li> <li>2. MOTIVOS DA ESCOLHA</li> <li>3. ASPECTOS VALORIZADOS</li> <li>4. ASPECTOS DESVALORIZADOS</li> <li>5. RELAÇÃO COM COLEGAS</li> <li>6. RELAÇÃO COM PROFESSORES</li> <li>7. IMPORTÂNCIA GERAL ATRIBUÍDA</li> </ol>
A ESCOLA E O CURSO...	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. ASPECTOS EM COMUM</li> <li>2. ASPECTOS DIFERENCIAIS</li> </ol>
OS OUTROS...	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. RELAÇÕES FAMILIARES</li> <li>2. RELAÇÕES COM OS PARES</li> <li>3. RELAÇÕES COM PROFESSORES</li> <li>4. RELAÇÕES COM FORMADORES</li> </ol>
OS INTERESSES...	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. ACTIVIDADES DE TEMPOS LIVRES</li> <li>2. RAZÕES DO INTERESSE PELAS ACTIVIDADES DE TEMPOS LIVRES</li> </ol>
O MUNDO DO TRABALHO E O FUTURO...	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. PERCEPÇÕES SOBRE O MERCADO DE TRABALHO</li> <li>2. EXPECTATIVAS FACE AO MERCADO DE TRABALHO</li> <li>3. PROJECCÃO DA AUTO-IMAGEM NO FUTURO</li> <li>4. ASPIRAÇÕES E RECEIOS</li> </ol>

## CAPÍTULO IV

**"ESTUDAR PARA AMANHÃ SER ALGUÉM"**  
**HISTÓRIAS DE JOVENS EM BUSCA DE UM SENTIDO PARA A VIDA**

## **CAPÍTULO IV – “ESTUDAR PARA AMANHÃ SER ALGUÉM”:**

### **HISTÓRIAS DE JOVENS, EM BUSCA DE UM SENTIDO PARA A VIDA**

#### **1. “OS HERÓIS JÁ MORRERAM TODOS”**

O Marco é um jovem com 16 anos, à data em que nos conhecemos no Centro de Emprego. Dirigiu-se ao Centro por sugestão da sua cunhada que lhe disse que aí se poderia inscrever para frequentar um curso. Nesse mesmo ano lectivo já havia frequentado um outro curso de Electricidade com equivalência ao 9º ano (Educação e Formação) mas organizado por uma Escola Secundária do conselho onde vive. Este último foi-lhe sugerido pela mãe. O Marco frequentou-o durante pouco mais de uma semana e abandonou-o, como já havia feito em relação à escola, da qual desistiu tendo concluído apenas o 7º ano.

*“- A minha mãe tinha pedido o papel do fundo desemprego porque eu tinha desistido da escola, porque para estar a faltar e a chumbar por faltas, não valia a pena.*

*- E as aulas? As coisas...*

*- Não correram bem porque...pronto, eu fui para o curso pela opinião da minha mãe, não foi da minha opinião, que não sabia se gostava ou não. O que eu queria primeiro era informática porque desmontar computadores e essas coisas todas, eu sei fazer, porque o meu irmão é doido por informática e...pronto, sabe fazer essas coisas todas.”*

#### **A ESCOLA, O INSUCESSO ESCOLAR E O ABANDONO ESCOLAR...**

O percurso escolar do Marco foi sempre algo atribulado não só pelo facto de ter reprovado várias vezes mas também por ter mudado várias vezes de escola. Iniciou o 1º ciclo com 6 anos e não reprovou até ao 4º ano, altura em que contou com a sua primeira reprovação. Por vezes, faltava às aulas para jogar à bola, outras vezes deixava-se dormir ou mostrava-se indisposto para que a mãe autorizasse as suas faltas. A relação com a professora é descrita como boa, embora refira que após 5 anos se tornou um “bocado chato.” Para além disso, identifica uma outra contrariedade: alguns colegas mais velhos, também costumavam faltar às aulas para jogar à bola.

*“- Como é que correram as coisas nessa altura? Na Escola Primária?*

*- Nessa altura foram os anos mais difíceis. Porque, para mim, os mais bandidos da escola...*

*(...)*

*- Mas eram bandidos porquê? O que é que eles faziam para (...)?*

*- Só gostavam é de estar a jogar à bola, não iam às aulas.*

*- Ah era?*

*- Eu não era assim, né.*

*- Cheguei ao 4º ano.*

*(...)*

*- Até ao 4º ano gostava muito de ir às aulas.*

*(...) Depois do 4º ano...chumbei uma vez, no 4º ano, porque já não me apetecia ir às aulas. Já estava farto daquilo.”*

O 5º ano decorreu sem dificuldades. O Marco concluiu-o com aproveitamento a todas as disciplinas. Contudo, no 6º ano reprovou duas vezes, o que o levou a permanecer três anos lectivos sem prosseguir para o 7º ano. Após a conclusão do 6º ano o Marco mudou de escola, uma vez que o estabelecimento que frequentava encerrou. Já na nova escola, frequentou e concluiu o 7º ano de escolaridade. Segundo o Marco, ao longo desses quatro anos foi frequentando turmas compostas por alunos desinteressados, o que contribuía para que não se sentisse motivado a ir para a escola.

*“O 6º ano não foi complicado. Eu apanhei três turmas das pessoas mais “baldosas” da escola. E os três deles de seguida. E apanhei sempre as mesmas pessoas nas mesmas turmas (...). Não dava mesmo vontade de ir para a escola. (...) Dava vontade de ir jogar à bola.”*

*“A minha turma ia todos os dias para a rua. E eu, no 5º ano, não tive assim uma turma muito boa. Porque no 5º ano eu brincava, falava alto nas aulas mas, pronto, passava porque eu sabia a altura certa para fazer isso. O primeiro período foi tudo na brincadeira, porque nunca tinha ido para o 5º ano. Sabia lá o que era aquilo.”*

O Marco refere que não gostava nem da escola nem das aulas acabando, muitas vezes, por ficar em casa a dormir. Quanto às aulas descreve uma série de episódios de conflito com os professores que considera que ocorriam por equívoco. Na sua opinião, o facto de preferir sentar-se ao fundo da sala de aulas levava a que fosse,

frequentemente, acusado de atitudes de indisciplina que refere terem sido tomadas por colegas seus. Por outro lado, considera que não tinha relações de amizade dentro da escola.

*“Chumbei 3 vezes logo seguidas porque não queria ir à escola. Não gostava. (...) Uma pessoa ou gosta da escola ou gosta das aulas. Mas eu era diferente porque eu ia à escola mas também não fazia nada dentro da escola. Não ia às aulas, preferia ficar em casa a dormir (...) Não gostava assim da escola porque por exemplo como eu não gosto de ir lá para a frente que era uma coisa que eu nunca gostei de ir. Gosto de ficar sempre cá atrás. Quando os outros faziam eu é que pagava, eu começava... não gosto muito dessas conversas (...) Eu prefiro ficar atrás sem ninguém. Depois eles fazem porcaria não é... é um modo de dizer... e a gente é que paga, que eles tão cá atrás, né? Depois eu também não tinha assim grandes amizades na escola porque eu não sou daqueles que faz amizades assim com qualquer um. Tenho que gostar dessa pessoa e já é muito bom.”*

O desinteresse do Marco pela escola é claro embora as razões desse desinteresse não lhe pareçam assim tão claras. Ainda assim, verbaliza que *“detesta a escola”*, particularmente as aulas que considera demasiado *“chatas”*. Aponta como causa os professores ou a matéria mas tem dificuldade em aprofundar as razões do seu descontentamento. Ainda assim, identifica disciplinas de que gostava mais como, por exemplo, o Inglês, a Matemática, o Português ou Educação Física.

Este desinteresse pela escola esteve sempre, mais ou menos, presente, logo desde o ensino primário pois, já nessa altura, o Marco costumava faltar às aulas. De um modo geral vão sendo sempre apontadas como causas os colegas e o seu comportamento igualmente desinteressado, os professores e a sua suposta “dificuldade” em tornar as aulas interessantes e em manter uma relação de maior proximidade e, finalmente, as próprias matérias que o Marco não parecia valorizar quanto à sua “utilidade para a vida”. Mas o que mais se evidencia a partir do discurso do Marco é a ideia de que “fora” das aulas se aprendiam e viviam muitas outras coisas que lhe iam parecendo mais interessantes: o prazer de jogar à bola; o convívio com os amigos com quem ia aprendendo outras coisas, etc.

*“ (...) Esses mais velhos faltavam às aulas também?  
- Faltavam.*

- E o Marco gostava mais de ficar com eles do que ir às aulas?
- Porque era coisas...
- De aprender coisas com eles.
- Que eu via acontecer deles. Uma pessoa a roubar. Eu vi muitos deles a roubar. (...) Seguir o exemplo deles. Agora se eu os vir não os conheço. Mas é umas coisas que eles roubavam. Queimaram os ecopontos (...) 1º ano (...) a queimaram os ecopontos e essas coisas assim. Foi coisas que eu aprendi a não fazer e a dizer a outros para não fazer, porque sei o que é que prejudicou eles a fazer isso.
- Mas gostava de ficar com eles (...)"

" (...) Estava mais à vontade com esses amigos mais velhos do que com os professores?

- Não havia muito à vontade com os professores, é isso que está a dizer?
- Sim. Sim, porque era o respeito que a gente tinha aos professores.
- Havia ali uma barreira, era?
- Pois, a gente para dizer assim: " Stôr" tinha de pôr o dedo no ar. Isso é um incómodo desgraçado que eu não gosto nada. Eu esqueço-me. Às vezes digo: "Ó stôr, posso ir à casa de banho, se faz favor?"

O tipo de relação que o Marco estabelecia com alguns professores também parecia ter alguma influência no interesse que este sentia em relação às aulas o que acabava por se reflectir nos seus resultados escolares. O Marco descreve algumas situações em que se sentia mais ou menos compreendido pelos professores e mais ou menos próximo destes.

"O Marco gostava de ter mais à vontade com os professores, era?

- Pois, eu gostava de ter isso. Mas pronto eu sei que não é possível, porque não é a minha vontade, né. É o respeito que a gente tem pelos professores. E 'tar a gente a dizer qualquer coisa que a gente tinha de dizer, levantar o braço. Isso não me dá muito jeito, por acaso, não me dá muito jeito 'tar sempre a levantar o braço.

- Gostava que os professores estivessem ali mais perto e que fosse mais fácil falar com eles das coisas?

- Sim, nesse ponto sim. Porque (...) A gente não vai dizer a ele. Não vou dizer ao meu colega do lado: "Agora apetece-me ir à casa de banho. Tu deixas-me?" Nem ele vai-me deixar, é o professor. Porque se for, por exemplo, a gente dizer assim: "Stôr, se faz favor posso ir à casa de banho?" (...) se é uma coisa, responder a uma pergunta, a gente tem de pôr o dedo no ar, e

*depois pergunta àquele, mas com o dedo no ar. Eu acho que isto é incómodo, não vale a pena tar”*

*“ (...) Agora ‘tou-me a lembrar mais. No meu 6º ano, no último 6º ano, eu tinha uma stôra de Inglês. Fez dois anos comigo. Foi quatro stôras do memo ano, de um ano passado para o outro. Era a stora de Matemática, Inglês, História...e de Física. As stôras de Física, História eram as melhores, e a de Matemática também.*

*- Melhores porquê, Marco?*

*- Porque era assim: eu de Matemática gostava de Matemática. Eu era um dos melhores alunos, porque eu esforçava-me em Matemática. Às vezes tinha as minhas brincadeiras. A professora lá brincava comigo também. O meu ‘stôr de Física também. A minha de História então nem se fala! E era uma stôra excelente de História. Porque eu não gostava, não gosto muito de História. Mas eu chegava aos testes e dizia à stôra: “Stôra, não sei muito bem disto mas eu vou-me esforçar para ter boa nota.” Eu esforçava-me e ela dava-me um bocado de nota, lá me ia dar positiva ao final do ano. A de Inglês já não posso dizer o mesmo (...) Ela não gostava mesmo nada de mim. Ela detestava-me mesmo!*

*- Porquê?*

*- Porque é assim: eu não falo muito bem inglês. E a gente ao falar inglês, queria que eu traduzisse. Eu tentei traduzir. Ela pediu-me para traduzir. Eu sabia lá e enganei-me numa palavra. Chegou-se ao pé de mim. “Vai para a rua!” E eu assim: “Vou para a rua, stôra, vou porquê? “Eu comecei-me a rir, porque eu dantes eu falava ria-me logo. Achava piada (...). Depois ela começou a mandar aqueles gafanhotos para a minha cara. “Ó stora, olhe que eu já tomei banho. Você está-me a sujar todo.” “Não faltes ao respeito!” Hei! Depois começava a mandar vir comigo, começava a levantar a voz.”*

Para além de todos estes factores o Marco também revela, através do seu discurso, a inexistência de hábitos de estudo ou de leitura os quais não eram promovidos no seio familiar. De facto, tanto os pais do Marco quanto os seus quatro irmãos mais velhos apresentam uma escolaridade baixa e não têm, eles próprios, hábitos regulares de leitura. Sobretudo, sobressai do discurso do Marco a ideia de que na escola não se aprendem coisas importantes – “as coisas da vida”.

*“Eu como nunca gostei de estudar, essas coisas. Eu nunca estudei para o teste. Nunca na minha vida.*

*(...) Por que é que nunca estudou para um teste? Por que é que não gosta de estudar?*

*Porque é assim: Eu gosto mais de aprender aquilo que acontece (...) na vida. Eu não gosto de me agarrar aos livros. O meu pai, se o pai um dia perguntarem: "O seu filho gosta de estudar?" Ele vira-se e diz: "O meu filho nunca agarrou num livro dentro de casa enquanto eu 'tive lá."*

*- Mas já experimentou agarrar num livro?*

*- Tentei, mas eu não percebo nada (...)*

*- Porque eu não sei estudar, sinceramente.*

*- Não sabe estudar.*

*- Não sei. Porque é assim: se a stôra estiver a dizer-me a mim e eu pensar aquilo que a stôra tá a dizer e eu pôr na cabeça. Agora eu 'tar a ler aquilo que está ali e decorar aquilo que tá ali. É muita confusão. Eu não percebo nada daquilo! Mas eu digo: "Pois, o livro tá aqui a dizer." Mas o que é que aquilo quer dizer? Não... A stôra, se calhar, pelas palavras dela, explica melhor do que aquilo que tá lá no livro.*

*- (...) Fazia os trabalhos de casa sozinho na biblioteca?*

*- Mesmo sozinho.*

*- E em casa não porquê?*

*- Não sei, porque eu... Não era ter falta de apoio dos meus pais, porque os meus pais sempre diziam se eu tinha trabalhos de casa. E eu dizia sempre que já os tinha feito e mostrava. (...) Estava mal ou não, o pouco que sabiam não iam dizer que estava bem. Algumas vezes tinha errado mas, pronto, já eu fazia o esforço de tentar. Mas os testes –*

*- Portanto, o que o Marco está a dizer é que os seus pais não sabiam responder às suas perguntas?*

*- Porque eram coisas novas e eles..."*

## **OS "CURSOS"...**

O Marco frequentou o 7º ano de escolaridade numa escola que não havia frequentado antes e no decurso desse ano lectivo foi-lhe proposta a frequência de uma pequena acção de formação na área de informática. Segundo refere foram alguns professores que lhe fizeram essa sugestão. Neste curso aprendeu a utilizar o computador e a realizar pequenas reparações, a "resolver problemas", como refere. Esta área já lhe despertava interesse pelo que acedeu a inscrever-se, mesmo tendo que pagar, e disponibilizando os fins-de-semana, uma vez que era nessa altura que o curso decorria. Apesar de frequentar as aulas durante a semana, e o curso ao fim de semana, concluiu o 7º ano e o curso com aproveitamento. No decorrer desse ano foi seleccionado para representar a escola num concurso de formação profissional no qual

tinha que demonstrar os conhecimentos de informática adquiridos. Refere, com orgulho, que conseguiu o 2º lugar.

*" (...) E depois fiz um curso de informática que era eu a pagar para eu ter aquele curso, que era por mês...Acabei o curso...*

*- De informática aonde? Lá na própria escola?*

*- Sim. Que era ao fim-de-semana. Era os dois dias. Por exemplo, não tinha descanso, porque eu...*

*- Era só para aprender a usar o computador, era?*

*- Sim. O computador...essas coisas. Poder desmontar um computador. Saber [resolver] um problema.*

*- Então porque é que foi para esse curso? Quem é que...?*

*- Foi uma ideia minha. Porque é assim: sempre eu coiso (?) com os computadores*

*- Como é que soube o que esse curso fazia?*

*- Porque fui mesmo...as pessoas da escola vieram entregar-me os papéis e leram... Uma pessoa da escola... Eu... por exemplo... Era uma pessoa da turma...Escolheram-me. Fizeram umas provas. Eu ganhei a primeira prova. A segunda prova ganhei. Fui representar a escola.*

*- Mas era o quê? Um concurso? Era o quê?*

*- Primeiro era um curso, para saber, aprender. Depois daí (...) por exemplo, um torneozito: já era desmontar computadores pelas escolas... E depois fui, pela escola, fui ao Seixal lá a uma escola lá ao pé do Cabeço Verde, que é, aquilo, que eu já não me lembro bem."*

A escola na qual o Marco concluiu o 7º ano dispunha de uma Unidade de Inserção na Vida Activa<sup>39</sup> (UNIVA) pelo que o Marco foi sendo apoiado em termos de orientação escolar e profissional. A animadora da UNIVA foi considerando os interesses do Marco na área de informática, contudo na altura não existia oferta formativa disponível nesta área pelo que foi proposto ao Marco a frequência de uma acção de Educação e Formação de Jovens na área de Electricidade, a qual conferia um certificado de aptidão profissional nesta área, assim como equivalência ao 9º ano de escolaridade. A referida acção teve lugar numa outra escola do concelho do Barreiro.

O Marco frequentou esta acção de formação durante pouco mais de uma semana e acabou por abandonar. Refere várias causas para o seu abandono começando por

---

<sup>39</sup> As UNIVAS são unidades de apoio à inserção de jovens na vida activa e encontram-se em funcionamento em diversos organismos, entre eles algumas escolas, tendo apoio técnico e financeiro por parte do Instituto do Emprego e Formação Profissional.

valorizar o facto de não ter sido sua intenção adquirir competências na área electricidade mas sim na área de informática.

*“ (...) Mas no fim do 7º decidiu ir para o curso?*

*- Sim, para o curso.*

*- Mas quem é que tomou essa decisão?*

*- Foi o programa lá da escola. Do UNIVA.*

*- Ah havia lá o UNIVA na escola.*

*- O UNIVA. Eu dava-me bem com a professora. E ela... Eu tinha que tentar arranjar um curso de informática, porque era aquele que me dava melhor.*

*- Porque aquele curso que fez ao fim-de-semana gostou e –?*

*- Gostou e... eu para avançar naquilo. Porque eu sabia que tinha mais futuro naquilo do que na electricidade. Eu tinha mais futuro naquilo do que na electricidade. Era uma experiência que eu já tinha.”*

*“ (...) Não correram bem porque, pronto, eu fui para o curso pela opinião da minha mãe, não fui da minha opinião que não sabia se gostava ou não. O que eu queria primeiro era informática porque desmontar computadores e essas coisas todas eu sei fazer porque o meu irmão é doido por informática e, pronto, sabe fazer essas coisas todas.*

*- Gosta disso, de montar e desmontar os computadores?*

*- É uma coisa que eu sempre gostei de fazer. Mesmo (...) mesmo quando não tenho nada para fazer (...) agarro (...)*

*- Tem lá um computador em casa?*

*- Não, só tenho um. Já tive dois. E agora, agora (...) porque o outro de tanto lhe mexer...*

*- É? Gosta muito de montar e desmontar coisas?*

*- Se é uma coisa que eu...ter telemóveis, essas coisas. Pronto, eu sei. .... Porque foi uma coisa que eu gostei de aprender. Electricista já não foi uma coisa que eu gostei. Sinceramente. Dois dias que eu fui ao curso aqui na Alfredo da Silva. (...) (?) Tinha vontade de continuar.*

Por outro lado enfatiza muito uma experiência negativa que terá tido na infância: conta que teve um acidente que envolveu um “choque eléctrico” embora não se recorde dos pormenores.

*“Então e a electricidade não?*

*- Não, eu vou explicar. Eu fiquei traumatizado com a electricidade.*

*- Porquê?*

*- Com um ano e meio apanhei um grande choque eléctrico. Tenho o dedo torto. Apanhei um choque aqui. Tenho um dedo queimado e tenho uma marca no pescoço (?). Tentei-me amarrar em electricista e não deu resultado."*

Para além dos aspectos referidos o Marco também aponta a turma, nomeadamente, os colegas e o ambiente entre si como uma causa para a sua desistência prematura do curso de electricidade e para as suas dificuldades de aprendizagem.

*"- Porque é que desistiu logo?*

*- Porque é assim: a turma em si já eu conhecia há muitos anos e eu não gosto de ambientes (?) (...) Para "tar"na aula, para "tar" a fazer um trabalho, perguntar "porquê?" "como é que isto se faz? Ou...esquecia-me... Perceber aquilo que o professor queria dizer. Não sabiam explicar. Mesmo assim, também não sabiam. A turma era muito confusa, porque, aquilo, faziam muita barulho...Era muita coisa para meter na cabeça e...nada."*

Os formadores, a sua competência para "ensinar" e qualidade da relação que o Marco estabelecia com eles, também são referidos como tendo contribuído para a sua insatisfação.

*"- E o Marco o não gostou dessa experiência com o professor?*

*- Não, não gostei. Depois eu disse a ele: "Stôr, vais ser sempre assim?". Estás mais longe deles, porque eles, se calhar, percebem mais do que tu, porque eles tiveram mais experiências. Porque os irmãos deles tiveram aqui no ano passado e falaram dessas experiências. E tu não percebes disto." "Stôr, eu também não sou obrigado a perceber de tudo." A gente tem de perceber um pouco de tudo, mas aquilo não era mesmo para mim."*

Contudo, o que parece ter tido um maior peso na decisão do Marco foi a sua frustração perante a impossibilidade de frequentar um curso na área de informática na qual se sentia mais experiente.

*"...eu sabia que tinha mais futuro naquilo do que na electricidade Era uma experiência que eu já tinha.*

*- Acha que é mais fácil se experimentar?*

*- Pois, porque se a gente experimentar uma coisa nova, a gente vai ver se gosta. E como eu pus-me nessa aventura da electricidade. Não sirvo nada para aquilo!"*

*“- O que é que não gostou?”*

*- Foi o...não saber daquilo. Não percebia mesmo nada daquilo e não gostava. Eu quando ponho na cabeça que não gosto, nem vale a pena ninguém estar-me a chatear por causa disso. Se gosto, é para levar a sério. Agora se eu não gostar, não vale a pena continuar. Porque... numa coisa que posso (?) tudo, e não vou gostar... Porque é que eu vou estar nesse curso e estar a gastar dinheiro em passe? Não vale a pena. (...) Mas era uma coisa...Eu ia para o curso, acordar, por exemplo, às 7 da manhã, lavar-me, comer, ir para a escola. E ir para a escola e “tar” nas aulas sem vontade, eu acho que isso não é para ninguém. Porque é uma coisa que eu estou a fazer sem vontade. E estar na escola, se calhar, fico, estar assim no meu cantinho muito sossegado. Levo quase uma hora a fazer aquilo que eles “tão” a mandar. Porque eu não gosto. Por isso é que eu não quero, prefiro continuar ali. Porque vi logo. Por exemplo. A minha maneira. A vontade da escola. Ir para a escola. Não dava vontade. Já os outros anos que eu tinha chumbado...não davam essa vontade. Os meus pais iam trabalhar, eu ficava em casa! Às vezes quando eles não iam trabalhar, eu saía de casa, ia para a escola, ia uma aula, ia para a rua. Era sempre assim!”*

## **A ESCOLA E O “CURSO”...**

No que diz respeito à comparação entre a experiência escolar e à experiência “alternativa” de frequência da acção de Educação e Formação de Jovens, o Marco não mostrou qualquer relutância em considerar que não haviam diferenças consideráveis sobretudo porque os formadores eram os “professores” da escola. Apesar disso, refere algumas diferenças, nomeadamente: o facto de ter algumas “disciplinas” que não tinha na escola; o facto de, na acção de formação, lhe ser fornecido material para a sua aprendizagem; a periodicidade dos momentos de avaliação e o aprofundamento das matérias escolares (na acção de formação, algumas temáticas não eram muito aprofundadas)

*“- O que é que achava dessas outras aulas? Dessas disciplinas todas? Era igual à escola ou era diferente?”*

*- Era igual.*

*- Era igual?*

*- Era igual, vamos supor que era igual.*

*- Eram professores na mesma?*

*- Eram professores na mesma.*

- *Mas eram outras matérias que nunca tinha dado, né. Por exemplo, Higiene e Segurança no Trabalho eu nunca tive isso.*
- *Mas as que eram comuns eram iguais à escola?*
- *Sim. Sim, porque isso foi, era ...*
- *Qual era a diferença que o Marco achava dessas aulas para as outras que tinha na escola? Da escola normal, vá lá?*
- *A diferença não era muito.*
- *Não. Porque era assim: porque os professores davam material. Era a única coisa que na escola normal não davam. Davam material. Eram só fichas. ... Fazíamos um teste de 2 em 2 meses. Na cheguei a fazer nenhum. E eram coisas mais avançadas, por exemplo, a gente tinha sempre 4 horas por semana de cada aula. Eu, por exemplo... em duas semanas, que a gente fazia, a gente tinha de mudar logo. Porque a gente mudava logo de matéria. Assim, de...estou-me agora a lembrar Físico-Química.... (...) A dar os planetas, essas coisas. Noutra semana, na semana em que eu fiz as provas, que eu não cheguei a fazer (...) experiências de Química. Fizemos a Física e depois fizemos a Química. Pronto. Foi um espaço de pouco tempo (...). Porque na escola normal a gente já não faz isso. Na escola a gente leva algum tempo na mesma área que é para a gente aprender e fazer um teste sobre isso.”*

### **“OS OUTROS...”**

O Marco é um jovem que se descreve como sendo popular entre os amigos, especialmente pelas suas “habilidades” no “mundo” das touradas. É conhecido por “Fanni” (que descreve como alguém que é conhecido por muita gente) ou por Toureiro. Refere-se a estas alcunhas com algum orgulho. Embora se apresente como um jovem sociável não tem relutância em manifestar a suas dúvidas quanto à confiança que os outros lhe merecem.

Na relação com os pais ou professores vê-se como alguém que é algo incompreendido e, por vezes injustiçado e deixa transparecer no seu discurso uma auto-imagem algo fragilizada por inúmeros medos, com quais vai tentando lidar nas diversas experiências que vai vivendo. São evidentes os medos relacionados com a saúde, com a morte e com o futuro em geral.

*“ (...) Morrer é uma coisa que vai acompanhar a gente a vida toda. Porque a gente tem de morrer um dia, porque a gente não somos nenhuns heróis. Os heróis já morreram todos. E aqueles que não morreram ficaram paraplégicos, tipo o Super-Homem.”*

O Marco é o filho mais novo de uma fratria de 5 irmãos (todos do sexo masculino). Os seus irmãos têm 35, 30, 29 e 26 anos, respectivamente e todos saíram de casa dos pais, vivendo autonomamente. Apenas o Marco vive com os pais.

O pai do Marco tem 60 anos e está reformado embora continue a fazer alguns trabalhos na sua profissão: é Pintor de Construção Civil. Estudou até ao 4º ano e não prosseguiu porque não tinha condições sócio-económicas para tal. Pelo que o Marco refere, o seu pai faz, com frequência, menção às dificuldades que sentiu no passado.

*“ (...) Ele às vezes conta-me que agora a gente... para comer. Dantes não tínhamos para comer e agora a gente tem comer e a gente não come. Pronto.*

*- O seu pai viveu uma vida mais difícil quando era da sua idade, era isso?*

*- Sim, porque é assim: as condições de antigamente não era nada do que é agora. Mesmo assim às vezes elas são piores. Mesmo assim, a escola e essas coisas, ele diz-me: “Agora vocês não querem escola. Dantes a gente não tinha tempo, não tinha material e nada e agora vocês têm e não vão.” Pronto. (...)”*

Em alguns momentos, o pai do Marco foi passando por períodos de desemprego, o que se traduzia em dificuldades económicas que afectavam toda a família. Pelo que é descrito pelo Marco, a família atribuía a responsabilidade por essa situação ao próprio pai do Marco, nomeadamente pela sua dificuldade em desempenhar outras actividades para além das que correspondem aos seus interesses. Curiosamente o Marco identifica-se com o pai neste aspecto.

*“ (...) O meu pai ficou 2 anos e meio sem trabalhar. Mas por vontade dele. E o dinheiro da minha mãe não dava para (...)*

*- Por vontade dele, então, por que é que ele?*

*- Porque ele dizia que não havia trabalho. (...) Porque chovia. Uma pessoa quando é pintor para trabalhar por fora não vai dar dinheiro. Pintar e chover não vale a pena. Havia muito pouco trabalho nessa altura. Mas ele também não se esforçava. Não fazia outra coisa. Ele mete na cabeça – é tipo como eu, eu saí mesmo quase a ele que só quer fazer aquela*

*profissão. É aquilo que ele faz. Eu já não sou assim. Porque por exemplo, se eu um dia mais tarde precisar de trabalhar qualquer coisa, eu tenho que fazer, porque o dinheiro desde que venha para o bolso é o suficiente. Eu também quero aprender várias coisas, por isso é que eu estou a dizer: vou gostar de fazer sempre um pouco de tudo, porque na vida para o futuro se calhar vou precisar dessas coisas.”*

O Marco descreve a sua relação com o pai como sendo marcada pelo conflito e por dificuldades de comunicação. Relata situações frequentes de agressão física e refere, claramente, que tem dificuldade em falar com o pai preferindo falar com a mãe. Ainda assim, no seu discurso revela um estado de aceitação e até de admiração em relação ao pai, o qual parece ser tido como um importante modelo de conduta.

*“ (...) Eu não consigo desabafar tanto com o meu pai. Ele mesmo sendo homem, ele se calhar não compreende as minhas razões. Mas a minha mãe é diferente, porque a minha mãe, pronto, eu falei com ela... Mas também falando com o meu pai também ajuda, porque a gente somos homens e a gente dois tem mais coisas do que as mulheres, não é? Porque se a gente vai falando....*

*- Mais coisas em comum?*

*- Sim porque a gente vai falando de outras coisas, né, pronto, e vai-se compreendendo as gentes dois. Às vezes mesmo assim quando eu não sei falar Eu nunca fui pessoa para ‘tar a falar com o meu pai...Porque eu gosto sempre mais de falar com a minha mãe. Porque a minha mãe compreende as coisas depressa, mais rápido... por isso, é uma maneira mais fácil de falar.*

*- Ele não compreende assim tão rápido, é?*

*- Pois... porque é assim: a vida que ele teve no passado é muito diferente do que é agora (...)*

*“ (...) Por acaso levei porrada até dizer chega. Mas foi vontade minha. Porque eu, eu ao levar porrada, eu ria-me! É que eu ria-me ao levar porrada! Essas partes que eu me lembro, de eu me rir, a levar porrada do meu pai, que o meu pai era mesmo...era violento mesmo à porrada (...) na cabeça.*

*- Era?*

*- Porque ele nunca me deu (...) Era sempre (...) Foi coisas que eu ia aprendendo, aprendendo. Ele era o próprio a dizer: “Tu tens de te virar a mim, para fazeres um homem.” Hoje em dia se ele falar para mim de uma maneira, eu tenho que falar mais alto do que ele. Era aquilo que ele me ensinou. Eu tenho que respeitar aquilo que ele me ensinou. Porque mais respeito que eu tenha, ele diz-me: “Um dia se eu te der porrada, tu não te importes de me dar com uma cadeira.” Porque eu tenho que me defender. Se uma pessoa da idade dele vier para o pé de mim. (...) Ele chega-se ao pé de mim. (...) Ao levar porrada. Parece mal. A minha maneira de*

*pensar é assim: uma pessoa mais velha, ele sem fazer nada, e pensa que fui eu. Se ele chegar para me agredir logo, eu também tenho de me virar. Porque eu também se me viro ao meu pai, também sou capaz de me virar a ele. Foram umas coisas que o meu pai me ensinou. Porque é assim: eu não gosto de andar em confusões, porque é a coisa que eu detesto mais. Eu evito-as. É uma coisa que eu tenho de saber evitar. Mas se elas aparecerem... Mas se eu souber que eu não fiz nada, tenho que ... (...) eu tenho de me virar a elas (...)"*

A mãe do Marco tem 56 anos e depreende-se que também tem baixa escolaridade. É Cantoneira de Limpeza na Câmara Municipal. Pelo que o Marco refere, a mãe recebe um salário de baixo valor que pouco mais permite para além de garantir a compra de bens alimentares. Começou por trabalhar como empregada de limpeza em casas particulares e só depois conseguiu colocação na área em que trabalha actualmente. A relação do Marco com a mãe não é descrita como sendo caracterizada por grandes conflitos, ainda assim, está subjacente, alguma conivência com as atitudes de agressão do pai as quais são vistas como importantes para a formação do jovem e, inclusivamente, são incentivadas atitudes idênticas. O pai utiliza até a expressão: *"Tu tens de te virar a mim, para te fazeres um homem."*

*" (...) Eu não consigo desabafar tanto com o meu pai. Ele mesmo sendo homem, ele se calhar não compreende as minhas razões. Mas a minha mãe é diferente, porque a minha mãe, pronto, eu falei com ela..."*

*" (...) Eu gosto sempre mais de falar com a minha mãe, porque a minha mãe compreende as coisas depressa, mais rápido... por isso, é uma maneira mais fácil de falar."*

*" (...) A minha mãe está a trabalhar não ganha muito. Trabalha na Câmara..."*

- O que é que ela faz?

(...)

- É cantoneira de limpeza.

- Ela não ganha muito nem ganha pouco! Ganha se calhar o suficiente para pôr a comida na mesa."

*" (...) Como o meu pai e a minha mãe dizem. "Quando fizesses porcarias levavas sempre, ah isso não tinhas hipótese. A gente meter-te em castigo, não vale a pena. A gente tem de dar o exemplo." O meu pai e a minha mãe já não me batem há sei lá... há uns 10 anos para aí. Por acaso levei porrada até dizer chega (...)"*

A relação entre os pais do Marco é descrita como tendo sido algo conflituosa no passado, o que seria motivado, sobretudo pelas dificuldades económicas. Esta

conflituosidade do casal perturbava o Marco, particularmente, ao nível do seu desempenho escolar.

*" (...) Eu dantes tinha problemas.*

*- Problemas?*

*- Porque na vida social, porque em casa, os meu pais tiveram uma altura que não 'tavam muito bem e eu não queria levar essas chatices para a escola. Mas tinha de levá-las porque eu tinha isso na cabeça. Se uma pessoa me chateasse, eu tinha que deitar isso tudo fora. E eu chateava-me."*

*" (...) Eles discutiam muito, era?*

*Sim, porque era assim: o meu pai ficou 2 anos e meio sem trabalhar. Mas por vontade dele. E o dinheiro da minha mãe não dava para (...)"*

Os irmãos mais velhos do Marco têm, também, baixa escolaridade. Todos abandonaram a escola prematuramente tendo começado a trabalhar bastante jovens. Contudo, de acordo com o que é descrito pelo Marco, sempre demonstraram a crença numa relação directa entre o nível de escolaridade e a qualidade e satisfação do emprego que se poderia obter e, por essa razão, foram sempre incentivando o Marco a continuar a estudar. O Marco caracteriza a relação com os seus irmãos como sendo satisfatória, particularmente, com o irmão de 26 anos uma vez que este foi o último a sair da casa dos pais. Dada a diferença de idades entre o jovem e os irmãos, estes acabam por assumir, também o papel de educadores o que é aceite pelo Marco sem grande dificuldade.

*" (...) Eu saía muito com os meus irmãos.*

*- Apesar de terem uma grande diferença.*

*- Sim, uma grande diferença, mas sempre muito juntos. Ele ficou na minha casa até aos vinte e quatro anos."*

*"Não convivi mais com os outros porque os outros nunca cheguei a ficar com eles em casa, né, algum certo tempo. Conheço eles porque vejo também eles todos os dias. Uma coisa é que eles também não moram muito longe de mim. Por isso, as amizades de mim e dos meus irmãos são sempre boas, né. Se eu faço alguma coisa que eles não gostam, levo nas orelhas, tem de ser que é para eu aprender para a próxima não fazer."*

*“O mais velho.*

*- Tem?*

*- Trinta e poucos anos. Não sei bem ao certo.*

*- Ele estudou mais?*

*- Não estudou mais. Ele estudou menos que os outros todos.*

*- Até que ano é que ele estudou?*

*- Até ao 6º ano.*

*- É? E os outros dois?*

*- Os outros dois não, os outros três. Deixe cá ver.*

*(...)*

*- Sim. O outro a seguir a mim fez o 9º ano. Chegou a fazer. Passou para o 10º mas depois não quis seguir. Os outros três sinceramente não sei. Porque um é bombeiro. É chefe dos bombeiros do Sul e Sueste de Setúbal. Dos Sapadores de Setúbal. O outro meu irmão faz balões de ar quente, também no turno (?) da noite.”*

*“- E o mais velho o que é que faz?*

*- O mais velho trabalha nas obras. (Risos)*

*- O que é que ele faz nas obras?*

*- Sinceramente, eu nunca lhe perguntei o que ele faz, né.*

*- Nunca falou muito com ele sobre isso do trabalho das obras?*

*- Obras não é uma coisa que eu queria agradar muito, né, mas eu sei que um dia também lá ir, porque eu também tenho de experimentar um pouco de tudo!”*

*“Os meus irmãos eram assim (...) E eu, pronto, eles ‘tavam-me sempre avisar, sempre a dar na cabeça:“ E não faltes às aulas que isso não dá futuro a ninguém. Depois tens de arranjar trabalho. Estás a ver os teus irmãos nas obras, na sei quê.”*

No que diz respeito à relação com os seus pares ela é descrita de forma algo ambivalente, por parte do Marco. Este descreve-se como alguém popular mas que, apesar disso, estabelece relações não muito próximas por sentir algumas reservas quanto à confiança que os outros jovens lhe suscitam. Tem amigos em diversos contextos, nomeadamente, no futebol, na escola, na zona onde vive e no contexto das touradas e largadas de touros.

Parece haver da parte do Marco alguma curiosidade, e ao mesmo tempo medo, em procurar estar com jovens que tenham, de algum modo, comportamentos que ele

considera algo arriscados ou negativos (os consumos de tabaco e eventualmente de algumas drogas, actos de vandalismo, etc). Por um lado, parece ter interiorizado alguns padrões morais que o levam a considerar que esses jovens são uma má influência enquanto modelos de conduta. Por outro lado a relação com os mesmos surge-lhe como uma oportunidade de realizar importantes aprendizagens que não lhe parecem possíveis em outros contextos (com os professores ou os pais).

*" (...) Se for à Moita ainda sou mais conhecido do aqui no Barreiro, né. Tenho lá amigos, que aquilo é que posso dizer que são amigos, aqui digo que é conhecidos. Porque amigos é a minha barriga e, mesmo assim, às vezes dói-me.*

*- Ah é? É assim um bocadinho desconfiado em relação a essa história dos amigos, é?*

*- Pois, porque é assim: às vezes eles podem 'tar comigo e podem 'tar bem, mas depois nas minhas costas eu não sei o que é que eles estão a fazer nem eles sabem de mim. Portanto, de mim eu sei o que é que ando a fazer. Agora deles eu não sei se posso dizer sim porque eles fumarem, fumarem. Eles podem fumar no seu canto que eu deixo-me tar no meu canto, né. Se gostarem de fumar, eu desvio-me um bocado, digo a eles: "Olhem, não mandem o fumo para cima de mim, que isso é para vocês." É diferente mas, certo, sem isso é tudo bem."*

*- "E que é aprendeu com esses amigos?*

*- O que é que eu aprendi?*

*(...)*

*- Coisas que não se devem mesmo fazer. Pronto.*

*- Na altura gostava de estar com eles, não é? Apesar de eles fazerem essas coisas todas.*

*- Conheci moças com eles. Que era uma coisa que a gente conhecia muito.*

*- Ainda aprendeu isso com eles?*

*- Pois. Falar com as moças, essas coisas assim.*

*- Eles eram mais velhos, já sabiam (...)*

*- O que é que eles faziam?*

*- Era aquelas coisas na brincadeira, né. Depois, o convívio com os amigos era melhor, porque a gente ao falar com eles, não falava como um professor se fala. Porque a gente não vai dizer: "Está-se bem." Não vou dizer isso a um stôr!*

*- Estava mais à vontade com esses amigos mais velhos do que com os professores?*

*- Não havia muito à vontade com os professores, é isso que está a dizer?*

*- Sim. Sim, porque era o respeito que a gente tinha aos professores."*

No discurso do Marco a respeito da sua relação com os amigos sobressai muitas vezes, tal como no contexto familiar, a questão da gestão da agressividade na relação

com os outros. Parece haver uma constante necessidade de controlar os seus impulsos agressivos, tarefa na qual nem sempre é bem sucedido.

Refere que com as relações que estabeleceu no contexto do futebol aprendeu a importância do respeito pelos outros mas faz frequentemente alusão a sentimentos de medo e desconfiança em relação aos mesmos, o que o conduz a sentir necessidade de se defender através de atitudes agressivas que descreve como incontroláveis.

*" (...) Mas eu ainda sou bem-educado, só quando as pessoas são mal-educadas para mim é que eu também sou assim mal-educado*

*- O que é isso de ser bem-educado, o que é que...?*

*- Bem educado... ter modos com as pessoas a falar né. Não faltar ao respeito por exemplo para tar a falar e mandar aquelas coisas para o ar que uma pessoa não deve dizer né porque às vezes a gente também diz qualquer pessoa diz né. Sei lá mais, agora sim não tou a ver mais né*

*- Quer dizer que o futebol o ajudou nisso.*

*- Ajudou porque...a entender as coisas de...com as amigas. Dar-me bem com os amigos que eu gosto. Com aqueles que eu não gosto respeitá-los na mesma mas de modo diferente..."*

*- "Aprender a defender-se tem sido a coisa mais importante que o Marco tem aprendido?*

*- Sim. Há maneiras de se defender da confusão, a falar, na agressão, (...) porrada.*

*- E qual é que prefere?*

*- Eu prefiro falar. Não sei...eu mesmo em mim, eu não confio muito em mim. Eu tenho medo daquilo que eu possa fazer. Porque eu... eu tenho um ataque "epiléptico". Eu não me lembro. Eu esqueço-me. E depois quando vejo a pessoa, não acredito que fiz aquilo à pessoa. Eu já tive um ataque epiléptico uma vez. Ao pé do meu irmão. Quiseram roubar o meu irmão. Cortaram-lhe a barriga. E eu vendo aquilo, eu "stressei-me" um bocado, aquilo subiu-me tudo à cabeça. Parti as pernas a ele, ao outro moço que deu a facada. Isto foi a tentar roubar, por acaso eu vi. Eu tenho medo disso –*

*- De se descontrolar?*

*- Porque eu não sei o que é que posso fazer. Ainda hoje pergunto como é que eu parti as pernas àquele homem. Não era um moço era um homem. Mas também já não era novo."*

## **OS INTERESSES...**

O Marco tem duas actividades a que se tem dedicado com grande interesse: o futebol e as largadas de touros. Fala de ambas com entusiasmo e não tem qualquer hesitação

quanto a afirmar a importância das mesmas para a sua satisfação e para a sua aprendizagem.

O futebol é um desporto que o Marco já pratica há vários anos, desde a sua infância. Começou a praticar por sugestão do pai que também havia praticado este desporto no passado. De certo modo parece haver um certo orgulho no seguimento de um interesse que é comum ao pai.

*"- O que é que aprendeu lá?*

*- A maneira de falar com as pessoas.*

*(...)*

*- Quer dizer que o futebol o ajudou nisso.*

*- Ajudou porque...a entender as coisas de...com os amigos. Dar-me bem com os amigos que eu gosto. Com aqueles que eu não gosto respeitá-los na mesma mas de modo diferente..."*

*" (...) eu comecei pelos Infantis que é uma coisa assim muito pequenina..."*

*- Com 4 anos.*

*- Pois, com 4 anos.*

*- Quem é que decidiu isso, que ia para o futebol? Foi o Marco?*

*- Foi o meu pai. Foi o meu pai porque o meu pai jogou também lá muitos anos. Foi lá...aquilo...foi...calhou ainda em segundo lugar naquilo porque ele...pronto... jogou lá também uma mão cheia de anos. Os conhecimentos dele....*

*- Então também era jogador de futebol...*

*- Sim, jogou no Flamengo(?) também...ele tinha lá os conhecimentos dele e falou por mim. Estou lá até agora. Deus queira que ainda fique lá muito tempo porque é aquilo que eu quero. Sair do futebol não é uma coisa que eu goste."*

O interesse do Marco pelas touradas e pelas largadas de Touros também se prende, em certa medida com a tradição e influência familiar. Pelo que conta teve um familiar que foi um toureiro reconhecido e toda a sua família se interessa pelas touradas. Portanto, a identidade do Marco parece fundar-se muito em torno deste universo das touradas. Mas, para além deste aspecto, o Marco também refere esta actividade de ocupação de tempos livres como tendo uma função educativa essencial: a de lhe permitir lidar com os seus medos, particularmente com o medo da morte.

*"(...) ninguém me conhece pelo Marco. Toda a gente conhece-me pelo Toureiro.*

*- Ah é?*

*- Porque eu fui...eu sou primo de um grande toureiro. Eu gosto de ir às largadas da Moita. Porque se for à Moita ainda sou mais conhecido do aqui no Barreiro, né. Tenho lá amigos, que aquilo é que posso dizer que são amigos, aqui digo que é conhecidos. Porque amigos é a minha barriga e, mesmo assim, às vezes dói-me."*

*" (...) os bois foi uma coisa sempre que eu gostei. O meu primo é toureiro também, por isso, tem tudo a ver. (...) essas coisas assim (...)*

*- Por que é que gosta tanto dos bois?*

*- É assim: a minha mãe...eu cheguei a viver um ano ou dois ainda no Alentejo. Aquilo era muitos animais. Eu gosto, adoro animais. A minha mãe tinha uma casa, tinha eu sete anos, e gostava de um dos bois. Foi uma coisa que sempre me agradou. O ar deles, aquelas cabeças, mesmo o ar deles, coisas... pronto...esquisitas, né?*

*Já morreram duas pessoas à minha frente, não é? Já não é o medo, é o receio mesmo de morrer. Porque eu tenho mesmo de receio de morrer ao pé de um boi."*

*"Os meus irmãos também gostam disto. Só dois deles, porque dois deles não gostam. Porque o meu irmão a seguir a mim, teve o desgosto de levar uma cornada de uma perna à outra. (...) Mesmo ele diz para eu não ir lá. Mas, pronto, eu vou porque eu gosto."*

*"- Então quer dizer que o Marco tem aprendido também a.. ?*

*- Coisas da vida.*

*- A lidar com o medo?*

*- Coisas da vida.*

*- Coisas da vida"*

*"Eu tenho de pensar sempre no medo. O medo é uma coisa que atrai sempre a gente. O medo é uma coisa que ao longo da vida vai sempre acompanhando a gente. Porque é assim: eu já corri vários riscos. Também tenho de correr os meus riscos para aprender as coisas. Gosto mesmo..."*

## O “MUNDO DO TRABALHO” E O FUTURO...

De um modo geral, o Marco é um jovem que vive muito centrado no imediato, contudo em alguns momentos do seu discurso vai deixando transparecer algumas preocupações com o seu futuro, sobretudo pelo reconhecimento de que dada a idade avançada dos seus pais e aos seus poucos recursos económicos, terá de vir a autonomizar-se, à semelhança dos seus irmãos.

*“- Os irmãos já saíram todos só o Marco é que resta lá em casa*

*- Qualquer dia lá terei que ir embora também.”*

*“- Eu agora tenho que pensar mais no futuro...e é mesmo...”*

*- Antes não pensava muito no futuro?*

*- Não. Porque era a escola e essas coisas mas depois comecei a olhar mais para a vida. Que eu chumbei 3 vezes no 6º ano e já não era muito para mim.”*

Inicialmente, considerou uma carreira no futebol mas acabou por considerar que essa não seria uma boa opção por considerar que se trata de uma actividade onde está demasiado exposto a “agressões” físicas. Mostra-se muito interessado pela área da reparação de computadores mas, sobretudo, pretende poder ter um trabalho que lhe proporcione autonomia financeira.

*“-Era uma coisa que eu gostava para o futuro, mas eu sei que não tenho futuro naquilo.*

*- Porquê?*

*- Eu não jogo bem nem jogo mal. Mas também já vi que aquilo não é futuro para mim porque...eh pá, as minhas pernas já estão muito doridas....o meu irmão teve lá a ver... no joelho...e isto levar cacetadas todos os dias, já é um bocado mau, né. Depois é umas lesões de vez em quando que aparecem, já é habitual.”*

*“Ela não ganha muito nem ganha pouco! Ganha se calhar o suficiente para pôr a comida na mesa. O trabalho do meu pai, como é pintor, ele ganha sempre algum mais. Eu para não estar parado, porque eu já estou a ver eles chegar a velhotes. A idade também começa a pesar para mim, eu também tenho de (...) Queriam o meu dinheiro, não estar sempre a pedir a eles: “-Ah, agora dá-me aqui 2 euros. –Ah, não tenho!” Não, já não fico com o dinheiro.”*

No discurso do Marco é visível a valorização do dinheiro como um meio para a satisfação de necessidades imediatas e aquisição de alguns bens, como por exemplo, roupa. Por outro lado, fantasia que o dinheiro permite “comprar” a liberdade de não ter que trabalhar e dá o exemplo do Bill Gates que considera uma referência, a esse respeito.

*“- Queria o dinheiro para quê?*

*- Por exemplo, para comprar alguma coisa para mim, para o que eu quisesse. Não andar sempre a pedir. Também, ‘tar sempre a pedir... qualquer dia sou algum chulo que anda aí e eu não quero isso.*

*- Queria ter dinheiro para quê?*

*- Roupa.*

*- Roupa?*

*- Sim. Basicamente roupa.”*

*“- Bill Gates é um dos homens mais ricos do mundo. (...) A gente tem de saber porquê, né. E eu é assim, (...) queria ser como ele.*

*- Queria ser rico como ele, é?*

*- Hu! Na fazer –*

*- O que é o Marco queria ser?*

*- Na fazer nada. Faz um programa que dura 2 anos, 2 anos e não chega a fazer nada. Ganha montes de dinheiro. Isso também eu queria, né!*

*- O Marco queria assim ganhar muito sem ter muito trabalho, era?*

*- Se fosse como o Bill Gates era assim! Eu não posso ser assim! Isso era uma coisa que eu gostava muito, não é.”*

O Marco nunca trabalhou até ao momento em que decorreu a entrevista. Nessa altura encontrava-se a trabalhar numa lavandaria, sem contrato de trabalho e por período temporário. Obteve essa colocação através de um contacto que estabeleceu num café próximo do local onde vive. Refere, claramente que não gostaria de ter esse trabalho durante toda a sua vida mas considera que é importante não estar na dependência económica dos pais. Tem, contudo, a expectativa de que a frequência do curso de reparação de computador seja a solução para o seu acesso a um “emprego” mais satisfatório.

*“- E o Marco gostava de ter esse emprego sempre?*

*- Não. Porque aquilo não é para muita gente, sinceramente. Eu tou lá –*

*- Gostava para a sua vida?*

*- Não. Para a minha vida, não. Não me 'tou a ver. Aquilo ali não é para eu morrer, de certeza absoluta. Porque é um trabalho cansativo. Uma coisa que a gente tem que ter uma higiene: tem que usar muito luvas, máscaras, essas coisas. Isso não é para mim. É um sufoco. A roupa das outras pessoas... É uma coisa que a gente não pode falar assim, só mesmo vendo. Por exemplo, eu agarro, vamos supor... numa semana agarrei 2000 e tal sacos, 2000 e tal sacos de roupa de 70 quilos.*

*- Não se vê a fazer isso a vida toda nem pouco mais ou menos?*

*- É assim: se eu arranjar este trabalhinho até arranjar uma coisa aqui no Fundo de Desemprego, ainda vou lá. Ainda aguento.”*

*“- O que é que isso tem de importante para o Marco fazer esse curso?*

*- É assim. Sempre que ouvi dizer que uma pessoa quando gosta de uma coisa, a gente não se cansa de correr atrás dela.*

*- Está a falar de abrir os computadores?*

*- Sim, essas coisas foi uma coisa que eu experimentei e gostei. Ainda hoje se me mandarem fazer, eu faço. (...) É uma coisa para o futuro”*

## 2. "QUERIA SER POPULAR"

A Sónia é uma jovem de 17 anos que foi encaminhada pelo Centro de Emprego para uma acção de formação de dupla certificação, ou seja, com o objectivo de lhe proporcionar a aquisição de competências profissionais e, em simultâneo, o certificado do 9º ano de escolaridade. No momento em que foi entrevistada encontrava-se a frequentar, há alguns meses, uma acção de Educação e Formação de Jovens, na área de práticas comerciais, num centro de formação profissional de gestão directa, do Instituto do Emprego e Formação Profissional. A procura do centro de emprego não se deu por iniciativa da jovem mas sim por iniciativa do seu pai.

### A ESCOLA, O INSUCESSO ESCOLAR, O ABANDONO ESCOLAR...

A Sónia ingressou no primeiro ano do primeiro ciclo com 6 anos e nunca reprovou até ao 6º ano de escolaridade. Até então nunca havia estado em contextos onde tivesse oportunidade de se relacionar com outras crianças pois esteve sempre ao cuidado da sua mãe, juntamente com a sua irmã mais nova. Pelo que conta, raramente saía de casa.

*"- Quer dizer, a Sónia nunca reprovou até ao sexto?*

*- Não, nunca. A minha mãe é que me orientava (...)*

*- A Sónia andou no pré-escolar antes de ir para...*

*- Estive sempre em casa.*

*- Esteve sempre em casa. E lembra-se antes de ir para a primária como é que era. Teve muito tempo em casa? Como é que era a sua vida?*

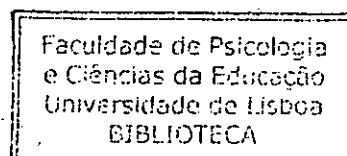
*- Era sempre em casa com a minha irmã e a minha mãe.*

*- Sempre sozinhas?*

*- Sim.*

*- Não saíam? Não se davam com outras crianças?*

*- Não, de vez em quando a minha mãe dizia, vamos ao jardim, ao jardim dos pombos, não sei se você conhece. Mas não brincava com as outras crianças, sempre... como é que se diz: anti-social."*



O início do seu percurso escolar foi, desde logo, vivido como uma experiência negativamente marcante pois a Sónia começou por se sentir desenquadrada e rejeitada pelas outras crianças.

*“Ainda se lembra do seu primeiro dia de aulas?”*

*Só me lembro. Ainda hoje tive na brincadeira com as minhas colegas por causa disso. Lembro-me de uma parte em que, todas já se conheciam e eu tava numa parte onde não conhecia ninguém. A minha irmã ainda não tinha entrado. Era no ano seguinte. Eu tava sozinha, tava num intervalo, a funcionária, a continua, elas foras todas brincar ao lenço da botica. Era um jogo, faziam uma rodinha, não sei quê. Eu fui a única. Fiquei ali, sozinha a olhar para elas. Tipo. Ninguém me chamava então a continua disse: então miúda não brincas? Ninguém me deixa brincar.”*

O 6º ano de escolaridade também decorreu sem dificuldades, pelo que a Sónia transitou para o 7º ano. Neste último, reprovou duas vezes o que a levou a ficar “retida” durante três anos no mesmo ano. Em todos os anos reprovou por excesso de faltas. Refere que faltava para ficar com as suas amigas. Nessa altura o grupo de amigas assumiu um papel muito importante na vida da Sónia pois esta considerava que até aí havia tido algumas dificuldades de relacionamento e de aceitação junto dos seus pares e como tal considerava que finalmente era aceite, o que tinha, obviamente, um grande impacto em termos da sua auto-estima. A Sónia faltava às aulas, contudo continuava a ir para a escola. Era no próprio recinto da escola que se reunia com as suas amigas para “experimentar” fumar, namorar, falar, passear, etc. Por vezes, também aproveitava as ausências dos seus pais para fazer pequenas “festas” em sua casa, onde começou a experimentar o consumo de drogas “leves”.

*“ (...) Quando eu tive no sexto ano e passei para o sétimo e nesse mesmo ano eu chumbei porque comecei a faltar muito, comecei a faltar muito. Até aí eu nunca tive amigos, costumava andar sempre sozinha, era discriminada pelos meus colegas e então como queria começar a... os meus pais nunca me deixavam sair, eu queria começar a evoluir. Entre aspas, não é. Queria pertencer ao grupo delas, tinha que fazer as mesmas coisas que elas. Faltar às aulas, teria que fazer tempo para ir passear, fumar, namorar, essas coisas. Foi quando eu chumbei. A partir daí...”*

No decorrer do primeiro ano em que a Sónia frequentou o 7º ano os seus pais separaram-se e a jovem foi viver para o Seixal com a sua mãe (até então vivia no Barreiro) uma vez que esta tinha alguns familiares a viver nesta região. Contudo, na nova escola o seu desinteresse pelas aulas mantinha-se. Voltou a integrar-se num grupo de amigas que faltavam regularmente às aulas pelo que continuava a faltar. Considerava que, desta forma, aprendia as “coisas da vida”.

No terceiro ano consecutivo a frequentar o 7º ano começou a perceber que as turmas nas quais estava integrada eram compostas por alunos cada vez mais novos e, portanto, com uma diferença de idades em relação a si cada vez maior, o que conduziu a que se sentisse, novamente, “desenquadrada”. Por outro lado, esse sentimento de “não pertença” também foi surgindo em relação ao seu grupo habitual de amigas. À medida que iam surgindo situações problemáticas, tais como o surgimento de conflitos com os seus pais e os professores; as dificuldades que algumas das suas amigas iam sentindo, decorrentes dos seus consumos de drogas, do surgimento de gravidezes indesejáveis, etc.

*“No sétimo?*

*No sétimo. A partir daí foram mais três anos, assim sempre a mesma coisa, no sétimo ano, sempre faltava, só queria ir passear, chegava à escola não queria ir para as aulas. Ficava sempre dentro da escola. Fui ficando mais velha, os miúdos quando entravam no sétimo ano eram todos mais novos que eu, eram poucos os repetentes. Fiquei sozinha na mesma porque no final aquelas companhias todas que eu andava iam todas para outros sítios que eu acabava por nem ir, achei que já estava a exagerar um pouco.*

*A que é que a Sónia se refere? O que é que faziam juntas quando faltam às aulas?*

*Faltava-mos, íamos atrás umas das outras, fazíamos festinhas, os meus pais não estavam em casa, ia-mos para minha casa. Começava a ver elas a fumar um tipo de coisas sem ser tabaco.”*

*“Para onde é que ia quando faltava?*

*Ficava na rua, às vezes ficava mesmo lá na escola. Ficava com as minhas colegas a falar da vida.*

*O que é que falavam?*

*Dos namorados, das saídas, daqueles mesmos problemas que eram problemas que eu tinha que resolver mas que continuavam sempre ali a bater na mesma tecla. É pá, mas eu tenho que deixar de fazer isto mas eu continuava a fazer aquilo.”*

*“Ganzas. Sim, foi isso, festinhas, namoricos, depois algumas foram aparecendo grávidas. Éramos várias então haviam às vezes confusão entre nós. Eu comecei a ver aquilo. Os meus pais começaram a ficar desorientados, não sabiam o que fazer comigo. Eu até cheguei a dormir fora de casa umas vezes.*

Nesta altura começou a relacionar-se com um novo grupo de jovens pertencentes ao culto religioso das “Testemunhas de Jeová” uma vez que a sua própria mãe era praticante desta religião. Todas estas situações foram levando a que a Sónia colocasse em causa as suas opções e valorizasse novamente a sua progressão escolar. Concluiu o 7º ano e matriculou-se no 8º ano, contudo começou a desinteressar-se novamente da escola e do seu novo grupo de amigos e voltou a reprovar por faltas. Acabou, então, por abandonar a escola e foi viver com o seu pai, no Barreiro, uma vez que se foram agravando os conflitos com a sua mãe.

*“ (...) Ouve uma determinada altura que eu passei a estudar a bíblia para ser testemunha de Jeová.”*

*“A terceira vez que eu fiz o sétimo ano. Comecei a estudar a Bíblia e comecei a ter mais conhecimento. Comecei a levar mais a sério as leis de Deus e essas coisas e comecei a mudar um pouco. Melhorei algumas coisas e comecei a aplicar-me mais e foi mesmo esse ano que eu consegui passar.”*

*“No salão do reino das testemunhas de Jeová juntávamos a muitos jovens. Uns já passaram as mesmas experiências que eu. Outros não passaram mas sabem mais ou menos o que se passa.”*

*“Não havia tabaco, não havia palavrões, os palavrões que havia lá fora. Falávamos sobre a Bíblia. Falávamos uns com os outros, éramos todos muito alegres. Não havia aquela coisa de olharmos uns para os outros e criticarmo-nos.”*

*“Sentia-me aceite. Sentia-me à vontade, eu sentia que eles gostavam de mim mesmo e eu gostava deles. Eu sentia que ali podia dizer. Não, ela é minha amiga. E ele também é meu amigo.”*

*“Comecei a melhorar, entretanto passei para o oitavo mas depois chumbei outra vez.”*

*“Comecei a ficar um pouco farta de estar sempre a estudar a Bíblia. E apesar de eu ter amigos lá dentro quando ia para escola estava praticamente sozinha.”*

*“Toda a gente e os meus colegas começaram a afastar-se porque diziam que eu era testemunha de Jeová.”*

*“Quando eu comecei a estudar a Bíblia. E comecei a gostar de aprender, estudar, mas depois tinha que mais que estudar, tínhamos reuniões duas vezes por semana e tinha que estudar. Entretanto as minhas colegas da escola convidavam-me para sair. E depois já não sabia se queria realmente sair com elas ou se queria realmente queria ir à reunião e ter aulas, não é?”*

*“O oitavo ano o primeiro período faltei por faltas.”*

A partir do discurso da Sónia percebe-se que a principal causa do seu insucesso e abandono escolar foi o facto de ter sentido necessidade de ser aceite pelos seus pares e de se ter identificado com jovens que partilhavam o seu desinteresse pela escola e que valorizavam as aprendizagens que faziam “fora das aulas”, no contexto do grupo. Isto acontecia a par de uma necessidade emergente em contestar a autoridade materna. No entanto, também é referido que as aulas não eram “divertidas”, que os professores eram “chatos” e que a escola não tinha “interesse para o futuro”.

*“ (...) Quería andar com pessoas divertidas.*

*E as aulas não eram divertidas?*

*Não as aulas não eram. Os professores eram muito chatos.*

*Mas isso a partir do sexto, porque a partir do sexto...*

*Até ao sexto sim porque até ao sexto eu estudava. A minha mãe é que ajudava a fazer os trabalhos de casa. Ela estava em casa, ela punha-me sempre a fazer tudo. Até aí ela conseguiu mandar em mim. A partir daí ela dizia uma coisa e eu fazia outra. Eu olhava para ela e saía, não queria saber.*

*Quer dizer a Sónia nunca reprovou até ao sexto?*

*Não, nunca. A minha mãe é que me orientava. A partir daí, comecei a... Pois, eu não gostava de nada. Nas aulas era tudo uma grande seca.*

*(...)*

*“A escola não tinha interesse para o futuro?*

*Não tinha interesse nenhum.*

*Não pensava no futuro?*

*Não. Quando me perguntavam o que é que eu queria ser eu respondia pediatra porque eu sempre gostei muito de crianças. Eu queria ser pediatra mas não enxergava que para ser pediatra tinha que ser uma pessoa responsável. Coisa que eu não era, nem nada. Tinha que estudar, ter boas notas.*

*Porque é que acha que não era responsável?*

*O meu comportamento nas aulas não era o comportamento de uma pessoa responsável.*

*Porque é que acha que não se tomou uma pessoa responsável?*

*Porque eu queria ser como as outras. Queria fazer coisas como elas.*

*Havia coisas mais importantes a preocupar a Sónia como, por exemplo ser aceite pelos amigos?*

*Sim, queria ser aceite pelos amigos.”*

Apesar da sua apreciação negativa em relação aos professores, à escola e às aulas, a Sónia considerava que alguns professores eram diferentes, nomeadamente, que conseguiam suscitar o seu interesse. A Sónia parece valorizar nos professores características como: a capacidade de estabelecer relações próximas embora sabendo definir limites; o sentido de humor e a capacidade de se apresentarem como modelo de referência.

*“ (...) Havia professores que eu gostava, as aulas eram divertidas...*

*Lembra-se de algum que fosse diferente?*

*Eu tinha uma professora de ciências no primeiro que chumbei, era uma pessoa muito culta, ela brincava muito e quando dava a matéria de ciências ela envolvia outros assuntos que não têm nada a ver. Eu aprendia, gostava, achava interessante. A gente podia falar da nossa vida pessoal. A professora brincava connosco e eu gosto de ver as minas professoras tipo que vestem bem, vaidosas. Se forem novas, eu gosto de falar com as minhas storas e brincar com elas, mesmo agora. Eu danço com as minhas professoras na sala, fazemos muita coisa. Mas sem desrespeitar, sem passar aquele limite. Eu gostava muito disso mas passava o limite porque eu aproveitava-me, eu não queria saber da matéria para nada. Eu queria era divertir-me e divertia-me demais.”*

## O “CURSO”

No ano em que a Sónia abandonou a escola, sem concluir o 8º ano e foi viver com o seu pai para o Barreiro, permaneceu sem qualquer actividade até ao final do ano lectivo. Nessa altura o seu pai dirigiu-se ao centro de emprego e solicitou um impresso de inscrição para as acções de formação de “Aprendizagem”, o qual levou para casa para que a Sónia se inscrevesse, ao que esta acedeu sem colocar obstáculos. Pelo contrário, quando foi convocada para iniciar o processo de Orientação Profissional, a Sónia começou a criar elevadas expectativas em relação à frequência de uma acção de formação que representasse uma alternativa à escola. Essas expectativas foram-se ajustando à realidade ao longo desse mesmo processo, mas a Sónia encontrava-se muito motivada no momento em que foi encaminhada para a acção de formação.

*“Eu lembro-me bem de ter preenchido um papel qualquer e eu nem sabia do que se tratava. O meu pai disse que me inscrevia num curso que eu nem sabia o que era. Só quando comecei a vir às entrevistas (...) Foi aí que eu percebi que ia tirar um curso para ter o 9º ano. Então, eu fiquei logo muito contente. Agora é que eu vou atinar.”*

A Sónia foi encaminhada para uma acção de formação de Educação e Formação de Jovens – Percurso tipo 2, na área comercial. Não chegou, portanto a ser encaminhada para nenhuma acção de Aprendizagem visto não existir, na altura, oferta formativa destinada a jovens sem o 9º ano, nesta modalidade formativa.

A jovem foi integrada na acção de formação, no Centro de Formação Profissional do Seixal, em Setembro de 2004 e, no momento da entrevista, continuava a frequentar a acção e mantinha-se bastante motivada e com bons resultados. Fala da experiência formativa como sendo bastante satisfatória por inúmeras razões.

Refere que tem uma boa relação com colegas e formadores e que também gosta muito das “aulas”. Muitos dos colegas já eram seus conhecidos uma vez que viveu no Seixal durante algum tempo. Assim, sente-se integrada, ao contrário do que foi acontecendo em outros momentos e contextos da sua vida.

Quanto aos formadores diz que os “adora”, assim como das matérias que vai estudando. Diz com orgulho que é “a melhor ou uma das melhores da turma”. Elogia o facto de as matérias não serem muito extensas e serem muito práticas permitindo que compreenda a relação que essas aprendizagens têm com o que irá fazer e ser no futuro. Quanto aos métodos utilizados refere que faz muitos trabalhos de grupo, o que lhe agrada, e sente que trabalha muito apesar de estudar pouco. Nas “aulas” está bastante atenta e toma muitas notas. Diz com alguma seriedade que tem “testes em todas as disciplinas”. Contudo, acaba por referir que os formadores não são tão exigentes como deveriam de ser.

*“Nós trabalhamos muito e os formadores acabam às vezes por ser muito menos rígidos do que o que deviam de ser. O nosso formador ainda hoje, de A.P.V.*

*A.P.V?*

*Animação em Ponto de Venda. Só para ver se nós conseguimos tirar boa nota se elas conseguem tirar positivas nos testes. Fizemos, a matéria toda que a gente teve a dar desde Janeiro que começamos esta disciplina. Começamos a fazer trabalhos, esquemas e a por na parede. Quer dizer nos vamos fazer teste daqui a umas semana. Quer dizer, olhamos para as paredes e escrevemos. Temos as respostas escritas nas paredes. Isto é que o professor faz para a gente ter positiva nos testes.”*

*(...)*

*“Acha que os professores, os formadores, deviam fazer isso? Acha bem que façam isso?*

*Por um lado, eu acho que o curso no princípio eles não nos conheciam. Não sabiam o que é que iam fazer de nós, né? E eu já achei muito fácil. Eu nunca precisei de muita coisa para ter boas notas. Mesmo as minhas colegas, elas também são inteligentes. Então para quê facilitar mais? Acho que não deviam facilitar tanto.”*

No que diz respeito ao ambiente geral que se vive na sua turma, a Sónia sente que apesar das boas relações entre colegas e entre formandos e formadores, existe uma excessiva dificuldade, por parte dos formandos, quanto a respeitar os limites.

*“Há reuniões constantes sobre a nossa turma, para verem o que é que eles fazem. Comportamento, muita brincadeira, só de vez em quando é que a gente lembra-se de fazer tudo bem. Nós temos 4 horas. Nas duas horas de manhã portarmo-nos bem, nas duas horas seguintes, super mal. E à tarde vem outra vez, conseguimos acompanhar., mas por outro lado há muito desleixo. Não querem saber. É daquela turma.”*

Quanto à área de formação, considera que esta é bastante interessante e, sobretudo, alimenta a expectativa de que lhe possibilitará integrar-se, com mais facilidade, no mercado de trabalho, pois supõe que após a acção de formação saberá desempenhar as tarefas atribuídas aos empregados comerciais. Para além destes saberes específicos, a Sónia refere que, também tem a oportunidade de aprender outras coisas a que atribui interesse do ponto de vista da aplicação à sua vida. Paradoxalmente, e apesar da sua intenção em integrar o mercado de trabalho após o curso de empregados comerciais, a jovem manifesta, em simultâneo, a intenção de frequentar uma outra acção, mas com progressão até ao 12º ano, juntamente com a sua irmã.

*“É um curso que nos vai beneficiar, para já o curso de empregado comercial tem muita saída, não é? É fácil encontrar-mos emprego quando acabarmos o nono ano. É bom termos o nono ano e ficarmos com uma boa qualificação profissional.”*

*“É a minha vida, eu gosto muito daquilo, quero avançar. E quando eu acabar este curso vou inscrever-me noutra para fazer o décimo segundo. Não sei se vai dar para ficar naquele Centro de Formação. Fico noutra qualquer mas eu quero.*

*Então que utilidade, que sentido é que acha que este curso tem para a sua vida?*

*Saber trabalhar em lojas.*

*Acha que vai saber trabalhar em lojas depois do curso?*

*Eu acho que sim. Acho que é uma coisa que tem a ver comigo. Eu gosto muito de conviver, eu gosto de falar, de ajudar os outros. E se trabalhar numa loja eu vou ajudar os outros. Conhecer muitas pessoas diferentes, eu vou falar com muita gente.”*

*“Falamos sobre a adolescência, sobre a natureza, sobre as drogas, falamos sobre o mundo actual onde vivemos. Tudo o que tem a ver com o mundo.”*

*“ (...) Eu quero procurar emprego mas vou fazer mais algum tempo porque a minha irmã está a fazer o mesmo curso que eu mas na escola. Então a minha irmã acaba ao mesmo tempo que nós mas vamos estagiar em sítios diferentes, né? E depois vamos fazer o mesmo curso do 12º juntas.*

*Então? O mesmo curso de 12º porque?*

*Porque queremos estar juntas, estamos a tirar o nono ano juntas, no mesmo curso. Empregadas comerciais. E queremos seguir o mesmo curso juntas.”*

Acima de tudo, a Sónia considera que esta acção de formação lhe confere um estatuto que não tinha antes: o estatuto de pessoa respeitada e valorizada pelos outros, sobretudo pelos seus pais, contrariando assim, a auto imagem negativa que foi adquirindo até então.

*“- O que é que acha que já ganhou neste curso?*

*- Olhe, já calei a boca de muita gente, para já.*

*- A quem é que se refere?*

*- A minha família e a coisa mais importante, mais importante que mim mesma, é dar orgulho aos meus pais. Principalmente pela minha mãe. Ela dá tão duro no trabalho e eu prejudico a ela em tanta coisa, agora quero trabalhar para ela. Talvez ainda vá para Universidade quem sabe. Ainda sou nova. Eu quero estudar, quero ter um bom emprego, quero dar orgulho aos meus pais, quero ser alguém.”*

## **A ESCOLA E O “CURSO”...**

No que se refere à forma como a Sónia vivência a experiência de frequência da acção de serviço comercial, comparativamente, com a experiência escolar, é de salientar a ênfase dada às aprendizagens com aplicação “prática”, adquiridas no contexto da acção de formação. Por outro lado, a Sónia refere que os conteúdos programáticos da acção de formação não são tão extensos quanto os da escola e, como tal, a aprendizagem torna-se menos “desinteressante”. Também é valorizado o facto de, na acção de formação, não serem pedidos trabalhos a realizar em casa, apesar de haver avaliação através da realização de testes.

*“- O que é que é diferente da escola afinal de contas?*

*- Não, além de trabalharmos muito, são coisas que despertam muito interesse, a matéria não é tão...cansativa, sempre a mesma coisa, como na escola. A matéria é mais curta, damos só o básico, não damos tanta coisa que às vezes começamos a olhar para os professores e pensamos: para que é que eu estou a aprender isto, isto no futuro vai-me servir para quê? No fundo, a gente até sabe para que é que aquilo nos vai servir mas é chato. No curso a gente aprende muita coisa da escola, mas é diferente, né. Não aprendemos tanto. Não temos trabalhos de casa. Temos testes em todas as disciplinas.”*

Apesar de a Sónia manifestar uma opinião favorável em relação à acção de formação, a jovem fala em tom algo crítico a respeito da atitude algo "benevolente" dos seus formadores, uma vez que não são penalizados os atrasos e é permitido que os formandos sejam avaliados tendo acesso à matéria dos testes.

*"- Nas faltas os professores facilitam-nos muito. Quando nós não podemos. Em vez de marcarem falta como na escola. 15 a vinte minutos de atraso. Eles não marcam falta. Eles dizem, se portares bem, não sei que, não marcam falta. Só mesmo se não aparecermos é que eles marcam.*

*- Começamos a fazer trabalhos, esquemas e a pôr na parede. Quer dizer nos vamos fazer teste daqui a umas semana. Quer dizer, olhamos para as paredes e escrevemos. Temos as respostas escritas nas paredes. Isto é que o professor faz para a gente ter positiva nos testes.*

*- Por um lado, eu acho que o curso no princípio eles não nos conheciam. Não sabiam o que é que iam fazer de nós, né? E eu já achei muito fácil. Eu nunca precisei de muita coisa para ter boas notas. Mesmo as minhas colegas, elas também são inteligentes. Então para quê facilitar mais? Acho que não deviam facilitar tanto."*

## **OS OUTROS...**

A Sónia é a filha mais velha de um casal de oriundo de Cabo Verde. Tem uma irmã, cerca de um ano mais nova. Os pais da Sónia vieram para Portugal ainda jovens e, aqui se conheceram tendo iniciado a sua vida em comum pouco tempo antes do nascimento da Sónia.

O pai tem 66 anos e encontra-se reformado. Era motorista da "Carris" e trabalhava para o sustento de toda a família, até ao momento em que se divorciou da mãe da Sónia. A mãe tem 40 anos e trabalha como Ajudante de Cozinha desde o divórcio.

Segundo a Sónia, a relação dos pais sempre foi muito conflituosa; as discussões eram comuns e o pai era verbalmente agressivo para com a mãe. Contudo, considera que a mãe não tomou mais cedo a decisão de se separar do pai pois ela e a irmã eram muito novas, bem como pela sua dependência económica.

*" (...) A minha mãe sempre me fez ver que, eles viveram 14 ou 15 anos juntos, que esse tempo que estiveram juntos, eles discutiam muito, o meu pai às vezes, maltratava muito a minha mãe. Bater-lhe ele não batia mas verbalmente. Sofria muito (...) "*

Cerca de um ano antes da separação, a mãe da Sónia começou a trabalhar como empregada doméstica em casas particulares e, com o apoio da família (residente na área do Seixal) decidiu divorciar-se tendo ficado a viver no Seixal com ambas as filhas. A partir desse momento, surgiram várias dificuldades de ordem económica e relacional, já que o salário da mãe da Sónia era insuficiente para fazer face às despesas, tendo duas filhas a seu cargo e, por outro lado, os horários irregulares da área da restauração, tornavam difícil o acompanhamento da Sónia e da sua irmã. Nesta altura, a relação entre os pais melhorou consideravelmente, e o pai começou a apoiar financeiramente a mãe, bem como a acompanhar mais as filhas, "aliviando" os encargos da mãe.

*" (...) Ela sempre disse que viveu na casa do meu pai para não ter que abandonar a minha irmã. Ela não tinha para onde ir, ela não trabalhava. Onde é que ela ia trabalhar sem levar a minha irmã com ela. Ela tinha ficar na casa do meu pai. Então ela continuou a viver na casa do meu pai até ter uma certa idade, que era essa dos 12, 13 anos e as minhas tias e avó ajudaram a minha mãe, ajudaram a comprar uma casa e separou-se dele."*

*" (...) Antes dela sair de casa começou a trabalhar um ano antes e sempre deixou tudo muito bem claro. O meu pai sempre soube que ela estava a trabalhar para ter a casa dela e abandonar."*

*" (...) Tudo o que nós comíamos, vestíamos, era o meu pai que dava. Dava dinheiro à minha mãe mensalmente e depois dava-nos roupa, sapatos e tudo. Então o meu pai sempre insistiu para irmos para o pé dele para facilitar a vida à minha mãe."*

A Sónia refere ter uma relação muito próxima com o seu pai, apesar de ter sido mais acompanhada pela mãe, durante a infância, uma vez que este tinha um horário de trabalho muito sobrecarregado. No momento, da entrevista a Jovem vivia com o seu pai, o qual estando reformado tem oportunidade de a apoiar mais proximamente. Refere que o pai sempre apoiou a família, do ponto de vista financeiro e sempre demonstrou orgulho por si e pela irmã.

*" (...) E a minha irmã somos os brincos dele.*

*- Os brincos?*

*- Os brincos. Os brinquinhos. Ele diz isso a toda a gente. Temos muito valor.*

*- Tem muito orgulho, é isso?*

*- Sim, ele gaba muito as filhas. Tudo o que é as filhas para ele, é sagrado. Então vim para o pé dele e ele recebeu-me muito bem."*

*" (...) Apesar de estar ligado mais ao meu pai a minha mãe era a minha mãe. Eu com a minha mãe cresci. Eu estava com a minha mãe em casa."*

A relação da Sónia com a mãe é, igualmente, próxima mas mais conflituosa do que com o seu pai. A jovem parece ter pela mãe uma forte admiração já que considera que a mesma sempre se esforçou no sentido de proporcionar à família todo o conforto. Inclusivamente, mostra-se empática face ao sofrimento da mãe perante os problemas conjugais com o seu pai. Contudo, refere que existiam mais conflitos com a mãe, particularmente, durante os anos em que começou a revelar insucesso escolar.

*" (...) O meu pai às vezes era injusto para a minha mãe. Tipo, falavam coisas a ela que magoavam e que não eram verdade. Eu pensava a minha mãe fez tantos esforços, engolir sapos vivos, para não deixar a mim e à minha irmã (...) "*

Quanto à irmã, a Sónia descreve uma relação de grande cumplicidade e apresenta-se como sendo um modelo para a mesma. Por outro lado, manifesta alguns sentimentos de ciúme em relação à irmã por considerar que esta seria mais valorizada pela família em geral. Descreve a irmã como sendo tranquila e respeitadora que apenas se apresentava como alguém indisciplinado, sob a sua influência.

*" (...) Havia certas alturas que eu fazia tanta coisa que influenciava a minha irmã a fazer o mesmo que eu. Havia certas alturas que ela às vezes falhava porque eu fazia."*

*" (...) Eu, sentia-me sempre mais discriminada porque a minha irmã era mais quieta, eu era mais reguila. Malandra. Então toda a gente gostava mais da minha irmã. ..."*

*" (...) Eu quero procurar emprego mas vou fazer mais algum tempo porque a minha irmã está a fazer o mesmo curso que eu mas na escola. Então, a minha irmã acaba ao mesmo tempo que eu, mas vamos estagiar em sítios diferentes, né? E depois vamos fazer o mesmo curso do 12º juntas.*

*- Então? O mesmo curso de 12º porque?*

*- Porque queremos estar juntas, estamos a tirar o nono ano juntas, no mesmo curso. Empregadas comerciais. E queremos seguir o mesmo curso juntas."*

Em relação aos restantes membros da família, nomeadamente da família materna, e também, em relação aos amigos e colegas predomina um sentimento de insegurança e um contínuo desejo de pertença e de aprovação que parece surgir do sentimento de que é permanentemente excluída e desvalorizada.

*" (...) Eu desde que entrei para a escola, desde a primeira classe que fui muito posta de parte."*

*" (...) Desde que entrei para a escola, nunca tive más notas, sempre fui uma aluna intermédia mas possibilidades financeiras também sempre tive razoáveis, nunca tive grandes problemas. Mas creio que a única coisa que sobrava era eu ter a minha cor, ser mulatinha. Não ser branca como elas e não vestir as marca que elas vestiam. Roupas de marca, não poder ir para o parque como elas. Então essas coisas, elas achavam que eu não podia pertencer ao grupo delas. É uma maneira de dizer, e eu sentia-me bastante, até hoje, eu não sofro, mas sou exactamente diferente do que era antes, mas até hoje em sinto coisas que me perturbam bastante, alguém a pôr-me de parte. Isso não pode acontecer. Eu não gosto de estar sozinha, então naquele tempo eu sofria muito com isso. Então eu tinha que ver o que é que elas tinham que eu não tinha para poder fazer o mesmo que elas."*

*"Elas escolhiam, as meninas mais bonitas, os meninos mais bonitos. Não sei quê, e eu ficava ali ao pé deles. Às vezes olhavam para mim e diziam que eu estava com vontade de brincar mas que não ia brincar porque eu não devia jogar aqueles jogos porque não era bonita como elas. Diziam-me mesmo. Eles eram muito estúpidos para mim."*

## OS INTERESSES...

A partir do discurso da Sónia não é possível identificar interesses específicos, mas é evidente o seu interesse por estabelecer relações próximas com os seus pares, de forma a se sentir aceite pelos mesmos. Assim, é clara a sua motivação para “estar” com os amigos, sejam eles companheiros de escola, de bairro ou de culto religioso, revelando interesses que se prendem sobretudo com a descoberta de um “modo” satisfatório de estar na vida e na relação com os outros.

*“ Queria pertencer ao grupo delas, tinha que fazer as mesmas coisas que elas. Faltar às aulas, teria que fazer tempo para ir passear, fumar, namorar, essas coisas.”*

*“Porque eu queria poder ser como elas, queria também ser popular, não sei.”*

*“Eram do Bairro da Quinta da Princesa. Tem lá algumas jovens, assim, um bocado estranhas e elas ao princípio quando cheguei quiseram fazer-se minhas amigas, quiseram me levar para sair com elas. Rodeavam-me como elas, vestia-me como elas, e eu como queria ser como elas deixava-me levar como elas. Fazia tudo como elas.”*

*“ (...) eu consegui estudar a Bíblia, com uma jovem que estudava o mesmo eu, era uma jovem da Quinta da Princesa mas era mais velha que eu. Ela tinha 19 anos e eu tinha 14, 15, 16 estudei muito até há poucos meses mais ou menos. Estudei e como ela era um pouco mais velha que eu, ela entendia os meus problemas (...).*

## O “MUNDO DO TRABALHO” E O FUTURO...

O discurso da Sónia revela-nos que a partir da perspectiva de integração na formação profissional a jovem passou a projectar-se no futuro alimentando um conjunto de expectativas entre as quais a de que, a partir do momento em que possua conhecimentos para integrar o “mundo do trabalho”, passará a ser mais respeitada pelos outros.

O grau académico é valorizado na medida em que lhe possibilita ser valorizada pela família. Por essa razão, considera a hipótese de progredir até ao 12º ano ou mesmo ingressar no ensino superior. Por outro lado, deseja vir a ter um “bom emprego” que lhe possibilite ganhar dinheiro para possuir os seus próprios bens e ter a liberdade de

“fazer o que gosta”. Em suma, toda a sua projecção no futuro é concretizada, tendo por objectivo a ideia de uma estreita relação entre ter um emprego, ter mais oportunidades e ser admirado pelos outros. “Ser alguém”, como diz.

*“- A minha família e a coisa mais importante, mais importante que mim mesma, é dar orgulho aos meus pais. Principalmente pela minha mãe. Ela dá tão duro no trabalho e eu prejudico a ela em tanta coisa, agora quero trabalhar para ela. Talvez ainda vá para Universidade quem sabe. Ainda sou nova. Eu quero estudar, quero ter um bom emprego, quero dar orgulho aos meus pais, quero ser alguém.*

*- Quer ser alguém? O que é para a Sónia ser alguém?*

*- É ter um emprego que eu goste, sentir-me bem comigo mesma. Ter dinheiro para fazer as coisas que eu gosto, ter o que é meu e manter uma aparência também para os outros. Para os outros dizerem mas ela está bem. Eu, poder ser alguém é poder ter aquilo tudo que eu gosto. Ser feliz. Estar bem com aquilo que eu quero.”*

*“ (...) Se continuar e passar vou continuar com os meus estudos. Evoluir e talvez no futuro apanhe uma sorte grande. Ter mais oportunidades.”*

### **3. “SER UMA PESSOA COM ESTUDOS, PARA ESTAR BEM NA VIDA”**

O Ricardo é um jovem de 18 anos que se encontrava a frequentar o segundo ano de uma acção de formação de Aprendizagem de nível 2, na área de Serralharia Mecânica. Foi encaminhado para esta acção na sequência de um processo de orientação profissional realizado em articulação entre o Centro de Emprego e a escola onde frequentava o 7º ano.

#### **A ESCOLA, O INSUCESSO ESCOLAR, O ABANDONO ESCOLAR...**

O Ricardo integrou o 1º ano do 1º ciclo com 5 anos, depois de já ter frequentado o ensino pré-escolar desde os 3 anos. Refere que nunca se interessou muito pela escola, contudo terminou o 1º ciclo sem reprovações. A partir do 2º ciclo começou a ter algumas dificuldades que o conduziram a reprovar algumas vezes nos 5º e 6º anos. O Ricardo abandonou o 7º ano, com cerca de 16 anos, a fim de frequentar formação profissional.

Quando se refere às causas do seu insucesso escolar, o Ricardo não aprofunda muito as suas razões mas coloca ênfase na sua desmotivação o que o conduzia a não estudar com a frequência desejável e a ocupar-se de outras formas: “*na brincadeira*”, como refere. Por outro lado, admite que sentia dificuldades de aprendizagem em algumas disciplinas, contudo, não é claro se tal seria, sobretudo, atribuível ao facto de não ter hábitos de estudo, ao facto de faltar ou a dificuldades de compreensão dos conteúdos escolares. O jovem não entra em grandes pormenores quanto ao estilo da sua relação com professores e colegas mas conclui que, de um modo geral, a escola nunca lhe interessou muito. Apesar de tudo, o jovem atribui alguma importância ao grau de escolaridade e considera que deveria de se ter empenhado mais na escola.

“- Mas entrou para a escola com que idade?

- Com 5.

- E antes já tinha estado nalgum ensino pré-primário ou não?

- Já, já.

- Já?

- Já desde pequeno que ando.

- Que idade que...?

- Desde os três anos, mais ou menos."

"- Já tem uma carreira escolar até longa. Desde os três anos. (Risos)

- Sim.

- E sempre foi assim complicado ir para a escola?

- Não. Havia dias que, pronto, gostava mais, outros que gostava menos. Depende, depende do dia".

"- Sim, prontos, eu estudava, eu estudo, não é. E eu...tinha algumas dificuldades na escola

- Que dificuldades eram essas que o Ricardo sentia na escola? Em que ano estava?

- Estava no 7º ano.

- Estava no 7º. Portanto, e concluiu o 7ºano?

- Não. Ainda estava a frequentar.

- Estava a frequentar. Pela 1ª vez?

- Sim.

- Que dificuldades eram essas que sentia?

- Não eram propriamente dificuldades. Era mais por faltar e...

- Faltava à escola?

- Sim, mas era pouco. Depois havia várias matérias, prontos, que tinha alguma dificuldade mas não era assim...

- Que matérias é que tinha dificuldade?

- Algumas, assim tipo Ciências, Matemática. Algumas, não eram assim muitas. Inglês

- Achava difícil?

- Sim, um bocadinho."

"- Então quer dizer que o Ricardo quando olha para trás acha que devia ter estudado mais, é?

- Sim, um bocado.

- Por que é que acha que não o fez na altura?

- Sei lá. Na brincadeira. Depois. Sei lá. Na brincadeira, mais. Mais na brincadeira. Depois, outras vezes não estudava.

- Mas gostava da escola?

- Ah, mais ou menos. (Risos) Não foi assim...

- O que é que não gostava da escola, então?

- Sei lá. Das matérias. Não me recordo muito bem. Devia ser das matérias. Alguns professores.

- Lembra-se de algum professor que não gostasse?

- Não.

- Já pôs isso tudo para trás das costas?

- Já não me lembro.

- E o que é que gostava da escola? Havia algumas coisas que gostava, não? Disse que era mais ou menos.

- Sim, algumas disciplinas, por exemplo, como as que ainda gosto, de Português. Algumas disciplinas assim...”

## O “CURSO”

O Ricardo integrou a acção de formação de Aprendizagem (nível 2) na área de Serralharia Mecânica, sem ter concluído o 7º ano de escolaridade. Tomou conhecimento da referida acção através da sua escola e mostrou-se interessado, em parte, porque supôs que a área de Serralharia Mecânica estivesse relacionada com a área de Mecânica de Automóveis. O jovem já havia tido contacto com esta última, uma vez que o seu avô trabalha no ramo da venda de automóveis.

*“ (...) Não era bem isso que eu queria. Mas, pronto, já que estou, não vou desistir. Agora acabo. Depois se me der bem na empresa, continuo. Se não der, vou tentar um outro curso, que seja de Mecânica, prontos, de automóveis.”*

Apesar de ter, entretanto, percebido as diferenças entre as duas áreas manteve o seu interesse na conclusão da acção de formação de Serralharia Mecânica pois acabou por se sentir, igualmente, interessado por esta área. Contudo, não desconsidera a possibilidade de vir a candidatar-se a uma acção de formação na área de Mecânica de Automóveis, caso não obtenha uma colocação imediata enquanto Serralheiro Mecânico, após a conclusão da acção de formação.

*“ (...) Se me derem emprego, já não vou tirar outro curso. Mas se não derem, tenho de procurar. Vejo se arranjo qualquer coisa. Se não arranjar, então sigo outro curso.”*

*“Já desde pequeno que mexo em carros. O meu avô, pronto, tem stands de automóveis. Desde pequeno que mexo, gosto. Não sei. Vou tentar. Pode ser que um dia mais tarde consiga, não sei. Ou arranje emprego.”*

O processo de orientação e encaminhamento para a acção de formação aconteceu em articulação entre a escola que frequentava, o Centro de Emprego do e o Centro de Formação Profissional. A acção tem decorrido em alternância, em sala (no Concelho do Barreiro, já que se trata de uma acção externa do Centro de Formação) e numa Metalúrgica onde o jovem tem contacto com as tarefas da profissão de Serralharia Mecânica, sob orientação de um profissional da área. A acção de formação tem, também, uma componente escolar já que tem como objectivo a progressão até ao 9º ano de escolaridade.

*“- Nós todos os meses mudamos de horário. Nós não, os professores mudam. Por exemplo, temos uma semana de, pronto...uma semana...uma semana de aulas normais em que entramos às 8 e meia. Depois vamos almoçar ao meio dia e meio. Voltamos à 1 e meia. Depois saímos às 4 e meia. Depois nesses tempos, durante a semana temos uma vez ou duas oficinas. Depois temos Desenho, temos Matemática, Português, Mundo Actual. Assim, várias disciplinas. Eu também desenvolvi um pouco, pronto.*

*- E o estágio quando é que começou? O Ricardo já fez estágio?*

*- Já, já. Há um mês e meio. Agora neste 2º período é dois meses e meio. Agora voltamos para a escola no final do estágio. Estamos lá mais um tempinho. Depois voltamos para o estágio outra vez mas já são 3 meses. E depois é que vemos se ficamos lá se não.*

*- Vão sempre ao longo dos 3 anos de curso, não é?*

*- Sim.*

*- Ao longo dos 3 anos de curso vão sempre alternando entre o estágio e...*

*E um determinado... determinado tempo vai aumentado para ver se nós aprendemos melhor. Como é que a gente está. Para ver se depois no final de estágio. Depois de fazer os exames. Não sei qual é os exames. (Pequeno riso) Depois do estágio, para ver se ficamos aprovados, se passamos.*

*- Então, disse-me que estava na Metalúrgica.*

*- De Alhos Vedros.*

*- De Alhos Vedros. O que é que está lá a fazer no seu estágio?*

*- Agora estou a fazer uns contentores, prontos, entre aspas, em ferro. A fazer isso, a rectificar, a soldar. A mexer com várias máquinas.*

*- E vai estando com a orientação de alguém no estágio?*

*- Sim, sim. Nós temos... cada um de nós tem um oficial ao pé, ao pé de nós. A explicar-nos. A ensinar-nos. A dizer como é que as coisas funcionam. Máquinas. Como é que a gente deve trabalhar.”*

Quanto à percepção do Ricardo em relação à experiência de frequência da acção de Serralharia, ela parece ser positiva embora o jovem não se alongue nos pormenores. Valoriza o facto de ter tido a oportunidade de conhecer novas pessoas e de aprender coisas novas, nomeadamente, a lidar com máquinas, como refere. O ambiente geral é de algum desinteresse por parte dos formandos já que tem havido um grande número de desistências. Ainda assim, no caso do Ricardo mantém-se o seu interesse em concluir a acção de formação apesar de ter tido, até ao momento, resultados de avaliação dentro de valores mínimos.

“- (...) *Encontrar novos amigos, aprender também outras coisas, aprender a lidar com máquinas...pronto, coisas assim.*”

- *Tem tido bons resultados? Como é que foi o 1º ano?*

- *Foi bom, mais ou menos. Não foi lá grande coisa, mas...*

- *Não foi lá grande coisa, então?*

- *Quer dizer, não foi assim, notas muito altas. Mas, prontos, deu para passar minimamente.*”

“- *É uma turma de quantos formandos?*

- *Éramos 19 mas estamos reduzidos a 9.*

(...) *O que é que aconteceu aos outros?*

- *Era mais nas aulas, brincadeira e... coisas assim.*

- *Foram desistindo.*

- *Brincadeira, muitas faltas, outros foram desistindo.*”

Em suma, o Ricardo parece valorizar a oportunidade de viver uma experiência de contacto com o meio laboral e considera que tem adquirido competências na área de Serralharia Mecânica e que poderá vir a ter uma carteira profissional, o que o tem levado a alimentar a expectativa de integração nesta mesma área, após a conclusão do curso. A conclusão do 9º ano, também é um aspecto valorizado pelo jovem.

“- *Sente que tem aprendido? O que é que tem aprendido?*

- *Sim. Sim, tenho aprendido muito. Ao nível de, prontos, ao nível do curso que eu estou a tirar como formação.*”

- (...) *É importante porque, como já disse, prontos, fico sempre com algum estudo, e aprendo sempre mais alguma coisa e fico sempre com uma carteira profissional para que algum dia precise, prontos, precise. Sempre tenho mais esse papel que ajuda, essa carteira, pronto.*”

*"- (...) Para si o mais importante de tudo realmente e o principal na decisão de ter ido para a formação foi mais o ser mais fácil e o conhecer novos colegas?*

*- Foi mais também por fazer o 9º ano e ficar também com a carteira profissional."*

## **A ESCOLA E O "CURSO" ...**

No que se refere à comparação entre a experiência escolar e formativa o Ricardo, não hesita em afirmar que a principal diferença entre ambas se prende com o nível de dificuldade, o qual, na sua perspectiva, é menos elevado na acção de formação. O Ricardo considera que os formadores não são tão exigentes quanto os seus professores da escola, contudo, também se mostra mais motivado face à formação profissional pela oportunidade de obter uma carteira profissional visando a obtenção de um emprego e pela oportunidade de estabelecer novas relações. De onde se depreende que a maior motivação para a frequência da acção de formação, também conduza à percepção de maior facilidade de aprendizagem.

*"- O que é que para si foi a grande diferença da escola para a formação, para a formação que está a fazer?*

*- É mais fácil. É um bocadinho mais fácil.*

*- Acha mais fácil. Mais fácil porquê?*

*- Se calhar os 'stôres não apertam tanto como apertam na escola. Algumas coisas são diferentes. É diferente, não tem nada a ver.*

*- Sente isso?*

*- Sinto.*

*- E essa é a principal diferença? Ser mais fácil?*

*- Não. Também conheço novas pessoas. Outros professores. Outros colegas.*

*- Então quer dizer, por exemplo, se na escola fosse tão fácil como acha que é o curso e se pudesse conhecer novos colegas, teria continuado na escola em vez da formação?*

*- Sim, talvez.*

*- Talvez? Para si o mais importante de tudo realmente e o principal na decisão de ter ido para a formação foi mais o ser mais fácil e o conhecer novos colegas?*

*- Foi mais também por fazer o 9º ano e ficar também com a carteira profissional.*

*- Era importante para o Ricardo aprender uma profissão?*

*- Sim. Sempre tem mais alguma vantagem do que ficar só com o 9º e ficar também com alguma carteira profissional.*

- *E porquê? Por que é que isso da carteira profissional é importante para o Ricardo?*
- *Porque, se calhar, um dia mais tarde para arranjar emprego, se calhar, é mais fácil do que não ter."*

## **OS OUTROS...**

O Ricardo vive com os seus pais e com um irmão de 11 anos. Tem mais uma irmã com 26 anos e um irmão com 21 anos, os quais já não habitam com os pais. O pai do Ricardo tem o 9º ano de escolaridade e é motorista, a mãe tem o 6º ano e trabalha por conta própria: dirige um lar de idosos. A irmã mais velha estudou até ao 8º ano e é empregada comercial numa loja de roupa para crianças; o irmão mais velho tem o 9º ano de escolaridade e é Segurança; o irmão mais novo frequenta o 5º ano.

De acordo com o que é referido pelo Ricardo, os seus pais apoiaram a sua decisão de frequência da acção de formação de Serralharia Mecânica. De um modo geral, parece haver, no seio familiar, a percepção de que é importante ter um grau escolar no mínimo ao nível do 9º ano e ter uma carteira profissional com o objectivo da integração no mercado de trabalho.

*"- E os seus pais o que é que dizem disto? O Ricardo vive com os pais ainda?*

*- Vivo.*

*- O que é que eles acharam desta decisão?*

*- Acharam uma boa ideia. Como já disse, é bom, porque como isto está hoje em dia ficar só com o 9º ano e não ter, prontos, quase cursos, não saber quase nada é muito mais difícil do que se tiver um curso já com o 9º ano, algum curso para ajudar."*

A relação do Ricardo com os colegas parece ser satisfatória e é valorizada a oportunidade de estabelecer novas relações com pessoas com quem se identifique.

*"- E como é que é então a relação com os amigos? Conte lá. Como é que é o ambiente?*

*- É boa, sem confusões nem nada, como se fosse na escola. Na escola era um bocadinho pior, ainda mandaram umas bocas (...)*

*- Acha que é diferente nesse aspecto? As pessoas são mais...*

*- Também há mais convívio, porque há mais pessoas da nossa idade. Alguns com menos outros com mais.*

*- Sentia diferença lá na escola, o facto de ser mais velho?*

- *Um bocadinho.*
- *Aqui estão todos em igualdade de circunstâncias, é?*
- *Aqui está tudo ela por ela (...)*”

## **OS INTERESSES...**

O Ricardo tem um vasto conjunto de interesses que o levam a dividir-se entre a actividade desportiva e a actividade de Bombeiro voluntário. Pratica ginástica, futebol e natação e, sobretudo, aos fins-de-semana, dedica-se a ajudar os Bombeiros Sul e Sueste, no Barreiro. Já havia colaborado com os Bombeiros voluntários da Moita, durante sete anos e, também, praticou patinagem artística.

## **O “MUNDO DO TRABALHO” E O FUTURO...**

Quanto ao futuro, o Ricardo parece ter uma forte convicção nas oportunidades que a conclusão da acção de formação lhe poderá vir a proporcionar. Valoriza muito a obtenção de um diploma que lhe reconheça o 9º ano, assim como a obtenção de uma carteira profissional. O Ricardo considera que assim poderá ter acesso a um emprego que lhe permita vir a ter alguns recursos económicos. O jovem parece considerar estas aquisições como importantes para a construção da sua identidade, já que utiliza a expressão: *“Estudo porque sei que tenho de estudar para amanhã ser alguém...”*

*“- O que é que isso significa para si: um dia amanhã ser alguém?”*

*- Hum.*

*- O que é que para o Ricardo ser alguém?*

*- Ser uma pessoa com estudos. Pronto, tirar cartas. Prontos, trabalhar, arranjar emprego. Porque sem estudos é difícil. Estar orientado. Estar bem na vida, como se diz.*

*- O que é que é estar bem na vida?*

*- Ter casa, ter carro, ter dinheiro, algum, não é, não muito, algum para desenrascar. (Risos)”*

#### **4. “O QUE EU PRECISO É DE TRABALHO, NÃO PRECISO DE MAIS NADA”**

O Paulo é um jovem que, aos 14 anos (próximo de completar os 15 anos), integrou uma acção de Educação e Formação de Jovens na área da Mecânica Auto, desenvolvida através de um projecto de parceria entre o Centro de Formação Profissional do Seixal, o Centro de Emprego do Barreiro e a I.P.S.S.: “RUMO”<sup>40</sup>. Tratava-se do projecto: “Escola Incluir”. O Paulo foi entrevistado com 19 anos, cerca de 2 anos após a conclusão da acção de formação.

#### **A ESCOLA, O INSUCESSO ESCOLAR, O ABANDONO ESCOLAR...**

O percurso escolar do Paulo decorreu sem dificuldades até ao 7º ano, altura em que reprovou pela primeira vez. Integrou o 1º ano do 1º ciclo com 5 anos, embora tenha completado os 6 anos pouco tempo depois. Antes, havia estado sempre ao cuidado da sua mãe, uma vez que esta não trabalhava. Não frequentou, portanto, o ensino pré-escolar. O Paulo refere não se recordar se gostava de frequentar a escola, nesta altura, mas comenta que se recorda de “tocar para a saída”, o que deixa antever a sua satisfação pela chegada do momento de retornar a casa.

Após a conclusão do 4º ano, ingressou no 5º ano numa nova escola. Tinha, nessa altura cerca de 9 anos. No seu discurso percebe-se que se tratou de um momento de importantes mudanças, até porque coincidiu com a integração da sua mãe no mercado de trabalho. Ainda assim, o Paulo completou o 6º ano sem grandes dificuldades.

*“- Lembro-me de quando entrei para a escola. A primeira classe.*

*- Lembra-se! O que é que se lembra?*

*- Lembro-me que fui para lá. Estava lá quietinho, mas não me lembro, lembro-me de não almoçava naquela escola.*

*- A mãe estava em casa?*

*- Estava. Depois lembro-me quando passei a 4ª classe nem consegui dormir sabendo que ia para uma escola nova. Uma escola diferente, aí é que mudei bastante... a primeira vez que tive chaves de casa e passe.*

---

<sup>40</sup> “A RUMO” desenvolve uma actividade destinada a pessoas que apresentem algum tipo de limitação que condicione a sua inserção sócio-profissional.

- *Tinha que idade?*
- *Sei lá eu entrei para a escola primária com 5 anos só que fiz logo os seis, e tive lá quatro anos só depois chumbei. Aí com 10 anos fui para o 5º ano.*
- *Sentia-se já crescido com a chave de casa e com o passe?*
- *A sua mãe já trabalhava?*
- *A minha mãe aí já trabalhava.*
- *Que idade tinha quando a sua mãe começou a trabalhar?*
- *Tinha para aí 11, 12.*
- *Nessa altura a mãe teve sempre em casa?*
- *Foi, ela teve lá em casa depois começou a trabalhar, depois fui pra a cidade do sol. Nessa altura gostava da escola. Foi mesmo no 10º ano que não gostava da escola. Não gostava era das aulas não podia entrar lá dentro.*
- *E na primária gostava das aulas?*
- *Na primária já não me lembro se gostava ou não. Mas que ficava contente quando tocava para saída, ficava.*
- (risos)*
- *O Paulo não andou na pré-primária?*
- *Não.*
- *Portanto passou até aos 5 anos com a sua mãe em casa, não é?*
- *Sim.*
- *E depois é que foi para a escola primária.”*

Quando transitou para o 7º ano foi colocado numa escola mais próxima de sua casa, na qual poderia frequentar o ensino até ao 12º ano. Contudo, nesse mesmo ano, com cerca de 11 anos reprovou pela primeira vez. Aponta como principal causa deste insucesso o seu comportamento. Descreve comportamentos de indisciplina e de impulsividade, embora não consiga explicar a razão de ser do mesmo. Repetiu, pela primeira vez, o 7º ano e voltou a reprovar. Com 14 anos transitou para o 8º ano e surgiu a oportunidade de vir a frequentar uma acção de Educação e Formação de Jovens na área de Mecânica Auto, a qual lhe conferia a oportunidade de, em simultâneo, concluir o 9º ano de escolaridade. O Paulo tomou, então, a iniciativa de se dirigir a uma antiga professora, que sabia estar envolvida na organização do curso, e manifestou interesse em ser integrado. Apesar de não possuir a idade mínima para a frequência da acção de formação, foi aberta uma excepção (pois completava 15 anos passado pouco tempo).

*“- Porque eu entrei no curso, só porque se eu não saísse para o curso eles iam-me mandar de novo pró sétimo porque acho que eu não cheguei a passar o sétimo, não tinha notas suficientes, para tinha sete negas sou mediano em qualquer lado, e eles com sete negas meteram-me no curso, passei do sétimo para o oitavo. Ajudaram-me, tiraram-me dali, porque eu ali já não tava a ver a sair mais.*

*- Pois estou a ver. O que é correu mal? Tudo tinha corrido bem até aí, o que é que acha que correu mal?*

*- O que correu mal foi a companhia, foi a companhia, porque eu tinha notas, tinha boas notas só que o que eu tinha era mau comportamento. O meu comportamento é que era mau.*

*- O que é que era isso de mau comportamento?*

*- Tinha faltas disciplinares. Mandavam-me sair da sala.*

*- Mas o que é que fazia nas aulas para o mandarem para a rua?*

*- Fazia tanta coisa que às vezes eu não fazia nada e já me mandavam, era já tudo meu, tudo meu. Já cheguei tirar cenas a um professor, quadro cheio, tirava o apagador, depois queria ver como é que ele ia apagar aquilo tudo. Tinha que chamar um funcionário com um paninho húmido ali não quadro, limpar aquilo tudo e coisas desse género.*

*- E porque é que fazia isso tudo?*

*- Estava a pensar como é que ele ia apagar o quadro então fazia desaparecer o apagador.*

*- Gostava de ver como é que o professor iria resolver a situação?*

*- Há certas coisas que eu fiz que também não sei porque é que fiz.”*

## **O “CURSO”**

O curso no qual o Paulo foi integrado resultou de um projecto de inclusão de jovens em situação de abandono escolar, denominado: “Escola Incluir”. Este projecto contava com a intervenção da escola que o Paulo frequentava, na qual decorria a formação teórica; do Centro de Emprego, nomeadamente, ao nível da orientação escolar e profissional dos jovens; do Centro de Formação Profissional do IEFP, onde decorriam as sessões de prática simulada e da I.P.S.S. Rumo, a qual participava através dos contactos com as entidades onde os jovens iriam realizar estágio e, ainda, pelo acompanhamento da formação em posto de trabalho.

O Paulo refere que tomou conhecimento da realização da referida acção e desde logo se mostrou interessado não só porque considerava, na altura, que iria gostar da área de Mecânica Auto, mas sobretudo porque tinha a oportunidade de concluir o 9º ano.

*“- Entrei num curso de dois anos, num cursos de mecânica auto, tirei um curso de dois anos e...*

*- Que era um curso que se inscreveu onde?*

*- Era um curso que me inscrevi na escola que eu estudava*

*- Que era..?*

*- Na Escola secundária de Santo António que tinha ligação ao centro de formação do...*

*- Do Seixal.*

*- Seixal. Tive dois anos a tirar o curso.*

*- Era algum projecto em específico? Como é que se chamava esse projecto?*

*- Escola incluída*

*- Escola incluída. Pronto tinha aulas cá, na minha escola, tinha formação lá, haviam dias que era lá. Depois no final de cada ano tinha o meu estágio. Num ano tive num sítio diferente noutro ano tive noutro., pois pronto, o meu estágio, foi na entrada do meu curso que comecei já a ter ligação com o centro de emprego, eles ficaram com o meu nome, com os meus dados, com tudo.*

*- Como é que era, Paulo, para eu saber, Frequentava a escola?*

*- Frequentava a escola.*

*- Estava em que ano?*

*- No sétimo, e depois informaram-me desse curso só que esse curso era só a partir do oitavo. Oitavo e nono, ficava com o nono ano. Mas eu tive que passar para o oitavo para poder entrar nesse curso, depois foram esses dois anos, fiquei com o nono ano.*

*- E quem é falou desse curso ao Paulo?*

*- Era um stora lá da escola, conhecia-me e eu conhecia-a, chamava-se Teresa.*

*- E ela já tinha sido professora do Paulo?*

*- Já, de Geografia. Já tinha sido professora de Geografia. Depois passado um ano ou dois estava a correr mal, fui pró sétimo, continuei no sétimo. Continuei no sétimo. Só tava mesmo a ver a saída do curso.”*

*“- O curso era de mecânica, não era?*

*- Era, de mecânica auto.*

*- Mas tinha pensado em ser mecânico?*

*- Eu gostava porque gostava de estar ligado a carros, e então estive ligado à mecânica (...)”*

Quando se refere ao curso, o Paulo explica que tinha “aulas teóricas”, “aulas práticas” e que esteve em duas oficinas em estágio. A descrição que o jovem faz das “aulas teóricas” deixa antever um certo desinteresse, ao passo que o mesmo não se verifica quanto às “aulas práticas”. Pelo discurso do Paulo é possível perceber que se encontrava, sobretudo, motivado para aprender tarefas com aplicação prática, pelo que descreve as suas aulas em oficina com algum entusiasmo, quando comparando com a descrição das suas “aulas teóricas”. Estas últimas são associadas às “aulas teóricas” frequentadas na escola, as quais não pareciam suscitar muito interesse ao Paulo.

*“-Como é que era o curso, explique-me lá, como é que aquilo, como é que estava organizado, como é que funcionava?*

*-Tínhamos aulas teóricas e aulas práticas, eram muito mais aulas práticas que teóricas, as teóricas a gente já não aguentava, já não bastavam as aulas que agente tinha em Santo António. A gente lá no Seixal só falávamos era práticas, não falávamos lá nada teórico porque a gentes já se estava a faltar então com aquelas aulas teóricas não dava mesmo.*

*-As aulas teóricas eram onde, Paulo?*

*- Eram salas que eles tinham mesmo lá, salas de aulas que eles tinham lá dentro.*

*-Dentro do centro de formação?*

*-Lá dentro do centro de formação. Quadros em branco, com os marcadores e tal, umas mesas, umas cadeiras, na minha turma eram quinze.*

*-Lembra-se das aulas teóricas que tinha?*

*-Bom já não me lembro da matéria, há, não apanhei nada. Daí não apanhei nada, era só prático. Teórica, escrevia, falava, só que eu não apanhei nada. Só prática.*

*-Porquê?*

*-Não dava, não dava. O stor começava a falar eu já não lhe ligava.*

*-Desligava*

*-Já não conseguia. Só quando ele dizia para ir almoçar ou para ir lá para dentro para o pavilhão onde havia carros, onde a gente (...) ali, debaixo dos carro com os carrinhos, aí sim, aí já interessava. Agora teórica já não me interessava muito.*

*-As coisas teóricas não lhe interessam?*

*-Não sei, não sei, também depende do assunto, não é? Também aulas teóricas de mecânica.”*

Quanto à relação do Paulo com os seus colegas de formação ela é descrita de modo que permite inferir tratar-se de uma relação satisfatória. A turma era constituída por 15 formandos sendo que todos eles haviam abandonado a escola antes de completarem o

9º ano, ou estavam em risco de abandono, como é o caso do Paulo. Refere que era uma turma muito “unida” apesar de descrever algumas situações de conflito. Nomeadamente, quando alguns colegas eram colocados em situações em que se tornavam alvo de “ridicularização” por parte do grupo. O Paulo refere que se sentia algo incomodado com estas situações, embora dê a entender ter tido um papel participante.

*“ (...) Porque aquele curso quando começou, colegas meus que tinham estudado. Deixaram a escola e eram expulsos, prontos. Foram-lhes buscar a casa, mandaram-lhes carta, esses mandaram, enviaram cartas a perguntar se quiser continuar ou se quiser frequentar este curso. A mim não, a mim fui falar com eles sobre isso, mas o que eu estava a dizer-lhe era que esses rapazes que, prontos, já não estudavam nem nada e as pessoas mandavam cartas tinham sido expulsos. Já não andavam naquela escola, as pessoas é que os foram buscar e disseram: se quiseres, olha, entrar para o curso. Eram vários colegas meus que já nem estudavam, veja lá, eu nem tinha quinze anos e o mais velho da turma ia fazer vinte e um anos e coitado e era o patinho feio, como se costuma dizer. Era mais velho, era o patinho feio, era só rir. Era com cada peça que aparecia lá. Eram gajos dentro do carro a destravar o carro, outros empurravam. Esse o patinho preto, o palerma...*

*- Mas porque é que esse era o palerma.*

*- Não o palerma, eu não disse que ele era palerma. Eu sou daqueles que estou a ver pessoas a abusarem mas não deixo de falar com eles e ser amigo deles. Às vezes tou-me a rir, é aquela não é? Estou com eles a vê-los a abusar mas depois digo assim: não liguês pá (eu não sou amigo deles, ta a ver?), não liguês pá, esses gajos são parvos. Só que prontos ele sabe lhe abusam e isso às vezes trás vítimas, sabe-se lá, olhe ainda antes de ontem tive a falar com um rapaz que depois de tirar esse curso já houve quem tira-se o mesmo cursos dele, então ontem tive com um rapaz. Para já ontem tive com um amigo meu que tirou o curso dele e ele falou-me que esse rapaz era o patinho preto do outro curso.*

*- Tá sempre o patinho preto. Tá sempre, não sei, mas nesses dois cursos, no meu era, e depois no outro, era outro.*

*- Porque é que acha que esse fenómeno acontece?*

*- Eu não sei, pá, os rapazes são diferentes. Eu acho que é todos dão-se, basta um ser diferente, os outros são todos iguais, basta um ser diferente, sei lá... Isolado, não gosta muito de falar, prontos, basta entrar nesse caminho, aqueles que estão sempre a rir, sempre a brincar, não sei quê.*

*- Ou seja há pessoas que se conseguem relacionar com os grupos melhores que outros. Conseguem integrar-se com outros. É isso que está a dizer?*

*- É, porque aquela turma era reunida, tipo...*

- *Quantos eram, Paulo?*

- *Se desse o segundo toque éramos quinze, um ou outro ia embora. Bastava dar o segundo toque se alguém dissesse já não vou, já ninguém ia. Éramos muito unidos, a minha turma. Como a minha turma era muito unida bastava um ou dois estar de fora, prontos... Era a turma toda contra aqueles dois. E era isso que se sucedia.*

- *Quando dava o segundo toque, pronto...*

- *Eu vi ali com cada coisa, era tanta coisa que se fazia àqueles rapazes. Uma delas era essa. Meter-lhes dentro do carro, tirar o travão de mão, ponto morto e tal, empurravam o carro contra as paredes. Começavam a partir as paredes."*

No que se refere à relação com os formadores, o Paulo descreve relações mais e menos satisfatórias mas dá ênfase especial ao seu primeiro formador de Mecânica, o qual descreve de forma bastante elogiosa, o que permite inferir um sentimento de profunda admiração pelo mesmo. O aspecto que o Paulo mais valorizava neste formador era o seu vasto saber na área que ensinava, contudo das suas palavras também se infere que admirava a capacidade deste formador de impor regras aos formandos, não permitindo os habituais comportamentos de desafio da autoridade. Este formador, acabou por abandonar a sua actividade, o que parece ter sido lamentado pelo Jovem apesar do seu notório esforço para compreender as possíveis razões deste abandono.

" (...) O nosso problema foi que não tivemos mais com esse formador, se a gente tivesse os dois anos com aquele formador agente sabíamos muito mais do que sabemos agora.

- *O que é que gostavas nesse formador?*

- *Era que o homem sabia. Aquilo é que era um formador. Sabia mesmo de mecânica, não era o segundo, o segundo foi, nos dois anos tive quatro.*

- *Nos dois anos teve quatro.*

- *Nos dois anos tive quatro*

- *Mas porquê?*

- *Eles não estavam a aguentar, não sei.*

- *O primeiro disse, tou farto disto, e depois dizia: pensam que eu estou aqui para vos aturar, mas ele dizia isto a brincar porque se quisesse dava cabo da gente. Dava cabo da gente entre aspas, corria dali com a gente. A gente portava-se mal e ele fazia, se fosse preciso éramos expulsos do curso, ele não estava para se chatear.*

- *Então o Paulo acha que ele até tinha mão em vocês. Vocês até o respeitavam.*

*- Sim... Ele é que quis ir mesmo embora. Ele é que disse, acham... eu não tou aqui para vos aturar, mas ele é que quis ir mesmo embora porque já estava farto daquilo, já devia ter estado lá há mais anos a dar formação a mais turmas. Não sei, mas deve ter sido. Foi para lá outro. Foi para lá outro."*

A turma que o Paulo frequentava teve, ainda, mais três formadores de Mecânica, após a saída deste primeiro formador. Contudo, as relações com estes últimos são descritas como sendo pouco satisfatórias, quando comparados com o primeiro. Mais uma vez, são valorizadas duas importantes características nos formadores: o seu saber, e a sua capacidade de impor limites. A constante mudança de formadores parece ter sido sentida como um aspecto negativo da formação.

*" (...) A gente viu logo que aquele homem é que sabia, aquilo era um homem... ele sabia tudo de carros. Ele era capaz de desmontar um carro e montar à nossa frente. A gente ficava horas com aquele homem. Mas o segundo eu não percebia nada, o segundo veio para ali, agente é que mandávamos nele. A gente não ... nada. Ele não percebia nada daquilo. Não percebia nada. A gente aí começou a ver: afinal mas que é isto? Mas quem é este gajo? A gente começou a pensar, isto já está é... isto já... Depois veio outro. Três formadores, sempre caras novas, a gente já estávamos numa de: isto já não está a dar com nada. Veio, foi-se embora também, esse, o terceiro, a gente a querer tirar um curso de mecânica e esse, o terceiro, meteu-nos um mês ou dois, foi o que ele teve connosco, a limar, a limar. A chave de bocas, a chave de boca, não é, dava-nos uma ripa de ferro, a gente tinha que limar, limar, limar... Tínhamos que desenhar uma chave de bocas. ... Uma chave de bocas em cima de uma ripa de ferro, com um giz desenhava-mos e depois ficávamos um mês ou dois sempre a limar a limar a limar, dois meses a limar. A gente a dizer: mas somos mecânicos ou quê, afinal? Tamos aqui só a limar! A Fazer chaves. Veja lá o que é que a gente estávamos a aprender: a fazer chaves. E depois, esse foi-se embora, também não aguentou.... A gente é que não aguentou, a limar. Foi-se embora e veio um baixinho, o último. Esse já eu gostei, o último, ele veio: mecânico de aviões, veja lá. O que é que um mecânico de aviões percebe de carros? Não percebe nada, Não percebe nada, ele não percebia nada. A gente dava à chave e o carro não trabalhava, ele sabia tanto como eu onde é que era o problema. Dizia: liga lá tudo. Eu ligava, ele ouvia o barulho, não sabia o que é que era, não sabia arranjar, não sabia nada. No primeiro ano foi a troca de formadores mas no segundo ano acho que já foi tudo com esse: o quarto. O mecânico de aviões. Era da força aérea. Era capitão da força aérea, ou sei lá o que ele era, mas esse era... Depois ainda tive outro mas foi numa questão de uma semana porque o meu quarto formador que era o Tavares, este último, foi para o estrangeiro, uma semana, e veio um*

*gajo qualquer para o substituir. Este muito menos sabia, aí é que agente já andava na palhaçada: o que é que este gajo está aqui a fazer? Não nos dizia nada, parecia um colega, a gente já fazíamos o que queríamos dali. Só depois quando o outro veio é que a gente atinámos e prontos. Agora é só este formador, vamos seguir isto, vamos acabar isto.*

*- Com tantos formadores o que é que o Paulo acha que é um bom formador?*

*- Um bom formador é...*

*- Porque é que gostava de uns, porque é que não gostou de outros, o que é que tinham de especial?*

*-Eles não sabiam, eles não sabiam nada daquilo. O primeiro formador é que nos ensinou mesmo...*

*-Era importante vocês perceberem, era importante para o Paulo perceber que aquela pessoa percebia coisas?*

*-Era importante é que aquela pessoa me ensinasse o que sabia. A mecânica a gente sabe que não era um nem dois, aquilo eram vários anos, muito menos dois anos. Em dois anos eu aprendo mas não aprendo mecânica, a mecânica é... um bom mecânico tem uma certa idade, uns certos anos de conhecimento, de prática, de mexer naquilo. Não é eu que nunca toquei num carro em dois anos eu treinava aquilo. Aquele formador a gente vê que percebe e sabe. Aquele era o melhor que havia ali. Ele disse mesmo que não tava para tar ali mais, foi-se embora, depois chegou a ir-nos visitar, ia lá um dia, depois ia lá outro."*

O Paulo esteve em situação de estágio em duas oficinas (um mês em cada ano da acção de formação), contudo não parece fazer uma avaliação muito positiva destas experiências, em parte devido à qualidade da relação estabelecida com os responsáveis pelo estágio, mas também devido a outros factores, como por exemplo, a ausência de perspectivas de vir a ser contratado; o facto de não se perspectivar que viesse a auferir a remuneração que desejava ou o sentir que não estava a ter oportunidade de aprender o que gostaria. Apesar de tudo, num destes estágios sentiu-se um pouco mais motivado pois, por vezes, tinha a oportunidade de intervir, resolvendo pequenos problemas que iam surgindo. Nestas ocasiões costumava ser recompensado monetariamente pelas pessoas que auxiliava, o que lhe agradava.

*"- Então o Paulo fez dois estágios, não é? O primeiro e o segundo ano. Onde é que fez os estágios?*

*- Os dois de um mês: um na baixa da banheira, em Serrão Lda, foi a pior oficina. E depois tive ali em Trabouco, ao pé da Repsol, Que é o ...Santos, esse foi, esse não gostei mesmo da cara dele. Porque esse era daqueles: quando o trabalho corria mal ele descontava com os*

*empregados, falava mal. As coisas corriam-lhe mal, prontos, corria mal para toda a gente. Mas ele ainda me pediu para ficar lá a trabalhar. Eu disse a ele que queria 5 contos ao dia. Ele começa-se a rir e a dizer-me: a 5 contos tenho um oficial. Mas eu disse a ele: só venho para aqui se ganhar 5 contos ao dia. E ele a rir-se a gozar comigo: Cinco contos ganha um oficial, e eu. Tá bem então não fico aqui e ele ainda me está a dizer: 5 contos ganha um oficial e tu que nem uma roda sabes desmontar e eu disse a ele: eu que nem uma roda sei desmontar e você está a pedir-me para aqui ficar. O gajo não gostou desta resposta, não é. Ficou logo de trombas comigo e não tocou mais no assunto. Chegou ao dia final, acabou o estágio, nunca mais lá apareci. Nunca mais, ele era um antipático. O Serrão era o meu patrão no meu primeiro estágio, eu a estagiar e ele vai-me de férias com a família fique eu e os empregados e os empregados ninguém mandava em mim. Não estava lá o patrão.*

*- Sentiu-se um bocado desamparado, desacompanhado?*

*- Não eu sempre trabalhei, o patrão fica lá no escritório e eu fico lá com os empregados, falo com eles, vamos arranjar aquilo, não sei quê. Eu não percebia nada no meu primeiro estágio, eles é que me pediam: olha, pá, sabes aquilo.*

*- Eu dizia sempre: faz tu primeiro. Mas depois de fazerem a primeira eu faço logo a segunda, já nem, basta me fazerem a primeira vez à frente que eu faço logo o resto. Tive lá e tal, ainda ganhei uns trocos. Por acaso esse foi o melhor estágio.*

*- Qual, esse, o primeiro?*

*- Foi. A gente, aparecia lá uma mulher com um carrinho de bebé, a fazer barulho lá nas rodas, precisava óleo, dava-me dinheiro. Olha vai comer um gelado ou vai beber um sumo ou não sei quê. Outro era: o meu carro ficou ali parado não tenho bateria. Ia-mos nós com uma bateria e um carrinho pela estrada. O outro meu colega levava os cabos, chegamos lá, pegávamos o carro: o homem dava-nos sempre guita, era mesmo à maneira. Na Auto Luis Santos só havia um empregado, este trabalhava comigo, chegava à hora o patrão dizia: olha, vai levar aquele carro à inspecção. Pegava no carro e ia-se embora, ficava lá eu a trabalhar e ia passear, ele levava o carro à inspecção. E eu um dia disse se podia ir, ele disse que sim e sempre a dizer: amanhã, amanhã. Nunca, nunca fui. Era por isso que não gostava dele. Ele era mesmo antipático. Eu nunca tinha ido a uma inspecção com um carro, podia ir com um colega. Porque todos os dias ele levava um carro à inspecção, aquilo era só carros. Eu disse, senhor Luís deixe lá ir com ele. Ele disse: não, não tu ficas. Nunca me deixou ir, nem uma vez só para eu ver como é que aquilo era.”*

A avaliação global que o Paulo faz dos dois anos de frequência da acção de formação de Mecânica parece ser razoável, contudo é evidente o sentimento de desapontamento, em parte pelas razões anteriormente referidas. O facto de ter obtido o

certificado escolar do 9º ano é, claramente, o aspecto mais valorizado. Quanto à oportunidade de se qualificar na área de Mecânica Auto, parece haver uma grande desvalorização desse aspecto já que o Paulo não considera, minimamente, a hipótese de vir a trabalhar nesta área. Contudo, o confronto com a realidade do mercado de trabalho parece ter conduzido o jovem a questionar a sua expectativa de que um maior nível de escolaridade. Paradoxalmente, mantém a sua intenção de obter a certificação escolar ao nível do 12º ano, através da frequência de uma outra acção de formação, em parte porque considera que o estágio lhe poderá proporcionar um emprego permanente.

*“ (...) hoje estou a pensar, já tenho o nono ano há muito tempo e eu não consigo arranjar nada de jeito. Não consigo arranjar nada não ser obras, para quê arranjar obras na boa, para isso ficava com o sexto ano. Não estudava mais.”*

*“- Ou seja, no fundo o que é que acha que ganhou? Que utilidade é que pensa que esse curso lhe fez ter?”*

*- O curso deu-me escolaridade. Parece que não mas o 9º ano, é que nem toda a gente tem. Eu conheço gente que está à rasca para tirar agora o 9º, para tirar o 9º e eu quero tirar o 12º. (...)”*

*“- E nunca recebeu propostas de trabalho nem nunca chegou a procurar propostas de trabalho na área da mecânica? Na área que fez o curso.”*

*- Não, não, não fui.*

*- Mas porque?*

*- Não, porque mecânico não quero, podia arranjar assim ligado a carros, não é? Mas eu não procurei. Já tentei a Auto-Europa. Já tentei ir à Auto-Europa. Só que a Auto-Europa, fui lá com um amigo meu e eles queriam arranjar trabalho hoje, trabalho amanhã, acabou. Um trabalho temporário. Eu disse logo: eu quero um trabalho todos os dias, quero vir para aqui trabalhar todos os dias, não falhar. Eles disseram: não, não, aqui nesta parte é só trabalho este dia, depois acabou-se. Há, já não quero. Nem apareci lá mais. Na Auto-Europa até era capaz de entrar nessa. Tar lá a montar carros, e o quê, ganha-se bem e tal.*

*- Então ao vim destes dois anos que utilidade é que o Paulo vê no curso que tirou? Que sentido tem?*

*-O curso foi só para me dar o 9 ano mais nada. Já tou a pensar tirar outro curso que me dê o 12º e vou ter que tirar outro curso.*

*-E porque é que acha que o 12º vai ser útil?*

*-Vai ser útil porque fico com o 12º.*

*-Porque?*

*-Porque meto-me a estagiar e nunca mais saio de lá. Só se mesmo eles disserem: não te quero. Porque eu não vou descontentar nunca mais.*

*-O Paulo gostava de fazer outro curso para ficar com o 12º e para ter oportunidade de fazer um estágio.*

*- Porque eu podia ficar a estagiar onde estagiei mas não quis porque para já vi que não era mecânico que eu queria ser. Também não gostava do... não ia com a cara dele. Não quis ficar lá. Agora tava a pensar em tirar outro curso."*

## **A ESCOLA E O "CURSO"...**

A frequência da acção de formação de Mecânica em alternativa à frequência dos 8º e 9º anos, através do ensino formal permitiu ao Paulo estabelecer um paralelo entre um e o outro. O jovem compara sobretudo as aulas teóricas da acção de formação com as aulas do ensino formal, demonstrando um baixo interesse quer num contexto, quer no outro. No entanto, afirma que o seu nível de interesse oscila consoante a matéria e o professor. Por exemplo, sempre se interessou por História, em parte pela possibilidade de compreender o passado mas também por gostar dos professores.

*" – Como é que era o curso, explique-me lá, como é que aquilo, como é que estava organizado, como é que funcionava?*

*- Tínhamos aulas teóricas e aulas práticas, eram muito mais aulas práticas que teóricas, as teóricas a gente já não aguentava, já não bastavam as aulas que agente tinha em Santo António. A gente lá no Seixal só tínhamos era práticas, não dávamos lá nada teórico porque a gentes já se estava a fartar então com aquelas aulas teóricas não dava mesmo.*

*- As aulas teóricas eram onde, Paulo?*

*- Eram salas que eles tinham mesmo lá, salas de aulas que eles tinham lá dentro.*

*- Dentro do centro de formação?*

*- Lá dentro do centro de formação. Quadros em branco, com os marcadores e tal, umas mesas, umas cadeiras, na minha turma eram quinze.*

*- Lembra-se das aulas teóricas que tinha?*

*- Bom já não me lembro da matéria, há, não apanhei nada. Daí não apanhei nada, era só prático. Teórica, escrevia, falava, só que eu não apanhei nada. Só prática.*

*- Porquê?*

*- Não dava, não dava. O stor começava a falar eu já não lhe ligava.*

- Desligava
- Já não conseguia. Só quando ele dizia para ir almoçar ou para ir lá para dentro para o pavilhão onde havia carros, onde a gente estávamos ali, debaixo dos carros com os carrinhos, aí sim, aí já interessava. Agora teórica já não me interessava muito.
- As coisas teóricas não lhe interessam?
- Não sei, não sei, também depende do assunto, não é? Também aulas teóricas de mecânica.
- Que assuntos é que gostava de aprender?
- Teóricos? Eu gosto é de História. Eu gostava porque também apanhei professores que também gostava, não é?
- Quando andavas na escola antes gostas de História?
- História, sempre me interessou, interessou porque era a única coisa que gostava de estar ali. Estar ali a olhar para o stor e ouvir.
- Achava interessante.
- Achava interessante a falar de ...
- Porque será que a História é importante para o Paulo?
- Porque gosto, eu acho que a história é importante para qualquer pessoa, para a gente saber o que é que... A gente antes não estávamos cá, não é? Parava gente saber o que é que se passava quando a gente não estava aqui antigamente. Pá, eu achava interessante.
- Para nós sabermos porque é que somos o que nós somos? Como é que chegámos a ser assim?
- É mesmo..."

A frequência da formação profissional conduziu a que o Paulo concluísse que as matérias das unidades de formação teóricas eram diferentes e de menor nível de exigência do que as das aulas teóricas do ensino formal. O que não o preocupava, pois já tinha essa expectativa, pelo facto de a sua turma de formação ter sido composta de alunos com um historial de insucesso escolar e que haviam abandonado a escola. A partir do discurso do Paulo infere-se que já tinha a expectativa de que o nível de exigência da acção de formação fosse inferior ao da escola e de que, apenas desse modo lhe seria possível concluir o 9º ano.

- " – Mas não tinha nada a ver, porque os... do nono ano nunca davam o que eu tava a dar, não, era ao contrário, eu é que nunca estava a dar o que eles estavam a dar. Eram coisas básicas.
- Quais é que eram básicas? As suas ou as deles?

- As minhas eram bastante básicas, eram, pá, aquilo era mesmo básico. Português então, eu via os testes dos meus amigos do oitavo, do nono, nada, a partir do oitavo já se tem Físico-Química, eu não tinha nada.

- E o que é que o Paulo achou disso? O que é que achava que aquilo que estava a aprender era básico, como diz.

- Eu não estava muito preocupado, sabia que os outros estavam... prontos, eu sabia que aquilo era diferente. Eles estavam na escola normal, eu estava no curso. Eu sabia que as coisas que estava a aprender eram coisas básicas. Eu já sabia que aquele curso era para nos ajudar. Porque aquele curso quando começou, colegas meus que tinham estudado. Deixaram a escola e eram expulsos, prontos. Foram-lhes buscar a casa, mandaram-lhes carta, esses mandaram, enviaram cartas a perguntar se quiser continuar ou se quiser frequentar este curso. A mim não, a mim fui falar com eles sobre isso, mas o que eu estava a dizer-lhe era que esses rapazes que, prontos, já não estudavam nem nada e as pessoas mandavam cartas tinham sido expulsos. Já não andavam naquela escola, as pessoas é que os foram buscar e disseram: se quiseres, olha, entrar para o curso. Eram vários colegas meus que já nem estudavam, veja lá, eu nem tinha quinze anos e o mais velho da turma ia fazer vinte e um anos..."

Contudo, quando concluiu a acção de formação, o Paulo matriculou-se novamente na escola, no 10º ano (Tecnológico de Informática), na expectativa de prosseguir até ao 12º ano, impulsionado pela sua namorada, que também se havia matriculado no mesmo ano. Desistiu pouco tempo depois, uma vez que voltou a sentir as mesmas dificuldades que havia sentido antes, e a manifestar o mesmo tipo de comportamento.

" – Assim que acabou o curso fui logo para o 10º ano.

- Porque é que queria ir para o 10º ano?

- Porque queria acabar o 12º segundo."

" – O Paulo queria esta na turma da namorada?

- Eu queria tar com ela e ela também me ajudava.

- Ela ajudava o Paulo era?

- Mesmo assim fiquei lá meio ano. Se eu não tivesse com ela fica lá nem sei, um mês. Mesmo assim em meio ano fui três dias. Três dias não fui três vezes para casa. A última vez eu fui para casa fiquei lá uma semana, por causa de um rato."

## OS OUTROS...

O Paulo vive com os pais e uma irmã mais velha, com 24 anos. O pai trabalha na bilheteira da Estação de Caminho de Ferro de Santa Apolónia desde há vários anos. Trata-se de um trabalho por turnos pelo que nem sempre está em casa em horários coincidentes com os do Paulo. A mãe do Paulo esteve em casa durante uma grande parte da infância do filho, mas quando este completou cerca de 11 anos, começou a trabalhar. No seu discurso o Paulo não chega a fazer alusão à profissão da mãe. A irmã frequentou o ensino superior numa área que o Paulo desconhece (imagina que fosse algo relacionado com Saúde) mas abandonou a faculdade, alegando que não se encontrava a estudar o que queria. Começou, então, a trabalhar na Nokia. O Paulo nunca se refere às habilitações literárias dos pais.

De um modo geral o Paulo parece ter uma vida algo “independente” dos restantes elementos da família. Identifica algumas situações e momentos da sua vida em que os pais parecem ter tido alguma intervenção, mas deixa-nos com a ideia de que tem alguma facilidade em agir de acordo com os seus desejos e impulsos, mesmo quando a família não está de acordo com as suas opções. Mesmo em relação ao seu comportamento indisciplinado na escola, e ao insucesso e abandono escolar, o Paulo descreve um comportamento familiar compreensivo e até permissivo. Por exemplo, numa ocasião em que o Paulo furtou o rato do computador de um Professor, o pai sugeriu-lhe que se justificasse, dizendo que havia sido uma brincadeira de Carnaval. Segundo o jovem, o pai não terá ficado muito preocupado com a situação.

*“- Já tinha dito que o seu pai faz?”*

*- O meu pai trabalha em St<sup>a</sup>. Apolónia.*

*- Há, sim.*

*- Então ele agora sai à meia-noite, ele entra eu saio.*

*- Não dá pela sua chegada.*

*- Não dá pela minha chegada. A minha mãe também não deve dar porque ela é daquelas que está sempre a dizer: só vou para a cama quando tu vieres. E eu estou sempre a dizer: se calhar nem durmo em casa. Eu durmo em casa mas digo-lhe logo isso que é para ela ir logo para a cama, para não esperar por mim. A gente nunca sabe. Um dia o meu pai estava à espera porque eu dizia que ia arranjar trabalho com um amigo meu. Era aquele trabalho na Auto-Europa. Então nesse dia o meu pai ficou acordado. Tava a achar estranho, ainda tinha a*

*luz acesa é porque está lá alguém. E eu nem ia dormir em casa, ia dormir noutra casa. Não, eu não avisei ninguém eu queria era ir a casa buscar o telemóvel e depois ia dormir noutra casa. Tava lá o meu pai. Tava aqui a fazer tempo, à tua espera. Amanha. Veio aqui o teu amigo chamar que é para ires à Auto-Europa. E eu comecei a pensar: como é que eu vou dormir fora? E tinha mesmo que ir dormir fora. Eu queria mesmo ir dormir fora porque o assunto era mulher. Então disse ao meu pai. Estava mesmo a pegar no telemóvel para dormir fora. Tens que estar aqui às nove da manha então disse assim: então às nove da manha eu estou de pé. Só vou é dormir noutra casa. Ele começou a olhar para mim e disse: não sejas parvo vai mas é deitar. Amanha vais arranjar trabalho. E eu disse: isso é filme teu: eu dormir aqui eu dormir noutro lado vai dar na mesma coisa. Desde que eu esteja de pé. E eu fui e às nove da manha estava ali de pé. Fui com ele.*

*- E o seu pai não se chateou com isso?*

*- Não se chateou.*

*- E ele não perguntou onde é que ia dormir?*

*- Não, ele perguntou. Eu só lhe disse o assunto é mulher. Ele perguntou onde é que eu vou mas eu tive que me ir embora. Ficou a olhar para mim. Eu disse vou ter que sair às nove estou aqui. Às nove estava lá, levei o telemóvel. E a minha mãe viu, a minha mãe acordou de propósito para ver se eu ia. Tas a ver? O meu pai a dizer que eu não sei o que faço, não sei quê.*

*- Eles no fundo não ficaram incomodados com o facto do Paulo ir dormir fora de casa?*

*- Não, mas eles não gostam. A tua casa é aqui. Só que eu digo a eles: vocês têm que ver que eu já tenho 19 anos e não estou para fazer... já tive mesmo essa conversa com os meus pais. Se eu quero dormir com uma rapariga como é que eu vou fazer? Não vou levar uma rapariga para casa dos meus pais. Tá lá a minha irmã, a minha irmã ainda vive lá."*

Do discurso do Paulo, também se percebe, embora vagamente, o estilo de relação que estabelece com os seus pares. Em relação às namoradas o Paulo descreve uma relação amorosa na qual parece ter havido um maior investimento da sua parte, mas de um modo geral as relações com as raparigas da sua idade parecem resumir-se a encontros fugazes, tendo como único intuito a satisfação da sua curiosidade sexual. Em relação aos seus amigos e colegas, fica-se com a ideia de que estabelece relações algo superficiais, do ponto de vista afectivo, mas procura jovens com estilos de vida idênticos demonstrando uma natural necessidade de se sentir integrado no grupo de jovens cuja origem social é mais próxima da sua.

*“ (...) Entretanto fui para a Cidade do Sol comecei-me a portar mal e, já não queria sair dali, já não queria mais escola nenhuma.*

*- Porquê?*

*- Porque foi aquela que eu mais gostei*

*- Porquê?*

*- Porque estava ao pé dos meus amigos. Os meus amigos estavam todos ali, ao pé do pessoal.*

*- Amigos que eram vizinhos também...*

*- Eram vizinhos, era tudo e foi assim.”*

*“- Teve o resto do ano lectivo em casa, foi?*

*- Tive o resto do ano em casa e depois fui trabalhar para fora.*

*- Como é que se sucedeu essa oportunidade?*

*- Lá fora, porque foi para lá um amigo meu. Prontos, um daqueles amigos que cresci com ele.*

*- E prontos ele foi trabalhar para fora e fiquei à espera para ver como é que se ia dar lá. Vi que ele se deu bem então pedi para ir ter com ele.”*

As relações do Paulo com professores e colegas já foram, de certo modo descritas, mas em síntese o seu discurso revela que estabeleceu relações pouco satisfatórias com a maioria dos professores. A sua atitude era de permanente desafio à autoridade de professores e formadores apesar de identificar alguns professores por quem nutria um sentimento de alguma admiração, o que parecia reflectir-se no seu desempenho escolar. Nomeadamente, alguns professores de História e, sobretudo, o seu primeiro formador de Mecânica. Este, último, aliás é a única pessoa em relação à qual se percebe um maior envolvimento afectivo, quando consideramos todo o discurso do Paulo.

*“ – O que é que gostavas nesse formador?*

*- Era que o homem sabia. Aquilo é que era um formador. Sabia mesmo de mecânica...”*

## **OS INTERESSES...**

A partir do discurso do Paulo percebe-se que o seu percurso de vida tem sido marcado por alguns períodos de inactividade, nomeadamente entre o final da acção de formação

e o início da sua primeira experiência laboral, ou após o final do seu contrato de trabalho. Nestes, e em outros momentos livres, o Paulo dedica-se, sobretudo a estar com os seus amigos e a frequentar locais de diversão nocturna. Percebe-se que procura estas situações na expectativa de viver experiências de descoberta como, por exemplo, através dos seus encontros sexuais ou do consumo de algumas substâncias tóxicas como drogas, ditas “leves”, ou álcool. Os pais do Paulo agem perante o estilo de vida do filho, com alguma passividade, de acordo com o que se infere da sua narrativa.

“ – *Costuma sair às sextas e aos sábados, é?*

- *É, sempre, todos os dias.*

- *O que é que vai fazer? Onde é que vai? Como é que se diverte?*

- *Onde é que vou? Começo a beber uns copos em bares, discoteca...”*

“ – *Não sei, gosto de comer bem e viver bem. Gosto de ir àqueles sítios que estou ali estou a comer e a beber à fartura. Gosto dessas coisas e quando tenho dinheiro gosto mesmo de abusar, gasto mesmo o meu dinheiro. Às vezes penso, também não é preciso abusar dessa maneira. Não sou rico nem nada mas já que não sou rico eu quando tenho dinheiro quero aproveitar aquelas coisas boas, né? Que a gente quer fazer. Jantar fora ou almoçar fora. Fazer essas coisas todas. Tudo o que me apetece faço, tenho dinheiro, faço.*

- *É ceder a qualquer tentação do momento sem tar a contar o dinheiro.*

- *É que é mesmo, o que me vier à cabeça, faço. Também naquele tempo, agora já não, mas naquele tempo fumava aquelas cenas: haxe. Aquelas cenas que fazem rir.”*

“- *Eles no fundo não ficaram incomodados com o facto do Paulo ir dormir fora de casa?*

- *Não, mas eles não gostam. A tua casa é aqui. Só que eu digo a eles: vocês têm que ver que eu já tenho 19 anos e não estou para fazer... já tive mesmo essa conversa com os meus pais. Se eu quero dormir com uma rapariga como é que eu vou fazer?”*

“ – *Que confusões é que aconteceram?*

- *Não. Apanharam-me com coisas nos bolsos.*

- *O que é que fizeram? Perguntaram?*

- *Perguntaram não, tiravam, a minha mãe não queria tocar no assunto. E eu perguntava, então? Foram me mexer nos bolsos, tinha lá uma cena. Agora já não tenho. Depois diziam: queres encontrar aquilo?*

- *Eu dizia, não, eu contornava só para não arranjar problemas para o meu lado. Quero dar ao dono. Davam-me e eu despachava a cena.*
- *Quer dar aquilo ao dono, então o Paulo dizia que aquilo era seu.*
- *Sim, nunca, nunca, quando era apanhado com aquilo na boca eu ia dizer que era mentira.*
- *Porquê?*
- *Não, não vou assumir porque como eu lhe disse...*
- *Acha que não ia ser compreendido.*
- *Não dá, não dá. Não dá mesmo Ainda por cima com a vida que eu levo, não trabalho, não faço nada, ainda pior. Se agora voltassem a me apanhar com aquilo no bolso, imagino. Não sei quê? Não fazes nada, depois andas metido nessas coisas. Agora se eu tiver a trabalhar, a ganhar bem, a fazer a minha vida e se ma apanharem a fumar eu ainda lhes digo: olha já fumo isto à não sei quantos anos. Trabalho, faço a vida normalmente, eu estou é à espera desse momento. Estou à espera de arranjar um trabalho. É o que me está a faltar.”*

## **O “MUNDO DO TRABALHO” E O FUTURO...**

No momento da entrevista o Paulo havia regressado de Inglaterra há alguns meses. Havia estado neste país, a trabalhar durante 6 meses, numa fábrica de carnes. O jovem viajou algum tempo após a conclusão da acção de formação de Mecânica Auto e, depois de uma tentativa mal sucedida de regresso ao sistema de ensino. Esta foi a sua primeira e única experiência de trabalho remunerado. A oportunidade surgiu a partir de um amigo de infância que tinha contactos com uma empresa de trabalho temporário. O Paulo não hesitou e viajou para Inglaterra motivado, sobretudo, pelo facto de vir a ter oportunidade de ganhar algum dinheiro. Descreve condições de trabalho bastante exigentes, mas refere ter gostado da experiência e, sobretudo, das condições de vida que lhe eram proporcionadas, nomeadamente, da casa onde estava instalado, do dinheiro que recebia e do estilo de vida que observava aos que lá habitavam.

- “- Tive o resto do ano em casa e depois fui trabalhar para fora.*
- *Como é que se sucedeu essa oportunidade?*
- *Lá fora, porque foi para lá um amigo meu. Prontos, um daqueles amigos que cresci com ele. E prontos ele foi trabalhar para fora e fiquei à espera para ver como é que se ia dar lá. Vi que ele se deu bem então pedi para ir ter com ele.*
- *Lá para fora, para onde?*

*-Para Inglaterra, Manchester. Depois fui para lá, só tive meio ano, depois não me renovaram contrato.*

*-O que é que o Paulo estava a fazer?*

*-Estava a trabalhar numa fábrica de... numa fábrica de fiambre.*

*-O que é que fazia concretamente?*

*-Eu trabalhava com carne crua. Carne a escorrer sangue. Trabalhava, prontos, nessa, numa fábrica com vários postos. Eu trabalhava num e esse meu amigo que me levou para lá trabalhava noutro. Mas fazíamos praticamente a mesma coisa. Tanto o posto dele como o meu era trabalhar com carne crua. Metemos no forno, para depois os outros trabalhadores de outro posto que trabalham com a carne cozida vão buscar a carne de... Prontos é a gente a meter carne de um lado e eles a meter no outro. Era muito frio. Eu não gostava daquilo porque era muito frio. Sentia muito frio. Trabalhava com luvas de aquecimento e tinha que meter as mãos na água quente de 5 em 5 minutos. Era agarrar cinco pedaços da carne a escorrer sangue e já tinha que as molhar. Levávamos umas luvas de aquecimento e depois levava-mos umas de plástico para não se molharem senão ainda era pior, com aquele frio e com as mãos molhadas aí é que não dava mesmo."*

*" – O que é que lhe agradou na maneira de viver em Inglaterra?*

*- Gosto da maneira deles serem."*

*(...)*

*" – Mas está a dizer que gosta da maneira de viver deles. Acabei por não compreender porquê.*

*- Gosto mesmo da maneira deles viverem, gosto tudo daquele país. Gostava de viver lá.*

*- Mas o que é que eles têm que nós não temos?*

*- É grande, é muita gente... o movimento, é tudo, tu ali... Belos carros, belas casas, "bueda" gente ali. É tudo diferente, tudo em grande está a perceber?*

*- Aparentam viver com muitos bens, é isso?*

*- Eu tou habituado a isto, só que ali grandes cidades, grandes carros, eu fico maluco ali onde eu tava. Onde eu tava aquilo era bem duro. Mas eu agora não ia voltar para lá. Eu agora ia para a capital, para Londres. E não ia passar férias, ia trabalhar em hotéis a fazer caminhas, a fazer a cama. Ui, isso é que eu queria. Trabalhar lá em zonas frias, como eu, na fábrica, eu trabalhava num frigorífico."*

A partir do discurso do Paulo infere-se que as suas principais expectativas quanto ao mundo do trabalho e ao futuro é o poder vir a ganhar algum dinheiro e vir a ter um trabalho permanente. O dinheiro parece ser valorizado pela possibilidade de satisfação

imediate dos seus desejos, enquanto que a natureza permanente do emprego que deseja, se prende com a sua necessidade de segurança face a um futuro que se lhe apresenta “cheio de incertezas”. O jovem parece ter uma noção pouco clara a respeito das várias profissões possíveis e das tarefas que lhes são inerentes e mostra-se confuso quanto à relação entre o nível de escolaridade e a oportunidade de obter o emprego que deseja. Contudo, de um modo geral transparece a crença numa relação directa entre um maior nível de escolaridade e a obtenção de um emprego permanente e bem remunerado. A frequência de uma acção de formação aparece associada à ideia de que é uma forma menos exigente de obtenção do diploma escolar e, ao mesmo tempo, o estágio é visto como uma oportunidade de ser integrado num emprego.

*“ – Hoje estou a pensar, já tenho o nono ano há muito tempo e eu não consigo arranjar nada de jeito. Não consigo arranjar nada não ser obras, para quê arranjar obras na boa, para isso ficava com o sexto ano. Não estudava mais.*

*-Porque é que queria ir para o 10º ano?*

*-Porque queria acabar o 12º segundo.*

*-Porquê? Porque é que isso é importante para si?*

*-É muito importante, porque como já lhe disse eu com o 9º ano ainda não arranjei nada. O que eu queria mesmo era não andar nas obras.”*

*“ – Não, eu posso ver aqui quais é que são os cursos que eles têm mas eu ainda não sei bem qual o curso que eu quero escolher. Eu agora quero escolher o que eu quero seguir, o que eu quero ser. Agora tenho que pensar bem no que escolher.*

*- Porque é que acha que isso agora é importante?*

*- Isso agora é importante antes que fique tarde, ainda sou novo, ainda sou um jovem. Tenho 19 anos mas se eu me agarrasse agora a um emprego, um emprego mesmo, não estou a falar em trabalho. Se eu arranja-se um emprego, tenho 19 anos era a melhor coisa.*

*- E porque é que acha que o 12º vai ser útil?*

*- Vai ser útil porque fico com o 12º.*

*- Porque?*

*- Porque meto-me a estagiar e nunca mais saio de lá. Só se mesmo eles disserem: não te quero. Porque eu não vou descontentar nunca mais.*

*- O Paulo gostava de fazer outro curso para ficar com o 12º e para ter oportunidade de fazer um estágio.*

- Porque eu podia ficar a estagiar onde estagiei mas não quis porque para já vi que não era mecânico que eu queria ser. Também não gostava do... não ia com a cara dele. Não quis ficar lá. Agora tava a pensar em tirar outro curso.

- Um curso de quê?

- Uma amiga minha falou-me de um curso só que eu não sei se é isto. Técnico comercial. Eu não sei se foi este curso que ela me falou. Ela falou-me num curso para eu tirar de três anos e ficava com o 12º. Tem ligação a vendas. Pronto, ela tá a trabalhar com aqueles carros... Tá a ver aqueles carros que estão no stand acabadinhos de sair, novos, que até dizem nas portas: novo ou aquelas frases. Por acaso o dela era: novo Opel astra...E ela está a trabalhar aí, e eu quando lhe vi naquele carro até fiquei maluco. Um carro novinho em folha, tipo test drive, foi buscar aqueles carros novos do stand e eu perguntei-lhe como é que ela fez para trabalhar ali. E ela disse para tirar um curso de... eu já não sei bem se é isso. Técnico comercial. Só sei que vou-lhe perguntar qual é e vou mesmo tirar esse curso. Poroso não ter o mesmo trabalho que ela mas posso ter sorte posso até ter mais sorte que ela.

- Mas o que é que gostava exactamente? Poder conduzir esses carros novos.

- Era, era. Era poder conduzir esses carros.

- E sabe o que é um técnico comercial?

- Técnico comercial?

- Sabe o que é?

- Eu não. Ela disse o curso acho é de técnico comercial e eu até nem sabia e disse a ela: mas isso tem muitas saídas? E ela: vendas. Vendas. Vi ela num carro novinho me folha. Tem uma certa lógica. Percebi. Agora não sei o que é um técnico comercial."

A integração no mercado de trabalho, também parece ser valorizada pelo Paulo, pela oportunidade de se manter ocupado e com algumas rotinas.

" – Então afinal o que é que Paulo gostava mesmo para o seu futuro? O que é que queria fazer?

- Eu queria era trabalhar. Mas eu penso numa coisa e depois já penso noutra, eu a vida, eu não sei.

- Tá um bocado perdido.

- Ainda não sei o que quero ser quando for grande.

- Ainda precisa de esperar mais um bocadinho até ser grande? Saber o que quer? O que é que é que espera da vida.

- Eu quando penso na vida espero que ela melhore.

- *Melhore em que aspecto?*
- *Quando me perguntam: então como via a vida? Vai bem mas podia estar melhor.*
- *Em que é que podia estar melhor?*
- *Se eu trabalhasse podia estar melhor. Eu só preciso de trabalho, só preciso de trabalho, não preciso de namorada. O que eu preciso é de trabalho, não preciso de mais nada.*
- *Para que é que quer o trabalho?*
- *Diga?*
- *Para que é que quer o trabalho?*
- *Até trabalhar faz bem porque eu já estou a dar em maluco. Para estar ocupado porque eu não tenho preocupações, eu não tenho responsabilidades, não tenho nada. Se eu quiser acordo todos os dias às 2 da tarde. Tá bem que não me falta comida não me falta roupa não me falta nada. Mas prontos, para já não sustento os meus vícios. Tenho vícios e depois não os posso sustentar."*

## **5. “PODE SER QUE AINDA ENTRE PARA A FACULDADE”**

O Francisco foi entrevistado, no Centro de Emprego, no momento em que se encontrava na expectativa de vir a integrar uma acção de formação de Aprendizagem, nível III e após ter passado por um processo de orientação profissional. Antes havia frequentado uma acção de Educação e Formação de Jovens na área de Mecânica Auto, com equivalência ao 9º ano de escolaridade. Esta acção de formação realizou-se a partir de um projecto de Parceria que envolvia uma Escola Secundária, o Centro de Emprego, o Centro de Formação Profissional e uma I.P.S.S com actividade ao nível da inserção social de pessoas em risco de exclusão. A Câmara Municipal também dava apoio ao nível do fornecimento de transporte aos formandos. Este projecto de parceria era designado: “Escola Incluir”.

### **A ESCOLA, O INSUCESSO ESCOLAR, O ABANDONO ESCOLAR...**

O Francisco descreve um percurso escolar sem reprovações até ao 4º ano. O jovem estava parte do dia ao cuidado dos avós maternos, até ter iniciado o ensino pré-primário, num colégio privado, onde esteve cerca de 2 anos, antes de integrar o 1º ano, do 1º ciclo. Deste período não tem muitas recordações, excepto que teve uma professora nos dois primeiros anos e depois passou a ter uma outra. Diz não se lembrar das suas professoras neste período da sua vida mas não hesita em afirmar que nunca gostou da escola e que teve dificuldades, sobretudo, no 4º ano, embora tenha acabado por ser aprovado. Refere que tinha alguma dificuldade em lidar com os seus insucessos o que gerava alguns conflitos com os seus professores.

*“ – Desde a primária que eu não gostava. Foi assim...*

*- Nunca gostou da escola?*

*- Nunca gostei da escola.”*

*“- O Manuel de Melo, andei aí nesse colégio ainda e depois fui para a escola. Andei lá dois anos, mais ou menos. Quando era pequenino os meus avós iam-me lá buscar. Andei aí um tempo. A minha avó também trabalhava. Então nessa altura.*

- Avós quê, paternos, maternos?

- Os pais da minha mãe. Hân, maternos. Então nessa altura a minha avó tinha uns problemas então tinha ficado em casa. Então até entrar para a escola sempre estive com os meus avós. Fiquei com os meus avós em casa.

- O Manuel de Melo, andei aí nesse colégio ainda e depois fui para a escola. Andei lá dois anos, mais ou menos. Quando era pequenino os meus avós iam-me lá buscar. Andei aí um tempo. A minha avó também trabalhava. Então nessa altura.”

“- Não se lembra da sua professora primária?

- Não.

- Não?!

- Não, por acaso não me lembro. Há aquelas pessoas que se lembram da professora primária mas eu não me lembro.

- Foi só uma professora que teve.

- Sim, até ao 4º ano foi só uma professora que tive. Não foi até à segunda. Depois na terceira e quarta foi outra professora. Só que já não me lembro. Era para ter reprovado no quarto ano mas andava por lá, a minha mãe apertava comigo. As professoras fizeram um esforço e consegui passar.”

“ – E sempre foi assim, Francisco? O Francisco estava a dizer, à bocadinho, que nunca gostou da escola, nem na primária.

- Na primária era mais ou menos assim: os professores mandavam fazer os trabalhos, eu fazia os trabalhos mal. Pagavam-me e eu embirrava que não fazia outra vez.”

Após a conclusão do 1º ciclo o Francisco transitou para uma escola básica 2 + 3. Lembra que foi uma grande transição não apenas por se tratar de uma nova escola mas também, por ter mais disciplinas e mais professores. Esteve nessa escola 4 anos, 2 anos a frequentar o 5º ano e outros dois a frequentar o 6º ano. Nesta altura o seu desinteresse pela escola acentuou-se consideravelmente. Refere que tinha dificuldade em concentrar-se nas aulas e que, muitas vezes, acabava por faltar para ir passear com os seus colegas ou jogar à bola. Quando não faltava acabava por preferir conversar com algum colega, o que, naturalmente, favorecia a sua distração.

“- Pronto, foi assim, eu no quinto ano fui para a escola da Quinta da Lomba, E.B. 2+3. Pronto, fiz o quinto ano só que sou um rapaz que não gostava muito da escola.

- Porquê?

- *É assim, eu ir às aulas eu vou bem, só que ir às aulas eu estou sempre desatento. Eu sou daqueles rapazes que penso: tenho que estar atento, tenho que estar atento, não consigo estar atento nas aulas e, mais ou menos. Consigo ter um bocado de aproveitamento nas aulas, só que sou assim, sou um bocado distraído e dou um bocado de conversa, voltando à conversa. E pronto. Eu acho que estou mais ali a falar e a ver as coisas do que estar propriamente atento às aulas. Pronto, começou tudo no quinto ano. Desde a primária que eu não gostava. Foi assim...*

- *Nunca gostou da escola?*

- *Nunca gostei da escola e depois no quinto ano, a primeira vez que estive no quinto ano chumbei. Também tive lá problemas, repeti-o. Na segunda vez que fiz o quinto ano...*

- *Que problemas é que teve?*

- *Não era bem problemas. Eu ia para as aulas mas não gostava de tar nas aulas e ia-me embora. Problemas assim, de não querer estar nas aulas, gostava de andar aí fora, pronto com a malta e isso tudo.*

- *A fazer o quê?*

- *A passear, em vez de estarmos nas aulas cheguei a ir com amigas minhas, em vez de termos Física, íamos para o parque da cidade. Jogar à bola, andarmos por aí a passear pelo Barreiro. Eram coisas assim. No segundo, que fiz o quinto ano já apanhei uma turma mais ou menos porreira, já ia às aulas, não era muito atento, não era muito atento. Comecei a ir às aulas e passei para o sexto ano. Mas no sexto ano voltei a ter aquela coisa de baldar à escola. Tive que fazer o sexto ano pela segunda vez.*

- *O que é que não gostava nas aulas para além dessa dificuldade em estar atento? O que é que não gostava?*

- *Não sei explicar, era mesmo aquela coisa: ir para as aulas e não querer estar lá a ouvir os professores a falar. Não querer estar ali a ler.*

O Francisco associa as suas dificuldades de concentração com o desinteresse que as aulas lhe suscitavam, em parte pela sua percepção de que teria algo de mais interessante para fazer e aprender em outros contextos e com outras pessoas. Por isso preferia falar com os seus colegas sobre assuntos que lhe despertavam mais curiosidade. Os pais do Francisco tentavam acompanhar o seu percurso escolar, definindo estratégias para o motivar para ir às aulas, contudo nem as repreensões dissuadiam o jovem de faltar.

" – *As aulas não tinham interesse?*

- Não, não me davam interesse nenhum as aulas a mim. Era mesmo aquele, estava com os meus colegas na conversa numa aula inteira, preferia, do que estar a ouvir o professor a explicar a própria coisa da aula.

- Mas as conversas com os colegas eram mais interessantes porquê?

- Eram, falávamos do que se passava, do que se fazia. Naquela altura, foi quando saiu a Playstation. A gente falávamos os dois da Playstation e passávamos nisso. Havia colegas meus que falavam de carros.”

“ – O mau pai dizia: tens que estudar mais, às vezes até me ajudava, às vezes chegava a levar-me à escola e ficava na porta da escola para ver se eu ia às aulas. Mas pronto às vezes eu ia espreitar, via que ele estava lá. Ia para o campo da bola. Em vez de ir às aulas ia para o campo da bola e ele já nem me via e depois se visse o carro a passar escondia-me que era para ele não me ver.

- Como é que eles reagiam quando descobriam que você faltava?

- Quando descobriam ralhavam comigo não é?

- Metiam-me de castigo e em vez de jogar computador, às vezes não jogas.

- Mas conversavam sobre o assunto?

- Depois avisavam-me: tens que começar a ir às aulas porque depois de ires às aulas nunca mais fazes a escola. Vais andar aqui. Qualquer dia queres ter carro, não podes ter carro, queres tirar a tua carta, porque não tens a escolaridade. Qualquer dia tens aí colegas teus, tu és quase o dobro deles. És muito mais velho. Parece que andas com miúdos do infantário, pareces quase o pai deles...”

Após a conclusão do 6º ano o Francisco transitou para o 7º ano e foi frequentar uma escola secundária cuja localização era mais próxima da sua casa e onde poderia vir a frequentar o ensino até ao 12º ano. Nesta altura o seu desinteresse pela escola não só se manteve como se agravou. O Francisco começou a faltar ainda mais às aulas e a ter um comportamento mais indisciplinado. Os seus amigos e colegas eram, sobretudo, jovens com um historial de insucesso escolar com quem o Francisco se identificava, naquela fase da sua vida. Mais uma vez refere que o que se passava na sala de aula não tinha interesse, o que tornava insuportável a permanência naquela situação.

“ (...) Quando passei para a escola da Cidade do Sol fazer o sétimo ano foi quando comecei a abrir-me mais. Portava-me mal na aula, num momento qualquer saía da sala. Foram aquelas coisas. Pronto comecei a andar com malta repentina e tudo.

- Porque é que foi para a Cidade do Sol?

- Porque ficava mais perto de casa, então como me transferiram para a Cidade do Sol ficava mais perto e muitas pessoas minhas vizinhas e amigos iam para lá. Eu não sabia se ficava nesta escola. Então vou, também. Fui para a escola, entrei numa turma, era pessoal repetente. Pessoal da minha zona, depois comecei a meter-me com o pessoal repetente. Eles baldavam-se à escola. Chegavam aos testes, eles assinavam o teste e iam-se embora. Coisas assim.

- Na rua o que é que faziam?

- Ia-mos jogar à bola e começávamos a ver o pessoal nas aulas. Não queríamos era estar dentro da sala fechados a aturar a professora que não nos deixava fazer nada.

- Não gostava dos professores?

- Não, não era não gostar dos professores. Pronto era aquela coisa de estar fechado ali durante uma hora, ter que fazer exercícios, ter que ir ao quadro, um gajo aborrece-se um bocado. Foi depois nessa altura que eu estava a acabar o sétimo ano que eu soube dos cursos de formação profissional lá na escola “.

No que se refere às relações do Francisco com os professores, de um modo geral, estas eram razoáveis. Não são descritas situações de conflito, contudo o jovem não se recorda de nenhum professor que lhe tivesse deixado uma impressão particularmente positiva, pelo contrário recorda-se de uma professora que ficou na sua memória como alguém excessivamente exigente, embora reconheça que esta atitude se devia a um interesse por si, e pela sua progressão escolar.

“ – Lembro-me que cheguei a ter uma professora de Inglês. Pronto eu não pesco nada de Inglês. Desde o quinto ano. Apanhei com essa professora durante 3 anos. Fiz o 5º duas vezes apanhei com essa professora. Fiz o sexto, então a professora embirrava, não é bem embirrar, como é que hei-de dizer: esforçava-me muito, como eu não...

- Exigia.

- Exigia muito de mim, como eu não sabia, quando via que eu não conseguia, tentava, tentava até eu perceber. Foi a professora que, pronto, no final da escola. Pronto eu gostava dessa professora. Mas chegávamos às aulas, os outros aprendiam bem e eu se ela punha-se a perguntar coisas das outras aulas, eu já nem me lembrava. Ela tentava apertar comigo mais para ver se eu aprendia alguma coisa...

- É assim, há algum professor que não tenha gostado mesmo e que lhe tenha ficado na memória?

- Não, assim professor que me tenha ficado na memória, não. Porque apesar de eu não gostar da escola e faltar muito as aulas se eu me portasse bem. Se eu metesse na aula de Inglês, tá bem que não fizesse nada, mas seu eu me portasse bem. Eu até era um rapazinho que me

*portava bem. Se eu tivesse num conto da sala sozinho a ouvir a professora a falar era um rapazinho calado. Se não tivesse ninguém à minha volta eu estava calado. Às vezes fazia desenhos. Os professores gostavam de mim, sem ter aquela coisa de faltar às aulas e não gostar das aulas, se eu tivesse nas aulas. Não era mal-educado com os professores nem nada, os professores até gostavam de mim, nunca tive problemas com os professores.”*

A certa altura sentiu que não fazia sentido continuar a investir o seu tempo em algo no qual não se estava a conseguir concentrar e ao tomar conhecimento da realização da acção de formação de Mecânica Auto (através de uma sessão de esclarecimento realizada na própria escola) começou a considerar alterar o seu rumo. Falou com os seus pais que se mostraram algo cépticos quanto às vantagens da opção do Francisco, mas após mais um ano reprovado, obteve o apoio da sua mãe quanto à inscrição na acção de formação.

*“ – Como é que soube?*

*- Foi, porque os meus colegas, de repente, houve lá uma professora, que é a professora Teresa Costa veio falar à minha sala. E como estava lá um colega ao lado meu, veio dizer: existem uns cursos assim, para fazer o oitavo e nono. E eu ouvi aquela história e comecei a pensar: isto é um bom curso para mim. Um curso de dois anos, se chegar ao final fico com o nono ano, eu agora não sei se chumbo. Vou falar com os meus pais. Cheguei a casa falei com a minha mãe: ouvi isto na escola, falei-lhe do curso. O meu pai disse: isso não dá para nada. Se tu não fazes a escola na escola normal num curso também não consegues fazer. Só que eu tinha ouvido um curso de mecânica, já gostava um bocado de carros. Um curso de mecânica. Depois quando soube que tinha chumbado não me custa nada tentar. Ver se consigo entrar ou não. Se chumbar pelo menos fico a saber alguma coisa de mecânica, se passar melhor ainda.”*

*“ – Já estava a achar que as coisas tinham que mudar. Já era o facto de faltar à escola. Os meus colegas diziam: então, vais à aula. Quando eu ia às aulas os meus professores já diziam: aleluia veio às aulas. Ou vens as aulas dizer boa tarde à gente e vais já embora. Então comecei a dizer: eu ando aqui a fazer o quê? Eu, aqui não ando a fazer nada. Tenho que começar a...*

*- E os seu pais o que é que diziam, desde a primária?*

*- Os meus pais desde a primária, prontos, pensaram que eu tivesse alguma coisa. Até a Psicóloga, pensaram que eu tivesse algum trauma com a escola, não sei. Não gostava da escola. Depois no 5º ano quando viram que eu faltava às aulas e isso tudo começaram a ver,*

*não, isto é ele que não gosta da escola. Depois quando eu entrei para o curso o meu pai até ficou admirado de eu ter entrado para o curso. Não conseguia fazer a escola normal, não iria conseguir fazer o curso. A minha mãe apoiou-me, vais entrar para o curso e vais fazer o curso. Tu é que queres, tu é que sabes.”*

## **O “CURSO”...**

Com cerca de 16 anos e após ter reprovado no 7º ano, o Francisco integrou uma acção de Educação e Formação de Jovens, na área de Mecânica de Automóveis, com progressão escolar até ao 9º ano. Esta acção de Formação, em particular, foi organizada no âmbito do Projecto “Escola Incluir”. Tratava-se de um projecto em parceria, destinado a alunos com um historial de insucesso e abandono escolar, no qual participava a escola secundária que o Francisco frequentava, O Centro de Emprego da área, O Centro de Formação Profissional e uma I.P.S.S, designadamente, a Rumo. Como já foi referido, a Câmara Municipal, também apoiava este projecto, proporcionando o transporte dos formados da escola para o Centro de Formação.

O Francisco foi integrado numa turma com cerca de 15 formandos, os quais frequentavam, na escola, aulas teóricas de Português, Inglês, Matemática, Mundo Actual, Cidadania, Tecnologias de Informação e Comunicação e Desenvolvimento Pessoal e Social. As aulas teóricas de Mecânica de Automóveis, bem como a respectiva prática simulada, decorriam nas instalações do Centro de Formação Profissional. Em cada um dos dois anos de duração da acção de formação, os formandos frequentaram um estágio de um mês em oficinas de automóveis. O Francisco frequentou ambos os estágios numa oficina da marca Toyota. O contacto com as entidades onde decorriam os estágios, bem como o seu acompanhamento era realizado por técnicos da instituição Rumo.

*“- Tínhamos aulas aqui na escola, três dias por semana, aqui na escola. Eram aulas normais, Português e Inglês.*

*- Que disciplinas tinham da escola normal?*

*- Tínhamos Inglês, Português, Matemática, mundo actual, T.I.C, Mundo Actual...*

*- O que é T.I.C. era Tecnologias de Informação? Informática?*

*- Informática, Cidadania..”.*

*“- Esse curso foi organizado por quem? Pela escola?”*

*- Era pela escola, pelo centro de emprego, pela Rumo e pela Câmara. Acho que era só isso. Prontos, a Câmara dava-nos o autocarro para nós irmos e virmos.*

*- Chamavam a isso à escola incluir, não é?*

*- É, a Câmara dava-nos o autocarro para a gente ir e vir. Ia-nos lá pôr e depois quando a gente saía, às 7 horas estava lá para nos trazer. E depois ela, aquela coisa, íamos para o Seixal e aquilo era muito diferente. Até tínhamos aulas teóricas para aprender a saber as coisas do carro e era as práticas, prontos para aprender a desmontar os motores. Depois de semana íamos para as aulas, tínhamos os testes. Andávamos sempre naquilo, como a gente gostávamos daquilo dos carros a maior parte da minha turma, éramos quase todos. Lá havia um ou dois que não gostava muito de carros. Mas pronto era mais para fazer o nono ano, eles. Agora a maior parte gostava de carros andávamos lá coisa, pá, qualquer dia mexer em carros, andávamos sempre lá a falar e depois o nosso professor era um senhor porreiro. Estava sempre na brincadeira e tudo.”*

*“ (...) A gente chegava ao final do ano. Era um mês de estágio. Arranjava um sítio para irmos estagiar. Pronto era um mês que estávamos a estagiar naquela empresa.*

*- Onde é que estagiou?*

*- Eu estive a estagiar na Toyota, aqui em Palhais.”*

O discurso do Francisco em relação à experiência de frequência da acção de formação deixa transparecer a ideia de que se tratou de uma experiência bastante gratificante para a qual se sentiu motivado desde o início, não só pela oportunidade que lhe conferia de completar o 9º ano, mas também por lhe permitir aprender a trabalhar com automóveis, algo que refere sempre lhe ter agradado. Um dos aspectos que mais agradou ao Francisco foi o facto de as matérias tratadas nas várias unidades terem sempre uma relação com o objectivo final do curso, ou seja, vir a ser Mecânico de Automóveis.

*“(…) Comecei no curso, não sei o que é que me deu, não sei se foi a motivação de fazer o nono ano e tirar o curso. Mas eu tenho impressão que foi mesmo força de vontade minha de fazer o nono ano e de tirar um curso diferente da escola normal.”*

*“Tinha mais a ver com a realidade que a gente estava. Como estávamos a tirar um curso de mecânica. As aulas tinham sempre mais ou menos a ver ou não com mecânica e a gente estava sempre a ser específico. Tem mais a ver...”*

Numa avaliação da experiência formativa, o Francisco coloca ênfase especial nos estágios que frequentou na Toyota. As suas palavras deixam transparecer que se tratou de uma situação em que teve a oportunidade de sentir que havia aprendido, verdadeiramente, a solucionar problemas concretos, assim como, a articular essas aprendizagens com as realizadas nas aulas teóricas. O Francisco valorizou bastante a boa relação que estabeleceu com os seus formadores em posto de trabalho, que considera terem tido um papel importante na sua aquisição de novas competências.

*“ – Eu estive a estagiar na Toyota, aqui em Palhais.*

*- Como é que foi?*

*- Foi porreiro, nos dois anos calhei com duas pessoas impecáveis. No primeiro ano foi um senhor impecável. Eu estava ao pé dele e ele dizia-me: olha agora a primeira semana ficas aqui a aprender. Na primeira semana ia andando com ele, ia levando a chaves e não sei o quê e ia aprendendo com ele. Depois nas outras semanas ele ficava ali ao pé de mim a ajudar-me, claro, não ia deixar-me sozinho a trabalhar. Ele às vezes ajudava-me, eu ia buscar os materiais, ele fica de olho nos carros. Ele ia-me ajudando nas coisas, se visse que eu estava a fazer mal, ia-me dizendo: não faças isso pois estás a fazer mal...”*

*“ (...) Foi um senhor sempre impecável, levou-me a mexer nos carros. Tava sempre comigo e dizia-me: se tentares agarrar assim é melhor agarrares assim. Tive umas semanas lá no computador. Sempre ajudou, a gente vai vendo as peças, como é que se tira, como é que não se tira.*

*- E isso ajudou-te?*

*- Ajudou um bocadinho. Porque aprendia coisas que a gente na escola está às vezes na conversa ou não ouvia muito bem ou os apontamentos que a gente tirava não estavam muito bem esclarecidos. Eu ali aproveitava e revia mais ou menos a matéria. Levava o papel que o meu professor me deu. Via o que é que ia sair, o que é que a gente tinha que fazer. E no mês que eu tive no segundo ano consegui fazer mais ou menos na Toyota o que conheci no curso. Olha o senhor dizia isto vai-te sair no teste, eu vou ficar de olho em ti. Tu vais fazer isto sozinho...”*

Um outro aspecto que é evidenciado pelo Francisco, a respeito da experiência formativa, é o facto de ter sentido que a sua imagem perante os outros passou a ser mais valorizada. O jovem refere que começou a ser reconhecido como fazendo parte

de um grupo com uma reputação positiva junto das pessoas em seu redor e o seu pai, em particular, passou a demonstrar um maior respeito pelas suas decisões.

*" (...) Se falassem nos mecânicos do Barreiro já sabiam quem era.*

*- Sabia bem ser conhecido por mecânico do Barreiro?*

*- Lá na escola diziam: então és de que turma? Tou a tirar o curso de mecânica aqui na escola. Eu falava, mesmo agora, saio à noite com amigos meus. E vejo pessoas lá da minha escola e perguntam: então não pertencias lá aos mecânicos do Barreiro, da Escola da Cidade do Sol. Então prontos, como é que hei-de explicar. Naquela altura ficou conhecida por sermos os únicos mecânicos ali na nossa escola. Havia uma turma antes, sempre ouvi dizer que a turma que tinha tirado o curso antes de agente também era uma turma porreira. Malta 5 estrelas, portavam-se bem. Prontos pelo que ouvi dizer uns portavam-se bem outros não. E a gente portava-se bem porque era a nossa imagem que estávamos a mostrar também. Agora, olha aquela turma dos mecânicos é só malta que não presta para nada e não sei o quê. E eu não gostava, gostava de falar assim: a minha turma dos mecânicos do Barreiro, aquilo são uma turma espectacular, são uns rapazes que aprendem depressa. Eu gostava disso."*

*" (...) Eu meti na cabeça em fazer o curso e então vim a saber que o meu pai sempre me apoiava para eu entrar para o curso."*

*" – Ele sempre fez daquela forma: se queres entrar no curso tens que faz de modo para que eu saiba que quiseste entrar para o curso. Só agora é que me veio dizer e a minha mãe também que gostou muito, ele até me veio dizer que achou bem eu ter entrado para o curso.*

*- Sentiu-se orgulhoso.*

*- Sentiu-se orgulhoso. E depois quando eu acabei, eu disse, olha, passei. Ele ficou todo contente que eu tinha metido na cabeça que queria fazer a escola, que queria fazer o 9º ano e com a minha força de vontade consegui fazer o 9º ano. Ele ficou todo contente. E depois quando lhe disse que queria fazer o 12º ano, outra vez ele disse: então pronto, tu agora é que sabes. Se queres fazer o 12º tudo bem, se queres ir arranjar um emprego de mecânico, tu é que sabes. Pôs-me a vontade para eu escolher e eu escolhi fazer o 12º ano.*

De um modo geral o jovem parece ter valorizado a oportunidade de adquirir competências profissionais na área de Mecânica pois tinha a expectativa de tal lhe poder ser útil no momento de procurar uma integração no mercado de trabalho.

*" (...) O que é que acha que o Francisco ganhou com esse curso?*

- *Aprender uma coisa diferente. Nunca imaginava aprender mecânica. A gente fica com uns aninhos. Uns aninhos, para quando mais tarde sabemos alguma coisa de mecânica e eu aprendi também como é que hei-de lidar no dia-a-dia à procura de trabalho e isso tudo e pronto mais ou menos ver para mim próprio o que é que eu hei-de fazer no futuro. Procurar um emprego mas como tenho o meu curso e gosto de mecânica tentar arranjar qualquer coisa.*

## **A ESCOLA E O "CURSO"...**

Ao longo do seu discurso o Francisco faz várias comparações entre a experiência escolar e formativa, de onde se destaca a relevância atribuída ao facto de a acção de formação ter um propósito bem definido: a preparação para trabalhar como Mecânico de Automóveis, e de todos os conteúdos do curso estarem direccionados para esse fim. O jovem lamenta que na escola não tivesse a noção da utilidade do que aprendia, em termos da aplicabilidade desses saberes na sua vida profissional futura.

*" – Portanto, o que é que o Francisco pensa que foi diferente em relação à escola?*

*- Foi mesmo o ensino era baseado mais ou menos no curso que nós estávamos a tirar.*

*- Tinha mais a ver com a realidade.*

*- Tinha mais a ver com a realidade que a gente estava. Como estávamos a tirar um curso de mecânica. As aulas tinham sempre mais ou menos a ver ou não com mecânica e a gente estava sempre a ser específico. Tem mais a ver... a aulas que a gente esta a aprender e o curso que a gente esta a tirar dá mais aquela expectativa que a gente está a aprender mais. Na escola normal não. É mais a gente vai aprender isto e agente está ali a aprender aquilo. E depois a gente começa a ver: mas isto não tem nada a ver com a vida que a gente está a viver. Estamos a ler Saramago, mas o que é que isso vai me dar."*

*"A gente começa a pensar: na escola dão-nos Saramago mas o que é que isto nos vai servir para um dia que a gente vá para o trabalho. Ali no trabalho não vamos estar a ler Saramago aos colegas. E como no curso a gente aprendia mais ou menos aquilo que a gente estava a dar naquele momento, sempre é outra forma de ensino."*

A metodologia de ensino utilizada pelos formadores era considerada diferente da dos professores, nomeadamente, mais activa e com uma maior evidência da sua aplicabilidade à resolução de problemas concretos, o que contribuía para que o Francisco considerasse as sessões de formação mais interessantes das aulas na

escola. Este aspecto parece assumir grande importância já que o jovem afirma que não tinha dificuldade em permanecer 90 minutos numa sessão da acção de formação, ao passo que em aulas escolares de 45 minutos, ansiava pelo final. O número de elementos por turma, também variava sendo de cerca de 25 na escola e 15 na acção de formação.

*“Era como se fosse um jogo então era mais divertido, e pronto. No Mundo Actual. Na Cidadania também gostava porque a gente estava a aprender os artigos que há. A gente copiava os artigos para uma folha apenas aqueles artigos que a gente achava que um dia mais tarde iam servir para a gente trabalhar em mecânica.”*

*“ – Então e era mais fácil suportar os 90 minutos do curso que os 45 minutos das aulas?*

*- Era, porque a forma de ensino era diferente. A gente chegava a acabar os 90 minutos e a gente a dizer à stora: já acabaram os 90 minutos? Porque a gente estávamos tão empenhados a fazer os trabalhos que estávamos a fazer que nos esquecíamos do tempo e na escola normal não. A gente fazia vários trabalhos, só passaram 10 minutos, ainda faltam 25 para a aula acabar e uma pessoa fartava-se.”*

*“ Na escola eram 25 mais ou menos, 24, 25. Era muito mais gente. Depois começámos a ir para o Seixal, ter as aulas práticas. Começa-mos a mexer nas ferramentas e nessas coisas. Basta esta perspectiva de a gente gostar de ir para lá.”*

## **OS OUTROS...**

O Francisco vive com os pais e um irmão de 6 anos. Os avós maternos e paternos são de origem Alentejana. Os avós maternos estiveram emigrados em França, o que possibilitou que a mãe do jovem se licenciasse e viesse a ser professora de Geografia durante alguns anos. O pai do Francisco frequentou a escola até ao 7º ano e acabou por abandonar o ensino, pois a sua família tinha poucos recursos económicos. Trabalhou numa empresa que veio a falir e a partir daí começou a trabalhar por conta própria, com a mãe do Francisco, na área de Serigrafia. O irmão do Francisco frequenta o 1º ano do 1º ciclo.

*“ – Os seus pais trabalham os dois na mesma empresa?*

*- Trabalham, trabalham.*

- É dos dois?

- É dos dois.

- E eles estudaram até mais tarde?

- A minha mãe era professora de Geografia, o meu pai é que não. O meu pai só fez o sétimo ano.

- A minha mãe fez a faculdade. Ainda deu aulas.

- O seu pai fez?

- O sétimo ano. A minha mãe ainda chegou a dar aulas de Geografia só que depois acharam os dois melhor abrir a empresa, ela deixou de dar aulas. Nunca mais foi dar aulas.”

“ – Então os seus pais já tinham a Serigrafia?

- Sim, nessa altura já tinham, quando eu fui para o 3º ano os meus pais já tinham a Serigrafia.

- O que é que os seus pais faziam?

- A minha mãe dava aulas e o meu pai trabalhava numa empresa de frigoríficos. Depois só quando ela faliu que eles abriram a empresa.”

“ (...) Tanto da parte da minha mãe como do meu pai eram alentejanos e vieram para cá à procura de trabalho.”

O Francisco descreve relações familiares gratificantes apesar de ter vivido alguns conflitos com os seus pais a partir do momento em que se começou a desinteressar pela escola. Quando o jovem decidiu candidatar-se à frequência de uma acção de formação profissional recebeu, de imediato o apoio da sua mãe, contudo o pai mostrou-se relutante face à sua decisão. Após a conclusão, bem sucedida, do curso, o pai do Francisco mostrou-se apoiante e, segundo o jovem, “orgulhoso” da sua concretização. A atitude inicial do pai parece ter sido compreendida pelo jovem com base no seu conhecimento da sua história passada, isto é, que o pai consideraria que ele próprio deveria de ter estudado um pouco mais, mas não o fez por falta de recursos, ao contrário do Francisco.

“ – E o seu pai como é que lidava com isso?

- O mau pai dizia: tens que estudar mais, às vezes até me ajudava, às vezes chegava a levar-me à escola e ficava na porta da escola para ver se eu ia às aulas. Mas pronto às vezes eu ia espreitar, via que ele estava lá. Ia para o campo da bola. Em vez de ir às aulas ia para o campo da bola e ele já nem me via e depois se visse o carro a passar escondia-me que era para ele não me ver.”

*“ – Ele sempre fez daquela forma: se queres entrar no curso tens faz de modo para que eu saiba que quiseste entrar para o curso. Só agora é que me veio dizer e a minha mãe também que gostou muito, ele até me veio dizer que achou bem eu ter entrado para o curso.*

*- Sentiu-se orgulhoso.*

*- Sentiu-se orgulhoso. E depois quando eu acabei, eu disse, olha, passei. Ele ficou todo contente que eu tinha metido na cabeça que queria fazer a escola, que queria fazer o 9º ano e com a minha força de vontade consegui fazer o 9º ano. Ele ficou todo contente. E depois quando lhe disse que queria fazer o 12º ano, outra vez ele disse: então pronto, tu agora é que sabes. Se queres fazer o 12º tudo bem, se queres ir arranjar um emprego de mecânico, tu é que sabes. Pôs-me a vontade para eu escolher e eu escolhi fazer o 12º ano.”*

*“ – O pai do Francisco também estudou pouco.*

*- Não porque ele disse que naquela altura que andava a estudar os pais dele também não tinham possibilidades. Então ele teve que ir trabalhar para ajudar os pais. Trabalhar para ajudar os pais em casa.*

*- Portanto ele não estudou, não porque não quisesse mas porque não podia.*

*- Sim, pronto os pais dele não queriam que ele deixasse de estudar. Só que ele é que quis os ajudar em casa para os ajudar.”*

O discurso do Francisco, no que diz respeito à qualidade das relações que estabelece com professores, formadores, amigos e colegas, deixa-nos com a impressão de que estabelece relações cordiais e sem conflitos significativos, com as pessoas em geral.

*“ (...) Os professores gostavam de mim (...) Não era mal-educado com os professores nem nada, os professores até gostavam de mim, nunca tive problemas com os professores.”*

*“ Eu estive a estagiar na Toyota, aqui em Palhais.*

*(...) Foi porreiro, nos dois anos calhei com duas pessoas impecáveis. No primeiro ano foi um senhor impecável. (...) Foi impecável, era para passar lá depois do curso mas como fui de férias e depois fui lá agradecer ao senhor.”*

*“ (...) Gostava de andar ai fora, pronto com a malta e isso tudo.”*

*“ (...) Ir com amigas minhas, em vez de termos Física, íamos para o parque da cidade. Jogar à bola, andarmos por aí a passear...”*

## **OS INTERESSES...**

Como muitos jovens da sua idade, o Francisco tem interesses variados e ocupa os seus tempos livres a jogar “Playstation”, a passear com os seus amigos e namorada. Interessa-se, especialmente pela transformação de carros de corrida, ou “tuning”.

*“- Mas as conversas com os colegas eram mais interessantes porquê?*

*- Eram, falávamos do que se passava, do que se fazia. Naquela altura, foi quando saiu a Playstation. A gente falava os dois da Playstation e passávamos nisso. Haviam colegas meus que falavam de carros.*

*- Falavam dos vossos interesses.*

*- Pois, os nossos interesses, da bola e isso...”*

*“ – O que é que faz nos seus tempos livres.*

*- Eu gosto de Tuning. Paro muito com pessoal com carros equipados.*

*- O que é que faz, vai ver carros equipados? Vai ver as corridas que eles fazem é isso?*

*- Não corridas não vou. Vou ver montes de pessoas. Conheço um rapaz aqui da loja do Barreiro.*

*- Gosta de ver a transformação?*

*- Gosto de ver a transformar, às vezes, vou passear pelo Barreiro para não estar em casa. Tar ali com ele a mudar umas guelras a um carro. (...)*

*- Ficou fascinado.*

*- Fiquei fascinado. Há carros muito bonitos, por acaso, há carros muito bonitos.*

*- O Francisco para além disso, o que é que faz mais nos seus tempos livres?*

*- Vou ao cinema, gosto de estar no meu computador, gosto de jogar. Coisas assim. Tenho namorada. Gosto de passear com ela. Essas coisas, por enquanto são só isso.”*

## **O “MUNDO DO TRABALHO” E O FUTURO...**

O Francisco teve um breve contacto com o mundo do trabalho quer através do estágio que frequentou numa oficina de automóveis, quer através do apoio que vai dando na empresa dos seus pais. Contudo, nunca teve uma actividade laboral remunerada.

Quando se refere ao futuro, o Francisco parece alimentar a expectativa de vir a trabalhar na área de Mecânica, mas para tal considera importante aprofundar os seus

conhecimentos nesta área, através da frequência de uma outra acção de formação, que lhe permita progredir até ao 12º ano. Espera, igualmente, vir a frequentar formação na oficina de alguma marca conceituada de automóveis. Considera, ainda, vir a candidatar-se ao ensino superior. De um modo geral, sobressai a ideia de que valoriza a possibilidade de vir a ter um grau académico elevado a par da oportunidade de adquirir competências profissionais em contexto real de trabalho e de vir a trabalhar numa “grande empresa”.

“ – Há uma coisa que estou aqui a pensar o Francisco desde Junho que está em casa. O que é que tem feito?

- Tenho andado por aí. Pronto, tenho ajudado os meus pais, estou lá na loja a ajudá-los. Pronto vou para lá...

“ (...) O que é que eu hei-de fazer no futuro. Procurar um emprego mas como tenho o meu curso e gosto de mecânica tentar arranjar qualquer coisa.

- Descobriu um interesse?

- Descobri um interesse na mecânica. Gostava de continuar na mecânica e mais tarde trabalhar numa oficina.

- Um dia mais tarde como é que imagina o seu futuro?

- Imagino, primeiro fazer a escola, ficar com o 12º e mais tarde quem sabe tirar um curso numa oficina. Numa oficina de mecânica, para a Toyota ou para a Opel e tirar mesmo um curso de mecânica lá, pronto para aprender mais qualquer coisa.

- Gostava de aprender a trabalhar numa empresa grande, é?

- Pronto, tirar um curso numa grande marca para... porque o que a gente aprende nos cursos e tirando um curso só manual numa grande empresa sempre nos ajuda mais um bocadinho.

- E pensa fazer isso da sua vida?

- Quem sabe. Por enquanto ainda não porque eu quero mesmo é acabar a escola mas mais tarde se achar que não consigo acabar com a escola. Entrar para a faculdade ou coisa assim.

- Há, ainda pensa na faculdade?

- Na faculdade, se calhar penso. Porque na faculdade também há partes em que se mexe em carros e isso, acabando o 12º ano pode ser que venha trabalhar, pode ser que ainda entre para a faculdade.”

**CAPÍTULO V**

**CONCLUSÕES**

## **CAPÍTULO V – CONCLUSÕES**

### **1. “CINCO HISTÓRIAS...CINCO SENTIDOS?”**

Uma vez “contadas” as histórias importa perceber como as mesmas “respondem” às questões colocadas por esta investigação: *Que sentido, cada um destes jovens, constribuiu a partir das experiências formativas vividas? Ou mais aprofundadamente: Serão estas medidas pertinentes, na perspectiva destes jovens? Possibilitarão um verdadeiro processo de transformação individual? Possibilitarão o desenvolvimento de competências mobilizáveis em situações concretas? De que modo se articulam as dimensões “auto formativa”, “heteroformativa” e “ecoformativa”? De que modo estas medidas contribuem para a construção das identidades sociais e profissionais destes jovens? Em suma, serão verdadeiras alternativas a um sistema escolar abandonado e, eventualmente, abandonante?*

#### **1.1 “O MARCO”...**

##### **“OS HERÓIS JÁ MORRERAM TODOS”**

Numa apreciação geral da história do Marco muitos aspectos sobressaem mas a “imagem” com que se fica é a de um jovem que vai “deambulando” de forma algo aleatória por diversos contextos (a escola; a família; os cursos; as touradas; o futebol) como quem busca um sentido para a vida, que na verdade, nunca é encontrado mas é, continuamente, construído e reconstruído.

A escola parece nunca ter respondido à sua necessidade de “aprender as coisas da vida”. Mesmo no seio familiar, nunca houve muito espaço para reconhecer a escola como algo muito importante. Os pais e os irmãos do Marco (eles próprios com baixa escolaridade) vão demonstrando, de forma pouco convincente, a importância da escolaridade para vir a ter um emprego e um futuro melhor, mas o Marco vai demonstrando que é fora da escola: no futebol, com os amigos mais velhos e a correr à frente dos touros, que aprende o que lhe importa aprender: a dominar os medos; a enfrentar as “armadilhas” da vida; a “passar a bola” e a “fintar” as “rasteiras”.

Os professores, de um modo geral, não merecem o seu respeito ou admiração, excepto um ou outro que, com algum afecto e habilidade, lhe vai mostrando que tem alguns “talentos” que deve explorar. Mas, de um modo geral não há modelos a que o Marco se sinta verdadeiramente identificado. Ele próprio diz que todos os heróis já morreram ou, estão “paraplégicos”, incapazes lhe mostrar como se “voa”. Quase sempre, a relação com os professores é um “jogo de forças” do qual ninguém sai a ganhar e, entretanto, o Marco foi “alimentando” a impressão de que é continuamente, “perseguido” e de que mesmo, aqueles que o querem ajudar o fazem com condescendência.

O Marco cresceu a saber como é difícil sonhar quando se tem que “pôr o comer na mesa”, como faz a sua mãe; mesmo que o dinheiro não seja muito, e como tem que aprender a “lutar” para se fazer um homem, como lhe diz o pai. Ainda assim, ousa sonhar que um dia será como o Bill Gates, que terá dinheiro para tudo o que deseja, e o que deseja é “comprar” uma imagem regenerada de si mesmo: de alguém que não “chula” a família empobrecida e “comprar” a liberdade de viver do que gosta, e do que sabe fazer: jogar à bola, trabalhar com computadores...

Assim, no caso do Marco, qual a resposta à questão inicial de investigação: Que sentido atribuiu à experiência de frequência do curso de educação e formação de jovens? Como se diz na gíria: “*o que nasce torto, jamais se endireita*”, e neste caso a integração numa acção em contexto escolar, numa área que nada tinha a ver com os interesses do Marco e onde não foi possível estabelecer uma relação empática com os formadores, “condenaram” a experiência formativa, logo à partida.

De facto, após sucessivas retenções o Marco conseguiu concluir o 7º ano e, ainda, descobrir o seu interesse e capacidade para trabalhar com computadores. Esse ano parece ter sido um verdadeiro “ponto de viragem” na vida deste jovem: encontrou professores e formadores que lhe “proporcionaram” um contexto para experimentar e descobrir algumas capacidades e interesses, os quais lhe permitiram a construção de um projecto de vida: Ser “reparador de computadores” e diria mesmo, o início da construção de uma identidade pessoal, social e profissional mais sólida, por

identificação à sua própria forma<sup>41</sup>. Para quem não tinha qualquer objectivo definido até aí, este projecto foi investido de uma enorme pertinência, de tal forma, que a formação numa outra área profissional só poderia ser vista como totalmente desprovida de sentido. Se acrescentarmos a este aspecto o facto de o Marco não ter “percebido” diferenças significativas entre a experiência escolar (vivida de forma pouco satisfatória) e formativa, e de se ter confrontado com um formador percebido como incapaz de o valorizar, encontramos a “*fórmula do fracasso*” da experiência do EFJ, de electricidade e a razão do seu abandono precoce.

Na realidade, nem a oportunidade de completar o 9º ano de escolaridade “aliciou” o jovem, que parece não estar muito “preocupado” com a “possível” relação entre uma maior escolaridade e melhor emprego. Por outro lado, o “pequeno” curso de informática que o Marco frequentou aos fins-de-semana, enquanto completava o 7º ano, parece ter sido investido de importante significado. Esta experiência, ao contrário da outra, parece ter possibilitado o desenvolvimento de competências mobilizáveis em situações concretas, daí que o jovem diga que aprendeu a “*resolver problemas*”; assim como parece ter-se dado início a um processo de transformação individual, na tripla dimensão dos conhecimentos, capacidades e atitudes (o concurso de formação profissional no qual o Marco participou, tendo sido reconhecido pelos bons resultados obtidos, ilustra bem esta conclusão). É curioso como a verdadeira “alternativa” à experiência escolar foi este “pequeno curso de informática” e não o EFJ de electricidade, como se pretendia. O que nos mostra que nem sempre é possível fazer coincidir os sentidos e as lógicas de quem pretende formar e de quem é “suposto” ser formado.

## **1.2 “A SÓNIA”...**

### **“QUERIA SER POPULAR”**

Na história da Sónia, há um aspecto que é recorrente: o seu permanente sentimento de rejeição e a constante necessidade de um sentimento de pertença. Curiosamente, foi na escola que esta necessidade se exprimiu com maior intensidade o que marcou, invariavelmente, o seu percurso escolar, interferindo no seu desempenho. Conta que “*ninguém a deixava brincar*”.

---

<sup>41</sup> Identificação Ideomórfica, de acordo com a teoria de Coimbra de Matos.

Esta jovem portuguesa, de origem africana, nunca se sentiu verdadeiramente integrada em nenhum dos diversos “mundos” que foi habitando: o grupo da escola ou o grupo religioso, a casa do pai ou a casa da mãe, o mundo dos “brancos” ou dos “mulatos”. Nesta permanente busca pela aceitação dos outros, as aulas pouco lhe ensinavam o que sentia vontade de aprender: como “*ser alguém*” respeitado e valorizado pelos demais. Assim, valia a pena faltar às aulas para ficar com as amigas a aprender as “*coisas da vida*”. Os professores eram sentidos como desinteressantes, incapazes de espelhar uma imagem mais positiva de si, e sobretudo, incapazes de ajudá-la a encontrar limites que a defendessem de si mesma.

Mas, a vida também ensinou a Sónia a admirar a capacidade de “sacrifício” da mãe e a ternura ilimitada do pai e, por isso, acreditou que também valia a pena voltar a estudar mas, desta vez, algo que lhe permitisse vir a “*ter um bom emprego*”, “*dar orgulho aos pais*”, “*ser alguém.*” O curso EFJ, na área comercial, surgiu à Sónia como sendo a “solução” óbvia para as suas aspirações. Quando conversámos, a Sónia estava a frequentar esta acção de formação, a qual havia assumido uma enorme relevância na sua vida.

Quando perguntamos qual o sentido que a Sónia atribuiu a esta acção de formação? Podemos responder que, na sua perspectiva, o curso se revestiu de um importante significado. Para esta jovem, o curso representa uma verdadeira oportunidade para adquirir competências na área comercial, as quais acredita serem inteiramente mobilizáveis em situações concretas mas, sobretudo, acredita que após a formação será mais “fácil” encontrar um emprego e, conseqüentemente, ser mais respeitada pelos outros.

Por outro lado, há um sentido que não é tão claramente explicitado, mas que se torna evidente no discurso da Sónia: o facto de se sentir mais integrada na acção de formação, do que em qualquer outra situação da sua vida. A relação com os seus pares mostra-nos que se “reconhecem” e alguns formadores parecem ter encontrado uma distância “ótima”: suficientemente “perto” para que se criem laços afectivos e, suficientemente, “longe” para não se “diluírem” as fronteiras que os distingue enquanto “guias” de um caminho ainda por percorrer. Ainda assim, a Sónia sente que alguns

formadores têm uma atitude demasiado “facilitadora” o que a deixa com a sensação de não ser considerada como verdadeiramente capaz.

Assim, poderá considerar-se que esta experiência possibilita alguma transformação individual, pelo menos na esfera das atitudes e da sua contribuição para a construção de uma identidade social e profissional mais estável, na medida em que representa uma oportunidade deliberada de socialização. No contexto da acção de formação, a Sónia tem firmado relações que lhe têm permitido interiorizar uma imagem “regenerada” de si<sup>42</sup>, o que poderá ser um ponto de partida para uma “abordagem” mais confiante da realidade. Contudo, Não deixa de ser “tentador” perguntarmo-nos que outros “sentidos” poderão ser atribuídos à experiência formativa, a partir do momento em que ocorra um “verdadeiro” confronto com a “realidade” do mercado de trabalho?

Para já, e na perspectiva da Sónia<sup>43</sup>, esta acção de formação representa uma válida alternativa ao sistema escolar, que abandonou sem nunca se ter sentido verdadeiramente incluída e, por isso, aspira, como diz, a ter “*um emprego que goste*”, “*sentir-me bem consigo mesma*” e “*ter dinheiro para fazer as coisas que gosta*”.

### 1.3. “O RICARDO”...

#### **“SER UMA PESSOA COM ESTUDOS, PARA ESTAR BEM NA VIDA”**

A história que o Ricardo nos conta sobre si é simples e breve, deixando-nos com a imagem de um jovem que reage às vicissitudes da vida sem grandes “sobressaltos”. Da escola pouco fala mas afirma sem dúvidas, que esta nunca lhe interessou muito e, talvez por isso, se tenham somado os insucessos. Não nos sabe explicar, e talvez nem a si mesmo, se o que pesava mais eram as suas dificuldades de aprendizagem ou a desmotivação que o levava a faltar às aulas. Simplesmente, nos diz que talvez não gostasse das matérias ou de alguns professores ou talvez fosse o apelo da “*brincadeira*” com os colegas ou de outras actividades, bem mais interessantes, às quais sempre se dedicou com afinco: o desporto ou o trabalho de voluntariado nos Bombeiros. Seja como for, o Ricardo tem a forte convicção, de que é importante

---

<sup>42</sup> Num processo de identificação imagoico-imagética

<sup>43</sup> Que é, para já, a única que nos importa compreender

estudar e ter uma profissão para *“amanhã ser alguém,”* o que nos traduz dizendo que *“ser alguém”* é ter estudos e trabalhar para ter carro, casa e dinheiro suficiente para *“desenrascar”*, ou como diz: *“estar bem na vida”*. Assim, a formação profissional na área de Serralharia Mecânica emergiu como uma válida alternativa à escola. A história da sua família é um claro exemplo desta “verdade” que não ousa questionar. Os pais e os irmãos mais velhos asseguraram, para si próprios, a escolaridade mínima e alguns saberes profissionais que acreditam terem contribuído para “garantir” os seus respectivos meios de sobrevivência.

A oportunidade de aprender a ser serralheiro mecânico fazia todo o sentido para este jovem de poucas palavras, mesmo que inicialmente não compreendesse a diferença entre esta profissão e a que ambicionava ter: ser mecânico e trabalhar com automóveis como o seu avô. Mas o contacto com as oficinas, onde pôde ver como é a vida no mundo do trabalho, ter o apoio “próximo” de um profissional e encontrar novos amigos, permitiu que se dissipassem quaisquer dúvidas que pudesse ter quanto a continuar o curso. Os “prémios” finais continuavam a fazer valer a pena o seu empenho: “o certificado do 9º ano” e uma “carteira profissional”.

A breve conversa com o Ricardo deixa-nos, contudo com algumas dúvidas: a experiência formativa possibilitará uma verdadeira transformação individual? Que competências serão realmente desenvolvidas? Serão estas competências mobilizáveis em situações concretas? De facto, a história que o Ricardo conta não responde claramente a estas questões. Parece haver uma mudança de atitudes, já que, ao contrário do que se passava na escola, o Ricardo parece determinado em concluir com sucesso a acção de formação, a qual diz, sem hesitar é mais “fácil” do que a escola. Este jovem parece acreditar que a “carteira profissional” profissional, que irá obter no final do curso, será um “passe” para entrar no mercado de trabalho e, provavelmente, só o confronto com o mesmo lhe mostrará se aprendeu, verdadeiramente, *“como é que a gente deve trabalhar”*, como diz. A acção de formação parece, também, representar uma oportunidade de socialização pois possibilita o estabelecimento de novas relações e, conseqüentemente, permite a construção da identidade pessoal, social e profissional deste jovem.

De um modo geral, é possível concluir que o Ricardo se apropriou desta nova experiência conferindo-lhe um importante significado: “encontrar novos amigos”, “outros professores”, “outros colegas”, “aprender a lidar com máquinas” ficar com “algum estudo” e ter uma carteira profissional pois, como diz: “sempre tenho mais esse papel que ajuda”.

#### 1.4. “O PAULO”...

##### **“O QUE EU PRECISO É DE TRABALHO, NÃO PRECISO DE MAIS NADA”**

As palavras do Paulo: “o que eu preciso é de trabalho, não preciso de mais nada” não nos deixam dúvidas quanto à importância que este jovem de 19 anos atribui à obtenção de um emprego. Nascido no seio de uma família de classe média baixa, que pouco “luxo” lhe pôde proporcionar, cedo aprendeu a valorizar o dinheiro como meio de satisfazer os seus prazeres imediatos, a “sustentar os seus vícios”, como diz. Após um longo período de desemprego, aprendeu, também, a perceber o quanto as rotinas lhe permitem alguma “organização” mental. Mas a “marca distintiva” deste jovem é o seu hedonismo e investimento no presente como forma de melhor “suportar” a angústia de um futuro demasiado incerto.

O Paulo orgulha-se de afirmar que foi ele que tomou a iniciativa de procurar a integração no curso de Mecânica Auto, o qual concluiu cerca de dois anos antes de nos conhecermos. A forma como fala das razões dessa iniciativa deixam-nos a pensar que se tratou de um verdadeiro “acto de desespero”, pois a ideia de permanecer pelo terceiro ano consecutivo no 7º ano, afigurava-se como demasiado insuportável. Quando questionamos as razões do seu insucesso escolar, o Paulo é muito franco afirmando, prontamente, que o seu comportamento de desrespeito pela autoridade dos professores era a principal causa. A escola, as aulas e os professores nunca foram sentidos como aliciantes, pelo contrário, já no ensino primário ansiava pelo momento de regressar a casa e mais tarde as aulas e as matérias tornaram-se “insuportáveis”. Apesar de tudo distingue a disciplina de História de todas as outras. A esta o Paulo conseguiu atribuir um significado: a importância de sabermos como eram as coisas antes de existirmos e, assim, compreender a nossa própria existência. Mas, o jovem não tem dúvidas quando diz que gostava desta disciplina porque também gostava dos professores que foi encontrando.

A escolha do curso não suscitou ao Paulo grande reflexão, soube que a oportunidade ia surgir na escola que frequentava e soube que iria ser na área de mecânica. Como tinha algum interesse por automóveis, e sentia uma enorme necessidade de se “libertar” do 7º ano, não hesitou e solicitou a sua integração no curso. Desde logo se apercebeu que se mantinha o seu desinteresse pelas matérias teóricas, comuns às escolares, apesar de ter percebido uma considerável diminuição do nível exigência, em relação ao que acontecia na escola. Para seu contentamento as aulas de mecânica, particularmente a prática simulada, compensavam esse lado menos interessante do curso. Os estágios que frequentou, por sua vez, foram determinantes para a sua decisão de não vir a trabalhar como Mecânico de automóveis. Aqui é importante sublinhar a ênfase dada pelo Paulo a aspectos como: o estilo e qualidade das relações que foi estabelecendo com os formadores e com os orientadores dos estágios, assim como a percepção com que ficou a respeito do contexto de trabalho na área da mecânica de automóveis, pois ambos contribuíram para se apropriar desta experiência formativa, atribuindo-lhe um sentido que, no geral, parece satisfatório.

O Paulo considera o curso EFJ de mecânica pertinente pela possibilidade que lhe conferiu de concluir o 9º ano. Paradoxalmente, dois anos após a conclusão do curso, começa a questionar-se a respeito da importância desta concretização uma vez que sente que o 9º ano não foi afinal a “solução milagrosa” para aumentar a sua “empregabilidade”. O próprio Paulo diz: *“hoje estou a pensar, já tenho o nono ano há muito tempo e eu não consigo arranjar nada de jeito. Não consigo arranjar nada a não ser nas obras. Para quê arranjar obras? (...) Para isso ficava com o sexto ano. Não estudava mais.”*. Contudo, é importante lembrar que, na verdade, este jovem nunca chegou a procurar uma integração na área em que se qualificou. As razões que aponta para tal prendem-se com a opinião que formulou a partir do seu contacto com o contexto de trabalho da reparação de automóveis, a partir das suas experiências de estágio. De facto, o Paulo tinha expectativas em relação a este momento da formação, que não foram satisfeitas pois esperava que surgisse a oportunidade de ficar a trabalhar de forma permanente e com um salário gratificante e, ainda, ter tido a oportunidade de desenvolver mais competências. Nada disto ocorreu. As relações com os orientadores de estágio foram conflituosas pois o Paulo descreveu-os como negligentes em relação a si e às suas aspirações. Na perspectiva do jovem não lhe era

possível verificar se as competências adquiridas seriam mobilizáveis em situações concretas.

Pelo contrario, a relação com pelo menos um dos seus formadores de prática simulada parece ter sido absolutamente gratificante. O seu primeiro formador de mecânica parece ter-se apresentado a este jovem como um importante modelo de identificação. O Paulo elogia o seu saber mas, também, a qualidade da relação que conseguia estabelecer com os formandos, apesar de não dar azo a que estes ultrapassassem os limites de conduta definidos. A relação estabelecida com este formador, a par das relações, igualmente, satisfatórias que o Paulo estabeleceu com os colegas parece ter contribuído, positivamente, para firmar a sua identidade pessoal e social.

Em síntese, a experiência formativa vivida pelo Paulo poderá ter tido alguma relevância no sentido em que contribuiu para uma mudança de atitudes comparativamente com o que se passava no contexto escolar e também representou uma oportunidade para a construção de uma identidade apoiada numa auto-imagem mais valorizada. Contudo, e apesar do Paulo continuar a valorizar o 9º ano e até desejar prosseguir estudos, a importância que atribuiu às competências profissionais específicas, que terá desenvolvido, é quase nula. Para este jovem, mais importante do que ter uma profissão que o satisfaça é ter um trabalho permanente que lhe proporcione bem-estar material. O que equivale a dizer que "mais vale ter do que ser".

### **1.5. "O FRANCISCO"...**

#### ***"PODE SER QUE AINDA ENTRE PARA A FACULDADE"***

A história do Francisco lembra as histórias de tantos outros jovens e começa pelo seu "desencanto" em relação à escola e a, quase tudo, o que esta "não" tinha para lhe oferecer. Este sentimento foi evidente logo desde a infância. Pouco se recorda do ensino primário ou dos professores, embora afirme sem relutância que nunca gostou da escola. Os pais, oriundos de famílias de classe operária, as quais se empenharam bastante para conseguir ascender socialmente, reagiam com desalento a esta atitude do filho. De facto, tanto a mãe como o pai do Francisco sempre demonstraram valorizar a aquisição da escolaridade mínima, talvez por razões relacionadas com os seus próprios percursos pessoais.

O desinteresse do Francisco pela escola foi manifesto a partir do 5º ano, altura em que começou a reprovar por faltar às aulas. Nessas alturas preferia passear e conversar com os amigos sobre coisas que lhe pareciam bem mais interessantes: sobre carros, sobre a *playsation*... Foram-se sucedendo as reprovações e a partir do 7º ano começou a desrespeitar a autoridade dos professores e a identificar-se com jovens que partilhavam o seu desdém pela escola. O seu sentimento geral em relação à escola era de inutilidade. Não compreendia para que lhe iriam “servir” os conhecimentos que teria que adquirir. As relações com os professores pareciam ser “pacíficas” mas, na verdade não identifica nenhum professor que o tivesse impressionado.

Assim, quando surgiu a oportunidade de frequentar o curso de mecânica de automóveis não teve dúvidas e desde logo considerou que este seria uma verdadeira alternativa à escola “normal”, como diz. No discurso do Francisco percebemos que atribui importância ao facto de ter obtido o diploma do 9º ano. A escolaridade é algo que valoriza, talvez por influência social e familiar, pelo que após o curso planeava continuar até ao 12º ano e, talvez, até ir para o ensino superior. Mas o que realmente motiva o Francisco é o “sonho” de trabalhar com carros numa “grande marca”. É assim, que imagina o seu futuro.

No caso particular do Francisco e, talvez, devido à qualidade das relações que estabeleceu com os seus orientadores de estágio, foi possível perceber que desenvolveu competências, claramente, mobilizáveis em contexto de trabalho. Pelo que descreve foi possível viver uma experiência de formação-acção, pois o próprio Francisco nos conta que no estágio *“aproveitava e revia mais ou menos a matéria”*. Assim, parece ter ocorrido alguma transformação individual na tripla dimensão dos conhecimentos, capacidades e atitudes.

Para este jovem o curso que frequentou teve sentido, sobretudo, porque lhe permitiu iniciar a construção de um projecto de vida e de uma firme identidade profissional: ser mecânico de automóveis. A oportunidade que teve de contactar com a realidade desta profissão, aprendendo a “resolver problemas” e a compreender de que forma os saberes que adquiria lhe seriam úteis na vida profissional futura, foi determinante para validar a experiência formativa e para lhe permitir desejar “voar mais alto” e, como diz:

*“pode ser que ainda entre para a faculdade.”* Contudo, é no confronto com a realidade que os sonhos são postos à prova...

## 2. SÍNTESE CONCLUSIVA

Apesar de a presente investigação ter como principal objectivo o estudo de casos individuais de jovens<sup>44</sup> que frequentaram acções de formação alternativas ao sistema formal de ensino, sem qualquer intenção de generalização das conclusões formuladas, a todo o universo de jovens em iguais circunstâncias, é sempre possível *“tomar as partes como estratégia metodológica para chegar ao todo”* (Pais, 2001, p.401). Assim, verificaram-se importantes convergências nos discursos e percepções dos jovens entrevistados, as quais importa salientar sucintamente.

Em relação à experiência escolar prévia à frequência de uma medida alternativa de formação foi possível verificar, a partir do discurso dos jovens, que:

- ✓ Praticamente todos os jovens tinham uma percepção negativa em relação à escola, desde o 1º ciclo, descrevendo o primeiro contacto com a mesma como uma experiência desagradável.
- ✓ A maioria dos jovens é oriunda de famílias de classe baixa ou média baixa e com baixos níveis de escolaridade, o que poderá ter alguma relação com a importância atribuída à escolarização.
- ✓ Em todos os casos o percurso escolar é marcado pelo insucesso registando-se uma média de duas a três reprovações entre o 5º e o 7º ano e, sobretudo entre os 11 e os 17 anos.
- ✓ O insucesso escolar está associado a um grande número de faltas e, em pelo menos 3 casos, verificavam-se comportamentos de indisciplina e de desafio da autoridade dos professores.
- ✓ Apenas um jovem aponta dificuldades de aprendizagem como possível causa do seu insucesso escolar.

---

<sup>44</sup> Com ênfase nas percepções subjectivas desses jovens

- ✓ A maioria dos jovens faltavam às aulas por desinteresse pelas matérias e por conflito com os professores, ou ausência de uma relação gratificante com os mesmos.
- ✓ Pelo menos um jovem refere, com clareza, que se desinteressava pelas matérias escolares por não compreender qual seria a aplicabilidade futura das mesmas.
- ✓ A maioria dos jovens faltavam às aulas para ficar a falar com amigos ou passear com estes. Por vezes, também eram apontadas razões como: dormir ou dedicar-se à prática desportiva ou outras actividades de tempos livres às quais atribuíam uma maior importância, quanto ao seu potencial formativo.
- ✓ Em quase todos os casos a família manifestava desagrado em relação ao insucesso escolar dos seus educandos, incentivando a conclusão do 3º ciclo.

No que se refere à experiência de frequência de uma acção de formação alternativa à escola, as narrativas dos jovens entrevistados, revelaram que:

- ✓ A maioria dos jovens possuía uma informação pouco detalhada a respeito de medidas de formação alternativas ao sistema formal de ensino e a pouca informação que possuíam havia-lhes sido transmitida por familiares ou professores.
- ✓ A maioria dos jovens frequentou cursos de educação e formação de jovens realizados em contexto escolar ou em parcerias envolvendo a escola, os centros de formação do I.E.F.P. ou outras entidades.
- ✓ Pelo menos um jovem havia frequentado um curso de Aprendizagem, num centro de formação do I.E.F.P., tendo sido orientado pela escola que frequentava.
- ✓ No momento da entrevista apenas um jovem havia frequentado e abandonado a acção de formação. Dois encontravam-se a frequentar e não mostravam

intenção de abandono e outros dois haviam concluído, com sucesso, acções de educação e formação de jovens.

- ✓ Em todos os casos a escolha da área de formação foi confinada às escassas opções existentes e os jovens não foram alvo de um processo de orientação “aprofundado”.
- ✓ A maioria dos jovens revelava um conhecimento pouco aprofundado a respeito das profissões e do mercado de trabalho.
- ✓ A ideia de que o nível de exigência da formação profissional era menor do que o da escola é, relativamente, generalizada.
- ✓ A maioria dos jovens mantém o desinteresse pelas matérias escolares, durante a frequência da acção de formação, sendo a prática simulada e a formação em posto de trabalho as componentes mais valorizadas. A razão deste maior interesse prende-se, sobretudo, com a percepção da maior aplicabilidade destes saberes em termos de uma futura integração profissional.
- ✓ Pelo menos dois jovens valorizam os professores ou formadores por características como: a capacidade de demonstrarem os saberes de que são detentores; a capacidade de criarem relações mais “próximas”, do ponto de vista afectivo; a capacidade de valorizarem as aquisições dos jovens e, sobretudo, a capacidade para definirem limites de conduta.
- ✓ A frequência da acção de formação é valorizada quer pela possibilidade de obtenção do diploma do 9º ano, quer pela obtenção de um certificado de aptidão profissional. Contudo, a ênfase parece ser colocado na certificação e não tanto nas competências que, supostamente, a acção de formação, poderá permitir desenvolver.
- ✓ A maioria dos jovens estabelece relações de identificação com os colegas que frequentam a mesma acção de formação, valorizando a mesma pelas oportunidades de socialização.

- ✓ Em alguns casos, surgiu a intenção de prosseguir estudos de forma a elevar as habilitações literárias, para além do 9º ano, quer através da frequência de formação profissional com progressão escolar, quer através de regresso ao sistema formal de ensino.

No que se refere às percepções dos jovens quanto à relação entre a formação de que foram alvo e as suas expectativas face ao “mundo do trabalho” e ao futuro em geral, podemos perceber que:

- ✓ De um modo geral parece haver a percepção de uma relação “estreita” entre a obtenção de diplomas ou certificados e a obtenção de um emprego. Embora, em pelo menos um caso tal relação seja questionada.
- ✓ A oportunidade de obtenção de um emprego é valorizada pela possibilidade de conferir recursos económicos, bem como pelos sentimentos “segurança” e “autonomia” e sobretudo por permitir a construção de uma identidade pessoal e profissional suficientemente sólida, para promover o reconhecimento social.
- ✓ Os recursos económicos a que os jovens aspiram, a partir da obtenção de um emprego, parecem estar associados à satisfação de necessidades imediatas, caracterizadas por alguma “futilidade” ou à construção de um estatuto social que se prende com os modelos de sucesso interiorizados.
- ✓ Para alguns jovens, a obtenção do diploma do 9º ano parece ter um valor mais significativo do que a obtenção de uma carteira profissional numa área específica.

Em suma, a experiência de formação profissional parece ser percebida como uma alternativa válida ao sistema formal de ensino porque:

- ✓ Possibilita “quebrar” com as experiências sucessivas de insucesso escolar, conferindo uma sensação de concretização com efeitos benéficos para a auto-estima dos jovens;

- ✓ Facilita o contacto com o “mundo do trabalho” e permite uma maior percepção da aplicabilidade dos saberes adquiridos em situação real de trabalho, o que é um importante factor de motivação;
- ✓ Permite o estabelecimento de relações gratificantes com outros jovens, em igualdade de “circunstâncias”, e com alguns formadores, facilitando a socialização e o processo de construção identitária;
- ✓ Em alguns casos, poderá permitir alguma transformação individual, pelo menos ao nível das atitudes.
- ✓ Em alguns casos poderá permitir o desenvolvimento de competências mobilizáveis em contexto de trabalho.
- ✓ A “imagem” em relação à maioria dos formadores não parece distanciar-se muito da “imagem” que os formandos tinham em relação aos professores das escolas, contudo os formadores parecem ser valorizados por serem percebidos como mais “próximos” e pela utilização de métodos mais activos. Em casos menos frequentes são também percebidas e valorizadas as competências profissionais dos formadores e a sua “firmeza” na definição de limites.

Por outro lado, podemos considerar que emergem ou persistem alguns aspectos negativos que nos levam a questionar a pertinência destas medidas alternativas ao sistema formal de ensino, nomeadamente:

- ✓ O dispositivo da formação continua a ser percebido como tendo muitas semelhanças em relação ao dispositivo escolar o que conduz a que revele as mesmas “fragilidades”.
- ✓ A atitude dos formadores em relação aos formandos parece ser percebida por estes como sendo depreciativa e revelando descrédito pelas suas capacidades, quer pela verbalização clara desse mesmo descrédito, quer pelo baixo nível de exigência demonstrado.

- ✓ Se, efectivamente, o nível de exigência das medidas alternativas de formação é, consideravelmente, mais baixo do que o da escola, os jovens poderão não ter oportunidade de desenvolver competências verdadeiramente mobilizáveis em contexto real de trabalho com consequências em termos do seu desempenho profissional e comprometendo as suas “conquistas” em termos de valorização pessoal.
- ✓ A percepção de que a obtenção do diploma escolar e profissional tem uma relação directa com a obtenção de um emprego permanente e bem remunerado parece ser exacerbada, conduzindo a que estes jovens invistam na formação profissional motivados por “convicções” não corroboradas pela realidade do mercado de trabalho.

Apresentadas as principais conclusões, formuladas a partir do material empírico, importa agora discuti-las, na tentativa de, também nós constRicardormos um significado para o “encontro” com estes jovens e com os sentidos que construíram a partir destas e de outras experiências das suas vidas. Pois a cada uma das *“esferas de vida podemos remeter distintos feixes de trajectórias, embora conectadas entre si.”* (Pais, 2001, p.401).

A “conversa” com estes jovens reforçou a ideia de que as situações de formação representam importantes oportunidades de socialização, cuja função essencial, particularmente na adolescência, é permitir a emergência de indivíduos com uma identidade bem definida, com capacidade para pensar criticamente (Freire, 2000, p. 100) e agir no sentido de produzir mudanças que visem o bem-estar comum, como referimos no capítulo I deste trabalho. Contudo, nos discursos destes jovens não é possível perceber a ocorrência de tão profundas transformações, a partir da vivência das experiências alternativas de formação.

Em certa medida, as experiências vividas parecem ter contribuído para o processo de construção identitária destes jovens não só pela oportunidade de observarem as suas

próprias capacidades em contextos concretos de trabalho<sup>45</sup>, como pela possibilidade de estabelecerem relações que lhes serviram de modelo<sup>46</sup> ou que lhes espelharam uma imagem mais valorizada de si<sup>47</sup> e, em pelo menos um caso, pareceu-nos que a acção de formação contribuiu para a construção de uma identidade profissional relativamente sólida<sup>48</sup>. No entanto, dificilmente poderíamos admitir que as acções de formação frequentadas produziram verdadeiras transformações no sentido do *“alargamento das capacidades de autonomização e, portanto, de iniciativa e de criatividade”* destes jovens (Josso, 1987, p. 38-39). Talvez porque a implicação dos sujeitos em formação continua a ser insuficiente, de modo a *“estimular uma estratégia de auto-formação, a única que pode assegurar resultados a longo prazo.”* (Nóvoa, 1988, pp. 128-130).

Na verdade, continuamos a assistir à criação de modelos formativos que não entram verdadeiramente em ruptura com o modelo escolar tradicional. Continuamos a assistir a uma separação, mais ou menos bem definida, entre os espaços e momentos para aprender e para aplicar o que é aprendido não sendo possível uma verdadeira ligação entre a escola ou a acção de formação e a vida (Nóvoa, 1988, p.111). É certo que a prática simulada, nos cursos frequentados pelos jovens, bem como as situações de estágio, permitem, apesar de tudo, aligeirar a separação existente e realçar o aprender fazendo, assim como permitem que os jovens consigam compreender a finalidade das suas aprendizagens, mas mesmo assim a ligação entre os mundos da formação, do trabalho e da vida em geral, parece insuficiente.

Por outro lado, os discursos dos jovens entrevistados deixam-nos muitas dúvidas a respeito da eficácia destas acções de formação para o desenvolvimento de verdadeiras competências nos jovens (no sentido do *“saber encontrar e pôr em prática, eficazmente, as respostas apropriadas ao contexto na realização de um projecto”* (Canário, 2000, p. 47)) pois persiste a ideia de que o nível de exigência é relativamente baixo. Desta forma, somos tentados a concluir que talvez se esteja a trabalhar, apenas, para a qualificação destes jovens, o que remete, sobretudo, para a obtenção de um

---

<sup>45</sup> Identificação Ideomórfica (Matos, 2002, pp. 216-224)

<sup>46</sup> Identificação Alotriomórfica ou Xenomórfica (Matos, 2002, pp. 216-224)

<sup>47</sup> Identificação Imagoico-Imagética (Matos, 2002, pp. 216-224)

<sup>48</sup> No caso do Francisco, que queria ser Mecânico de Automóveis

título ou diploma, independentemente da capacidade de mobilização do saber para as situações concretas. Os diplomas, por sua vez, são percebidos enquanto “varinhas de condão” que permitem abrir as portas do “mundo do trabalho”, sendo esta percepção pouco questionada pelos jovens, pelo menos até ao confronto directo com esse novo mundo, que na verdade é mais uma “montanha russa” do, propriamente um paraíso estático.

Em suma, a meta de todas as situações deliberadamente formativas, é o permitir a emergência de *“futuros cidadãos, pais de família, profissionais, líderes, dirigentes. (...) Anda-se na escola”* ou na formação, *“para se ser alguém no futuro ou para aprender coisa úteis para o futuro”* (Pais, 2001, p. 405). Mas estaremos a atingir esta meta?

Como nos diz Morin, citado por Pais (2001, p. 413) *“um dos sete saberes necessários à educação do futuro é (...) o saber de enfrentar as incertezas”* e parece-nos que tal saber não é promovido nem pela escola, nem pelas medidas que foram sendo criadas em alternativa à escola. Na verdade, estas acções em vez de prepararem os jovens para enfrentar as incertezas, preparam-lhes um futuro incerto. Ora como nos diz Machado Pais (2001, p. 414) *“o futuro vai-se fazendo, preferencialmente de forma participada, envolvendo os jovens.”*

Enquanto os indivíduos não foram entendidos como sujeitos da sua própria formação; enquanto não lhes for dada a oportunidade de aprenderem a pensar criticamente, a respeito do que os rodeia; enquanto não lhes for devolvido o direito de se “pronunciarem” sobre o que lhes importa aprender, valorizando, também, as suas aprendizagens não formais e informais, para que tomem as “rédeas” das suas próprias vidas, todas as medidas criadas com vista à sua formação não passarão de *“parques de estacionamento de potenciais desempregados”* e, gradualmente, os jovens vão começando a ter a percepção de que a certificação não passa de um *“cheque pré-datado” sem valor no presente e, possivelmente, sem valor no futuro.*” (Pais, 2001, p. 415).

Como refere Gilbert Clavel (2004, p. 73) *“o facto de se pôr as pessoas em relação com outras” pode ser “um procedimento determinante para permitir aos indivíduos permanecerem com a cabeça fora de água”* e as medidas de formação para jovens,

alternativas à escola, parecem ter essa função paliativa, o que tem algum efeito positivo no sentido em que previne temporariamente o isolamento extremo com todas as consequências negativas que daí advém. Contudo, mais tarde ou mais cedo, estes jovens acabam por se confrontar com a realidade do actual mercado de trabalho, caracterizado pela competitividade desenfreada e onde o emprego precário e o desemprego de longa duração são cada vez mais uma constante. É perante este cenário que importa questionar se estas medidas serão verdadeiramente eficazes no combate a uma sociedade da exclusão, a qual se apresenta “*desregulada, depressiva, agressiva e transgressiva, simultaneamente implosiva e explosiva*” (Clavel, 2004, p. 177).

Numa tentativa de luta contra uma sociedade da exclusão, e em prol de uma sociedade solidária, é tentador subscrever as condições enumerados por Gilbert Clavel (2004, pp. 180-182), nomeadamente:

- ✓ É necessária uma modificação profunda das representações, das práticas e do modelo de sociedade que subjaz à criação das medidas políticas;
- ✓ No processo de criação de qualquer medida política é fundamental considerar em que medida a mesma será promotora de exclusão ou integração social;
- ✓ Os sujeitos das medidas devem estar envolvidos no processo de criação das mesmas, sendo reconhecidos como “actores” e não como meros figurantes;
- ✓ Aqueles que já se encontram em situação de exclusão deverão de ser reintegrados nas políticas de direito comum.

Como já foi referido no capítulo I desta tese, o homem parece viver numa eterna luta contra a fusão e o isolamento (Mahler, 1982, p. 104). Numa sociedade promotora de exclusão só há espaço para o isolamento ou para a fusão, sem um meio-termo que permita a emergência de homens e mulheres, simultaneamente, capazes de afirmarem a sua individualidade e de respeitarem a individualidade dos outros, compreendendo que todos ganham trabalhando para o bem-estar comum.

Este trabalho de investigação, ao implicar os próprios jovens, alvo de medidas alternativas de educação e formação, pretendeu realçar a importância de entender

esses mesmos jovens enquanto sujeitos da sua própria formação, valorizando-os bem como à subjectividade daí resultante.

Apesar deste estudo ter incidido sobre os processos de construção de sentido a respeito de experiências formativas vividas por jovens de baixa escolaridade, e, portanto, pertencentes ao seu passado, entendemos que as trajectórias de vida são processos dinâmicos e, como tal, pareceu interessante tentar reunir informação a respeito dos rumos que as vidas destes jovens haviam tomado desde o momento das entrevistas até ao final desta investigação (passados cerca de dois anos). Assim, foi realizada uma pesquisa com base em informação contida quer no sistema informático do centro de emprego, quer a partir de contacto telefónico com os próprios jovens e soubemos que:

- ✓ O “**Marco**” foi integrado numa acção de Educação e Formação de Jovens, com equivalência ao 9º ano, na área de Instalação e Reparação de Aparelhos de Áudio, Rádio; TV e Vídeo, passados poucos meses da entrevista. Não foi integrado na acção que pretendia, na área de informática, por esta não se encontrar agendada nos planos dos centros de formação profissional do I.E.F.P. da região de Lisboa e Vale do Tejo. O jovem abandonou a acção de formação passadas algumas semanas do início da mesma e não voltou a contactar o centro de emprego.
  
- ✓ A “**Sónia**” concluiu com aproveitamento a acção de Educação e Formação de Jovens, com equivalência ao 9º ano, na área de Práticas Técnico-Comerciais mas não voltou a contactar o centro de emprego, pois foi colocada, passado pouco tempo, num supermercado, onde não chegou a trabalhar por conflitos com a sua “superior hierárquica”. Em Setembro de 2006 começou a trabalhar numa loja de Pronto-a-Vestir, tendo assinado um contrato de 6 meses. Quando a voltou a ser contactada, estava na incerteza a respeito da renovação do contrato e planeava emigrar para Inglaterra e, talvez, continuar a estudar para obter o certificado do 12º ano. Considera que, apesar de tudo, o curso lhe foi útil por ter aprendido a trabalhar em atendimento ao público.

- ✓ O “**Ricardo**” concluiu com aproveitamento o curso de Aprendizagem de nível 2, na área de Serralharia Mecânica e começou a trabalhar na mesma Metalúrgica onde havia frequentado o estágio. Esteve nesse posto de trabalho cerca de quatro meses e acabou por desistir para iniciar um curso de Bombeiro Naval na Lisnave. Contou-nos que iria tentar trabalhar nesta área pois tem 13 anos de experiência enquanto Bombeiro Voluntário mas se não conseguisse, tentaria voltar a trabalhar como Serralheiro Mecânico.
  
- ✓ O “**Paulo**” foi “saltando” de emprego temporário em emprego temporário, desde o momento da entrevista. Trabalhou como repositor no El Corte Inglés; trabalhou na linha de montagem de uma fábrica de componentes electrónicos para automóveis; numa loja de tintas e na construção civil. No momento em que o voltámos a contactar estava novamente desempregado e à procura de trabalho, mantendo a intenção de não procurar emprego na sua área de formação: a Mecânica de Automóveis.
  
- ✓ O “**Francisco**” tentou durante 3 anos consecutivos a integração num curso de Aprendizagem de nível 3, na área de Mecatrónica Automóvel. Nos dois primeiros anos não foi integrado, possivelmente, por excesso de candidatos. No terceiro ano acabou por faltar à convocatória do centro de formação profissional e não voltou a contactar o centro de emprego.

Em conclusão, podemos lembrar as palavras de Machado Pais (2001, p. 410) quando nos diz que para estes jovens “*o futuro fracassa em oferecer possibilidades de concretização das aspirações que em relação a ele se desenham.*” Assim, resta-lhes, apenas investir no presente já de si, carregado de impasses.

## BIBLIOGRAFIA

- BERGER, G. (1992). *A Investigação em Educação: Modelos Sócio – Epistemológicos e Inserção Institucional*. In: Revista de Psicologia e de Ciências da Educação. s/l.:s/ed., nº 3-4, pp23-36.
- BERNARDES, A. (2003). *Formação e Organização do Trabalho: Ensaio de Investigação-Acção numa Empresa do Sector do Comércio e Distribuição*. Lisboa: ISCTE, pp. 2-79.
- BOGDAN, R. e BIKLEN, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- BOUTINET, J. P. (2001). *Vida Adulta em Formação Permanente: Da Noção ao Conceito*. In: Carré, P. e Caspar, P. (orgs.). *Tratado das Ciências e das Técnicas da Formação*. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 185-206.
- CANÁRIO, R. (2000). *Educação de Adultos: Um campo e uma Problemática*. Lisboa: Educa.
- CANÁRIO, R. (2000). *A aprendizagem ao longo da vida. Análise crítica de um conceito e de uma política*. In: Psicologia da Educação. S. Paulo: puc, 10/11, pp. 29 – 52.
- CANÁRIO, R., ALVES, N., ROLO, C.(2001). *Escola e Exclusão Social. Para uma Análise Crítica da Política TEIP*. Lisboa: Educa.
- CANÁRIO, R. (2003). *Exclusão social: Um Conceito Pertinente?* In: Correia, J.A., Matos, M. (orgs). *Violência e violências da e na Escola*. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento e Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE). Coleção Caleidoscópio, nº 1, pp. 91-93.
- CANÁRIO, R. (2003). *O Impacte Social das Ciências da Educação*. Conferência proferida no VII congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação – “Ciências da Educação. O Estado da Arte”. Universidade de Évora.

- CANÁRIO, R. (2005). *O que é a escola? Um "olhar" sociológico*. Porto: Porto Editora.
- CARRÉ, P. (2001). *Motivação e Relação com a Formação*. In: Carré, Philippe e Caspar, Pierre (Orgs). *Tratado das Ciências e das Técnicas da Formação*. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 285 – 307.
- CAVACO, C. (2002). *Aprender Fora da Escola. Percursos de Formação Experiencial*. Lisboa: Educa.
- CENTENO, L., ERSKINE, A. e PAULOSA, C. (2000). *Percursos Profissionais de Exclusão Social*. Coleção: Estudos e Análises, nº 19. Lisboa: Observatório do Emprego e Formação Profissional.
- CLAVEL, G. (2004). *A Sociedade da Exclusão. Compreendê-la para dela sair*. Porto: Porto Editora.
- COSTA, A. F. (1986). *A pesquisa de Terreno em Sociologia*. In: Augusto S. Silva e José M. Pinto, *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Ed. Afrontamento, pp.129-148.
- COUCEIRO, M. (2000). *Histórias de Vida e Construção do Conhecimento*. Cap. IV. In: *Autoformação e Coformação no Feminino – Abordagem Existencial Através de Histórias de Vida (Tese de Doutoramento)*. Caparica: FCT-UNL, pp. 139-182.
- DAMÁSIO, A. (2003). *Ao Encontro de Espinosa*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- DEMAZIÈRE, D. e DUBAR, C. (1999). *L'Entretien Biographique Comme Outil de L'Analyse Sociologique*. Uninam. *Révue de Sociologie et Anthropologie*, 1-2, pp. 225-239.
- DUBAR, C. (1997). *A Socialização. Construção das Identidades Sociais e Profissionais*. Porto: Porto Editora.

FERRÃO, J. e HONÓRIO, F. et al.. (2000). *Saída Prematura do Sistema Educativo: Aspectos da Situação, Causas e Perspectivas em Termos de Emprego e Formação*. Coleção: Estudos e Análises, nº 36. Lisboa: Observatório do Emprego e Formação Profissional.

FLEMING, M. (1992). *O Processo de Separação/Individuação Adolescente. Contribuições da Teoria Psicanalítica*. Revista Portuguesa de Psicanálise. Separata do nº 10/11, pp. 89-101.

FREIRE, P. (1997). *Ninguém Nasce Feito: É Experimentando-nos no Mundo que nós nos Fazemos*. In: Política e Educação. São Paulo: Editora Cortez. pp.79-88.

FREIRE, P. (2000). *Desafios da Educação de Adultos ante a Nova Reestruturação Tecnológica*. In: Pedagogia da Indignação. Cartas Pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP. pp. 87-101.

GREENBERG, J.R. e STEPHEN, A. M. (2003). *Relações de Objecto na Teoria Psicanalítica*. Coleção: Vértices 14. Lisboa: Climepsi.

JOBERT, G. (1987). *Une Nouvelle Professionalité pour les Formateurs d'Adultes*. In: Education Permanente. Paris: Centre Nacional des Lettres, pp. 19-33.

JOSSO, C. (1987). *Da Formação do Sujeito ao Sujeito da Formação*. In: Nóvoa, A. e Finger, M. Orgs., (1998). *O Método (autobiográfico) e a Formação*. Lisboa: Ministério da Saúde. pp. 35-30.

LIEURY, A. (1999). *Memória e Aprendizagem*. In: Carré, Philippe e Caspar, Pierre (Orgs). *Tratado das Ciências e das Técnicas da Formação*. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 263-284.

MAHLER, M. (1982). *Sobre as Três Primeiras Subfases do Processo de Separação-Individuação (1972)*. In: *O processo de Separação-Individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas, pp. 96-104.

MAROY, C. (1997). *A análise Qualitativa de Entrevistas*. In: Luc Albarello et al. *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva Publicações, pp.117-155.

MAROY, C. (2000). *Une Typologie des Référentiels d'Action Publique en Matière de Formation en Europe*. In: *Recherches Sociologiques*. Louvain: Université Catholique de Louvain, vol.XXXI, nº 2, pp.45-59.

MATA, M. I. (2000). *Sucessos e Insucessos de uma Experiência Pedagógica com Jovens em Risco de Exclusão Escolar*. Lisboa: FPCE.

MATOS, A. C. (2001). *Relação Objectal e Relação Narcísica*. In: *A Depressão*. Colecção Vértices 7. Lisboa: Climepsi, pp. 279-280.

MATOS, A. C. (2002). *A Adolescência*. Colecção: Obras de António Coimbra de Matos. Lisboa: Climepsi

MATOS, A. C. (2002). *Percursos da Identidade: Processos Transformadores*. In: *Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica*. Colecção: Obras de António Coimbra de Matos Lisboa: Climepsi, pp. 215-224.

NÓVOA, A. (1988). *A Formação Tem Que Passar Por Aqui: As Histórias de Vida no Projecto Prosalus*. In: Nóvoa, A. e Finger, M.(Orgs.), *O Método (auto) biográfico e a Formação*. Lisboa: Ministério da Saúde. Pp.107-130.

OLIVEIRA, J. H. B. e OLIVEIRA, A. M. B. (1996). *Teorias e Processos de Aprendizagem*. In: *Psicologia da Educação Escolar. I – Aluno-Aprendizagem*. Coimbra: Almedina

OLIVEIRA, J. H. BARROS (1997). *Freud e a Educação*. In: Oliveira, J. H. Barros. *Filosofia, Psicanálise e Educação*. Livraria Almedina: Coimbra

OLIVEIRA, J. H. BARROS (1997). *Psicanálise e Educação (Perspectiva Histórica)*. In: Oliveira, J. H. Barros. *Filosofia, Psicanálise e Educação*. Livraria Almedina: Coimbra.

PAIS, J. M. (2001). *Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro*. Porto: Ambar.

PINEAU, G. (1994). *Formation. Education and Training*. In: Dictionnaire Encyclopédique de L'Éducation. Ed.Nathan.

PINEAU, G. (2001). *Experiências de Aprendizagem e Histórias de Vida*. In: Carré, P. e Caspar, P. (orgs.). *Tratado das Ciências e das Técnicas da Formação*. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 327-348.

PIRES, A.L.O. (2000). *Desenvolvimento Pessoal e Profissional. Um Estudo dos Contextos e Processos de Formação das Novas Competências Profissionais*. Colecção: Pensar Educação, nº 19. Lisboa: Ministério da Educação: Departamento da Educação Básica: Núcleo da Educação Recorrente e Extra-Escolar.

QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, L. V. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

STRECHT, P. (2001). *Crianças e adolescentes violentos: o que devemos saber para prevenir e actuar*. In: Pinto, A.M., Conde, J., Conde, M.J., (orgs). *Indisciplina e violência na Escola*. Lisboa: Associação Educativa para o Desenvolvimento da Criatividade, Cadernos de Criatividade 3, pp.17-29.

TYSON, P. e TYSON, R. (1993). *Teorias Psicanalíticas do Desenvolvimento. Uma Integração*. Porto Alegre: Artes Médicas.

## **FONTES ELECTRÓNICAS**

[www.iefp.pt](http://www.iefp.pt)

CANAVARRO, J., et al (2004). *Eu Não Desisto. Plano Nacional de Prevenção do Abandono Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Ministério da Segurança Social e do Trabalho. ([www.min-edu.pt/Scripts/ASP/medidas\\_det.asp?newsID=244](http://www.min-edu.pt/Scripts/ASP/medidas_det.asp?newsID=244))

FARO, A., et al. (2003). *Situação do Mercado de Emprego – Relatório Anual – 2002*. Gabinete de Comunicação /Núcleo de Informação Científica e Técnica. Lisboa: IEFP ([www.iefp.pt/estatisticas/relatorios](http://www.iefp.pt/estatisticas/relatorios))

FERNANDES, A., et al. (2005). *Situação do Mercado de Emprego – Relatório Anual – 2005*. Gabinete de Comunicação /Núcleo de Informação Científica e Técnica. Lisboa: IEFP ([www.iefp.pt/estatisticas/relatorios](http://www.iefp.pt/estatisticas/relatorios))

Menezes, A.; et al., (2003). *Relatório sobre a inserção profissional dos ex-formandos em 2002 (fim da formação em 2001)*. Observatório de Entradas na Vida Activa. Ministério da Segurança Social e do Trabalho e Instituto do Emprego e Formação Profissional. Lisboa: IEFP ([www.iefp.pt](http://www.iefp.pt))

## **LEGISLAÇÃO**

Decreto-Lei nº 205/96, de 25 de Outubro. Diário da República – I Série – A. Nº 248 – Reforma o Sistema de Aprendizagem.

Despacho Conjunto nº 123/97, de 7 de Julho. Diário da República – II Série. Nº 154 - Cria os Cursos de Educação e Formação Profissional Inicial (CEFPI - 9º ano + 1).

Despacho Conjunto nº 279/2002, de 12 de Abril. Diário da República – II Série. Nº 86 – Cria os cursos de Educação e Formação.

Despacho Conjunto nº 453/2004, de 27 de Julho. Diário da República – II Série. Nº 175 – Reformulação dos cursos de Educação e Formação e do 10º ano profissionalizante.

## **ANEXOS**

**ANEXO 1 – A ENTREVISTA AO MARCO**

**ANEXO 2 – A ENTREVISTA A SÓNIA**

**ANEXO 3 – A ENTREVISTA AO RICARDO**

**ANEXO 4 – A ENTREVISTA AO PAULO**

**ANEXO 5 – A ENTREVISTA AO FRANCISCO**

**ANEXO 1**

**ENTREVISTA AO MARCO**

## 1ª ENTREVISTA - MARCO

- Então é assim: o que é que eu gostava de começar por perguntar ao Marco... O Marco veio aqui inscrever-se no Centro de Emprego e eu para já não sei nada sobre o Marco. O que é que eu gostava? Gostava que me contasse mais ou menos a sua vida até aqui chegar.

- Até aqui chegar, vamos lá a ver: inscrevi-me, pronto. A minha cunhada veio aqui ao Fundo de Desemprego.

- A sua cunhada.

- A minha cunhada.

- É cunhada porque é...

- É mulher do meu irmão.

- Tem um irmão mais velho.

- Tenho quatro.

- Quatro! Que idades têm eles?

- Vamos lá, tenho um com 35, outro de 30, 29 e outro de 26.

- O Marco é o mais novo.

- Sou. Tenho que ser o mais novo, não é, senão...

- Tem que ser o mais novo?!

- A minha mãe tinha pedido o papel do Fundo de Desemprego porque eu tinha desistido da escola porque para estar a faltar e a chumbar por faltas não valia a pena.

- E as aulas, as coisas...

- Não correram bem porque, pronto, eu fui para o curso pela opinião da minha mãe, não fui da minha opinião que não sabia se gostava ou não. O que eu queria primeiro era informática porque desmontar computadores e essas coisas todas eu sei fazer porque o meu irmão é doido por informática e, pronto, sabe fazer essas coisas todas.

- Qual dos irmãos?

- É o segundo mais velho.

- São todos rapazes?

- Sim, não há mulheres, só homens.

- Não há mulheres, só homens lá em casa.

- Lá em casa não, porque lá porque já se foram todos embora, só sou eu que resto.

- Os irmãos já saíram todos. Só o Marco é que resta lá em casa

- Qualquer dia lá terei que ir embora também.

- Ah é, porquê?

- Não sei, depende.

- Já o estão a mandar embora (rindo).
- Não. Deus queira que não, né, nunca fiz nada por isso mas pronto.
- Gosta de lá estar em casa com os seus pais.
- Pois com os meus pais. Não são já muito novos mas pronto.
- Que idade têm eles?
- O meu pai tem 60 fez agora, e a minha mãe vai fazer 56. Já não são já um bocado novos e por isso a gente já tem que pensar mais no futuro.
- E o Marco tem quantos?
- Eu tenho 16.
- 16.
- Eu agora tenho que pensar mais no futuro... e é mesmo...
- Antes não pensava muito no futuro?
- Não. Porque era a escola e essas coisas, mas depois comecei a olhar mais para a vida. Que eu chumbei 3 vezes no 6º ano e já não era muito para mim.
- Chumbou muitas vezes no 6º ano.
- Chumbei três vezes logo seguidas porque não queria ir à escola não gostava.
- Porque é que não gostava, Marco?
- Porque é que não gostava? Boa pergunta. Ou era por causa das aulas ou era por causa da escola (parte inaudível) uma pessoa ou gosta da escola ou gosta das aulas. Mas eu era diferente porque eu ia à escola mas também não fazia nada dentro da escola. Não ia às aulas preferia ficar em casa a dormir
- Não ficava dentro da escola?
- Não porque não gostava assim da escola porque por exemplo como eu não gosto de ir lá para a frente que era uma coisa que eu nunca gostei de ir, gosto de ficar sempre cá atrás. Quando os outros faziam, eu é que pagava e eu começava... não gosto muito dessas conversas.
- Porque é que gostava de 'tar cá atrás?
- Porque. É uma coisa diferente. Porque eu assim vejo melhor o quadro. Vejo... eu... eu... 'tar sózinho no meu canto faço mais coisas do que 'tar à frente. Porque os da frente vão-me chatear. Os que 'tão atrás chateiam os que tãõ à frente (?). Eu prefiro ficar atrás sem ninguém. Depois eles fazem porcaria não é... é um modo de dizer... e a gente é que paga, que eles tãõ cá atrás né. Depois eu também não tinha assim grandes amizades na escola porque eu não sou daqueles que faz amizades assim com qualquer um. Tenho que gostar dessa pessoa e já é muito bom.
- É difícil gostar de alguns amigos é?
- É porque a maneira deles serem, fumarem e essas coisas todas pronto isso não gosto muito porque eu também não gosto de fumar nem quero fumar ainda, não digo que não experimentei mas já disse que já não gosto mais porque são porcarias que não prestam para nada, fazem mal. Pronto é assim porque eu não gosto mesmo e eles às vezes tentam-me convencer mas pronto mas não me convencem nada porque não vale a pena estarem ali a esforçarem-se porque eu não quero mesmo nem dedicarem-se (?).

Mais porque eu problemas não tenho. Gosto de jogar à bola. Isso é uma coisa que eu quero dedicar-me...

- Ah é? Gosta de jogar à bola e joga à bola?

- Jogo lá no Fabril. Eu agora se tivesse tempo...

- Já há muito tempo?

- Já jogo há 11 anos né. Já jogo desde os 4. Porque comecei logo nas escolinhas comecei tudo até agora ainda não sai de lá, até agora. Vamos lá ver se eu ainda duro lá muito tempo.

- Ah é e as coisas correm bem lá no futebol?

- Bom tem que correr se eu me esforçar tem que correr se eu não me esforçar é que é mau, né. Eu já tou lá há tanto tempo que já me serviu de lições as coisas que eu já aprendi lá, né.

- O que é que aprendeu lá?

- A maneira de falar com as pessoas. Ah... e... pronto...educado não porque isso os meus pais ensinaram-me muito bem porque...ah...Deus queira que sim mas eu ainda sou bem-educado, só quando as pessoas são mal-educadas para mim é que eu também sou assim mal-educado.

- O que é isso de ser bem-educado, o que é que...?

- Bem educado... ter modos com as pessoas a falar né. Não faltar ao respeito por exemplo para 'tar a falar e mandar aquelas coisas para o ar que uma pessoa não deve dizer né, porque às vezes a gente também diz, qualquer pessoa diz né. Sei lá mais, agora assim não tou a ver mais né.

- Quer dizer que o futebol o ajudou nisso.

- Ajudou porque... a entender as coisas de...com os amigos. Dar-me bem com os amigos que eu gosto. Com aqueles que eu não gosto respeitá-los na mesma mas de modo diferente.

- Como é que se aprende uma coisa dessas no futebol, ó Marco?

- É assim: é muitos anos de convívio com as pessoas, com as mesmas pessoas e...

- Com os colegas da equipa, é?

- Ver países diferentes com os amigos.

- Ver países diferentes? Então o Marco já viajou.

- Já viajei seis vezes.

- Que bom. Para onde?

- Dinamarca, Inglaterra, Brasil, Holanda...

- Sempre com a mesma equipa.

- Com amigos, viagens em amigos. Nunca fui com a equipa porque a equipa a gente chegava ao fim, né, eles davam se calhar o dinheiro à gente e a gente com o dinheiro que pedia aos pais e a gente ia.

- Ah é juntava-se com um grupo de amigos e iam de férias?

- Até mesmo com o treinador, mesmo com o treinador a gente ia à vontade. Ainda hoje a gente faz isso

- Ah é? Todos os anos faz uma viagem assim?

- Normalmente. O ano passado a gente não fez porque não houve publicidade (???) E houve pessoas que estavam assim adoentadas e essas coisas eu fui um deles que ainda tive doente. Ainda agora ainda tou um bocadinho. Isto tá um bocado mau, este tempo não dá nada. Este ano não consigo dar nada.

- Doente com quê?

- Constipado deve ser uma constipação...é coisas que vão passando ao longo do tempo. Mas já tá quase.Tá um bocado demorada de mais mas...também não é por dizer que não ando a tomar nada né. Realmente, ando a tomar comprimidos até dizer chega, né, mas depois parece que não faz efeito nenhum.

- Anda preocupado com isso.

- Pois porque isto depois também depois infringe um bocado com o futebol, né.

- Depois não pode jogar é?

- Depois o mest...lá o treinador começa a ver que eu ando lá a espirrar lá até dizer chega começa, também a ....e eu também não gosto disso.

- É sempre o mesmo treinador?

- Não, até agora ainda não foi, porque aquilo ao longo do tempo, né, quando aqueles vão piorando, a gente vai assim mais por baixo, mudam. Se ficarmos na mesma aquele também sai.

- O que é isso de ficar mais por baixo?

- Por exemplo, se a gente agora tiver mesmo cá nos últimos, durante, vamos supor 6 ou 7 jogos, o treinador tem que ir pra a rua porque...

- Os últimos no campeonato, é isso?

- Pois, o treinador não está dar desenvolvimento à equipa ou sai e mete-se outro e esse outro vai tentar subir mais um lugar ou dois...

- É como nas equipas de futebol da 1ª Divisão não é. Você joga numa equipa de quê? Júniores?

- Agora sou Júnior.

- Como é que é isso que eu não sei?

- Isto é assim: eu comecei pelos Infantis que é uma coisa assim muito pequenina...

- Com 4 anos.

- Pois, com 4 anos.

- Quem é que decidiu isso, que ia para o futebol? Foi o Marco?

- Foi o meu pai. Foi o meu pai porque o meu pai jogou também lá muitos anos. Foi lá...aquilo ...foi...calhou ainda em segundo lugar naquilo porque ele...pronto... jogou lá também uma mão cheia de anos. Os conhecimentos dele....

- Então também era jogador de futebol...

- Sim, jogou no Flamengo (?) também...ele tinha lá os conhecimentos dele e falou por mim. Estou lá até agora. Deus queira que ainda fique lá muito tempo porque é aquilo que eu quero. Sair do futebol não é uma coisa que eu goste.

- É aquilo que quer. Como assim?

- Era uma coisa que eu gostava para o futuro, mas eu sei que não tenho futuro naquilo.

- Porquê?

- Eu não jogo bem nem jogo mal. Mas também já vi que aquilo não é futuro para mim porque...eh pá, as minhas pernas já estão muito doridas....o meu irmão teve lá a ver... no joelho...e isto levar cacetadas todos os dias, já é um bocado mau, Noé. Depois é umas lesões de vez em quando que aparecem, já é habitual. Agora chegando a altura do Verão é para descansar mais.

- Portanto, o Marco fica assim um bocadinho preocupado com a sua saúde, porque aquilo é um bocado puxado, é?

- Pois porque uma hora e meia a correr não é brincadeira nenhuma.

- É o quê, todos os dias?

- Não. É dia sim, dia não. Vamos segunda, terça, quinta e sexta.

- E ao domingo joga?

- Não. Ao domingo às vezes jogo mas às vezes jogamos mesmo aos dias de semana porque aquilo não é como...por a gente agora já está na 1ª Divisão, também, de Juniores. Estamos no 2º lugar. Já vamos a dois jogos depois da segunda volta, estamos a ir bem. Temos bons resultados. A gente ainda não perdeu quase nenhum. Já empatámos...

- Quer dizer, o Marco acaba por passar muito tempo no futebol.

- Sim mas é assim, o futebol é uma coisa que eu só jogo à noite. Nunca jogo pronto...com as pessoas da rua, né. Eu não gosto de jogar à bola com os outros porque se eu me aleijar na rua, eles lá no clube não me vão tratar por causa que eu aleijei-me na rua, né. Eu gosto de jogar com os meus amigos lá da minha rua, é habitual, ainda ontem fui jogar.

- Tem muitos amigos lá na rua?

- É assim: eu era mais conhecido pelo Fanni.

- Fanni?

- Pois, porque é assim, ninguém me conhece pelo Marco. Toda a gente conhece-me pelo Toureiro.

- Ah é?

- Porque eu fui...eu sou primo de um grande toureiro. Eu gosto de ir às largadas da Moita. Porque se for à Moita ainda sou mais conhecido do aqui no Barreiro, né. Tenho lá amigos, que aquilo é que posso dizer que são amigos, aqui digo que é conhecidos. Porque amigos são a minha barriga e, mesmo assim, às vezes dói-me.

- Ah é? É assim um bocadinho desconfiado em relação a essa história dos amigos, é?

- Pois, porque é assim: às vezes eles podem 'tar comigo e podem 'tar bem, mas depois nas minhas costas eu não sei o que é que eles estão a fazer nem eles sabem de mim. Portanto, de mim eu sei o que é que ando a fazer. Agora deles eu não sei se posso dizer sim porque eles fumarem, fumarem. Eles podem fumar no seu canto que eu deixo-me tar no meu canto, né. Se gostarem de fumar, eu desvio-me um bocado, digo a eles: "Olhem, não mandem o fumo para cima de mim, que isso é para vocês." É diferente mas, certo, sem isso é tudo bem.

- Eu gostava de perceber melhor essa história, estava-me a contar essa história do Toureiro e do Fanni e eu não percebi muito bem. O que é o Fanni?

- Porque é assim: Fanni é uma pessoa muito conhecida no (?).
- Ai é?
- É. E eu, pronto, e eu já me conhecem há uma mão cheia de anos como aqui no Barreiro. Se eu vier aqui às festas do Barreiro conhecem-me muita gente. Quando agora no meio da rua cumprimentei uns cinco ou seis antes de vir para aqui. E apanhei o autocarro e desci aqui a pé.
- É uma pessoa muito conhecida.
- Muito. Os meus irmãos, no convívio deles... pronto... eu saía muito com os meus irmãos. Até ao meu irmão (...)...e eu saía muitas vezes com ele.
- Apesar de terem uma grande diferença.
- Sim, uma grande diferença, mas sempre muito juntos. Ele ficou na minha casa até aos vinte e quatro anos. Depois a minha cunhada 'teve numa viagem de trabalho. Ela é jornalista.
- A cunhada é que é jornalista.
- É. Ela foi para a Inglaterra fazer umas entrevistas, o meu irmão teve de vir para a minha casa, porque o meu irmão, pronto, não é aquela pessoa que sabe fazer muita coisa. Não sabe fazer muita coisa. Pronto. Vinha para a minha casa. Ele gosta de lá estar comigo, convivemos os dois lá. Não convivi mais com os outros porque os outros nunca cheguei a ficar com eles em casa, né, algum certo tempo. Conheço eles porque vejo também eles todos os dias. Uma coisa é que eles também não moram muito longe de mim. Por isso, as amizades de mim e dos meus irmãos são sempre boas, né. Se eu faço alguma coisa que eles não gostam, levo nas orelhas, tem de ser que é para eu aprender para a próxima não fazer. Agora...agora assim...de certa forma, fumar, essas coisas, eles não querem. Eles mesmo que fumem, não vão dizer a mim para não fazer, para não fumar porque eles sabem o que é que aquilo é. Eu já disse a eles: "Já experimentei." Já disse que eu não tenho problemas de esconder nada. Não é uma coisa que eu vou esconder.... No futuro posso se calhar eu arrepender-me de fazer aquilo e 'tar ainda a fumar e às escondidas. E às escondidas é pior porque uma pessoa mais se esconde, mais desconfiam. Por isso, se eu tivesse problemas, alguma coisa de fumar ou de beber, era diferente, podia dizer aos meus pais porque os meus pais entendiam.
- Eles costumam entender as coisas, é? São pessoas com quem consegue conversar.
- Sim...porque é assim, por exemplo, eu não consigo desabafar tanto com o meu pai. Ele mesmo sendo homem, ele se calhar não compreende as minhas razões. Mas a minha mãe é diferente, porque a minha mãe, pronto, eu falei com ela... Mas também falando com o meu pai também ajuda, porque a gente somos homens e a gente dois tem mais coisas do que as mulheres, não é? Porque se a gente vai falando....
- Mais coisas em comum?
- Sim porque a gente vai falando de outras coisas, né, pronto, e vai-se compreendendo as gentes dois. Às vezes mesmo assim quando eu não sei falar Eu nunca fui pessoa para 'tar a falar com o meu pai...Porque eu gosto sempre mais de falar com a minha mãe. porque a minha mãe compreende as coisas depressa, mais rápido... por isso, é uma maneira mais fácil de falar.
- Ele não compreende assim tão rápido, é?
- Pois... porque é assim: a vida que ele teve no passado é muito diferente do que é agora. Porque ele dantes... ele às vezes conta-me que agora a gente... para comer. Dantes era difícil para comer e agora a gente tem comer e a gente não come. Pronto.
- O seu pai viveu uma vida mais difícil quando era da sua idade, era isso?

- Sim, porque é assim: as condições de antigamente não era nada do que é agora. Mesmo assim às vezes elas são piores. Mesmo assim, a escola e essas coisas, ele diz-me: "Agora vocês não querem escola. Dantes a gente não tinha tempo, não tinha material e nada e agora vocês têm e não vão." Pronto. É uma coisa que ele...

- Ele andou na escola?

- Andou, ele fez o 4º ano. O antigo. Já não sei a equivalência. Não sei.

- 4ª Classe, não é?

- Pois.

- E depois não continuou mais porquê? Não havia condições?

- Pois, não houve condições. Pronto. Eu já tentei falar com ele, de uma maneira de ele ir para a noite. Mas com a profissão que ele tem também não ajuda muito: é pintor.

- Pintor de quê? Da construção civil?

- É.

- E trabalha ainda?

- Trabalha.

- Mas ele tem que idade?

- 59. 59 Não, 60. Fez agora. Às vezes ainda me confundo, ainda.

- É recente.

- Ele é já reformado mas faz os trabalhos dele. Porque a reforma dantes podia-se fazer muito cedo e ele também aproveitou. Agora já não se pode fazer muito cedo. (...) Por isso, ele também reformou-se logo. Mas agora vê que a minha mãe está a trabalhar não ganha muito. Trabalha na Câmara...

- O que é que ela faz?

(...)

- É cantoneira de limpeza.

- Ela não ganha muito nem ganha pouco! Ganha se calhar o suficiente para pôr a comida na mesa. O trabalho do meu pai, como é pintor, ele ganha sempre alguma mais. Eu para não estar parado, porque eu já estou a ver eles chegar a velhotes. A idade também começa a pesar para mim, eu também tenho de (...) Queria o meu dinheiro, não estar sempre a pedir a eles: "-Ah, agora dá-me aqui 2 euros. Ah, não tenho! Não, já não fico com o dinheiro.

- Queria o dinheiro para quê?

- Por exemplo, para comprar alguma coisa para mim, para o que eu quisesse. Não andar sempre a pedir. Também, 'tar sempre a pedir... qualquer dia sou algum chulo que anda aí e eu não quero isso.

- Queria ter dinheiro para quê?

- Roupa.

- Roupa?

- Sim. Basicamente roupa.

- Gosta de comprar roupa?
- Não é uma coisa que eu faça todos os dias, né. Não é uma coisa que eu faça todos os meses. Compro roupa quando tem de ser, quando há dinheiro.
- E quando tem dinheiro compra que tipo de roupa?
- Calças. Calças porque cada dia que passa elas ficam mais pequenas porque ainda estou em fase de crescimento. Está a crescer de tal maneira que ainda não parou. As calças cada vez vão diminuindo.
- Compra por necessidade? Porque elas deixam de servir.
- Sim, não é por estar com gosto nas calças, nem nada, porque eu não ligo a isso. Eu não sou da moda, não sou nada disso.
- Das marcas e isso. Não liga.
- Eu prefiro ir à casa (...) e comprar dois pares de calças que duram um ano do que a uma casa daquelas que qualquer dia rasgam-se. Eu não me importo dessas coisas.
- Mas não sobra muito dinheiro lá em casa, é?
- Não... sobrar... por exemplo, a minha mãe gosta de comprar logo tudo de comida para dar o mês todo. Quando ela receber é outro mês. Porque a minha mãe, em comida, gasta muito, porque eu sou uma pessoa que como. Não é uma coisa que não me agrade nada, eu sei comer. Por exemplo, o almoço e ao pequeno-almoço quase não como, não é uma coisa que coma muito. Antes de me deitar é que eu como mais: como se calhar duas sandes e era aquilo que eu devia comer e não como. E ao almoço e ao jantar eu abuso da comida de vez em quando. Porque quando tenho treinos não posso comer assim tanto.
- Gosta de comer?
- É uma coisa que... Não é dizer que eu goste, eu adoro. É uma coisa que eu não posso... É comer e dormir! É aquilo que eu sei fazer melhor!
- Para dormir, uma pessoa (...) Gosto, por exemplo, de ver um filme à noite. Quando acaba o filme vou-me deitar. Deixar-me dormir a ver o filme, por acaso nunca me aconteceu isso. Às vezes uma pessoa cansada deixa-se dormir mas por acaso nunca me aconteceu isso. Uma coisa que eu gosto... Comer, comer é uma coisa que eu gosto! Dormir atão!! Quando tenho aquele tempinho para dormir é uma coisa rápida.
- Então quer dizer que naquelas alturas em que faltava à escola era para ficar a dormir? Estava a dizer há bocadinho, não era?
- Pois, está claro! Tinha de ser! Acordar às oito da manhã e 'tava aqui na Alfredo da Silva. Moro lá em cima no Alto do Seixalinho e vir lá de cima até aqui!
- Porque estava nesta escola tão longe?
- Porque andava na Mendonça, na Mendonça Velha depois fui para a Nova.
- Fez o quê? O 5º e o 6º no Mendonça?
- Fiz. Passei do 5º para o 6º aqui. Depois a escola acabou, fechou. Fui ali para a nova.
- Estou um bocadinho baralhada. Então.... Fez a primária lá ao pé de casa na Quinta da Lomba?
- Sim. Não! Fiz aqui no Alto do Seixalinho.
- No Alto do Seixalinho.

- Porque eu não aqui ir para a Augusto Cabrita (?). Pronto. Era mais perto. Gostava mais aqui porque a minha avó morava aqui antigamente. E, pronto, vim para aqui. Fiz o 5º para o 6º e a escola fechou.
- Na Alfredo da Silva?
- Não, aqui na Mendonça Velha.
- Nesta aqui, na Mendonça Velha.
- Sim. E fechou. E depois os papéis dela foram para a Mendonça Nova. Ficou mais perto da minha casa ainda porque depois dei a morada da minha casa.
- Então fez mais dois 6ºs ali?
- Fiz dois 6ºs ali. E depois no último 6º passei para o 7º.
- Lá também?
- Sim. E depois fiz um curso de informática que era eu a pagar para eu ter aquele curso, que era por mês...Acabei o curso...
- De informática aonde? Lá na própria escola?
- Sim. Que era ao fim-de-semana. Era os dois dias. Por exemplo, não tinha descanso, porque eu...
- Era só para aprender a usar o computador, era?
- Sim. O computador...essas coisas. Poder desmontar um computador. Saber [resolver] um problema.
- Então porque é que foi para esse curso? Quem é que...?
- Foi uma ideia minha. Porque é assim: sempre eu coiso (?) com os computadores.
- Como é que soube o que esse curso fazia?
- Porque fui mesmo...as pessoas da escola vieram entregar-me os papéis e leram... Uma pessoa da escola...Eu... por exemplo... Era uma pessoa da turma...Escolheram-me. Fizeram umas provas. Eu ganhei a primeira prova. A segunda prova ganhei. Fui representar a escola.
- Mas era o quê? Um concurso? Era o quê?
- Primeiro era um curso, para saber, aprender. Depois daí (...) por exemplo, um torneiozito: já era desmontar computadores pelas escolas... E depois fui, pela escola, fui ao Seixal lá a uma escola lá ao pé do Cabeço Verde, que é, aquilo, que eu já não me lembro bem.
- Cabeço Verde no Seixal?
- Aquilo era um nome muito esquisito! Não sei quê Verde. Um nome...Qualquer coisa Verde...Não sei bem o que é aquilo. É para o Seixal. Fui lá. Fui lá representar a escola e o concelho do Barreiro. Pois, a escola ficava no Barreiro. Fui fazer com as outras escolas, os de Lisboa, essas coisas. Tive a infelicidade de ficar em 2º lugar. Não fiquei em 1º. Fiquei dois segundos do outro de montar e desmontar o computador.
- Gosta disso, de montar e desmontar os computadores?
- É uma coisa que eu sempre gostei de fazer. Mesmo (...) mesmo quando não tenho nada para fazer (...). Agarro (...)
- Tem lá um computador em casa?

- Não, só tenho um. Já tive dois. E agora, agora (...) porque o outro de tanto lhe mexer...
- É? Gosta muito de montar e desmontar coisas?
- Se é uma coisa que eu...ter telemóveis, essas coisas. Pronto, eu sei.....Porque foi uma coisa que eu gostei de aprender. Electricista já não foi uma coisa que eu gostei. Sinceramente. Dois dias que eu fui ao curso aqui na Alfredo da Silva. (...) (?) Tinha vontade de continuar.
- Então, o Marco teve...saiu depois ali do...
- Mendonça.
- Do Mendonça com o 7º ano já feito?
- Com o 7º ano. Mas, depois, por andar ali no curso eles davam-me logo o 8º.
- Chegou a frequentou o 8º ou não?
- Não. Não porque –
- Mas no fim do 7º decidiu ir para o curso?
- Sim, para o curso.
- Mas quem é que tomou essa decisão?
- Foi o programa lá da escola. Do UNIVA.
- Ah havia lá o UNIVA na escola.
- O UNIVA. Eu dava-me bem com a professora. E ela... Eu tinha que tentar arranjar um curso de informática, porque era aquele que me dava melhor.
- Porque aquele curso que fez ao fim-de-semana gostou e –?
- Gostou e... eu para avançar naquilo. Porque eu sabia que tinha mais futuro naquilo do que na electricidade. Eu tinha mais futuro naquilo do que na electricidade. Era uma experiência que eu já tinha.
- Mas nunca pensou em continuar o 8º ano normal?
- Não porque é assim... Eu queria, por exemplo, acabar a escola o mais rápido possível.
- Porquê?
- Porque eu tinha mais...Eu não gostava nada da escola. Eu sou uma pessoa que...eu detesto a escola.
- Então por que é que detesta a escola?
- Ah... Detesto a escola porquê? São boas perguntas que às vezes me fazem. Agora, sei lá! Não sei responder.
- Não?
- Não sei responder. Sinceramente, eu não sei.
- Há bocado estava a dizer que uma coisa era as aulas e outra era a escola. Eu não entendi muito bem.
- A escola é a gente estar na escola, a jogar à bola, depois...

- Faltar às aulas.
- Depois faltar às aulas. Jogar à bola. Estar divertido. Estar com as colegas ou com os amigos.
- E isso é mais interessante.
- Só que as aulas são um bocado chato.
- Porquê?
- Ou era a matéria ou eram os professores que falavam, falavam, falavam e não se calavam!
- Como é que eram as suas aulas?
- As minhas aulas não eram assim muito boas nem muito más. Porque eu –
- Havia algumas que gostasse mais?
- [Educação] Física e Matemática.
- Educação Física.
- Educação Física e Matemática. Porque Matemática sempre tive boas notas e sempre levei mais a sério. Pronto, eram coisas que eu gosto de fazer: contas e isso (...) computadores tenho de saber. Por exemplo, Português...Inglês também sei mais ou menos. Sei o básico. Não sei muito. Porque sou uma pessoa que...
- Mas, portanto, o Inglês gostava ou não gostava?
- Gostava, gostava assim um pouco. Porque... em aulas que a gente tinha... pronto, os verbos, essas coisas, não me dava muito bem, mas, pronto, ia lá fazer uns testes lá com aqueles (...)
- O que é que gostava mais no Inglês?
- Isso aí era mais os verbos, "to be", essas coisas assim. Mais... para dizer os dias da semana, as horas.
- Aquelas coisas mais básicas.
- Mais básicas.
- Então quanto vai para o estrangeiro o que é que fala?
- Não falo nada.

(Risos)

- Normalmente não falo nada. Porque quando vou para lá (...) com português. Normalmente não consigo (?) quase ingleses nenhuns. A gente vive com os portugueses. A gente já se habitua tanto ao português, porque o inglês já a gente esquece. (...) no país da gente. Às vezes a gente chega a uma loja. Chega lá. "Bom dia!" Ficam a olhar para a gente, não é? Porque eles não sabem o que é que a gente quer dizer. A gente diz lá alguma coisa e os outros "Truc Hum". Sabem mais que a gente (...) Por exemplo, os australianos sabem inglês.
- O inglês afinal até dava jeito aprender.
- Sim, se calhar. O meu irmão sabe inglês, viveu nos Estados Unidos, essas coisas assim.
- Qual? O irmão logo a seguir?
- O mais velho.

- Tem?
- Trinta e poucos anos. Não sei bem ao certo.
- Ele estudou mais?
- Não estudou mais. Ele estudou menos que os outros todos.
- Até que ano é que ele estudou?
- Até ao 6º ano.
- É? E os outros dois?
- Os outros dois não, os outros três. Deixe cá ver.
- Portanto. Vocês são cinco ao todo.
- Sim. O outro a seguir a mim fez o 9º ano. Chegou a fazer. Passou para o 10º mas depois não quis seguir. Os outros três sinceramente não sei. Porque um é bombeiro. É chefe dos bombeiros do Sul e Sueste de Setúbal. Dos Sapadores de Setúbal. O outro meu irmão faz balões de ar quente, também no turno (?) da noite.
- Faz balões de ar quente?
- É. Cose, faz à mão. Voa com eles.
- E o mais velho o que é que faz?
- O mais velho trabalha nas obras. (Risos)
- O que é que ele faz nas obras?
- Sinceramente, eu nunca lhe perguntei o que ele faz, né.
- Nunca falou muito com ele sobre isso do trabalho das obras?
- Obras não é uma coisa que eu queria agradecer muito, né, mas eu sei que um dia também lá ir, porque eu também tenho de experimentar um pouco de tudo! Obras não é assim uma coisa que eu fale muito com ele, né?
- Tem de experimentar um pouco de tudo?!
- Pois, para eu saber aquilo mesmo o que eu quero.
- Acha que é mais fácil se experimentar?
- Pois, porque se a gente experimentar uma coisa nova, a gente vai ver se gosta. E como eu pus-me nessa aventura da electricidade. Não sirvo nada para aquilo!
- Não gostou?
- Não gostei. Porque... Ao segundo dia estava-me a agradecer.
- Então teve 2 dias no curso de electricidade?
- Tive seis dias que me agradou. Depois ainda estive mais uma semana.
- Ao todo quanto tempo teve no curso de electricidade?

- Salvo erro, foram semana e meia.
- Foi muito pouco.
- Foi mesmo muito pouco.
- Porque é que desistiu logo?
- Porque é assim: a turma em si já eu conhecia há muitos anos e eu não gosto de ambientes (?). Porque (...) de opções. Para 'tar na aula, para 'tar a fazer um trabalho, perguntar "porquê?" "como é que isto se faz?"ou...esquecia-me... perceber aquilo que o professor queria dizer. Não sabiam explicar. Mesmo assim, também não sabiam. A turma era muito confusa, porque, aquilo, faziam muita barulho...Era muita coisa para meter na cabeça e...nada.
- Quantos eram?
- Éramos 22 mas depois reduziu para 15 porque desistiram. Depois, antes de me ir embora já tinham desistido mais 3, ficaram 12.
- Porque aquilo era o 9º ano mais 1 não é?
- Era o 9º ano com equivalência ao curso e ao estágio de 12 meses, salvo erro. Treze meses.
- Na electricidade?
- Na electricidade. Alguns, portanto, ainda estão lá! Mas já são muitos poucos porque já estão lá só 10!
- Dois vinte e dois já estão 10?
- Só estão lá 10. Porque, pronto, muita gente... Daqueles que eu sabia, que eu pensava que iam ficar lá porque... pareciam que... gostavam mesmo daquilo. E para mim não dava porque eu fiz dois dias a desmontar umas coisas, lá na escola. E até me agradou porque é uma coisa que eu gosto. Estava a desmontar aquilo, 'que eu sabia o que é que eu estava a fazer!
- Como é que era? Essa semana e meia, como é que isso funcionava?
- Funcionava, por exemplo, a gente ia para uma garagem.
- Mas qual era o horário?
- Era assim: a gente entrava todos os dias às 8 e meia. Saímos todos os dias às 1 e meia. E entrávamos logo todos os dias às 2 e meia. E saímos todos os dias às 4. Era sempre assim. Sempre assim.
- E como é que eram os dias? O que é que vocês faziam?
- A gente fazia...desmontava os aparelhos, montava, que aquilo que eu percebia mais.
- Isso era da parte da manhã?
- Da manhã. Sim, da manhã, porque 2º, 4º e 6ª era só electricidade. Depois eram as aulas normais.
- Era o quê? Eram aulas de quê?
- Tinha Inglês, Português, Físico-Química. Tinha Higiene Social do Trabalho.
- Higiene e Segurança no Trabalho.
- E Segurança no Trabalho. Tinha mais a UNIVA.

- Técnicas de Procura de Emprego era?
- (...) Tinha História. Tinha Matemática. Administrativa também. Havia mais uma que eu agora não 'tou a ver: acho que era a SAP ou SA... Tinha um nome muita esquisito. Que era praticamente a mesma coisa que a UNIVA.
- O que é que se aprendia nisso da UNIVA e nisso do SAP?
- Como UNIVA era mais falar sobre recursos. Que era para a gente (...) que a gente estava a fazer. Se gostávamos das aulas, essas coisas, mas eu por acaso nunca fui.
- Não?
- A UNIVA e o outro curso que era quase igual ao UNIVA, eu só (...)
- Não chegou a apanhar isso?
- Não tive isso. Por causa das aulas tive sempre todas.... Pronto, não faltei.
- O que é que achava dessas outras aulas? Dessas disciplinas todas? Era igual à escola ou era diferente?
- Era igual.
- Era igual?
- Era igual, vamos supor que era igual.
- Eram professores na mesma?
- Eram professores na mesma.
- Mas eram outras matérias que nunca tinha dado, né. Por exemplo, Higiene e Segurança no Trabalho eu nunca tive isso.
- Mas as que eram comuns eram iguais à escola?
- Sim. Sim, porque isso foi, era...
- Qual era a diferença que o Marco achava dessas aulas para as outras que tinha na escola? Da escola normal, vá lá?
- A diferença não era muito.
- Não.
- Porque era assim: porque os professores davam material. Era a única coisa que na escola normal não davam. Davam material. Eram só fichas. ... Fazíamos um teste de 2 em 2 meses. Na cheguei a fazer nenhum. E eram coisas mais avançadas, por exemplo, a gente tinha sempre 4 horas por semana de cada aula. Eu, por exemplo... Em duas semanas, que a gente fazia, a gente tinha de mudar logo. Porque a gente mudava logo de matéria. Assim, de...estou-me agora a lembrar Físico-Química.... (...) a dar os planetas, essas coisas. Noutra semana, na semana em que eu fiz as provas, que eu não cheguei a fazer (...) experiências de Química. Fizemos a Física e depois fizemos a Química. Pronto. Foi um espaço de pouco tempo (...).Porque na escola normal a gente já não faz isso. Na escola a gente leva algum tempo na mesma área que é para a gente aprender e fazer um teste sobre isso. Nunca foi uma coisa que me aconteceu. Porque foi uma coisa nova. Nunca experimentei. Agora, por exemplo, vir para o curso daqui do Fundo de Desemprego, foi uma coisa que, nem eu sabia. Eu não gosto de vir muito cá pra estes lados. Que é uma coisa que eu nunca (...) A minha mãe pôs-me lá a falar, a perceber as coisas como é que elas eram. A minha cunhada esteve a explicar, pronto, ela veio aqui para se inscrever, essas coisas

todas também, para continuar a escola mas só fazer mesmo o 9º ano, quer fazer o 9º ano, e eu também queria saber como é que era isso, saber. E ela, depois a gente temos (...)

- Há quanto tempo é que o Marco saiu do curso ali da Alfredo da Silva?

- A escola começou 17 de Setembro. Salvo erro, dia 30 ou dia 28 desisti logo.

- O que é que não gostou?

- Foi o...não saber daquilo. Não percebia mesmo nada daquilo e não gostava. Eu quando ponho na cabeça que não gosto, nem vale a pena ninguém estar-me a chatear por causa disso. Se gosto, é para levar a sério. Agora se eu não gostar, não vale a pena continuar. Porque... numa coisa que posso (?) tudo, e não vou gostar... Porque é que eu vou estar nesse curso e estar a gastar dinheiro em passe? Não vale a pena. Por exemplo, o meu passe, por exemplo, não necessita de (...) que é o passe da Câmara. Mas era uma coisa...Eu ia para o curso, acordar, por exemplo, às 7 da manhã, lavar-me, comer, ir para a escola. E ir para a escola e 'tar nas aulas sem vontade, eu acho que isso não é para ninguém. Porque é uma coisa que eu estou a fazer sem vontade. E estar na escola, se calhar, fico, estar assim no meu cantinho muito sossegado. Levo quase uma hora a fazer aquilo que eles 'tão a mandar. Porque eu não gosto. Por isso é que eu não quero, prefiro continuar ali. Porque vi logo. Por exemplo. A minha maneira. A vontade da escola. Ir para a escola. Não dava vontade. Já os outros anos que eu tinha chumbado, não davam essa vontade. Os meus pais iam trabalhar, eu ficava em casa! Às vezes quando eles não iam trabalhar, eu saía de casa, ia para a escola, ia uma aula, ia para a rua. Era sempre assim!

- Porque é que isso acontecia? Ir para a rua?

- Ir para a rua. Coisas minhas mesmo de cabeça, parvoíce. Eu ia para a rua, porque os professores mandavam vir comigo e eu não era nada pessoa para estar calada.

- Porque é que eles mandavam vir?

- Era o que eu 'tava a dizer há bocado. Era... Os outros quando estão na frente fazem coisas, né. Por exemplo, aqueles papéis, as canetas que a gente tira o bico e a carne. Tiravam só o coiso da caneta. Agarravam os papéis, metiam na boca, os outros faziam – ainda me lembro, que essas coisas ainda me lembro. Mastigavam. Sopravam. E aquilo eram grandes badalhoiques. Que aquilo era uma grande javardice. E depois, aquilo, pensavam que era cá de trás. Então eu fiz isso uma vez e a professora apanhou-me, por acaso. E sempre que faziam, era eu que pagava. E eu dizia à stôra: "Ó stôra. Não fiz nada." "Vais para a rua." Quando a stôra dizia para ir para a rua, mandava vir com ela. "Stôra, mas eu não fiz mal, nã sei quê." Aquilo eram grandes discussões lá na escola. Mas sempre que eu vejo os professores vêm ter comigo porque também compreendiam. Nos outros dias viam que eles é que tinham feito, não era eu.

- (...) chatear com o Marco. Por isso é que o Marco depois não tinha vontade de ir para a escola.

- E não só. Porque eu dantes tinha problemas.

- Problemas?

- Porque na vida social, porque em casa, os meu pais tiveram uma altura que não 'tavam muito bem e eu não queria levar essas chatices para a escola. Mas tinha de levá-las porque eu tinha isso na cabeça. Se uma pessoa me chateasse, eu tinha que deitar isso tudo fora. E eu chateava-me. Porque eu para 'tar... Sabendo aquilo que eu (...?) não valia a pena ir à escola. Eu, pronto, tenho ataques epilépticos. Não é uma coisa que eu desmaie. É uma coisa que me dá força. (...) Se eu tapar os olhos, é uma coisa que eu se calhar (...) o que é que ando a fazer.

- Já tem ataques epilépticos há muito tempo?

- Porque isso vem da minha mãe.

- A sua mãe também tem?

- Isso vem da minha mãe e vem dos meus irmãos. Porque...dois deles também têm porque os outros não têm. Os meus irmãos não são iguais a mim. Porque o meu pai é nervoso. Não tem... Por acaso (...) chateado. Pronto. Chateado comigo. Às vezes levava porrada até dizer chega. Se hoje ainda tenho cara para levar umas boas chapadas., porque isso tenho boa cara para levar todos os dias, mas eu faço por não levar. Por isso –

- Isso era comum lá em casa, era?

- Era comum. Porque era assim: eu fui habituado muito ao pé de casa. Para jogar à bola era ao pé de casa. Saía de casa, dava dois ou três passos e já estava a jogar à bola. E nunca saí para lá nenhum. Eu conheço isto há muito pouco tempo. Mas mesmo o pouco tempo que conheço, já conheço isto tudo de cor e salteado. E depois eu fui para uma creche. Eu não gostava nada da creche. Porque...

- Que idade tinha quando foi para a creche?

- Ainda 'tava no infantário. Fiz a primeira e a segunda classe e fiquei numa ama.

- A sua mãe trabalhava?

- Sim.

- Ficou pouquinho tempo com a sua mãe quando nasceu?

- Eu não sou exemplo disso, porque eu, também, não sou português.

- Ah não? Então?

- Eu nasci na Inglaterra. Porque a minha mãe foi para lá com o meu pai passar férias e eu nasci em Setembro, logo que fui para lá. Mas pronto, não me nacionalizaram inglês. (...Portugal. Eu vim logo para aqui, mal a minha mãe soube que eu já podia sair do hospital. Se eles (...) também não percebi nada daquele tempo. Não (...) muito de Inglês. Por isso...É uma coisa básica, dessas coisas (...) ao longo do tempo. A gente mesmo que não queira levá-los, temos de os saber levar.

- Mas eles discutiam muito, era?

- Sim, porque era assim: o meu pai ficou 2 anos e meio sem trabalhar. Mas por vontade dele. E o dinheiro da minha mãe não dava para (...)

- Por vontade dele, então, por que é que ele?

- Porque ele dizia que não havia trabalho. (...) porque chovia. Uma pessoa quando é pintor para trabalhar por fora não vai dar dinheiro. Pintar e chover não vale a pena. Havia muito pouco trabalho nessa altura. Mas ele também não se esforçava. Não fazia outra coisa. Ele mete na cabeça – é tipo como eu, eu saí mesmo quase a ele – que só quer fazer aquela profissão. É aquilo que ele faz. Eu já não sou assim. Porque por exemplo, se eu um dia mais tarde precisar de trabalhar qualquer coisa, eu tenho que fazer, porque o dinheiro desde que venha para o bolso é o suficiente. Eu também quero aprender várias coisas, por isso é que eu estou a dizer: vou gostar de fazer sempre um pouco de tudo, porque na vida para o futuro se calhar vou precisar dessas coisas.

- Mas o Marco há bocado estava a dizer que não tem assim muito interesse para aprender as coisas de que não gosta.

- Pois porque é assim: se eu fizer uma coisa que eu não goste...

- É um bocadinho parecido com o pai nesse aspecto.

- É difícil. É difícil levar isso para a frente.

- Quando não dá prazer não consegue fazer, é isso?

- Pois. Mas se for por necessidade, mesmo necessidade, eu se calhar, tenho que (...) mesmo que não eu goste. Porque eu sou um bocado diferente do meu pai nesse ponto.

- Então e a electricidade não?

- Não, eu vou explicar. Eu fiquei traumatizado com a electricidade.

- Porquê?

- Com um ano e meio apanhei um grande choque eléctrico. Tenho o dedo torto. Apanhei um choque aqui. Tenho um dedo queimado e tenho uma marca no pescoço (?). Tentei-me armar em electricista e não deu resultado.

- Já desde um ano e meio que tem essa curiosidade por mexer (...) por desmontar.

- Apanhei um choque eléctrico em casa. Meti os dedos na tomada. Tentei lá fazer uma ligação, mas comigo não deu. Disparou (...) essas coisas todas.

- Ainda se lembra?

- Não me lembro. São os meus pais que me contam.

- Mas deixou marcas, não é?

- Deixou marcas mas isso é marcas que...

- Não o afectam mas servem para se lembrar?

- Sim. Afectam às vezes. Agora é a altura do Carnaval, a gente quer-se mascarar, mesmo com aquelas máscaras todas coiso, sou obrigado a andar com umas luvas. Tenho o dedo assim, nota-se muito. Mas mesmo assim, se eu tenho uma luva parece que o dedo está direito, isso não me preocupa muito. Não foi uma coisa....Não tenho tendões aqui porque foi um excerto que eu levei aqui.

- Na altura ainda foi para o hospital por causa disso?

- Fui para o hospital. E fiquei...Isto aconteceu numa 3ª. Foi a minha mãe que contava. Era duas semanas de tratamento. Fiz a 3ª, 4ª, 5ª e 6ª de tratamento. Sábado e domingo (...) Na 2ª feira da outra semana eu andava assim com as mãos, com ligaduras. Andava assim com as mãos. Na 2ª feira às 10 e meia da manhã, que a minha mãe me diz, o médico ao tirar com as ligaduras, tirou esta ligadura, a esquerda primeiro, o dedo aqui queimado, a minha mãe já sabia, porque não dava para curar. Porque este dedo, se neste bocado de carne eu tiver aqui uma ferida, esta parte, daqui até aqui, a pele toda fica em carne viva porque isto sai logo. (...), por isso é que tenho cuidado com as mãos. E foi ver a mão direita e a minha mãe desmaiou porque viu a situação do meu dedo. O meu médico nem tinha visto. Porque uma semana sem tratamentos, o meu dedo ficou... com o meu tendão não conseguiu ficar bom. Os meus tendões, daqui para aqui, estavam todos encavalitados.

- Com que idade?

- Ia fazer um ano e meio. E fiquei sem tendões. Porque os tendões que eu tenho aqui em cima vieram cá para baixo. E depois estes dois que estavam em baixo só podiam ficar aqui. Ai ficava o meu dedo grande. Iam encher o meu dedo. Levaram os tendões, fiquei sem tendões. E agora, para... eu tenho mais força nesta mão. Eu para dobrar assim, faço com este. Assim aqui, não dá jeito porque quando eu faço assim, esta parte aqui vai-me doer. Agora já não me dói, mas antigamente doía-me. Porque agora faço assim. Tenho movimentos que consigo. Na 2ª feira já não faz tratamento porque já não tinha melhoras. Depois o médico disse que cortava o dedo. A minha mãe disse que se eu conseguia mexer o dedo e fazer bem coisas com ele, para que é que o ia cortar. Lá melhorei. Consegui-me aguentar com isto. Ainda hoje não me faz aflição (...) Que eu também nunca tive problemas. Há pouco tempo cortei-me aqui em cima. Não foi nada de grave. Porque eu também tenho medo... Com estes dedos não tenho, com estes dedos tenho logo medo. Qualquer coisa tem medo logo de cortar.

- Em que situações é que tem mais medo?

- A carregar coisas com medo de ficar entalado. Essas coisas são uma coisa que eu tenho medo. Aqui o dedo não é uma coisa grave, mas este sim porque faço força nesta mão. Mas mesmo eu a cortar, né, (...) eu a cortar, levo uma hora mas corto bem. Corto (...) entalei-me numa gaveta. Fiz assim, raspei, cortei-me. Mas é assim: medos, assim, não vão dizer que tenho medos nenhuns. Tenho medo é de um boi. Corro à frente deles há uma mão cheia de anos. Disso é que eu tenho medo.

- Então é uma pessoa que enfrenta os medos? Tem medos mas vai lá.

- É assim: uma coisa... Não é medo é receio.

- Qual é a diferença?

- O medo é uma coisa que a gente faz e já não se atreve a fazer. O medo é uma coisa que a gente... se a gente fizer, por exemplo, eu corro, faço, já nas largadas da Moita e do Rosarinho que agora já lá vou. (...) faço dois dias antes, faço 16 anos. Já tenho boa corrida à frente deles. Já levei cacetadas, não vou dizer que não. Porque, o medo era eu levar uma cornada e ela ir mais para baixo, disso é que já tinha medo.

- Agora como volta a fazer já é receio.

- O receio é de eu levar e ficar maltratado, isso é o meu receio. Nunca me aconteceu isso. Já vi pessoas da minha família [isso] acontecer, muitos deles à minha frente. Eu já levei duas vezes, aqui no Barreiro, foi para salvar os outros. Não é para salvar a mim, foi para salvar os outros. Eu vejo que eles estão mal e ninguém vai ajudar. Porque é uma coisa que eu tento ajudar sempre porque eu sabendo que eu já levei e já me ajudaram. Porque eu na Moita tive a infelicidade de escorregar, como acontece muitas vezes, escorreguei e tive um azar. Lá levei uma cacetada. Mas também fiquei deitado. Ele largou. Mas é uma coisa, por acaso, os bois foram uma coisa sempre que eu gostei. O meu primo é toureiro também, por isso, tem tudo a ver. (...) essas coisas assim (...) Barreiro.

- Por que é que gosta tanto dos bois?

- É assim: a minha mãe... eu cheguei a viver um ano ou dois ainda no Alentejo. Aquilo era muitos animais. Eu gosto, adoro animais. A minha mãe tinha uma casa, tinha eu sete anos, e gostava de um dos bois. Foi uma coisa que sempre me agradou. O ar deles, aquelas cabeças, mesmo o ar deles, coisas... pronto... esquisitas, né? Como um boi marra de olhos fechados e a vaca não. A vaca marra de olhos abertos e já não tem a força de um boi. Se a gente for pôr uma vaca com a força de um boi, com os olhos abertos, matava toda a gente, porque ninguém punha-se à frente da vaca. Eu, por exemplo, não vou para dentro de uma coisa com uma vaca. Porque eu não quero mesmo, porque tenho mesmo mais medo da vaca do que do boi. A força de um boi quanto marra... enquanto marra, posso-me mijar que ele não vê. Ele só vê os reflexos da gente. Se tiver a fugir para a direita, se desviar para a esquerda, ele pensa que ainda vou para a direita. A vaca não. A vaca senta-se em cima da gente, porque a coisa dela é mais (...) mas mesmo assim, quando ela dá também é para aleijar. Já morreram duas pessoas à minha frente, não é? Já não é o medo, é o receio mesmo de morrer. Porque eu tenho mesmo de receio de morrer ao pé de um boi. Porque eu na Rosarinho fugi lá do boi, era uma praia, não sei a senh[ora] já foi? Ia para a praia. A gente gritava: "Oh boi vai." O boi não pode ir ao cú, porque senão, morre afogado. (...) [Ele] morre.

- Ai é?

- Ele afoga-se. Ele molhar-se, salpicar-se, não faz mal nenhum. Se ele ficar trinta segundos com o cú em baixo de água, morre.

- Onde é que o Marco aprendeu essas coisas?

- É assim: isso é ao longo da vida. A gente vai conhecendo muitas coisas. Familiares meus que andavam isso explicaram-me isso porque eu gosto de saber isso antes de ir lá para dentro. Porque eu não sou maluco de ir lá para dentro e conhecer um boi.

-Primeiro gosto de saber mais das coisas. Na Rosarinho eu também tenho de saber as manhas que aquilo tem lá dentro. Porque eu no Barreiro também tenho de...Qualquer sítio a gente tem de ter qualquer manha para saber. No Rosarinho a gente para ir para dentro de água, a gente não pode (...) Eu ir...por exemplo, eu, eu tenho confiança em mim. Não tenho confiança nos outros. Tenho (...) Eu acompanho e também sei como é que é. Porque eu dantes com os meus irmãos... Os meus irmãos também gostam disto. Só dois deles, porque dois deles não gostam. Porque o meu irmão a seguir a mim teve o desgosto de levar uma cornada de uma perna à outra. (...) Mesmo ele diz para eu não ir lá. Mas, pronto, eu vou porque eu gosto.

- Claro.

- E os meus pais também não me dizem nada. Se eles dissessem era diferente. O Rosarinho, os meus irmãos também vão comigo, dois dele. Vamos de carro. Vamos lá os três. A gente não vai de ténis, a gente vai sempre descalço e de calção. Vamos sempre de t-shirt porque é para dar mais estaleca (?) para correr. A gente tem que saber as pernas que a gente tem para correr. Há pessoas que não, vão bêbedas. É isso que eu não gosto das largadas, é isso que.... As pessoas bêbedas não sabem o que é que andam a fazer. Porque, por exemplo, na praia uma pessoa esforça-se muito mais. Se dar uma corrida de, vamos supor, 5 metros, já me canso, porque eu sei aquele esforço que eu 'tou a fazer e a pressão que eu tenho de levantar ao pé de mim (...) Para a praia, para a água, é diferente, porque a gente tem os barquitos, pronto, para aí a dez metros. Dez metros ainda é um bocado grande, um bocado, assim, comprido demais para a gente chegar a um barco desses. Só que o boi nunca não vai chegar porque aquilo é mais cheio. A infelicidade de uma pessoa que morreu ao pé de mim. O boi pisou-lhe a cabeça e ele mandou-se para a água. Eu mandei-me. A gente teve-se de a mandar e de vir ao de cima nadar... A infelicidade dessa pessoa. Mandou-se, ficou em baixo de água. O boi apercebeu-se logo (...) Teve a infelicidade de o boi a correr, amandou-se-lhe as duas patas e pisou-lhe logo a cabeça. Pronto. Esmagou logo a cabeça dele. Matou-o. Chamaram os bombeiros. Pronto. Os bombeiros estavam lá logo. Tentaram ver mas já não dava.

- Então quer dizer que o Marco tem aprendido também a.

- Coisas da vida.

- A lidar com o medo?

- Coisas da vida.

- Coisas da vida.

- Eu tenho de pensar sempre no medo. O medo é uma coisa que atrai sempre a gente. O medo é uma coisa que ao longo da vida vai sempre acompanhando a gente. Porque é assim: eu já corri vários riscos. Também tenho de correr os meus riscos para aprender as coisas. Gosto mesmo...

- E a electricidade foi um risco que o Marco achou que valia a pena correr?

- Valia a pena mas não de certa maneira não foi porque eu não gostei.

- Oh Marco, isto aqui a nossa conversa está a ser muito engraçada e muito longa. Temos muita coisa para falar. Mas à medida que vamos falando aquilo que a gente vai falando vamos percebendo é que ainda havia mais coisas para falar.

- Sim.

- O Marco importa-se de nós combinarmos um outro dia para continuarmos aqui um bocadinho (.)?

- Eu por mim tudo bem, porque agora não 'tou a fazer nada, né. Porque eu quero é fazer uma coisa.

- Pode ser?

- Pode ser.

- Podemos continuar a conversar? Até porque eu gostava que me explicasse um bocadinho melhor essas coisas todas e também melhor essa história da electricidade.

- Por mim. Está à vontade. Agora não estou a fazer nada. Isto também não é um coiso que me ocupe espaço. Até gosto de fazer porque até tou em casa.

- Está a contar a sua história, não é?

- Estou em casa.

- Sempre se conversa, não é?

- Estou a conversar com alguém. Estou a desabafar coisas que eu já não falava há...

- E sabe bem falar nisso ou nem por isso?

- Sabe bem, porque é assim: foi coisas que eu gostei de fazer. Se foi coisas que eu não gostava, isso se calhar.

- O que estou a ver, é que afinal, mesmo não sendo na escola o Marco já treina muitas coisas na vida, não é?

- Sim.

- As coisas da vida.

- As coisas mesmo da vida. Eu, por exemplo, eu agora com a idade que eu tenho, eu gostava de ser mais novo e saber aquilo o que eu sei agora. Coisas que eu soubesse antigamente. Antigamente eu não fazia as coisas que eu fiz de mal para mim. Pronto. Uma pessoa ir à Feira Nova sem a autoridade dos pais. Agora já não é preciso, né, porque digo aos meus pais: "Vou ali e já venho". "Mãe, olha"

- Mas é como o Marco diz: nós para aprendermos temos de experimentar.

- Temos que fazer tudo. Essas coisas às vezes dão certo, às vezes não dão. Às vezes dão em porrada, como o meu pai e a minha mãe dizem. "Quando fizesses porcaria levavas sempre, ah isso não tinhas hipótese. A gente meter-te em castigo, não vale a pena. A gente tem de dar o exemplo." O meu pai e a minha mãe já não me batem há sei lá... há uns 10 anos para aí. Por acaso levei porrada até dizer chega. Mas foi vontade minha. Porque eu, eu ao levar porrada, eu ria-me! É que eu ria-me ao levar porrada! Essas partes que eu me lembro, de eu me rir, a levar porrada do meu pai, que o meu pai era mesmo...era violento mesmo à porrada (...) na cabeça.

- Era?

- Porque ele nunca me deu (...) Era sempre (...) Foi coisas que eu ia aprendendo, aprendendo. Ele era o próprio a dizer: "Tu tens de te virar a mim, para fazeres um homem." Hoje em dia se ele falar para mim de uma maneira, eu tenho que falar mais alto do que ele. Era aquilo que ele me ensinou. Eu tenho que respeitar aquilo que ele me ensinou. Porque mais respeito que eu tenha, ele diz-me: "Um dia se eu te der porrada, tu não te importes de me dar com uma cadeira." Porque eu tenho que me defender. Se uma pessoa da idade dele vier para o pé de mim. (...) ele chega-se ao pé de mim. (...) ao levar porrada. Parece mal. A minha maneira de pensar é assim: uma pessoa mais velha, ele sem fazer nada, e pensa que fui eu. Se ele chegar para me agredir logo, eu também tenho de me virar. Porque eu também se me viro ao meu pai, também sou capaz de me virar a ele. Foram umas coisas que o meu pai me ensinou. Porque é assim: eu não gosto de andar em confusões, porque é a coisa que eu detesto mais. Eu evito-as. É uma coisa que eu tenho de saber evitar. Mas se elas aparecerem... Mas se eu souber que eu não fiz nada, tenho que... (...) eu tenho de me virar a elas. Eu de lá (...). É um bocado desonesto, não é? É 'tar a levar ali e nesse dia vou para o hospital! mal e ele fica a rir-se depois quando eu sair do hospital. Essas coisas assim para mim não dão.

- Aprender a defender-se tem sido a coisa mais importante que o Marco tem aprendido?

- Sim. Há maneiras de se defender da confusão, a falar, na agressão, (...) porrada.

- E qual é que prefere?

- Eu prefiro falar. Não sei...eu mesmo em mim, eu não confio muito em mim. Eu tenho medo daquilo que eu possa fazer. Porque eu... eu tenho um ataque epiléptico. Eu não me lembro. Eu esqueço-me. E depois quando vejo a pessoa, não acredito que fiz aquilo à pessoa. Eu já tive um ataque epiléptico uma vez. Ao pé do meu irmão. Quiseram roubar o meu irmão. Cortaram-lhe a barriga. E eu vendo aquilo, eu stressei-me um bocado, aquilo subiu-me tudo à cabeça. Parti as pernas a ele, ao outro moço que deu a facada. Isto foi a tentar roubar, por acaso eu vi. Eu tenho medo disso –

- De se descontrolar?

Porque eu não sei o que é que posso fazer. Ainda hoje pergunto como é que eu parti as pernas àquele homem. Não era um moço era um homem. Mas também já não era novo.

- Tem mais força do que...?

- Eu não me acredito. Eu sou fininho. Eu sou um palitito. Mas a força para mim não é uma coisa que... Eu nunca posso duvidar de ninguém. Ser baixinho ou ser alto. Os altos têm maior queda porque aleijam-se mais. É assim: eu não sei mesmo o que é eu posso fazer.

- Parece que às vezes não se consegue por olhar para as pessoas saber a força que elas têm, não é?

- É isso que eu digo. Eu tenho medo mesmo de mim. Eu de mim tenho medo. A pior coisa que eu tenho medo é de mim. Porque um dia se me der um ataque epiléptico – Deus queira que não, não é – se eu matar uma pessoa não vou me lembrar. E vou pagar por um crime que eu nem me lembro. Eu sei que fiz. Como é que eu tendo feito, já não me lembro? Porque eu nem me lembro da cara dele. É uma coisa que os olhos fecham. (...) Eu 'tive naquilo. Se for um amigo meu, se calhar, eu acredito mais. Já me aconteceu, eu 'tar na brincadeira, e um moço deu-me aqui na brincadeira. Eu comecei assim coiso...Depois lá fiz a força, porque, enfim, era amigo já de muitos anos e já não...Essa pessoa se viesse ter comigo, e se fizesse aquilo que fez ao meu irmão, eu já não tinha essa reacção, a minha reacção era já de bater. Porque é assim...

- O Marco está a dizer é que às vezes sente que se descontrola um bocado?

- Sim, descontrolo-me, mas é assim: isso é vagamente. Porque é assim: eu para me descontrolar é muito tempo, é muitas horas, para me poder descontrolar. Até me pode levar um dia para me descontrolar. No outro dia é que eu me vou virar a eles. Nesse dia é que já estou a sentir que já estou coiso e aquilo explode mesmo, não é verdade? Porque isto parece um tendãozinho, quando se parte está tudo estragado. Eu tento-me sempre controlar porque eu também faço por isso. É uma coisa que eu detesto mesmo. Uma coisa que eu detesto é andar à porrada. Não me aguento. Não me aguento estar a ver as pessoas a sofrer. Uma coisa que eu detesto mesmo. Ficar a ver os outros a levarem a porrada. Os outros não têm culpa porque é que eu me vou lá pôr?

- Claro.

São amigos meus, por isso.

- Gostei muito de conversar com o Marco. Podemos continuar então a nossa conversa para a semana?

- Eu por mim, tudo bem.

- Tudo bem?

- Eu por mim... eu não tenho nada para fazer.

- É? Então pronto.

- Isto para mim, até é bom, desabafar com alguém.

## 2ª ENTREVISTA – MARCO

Então, nós a semana passada...já tinha explicado ao Marco qual é que era o objectivo destas conversas, não é, e hoje podemos recordar um bocadinho disso outra vez, ou seja, no fundo estas conversas... A pergunta que eu tinha feito ao Marco na semana passada era que me contasse mais ou menos a sua vida até aqui chegar. Mas eu expliquei também ao Marco porque é que lhe peço isto, para contar esta história. Peço para contar esta história, porque no fundo o que nos interessa aqui perceber mais é: o que é o fez desistir da escola, como é que correu a sua vida na escola e também como é que foi aquela experiência lá do curso de Electricidade. Essa é a nossa principal preocupação aqui nesta conversa. É isso que eu gostava mais que o Marco falasse. Claro que nós falámos em muitas outras coisas e acho bem que tivéssemos falado nessas outras coisas porque isto não se pode desligar umas coisas das outras. E para perceber melhor a sua história, às vezes tem mesmo de se falar dessas outras coisas. Portanto, é no fundo, este o nosso objectivo: é continuarmos a falar neste assunto, nestes assuntos que eu aqui disse, não é? Portanto, da escola...

- Da escola.

- Da formação.

- Do curso não tenho muito tempo para falar porque não fiquei lá muito tempo. Electricidade não fiquei assim grande tempo. Na tenho assim grandes coisas par dizer.

- Não ficou muito tempo que aquelas razões me tinha dito, não é?

- Pois. (.)

- Eu lembro-me que o Marco me falou, no fundo, de duas razões. Se eu bem me lembro. A primeira foi o ter seguido mais opinião da sua mãe do que a sua, não é?

- Pois.

- E a outra, mais forte: era aquela dificuldade em lidar aqui com as coisas da electricidade.

- Pois.

- Mas isso eu não compreendi muito bem porque o Marco teve lá só uma semana, não foi?

- Uma semana e pouco.

- Uma semana e pouco.

- Nem uma semana e meia. (...)

- E o Marco ficou... tinha receio da electricidade e de apanhar algum choque. Mas chegou a trabalhar com electricidade enquanto esteve lá no curso?

- Cheguei, cheguei.

- Porque aquilo como é que era? Vocês tinham estágio todos os dias?

- Não, aquilo eram só as aulas mesmo normais de lá. Era 2ª, 4ª e 6ª. Era só electricidade desde as 8 de manhã até à 1 e meia.

- E tinham um formador de electricidade ?

- Sim, tínhamos dois.

- E as aulas aconteciam onde?

- Dentro de uma oficina lá dentro (?) da escola.
- E como é que eram essas aulas de electricidade?
- Pronto. O ano passado tinham tido esse curso e tinham feito umas montagens, assim, ao longo da oficina. E a gente desmontou e montou outra vez para aprender isso. Isso é a parte que eu gostei mais da electricidade, porque foram coisas que –
- Então gostou?
- Mas depois chegou uma parte.
- Tal como os computadores, o Marco gosta de montar e desmontar coisas.
- Chegou uma parte de aquelas coisas memo difíceis, memo da electricidade.
- Quais eram as coisas difíceis?
- É fazer olhais. É uma coisa que eu não gosto nada.
- Fazer quê?
- Olhais.
- O que é isso?
- É um cabo de 16mm. Cortar (...) 12 mm. Aquilo mede 1.2 cm. Tinha-se de cortar. E depois disso a gente dobrava. Assim, aquilo tinha assim uma borrachinha. A gente dobrava e depois fazia assim uma bola, que era para aquilo quando metesse nas tomadas, aquilo dava a volta para fazer a ligação. E depois o cabo era maior, não é, (...) fazia as outras ligações. E esses olhais complicavam-me a vida.
- Porquê?
- Porque é assim: havia o cabo que era de 1.5, que é uma coisa muito fininha. Mesmo muito fininha. Havia de 0.5 mm, que ainda era mais fininho. Havia 2.5. Os de 2.5 até 1.5. ainda conseguia fazer até meio. Chegava aos de 0.5, o 'stôr também não ajudava muito, (...) já estavam habituados e não gostava muito dessa ideia. Que eu fazia aquilo. Aquilo era 32 para fazer. Eu fiz 32. O 'stôr disse que eu tinha de fazer aquilo tudo, os outros 32 e depois ainda disse-me (...) Ao fim de tudo dizia-me que tinha tudo bem só para não fazer mais.
- E o Marco não gostou dessa experiência com o professor?
- Não, não gostei. Depois eu disse a ele: "Stôr, vais ser sempre assim?". "Tás mais longe deles, porque eles, se calhar, percebem mais do que tu, porque eles tiveram mais experiências. Porque os irmãos deles tiveram aqui no ano passado e falaram dessas experiências. E tu não percebes disto." "Stôr, eu também nã sou obrigado a perceber de tudo." A gente tem de perceber um pouco de tudo, mas aquilo não era mesmo para mim. Aquilo... porque chegava a casa. Não tinha raça (?) para fazer nada. Queria era dormir. Eu uma coisa que eu gostava. De dormir. Agora até com o trabalho que eu tou a 'ter...
- Porque é que só lhe apetecia dormir. Chegava muito cansado do curso?
- Não, porque eram muitas horas e muito pouco tempo de almoço.
- Quantas horas eram por dia?
- A gente fazia das 8 e meia à uma e meia. A gente tinha intervalo das dez às dez e um quarto e tínhamos um intervalo de um quarto para o meio-dia até ao meio-dia. Meia hora até à hora de – almoço. Depois a hora de almoço era uma hora. Eu mora[va], moro lá no Alto do Seixalinho. De vir lá de baixo até vir almoçar aqui. Eu vinha sempre almoçar a casa.

- Porquê? Não podia almoçar na escola?
- É assim. Uma coisa que eu nunca comi foi na escola. É raro eu comer na escola. Por acaso, foi uma coisa que... Prefiro 'tar eu a fazer o meu comer, porque eu não gosto de assim tanta gente a comer a mesma comida e toda a gente a olhar para mim – e eu não gosto disso.
- Ah é? Então porquê?
- - Não sei. Acho que o meu problema, um bocado...Porque eu como demasiado e como, pronto, eu gosto de comer como me apetecer. Se me apetecer se calhar meter, empurrar as coisas ao meu jeito e toda a gente a olhar para mim também não gosto. 'Tar eu a comer, toda a gente assim a olhar para mim, a dizer: "Olha aquele está a comer, parece que não come há mais de 15 dias."
- É envergonhado nessa situação?
- Pronto. E eu não gosto disso. Pronto. Prefiro em casa, aí como à minha vontade e ninguém me diz nada.
- E é o Marco que faz a sua comida, é?
- Sim, quando posso.
- Pois, que a sua mãe está a trabalhar. O seu pai também.
- Foi uma coisa que me ensinaram, foi a fazer a minha comida. Já estou habituado a ficar sozinho em casa.
- Já está habituado?
- Pois.
- Há quanto é que fica sozinho em casa?
- É assim. Eu fugi da creche aos 6 anos.
- Fugiu da creche?!
- Fugiu uma vez da creche.
- Então não gostava de estar na creche?
- Não, porque a creche, a gente... Aquilo não era bem creche era ama.
- Uma ama.
- Uma senhora que contava conta de mim mesmo ao pé da minha casa.
- Uma ama.
- Desde que idade?
- Desde os meus 4 anos quando a minha mãe começou a trabalhar.
- Ainda esteve com a sua mãe até aos 4 anos?
- Sim, depois a minha mãe entrou efectiva ao trabalho. A partir daí até agora.
- Nessa altura a sua mãe estava quê? Desempregada?

- Sim.
- Até aos 4 anos.
- Sim, estava desempregada. Pronto, como teve-me a mim, ao meu irmão.
- Mas ela já tinha trabalhado antes de o Marco nascer?
- Já porque ela limpava as casas das pessoas, essas coisas assim, era empregada.
- E depois quando o Marco tinha 4 anos é que foi para a creche. Porque a mãe entrou para o trabalho.
- Depois fui para a creche.
- Não era uma creche, era uma ama.
- Essa senhora continuou sempre comigo até aos 7 anos. Mas até aos 7 anos eu estava sempre a fugir. Porque era assim –
- Não gostava de lá estar?
- Não porque eu ficava tardes inteiras assim na cozinha a fazer nada.
- Sem nada para fazer?
- A olhar para o tecto...
- Se calhar não tinha lá brinquedos...
- Não era brinquedos, porque naquela altura eu não gostava muito de brinquedos. Porque os outros saíam da escola e iam jogar à bola, memo assim ao pé de mim. E ela não me deixava sair porque pensava que eu ia para a estrada, essas coisas assim, pronto, de criança. E nunca me deixou. E, pronto, eu fugia. Quando ela ia a algum lado, à rua, ia lá eu, e ela depois encontrava-me, não é? Depois a partir daí –
- Foi para a escola com quê? Com sete anos já feitos?
- Tinha seis. (...) na escola normal.
- Como é que correram as coisas nessa altura na escola primária?
- Nessa altura foram os anos mais difíceis. Porque para mim os mais bandidos da escola (...)
- Na escola primária? Ah foi?
- Sim, porque (...) da minha rua (...) andavam na 3ª, 4ª classe. Essa altura (...)
- Mas eram bandidos porquê? O que é que eles faziam para (...)?
- Só gostavam é de estar jogar à bola, não iam às aulas!
- Ah era?
- Eu não era assim, né?
- Cheguei ao 4ºano.
- Não era assim o Marco? Portanto, o Marco gostava de ir às aulas.

- Até ao 4º ano gostava muito de ir às aulas.
- Gostava muito?
- Sim. Depois do 4º ano, chumbei uma vez no 4ºano porque já não me apetecia ir às aulas. Já estava farto daquilo.
- E era sempre a mesma professora?
- Sim, era sempre a mesma professora. (...) Ainda falo com ela ainda.
- E era boa a relação com ela?
- Era boa, sim.
- Gostava (...)?
- Mas era assim. Foi cinco anos com ela. É um bocado chato.
- Cinco anos porque chumbou na 4ª classe.
- Foi um bocado chato.
- Chumbou porquê na 4ª classe, então?
- Porque eu não ia às aulas.
- (...)
- Jogava à bola dentro da escola. Às vezes deixava-me dormir, às vezes dizia à minha mãe que 'tava com dores de barriga e não 'tava, deixava-me ficar em casa.
- E a sua mãe sabia que faltava às aulas?
- Não, mas depois começou ficou a saber.
- Como é que ficou a saber?
- Porque as contínuas iam-me buscar a casa.
- E ela não ia lá a reuniões na escola?
- Ia, mas já era tarde demais.
- Já tinha feito (...)
- Já tinha feito a borrada.
- Como é que os seus pais reagiam quando sabiam dessas coisas? Conversavam consigo, como é que isso era?
- Davam-se assim uns bons açoites.
- Era? E não se conversava sobre isso?
- Conversava-se mas primeiro batia-se. Depois é que se conversava.
- Depois é que se conversava.

- Metiam-me de castigo. Castigo foram poucas vezes. Também só levei porrada até há pouco tempo. (...) Já tenho cabeça suficiente para levar porrada.
- Era muito frequente isso do apanhar os açoites, era?
- Depois passei para o 5º ano. E lá ganhei umas coisinhas dos meus pais.
- Eles costumavam dar prendas quando o Marco passava de ano?
- Sim quando eu passava até os meus irmãos mais velhos davam. No 6º lá fiquei três vezes.
- Os seus pais diziam-lhe o quê para o convencer a ir para a escola?
- O meu pai era aquele que falava mais comigo, porque era assim: o meu pai sabia o que tinha feito também no tempo da escola. Era como eu.
- Era igual a si?
- Os meus irmãos eram assim, os meus pais já estavam habituados. E eu, pronto, eles 'tavam-me sempre avisar, sempre a dar na cabeça." E não faltas às aulas que isso não dá futuro a ninguém. Depois tens de arranjar trabalho. Estás a ver os teus irmãos nas obras, na sei quê."
- Portanto, eles não estudaram, os seus pais, mas eles achavam que era importante o Marco estudar.
- Era importante mais eu estudar do que eles.
- Porquê? Importante porquê? Por que é que era importante estudar? O que é que eles diziam?
- Porque era assim: eles (...) poderiam querer desistir da escola, essas coisas todas que eles queriam, né. Lá aconteceu porque eu também não gosto da escola. Não gosto mesmo nada daquilo.
- Depois no 5º ano foi... Nós já falámos um bocadinho do 5º ano, não é? O 5º ano correu bem.
- Sim, o 5º foi sem negativas nenhuma. Foi a primeira vez que eu 'tive aqui. (...) o último ano. Depois isto acabou. Fui para aquela. Foi mesmo –
- O 6º ano é que foi complicado, quando mudou de escola, não é?
- O 6º ano não foi complicado. Eu apanhei três turmas das pessoas mais baldosas da escola. E os três deles de seguida. E apanhei sempre as mesmas pessoas nas mesmas turmas.
- E isso atrapalhava a vontade de ir para a escola, era?
- Isso não atrapalhava: não dava mesmo vontade de ir para a escola.
- Porquê?
- Dava vontade de ir jogar à bola.
- Com eles. Também ia jogar à bola.
- A minha turma ia todos os dias para a rua. E eu no 5º ano não tive assim uma turma muito boa. Porque no 5º ano eu brincava, falava alto nas aulas, mas pronto passava, porque eu sabia a altura certa para fazer isso. O primeiro período foi tudo na brincadeira, porque nunca tinha ido para o 5º ano. Sabia lá o que era aquilo!
- Foi assim uma grande diferença. Achou uma grande diferença?
- Foi uma diferença grande, porque eram mais disciplinas, coisas que nunca tinha dado na minha vida. Nem pensava que ia dar.

- Mais professores.
- Depois foi aquelas coisas...Mais pessoas amigas, a escola era maior. Mais pessoas assim mais crescidas para me abrir os olhos.
- O que é que é isso de abrir os olhos? O que é que quer dizer com isso?
- Abrir os olhos é mesmo coisas da vida. É mesmo, basicamente... A gente vai aprendendo ao longo da vida. É...os erros dos outros é para a gente não cometer. Eu também não gosto de cometer os erros dos outros. Cair nas mesmas coisas duas vezes, isso é uma coisa memo...só cai com quer.
- Está a falar das pessoas que faziam o quê?
- As coisas por exemplo, assim fumarem, essas coisas assim. Experimentei e não gostei. Via os outros e eu perguntava a eles qual era a coisa de fumar.
- O interesse.
- O porquê de fumar. E eles diziam que era gosto. Mas não. É mesmo psicológico da pessoa. A vontade de fumar é mesmo psicológico. Porque eu vejo os meus irmãos a fumar e os meus irmãos 'tão na minha casa – na minha casa ninguém fuma – vão para a minha casa, não podem ficar 10 minutos na minha casa. Porque na minha casa eles têm de ir para a janela ou ir para a rua fumar. Porque aquilo é psicológico. Já não vamos falar que é um vício como as pessoas da televisão dizem, que é um vício mas não é. É aquilo que a pessoa já tem psicológico mesmo na cabeça. Tenho vontade de fumar (?). Tem de ir fumar. Isso é psicológico de certeza.
- Então o Marco está a dizer que isso já nasce com a pessoa, é isso?
- Sim, porque isso é mesmo, uma pessoa. O fumar não é um vício. Agora vamos supor, se as pessoas injectarem-se, isso é um vício, porque isso pega. O tabaco não pega a ninguém, é mesmo psicológico.
- Ou seja, o Marco está a dizer é que quem quer não fuma.
- É isso mesmo. Eles podem dizer no maço de tabaco: fuma mata, fuma mata. Eles não querem saber disso. É psicológico deles já. Aquilo vai acompanhar. Há pessoas que conseguem aguentar-se. "Não. Acabou. Isso chega." Mas porquê? Se acaba, já é psicológico.
- Claro.
- Só fumava mesmo por gosto. Andava lá a fumar (...).
- Mas o Marco está a dizer que lá na escola, quando foi o ciclo preparatório havia pessoas mais velhas que sabiam mais da vida, por exemplo, que costumavam fumar.
- Fumar e –
- E o que é que isso influenciou o Marco?
- É assim. Não sei, porque... São já coisas do passado, e eu como não tenho boa memória, são coisas que passam anos e anos e não me lembro muito bem. Mas foi, por exemplo, a maneira de falar, a maneira de respeitar os outros mais velhos, foi sempre uma coisa que eu gostei de aprender, porque –
- E então era mais interessante. Esses mais velhos faltavam às aulas também?
- Faltavam.
- E o Marco gostava mais de ficar com eles do que ir às aulas?
- Porque era coisas...

- De aprender coisas com eles.
- Que eu via acontecer deles. Uma pessoa a roubar. Eu vi muitos deles a roubar. (...) seguir o exemplo deles. Agora se eu os vir não os conheço. Mas é umas coisas que eles roubavam. Queimaram os eco pontos (...) 1º ano (...) a queimaram os eco pontos e essas coisas assim. Foi coisas que eu aprendi a não fazer e a dizer a outros para não fazer, porque sei o que é que prejudicou eles a fazer isso.
- Mas gostava de ficar com eles, isso era o quê, mais no 6º ano?
- Sim. Foi mesmo no 6º ano
- Já estava noutra escola?
- Sim. Estava na Mendonça Nova.
- Foi no 6º ano que começou a faltar e ficava com esses amigos?
- Pois. E depois no 2º ano...
- E que é aprendeu com esses amigos?
- O que é que eu aprendi?
- Aprendeu o que é que não se devia fazer, foi?
- Coisas que não se devem mesmo fazer. Pronto.
- Na altura gostava de estar com eles, não é? Apesar de eles fazerem essas coisas todas.
- Conheci moças com eles. Que era uma coisa que a gente conhecia muito.
- Ainda aprendeu isso com eles?
- Pois. Falar com as moças, essas coisas assim.
- Eles eram mais velhos, já sabiam (...)
- O que é que eles faziam?
- Era aquelas coisas na brincadeira, né. Depois, o convívio com os amigos era melhor, porque a gente ao falar com eles, não falava como um professor se fala. Porque a gente não vai dizer: "Está-se bem." Não vou dizer isso a um stôr!
- Estava mais à vontade com esses amigos mais velhos do que com os professores? Não havia muito à vontade com os professores, é isso que está a dizer?
- Sim. Sim, porque era o respeito que a gente tinha aos professores.
- Havia ali uma barreira, era?
- Pois, a gente para dizer assim: " Stôr" tinha de pôr o dedo no ar. Isso é um incómodo desgraçado que eu não gosto nada. Eu esqueço-me. Às vezes digo: "Ó stôr, posso ir à casa de banho, se faz favor?" E eu esqueço –
- O Marco gostava de ter mais à vontade com os professores, era?
- Pois, eu gostava de ter isso. Mas pronto eu sei que não é possível, porque não é a minha vontade, né. É o respeito que a gente tem pelos professores. E 'tar a gente a dizer qualquer coisa que a gente tinha

de dizer, levantar o braço. Isso não me dá muito jeito, por acaso, não me dá muito jeito 'tar sempre a levantar o braço.

- Gostava que os professores estivessem ali mais perto e que fosse mais fácil falar com eles das coisas?

- Sim, nesse ponto sim. Porque (...) A gente não vai dizer a ele. Não vou dizer ao meu colega do lado: "Agora apetece-me ir à casa de banho. Tu deixas-me?" Nem ele vai-me deixar, é o professor. Porque se for, por exemplo, a gente dizer assim: "Stôr, se faz favor posso ir à casa de banho?" (...) se é uma coisa, responder a uma pergunta, a gente tem de pôr o dedo no ar, e depois pergunta àquele, mas com o dedo no ar. Eu acho que isto é incómodo, não vale a pena tar –

- Se eu estou a perceber... O Marco – não sei se é isto que me está a dizer – a maior parte dos professores que conheceu na escola não estavam muito disponíveis?

- Sim, é isso.

- Não era fácil chegar até eles?

- Não era fácil.

- Não lhe davam muita atenção.

- Aqueles colegas que eram mais estudos, e essas coisas, que sabiam mais, que ficavam na parte da frente. Eles davam mais atenção. Se a gente levantasse o dedo, o 'stôr se calhar dizia: " Olha aquele vai dizer uma baboseira. Por isso, vou dizer àquele que sabe de certeza, se calhar sabe."

- O Marco achava que já estava marcado daquela forma e já...?

- Por isso mesmo. Agora por estar a falar nisso. Agora 'tou-me a lembrar mais. No meu 6º ano, no último 6º ano, eu tinha uma stôra de Inglês. Fez dois anos comigo. Foi quatro stôras do mesmo ano, de um ano passado para o outro. Era a stora de Matemática, Inglês, História...e de Física. As stôras de Física, História eram as melhores, e a de Matemática também.

- Melhores porquê, Marco?

- Porque era assim: eu de Matemática gostava de Matemática. Eu era um dos melhores alunos, porque eu esforçava-me em Matemática. Às vezes tinha as minhas brincadeiras. A professora lá brincava comigo também. O meu 'stôr de Física também. A minha de História então nem se fala! E era uma stôra excelente de História. Porque eu não gostava, não gosto muito de História. Mas eu chegava aos testes e dizia à stôra: "Stôra, não sei muito bem disto mas eu vou-me esforçar para ter boa nota." Eu esforçava-me e ela dava-me um bocado de nota, lá me ia dar positiva ao final do ano. A de Inglês já não posso dizer o mesmo. A de Inglês era assim. Ela vinha. A gente tinha sempre aulas às 10:10. A gente tinha um intervalo grande desde um quarto para as 9. Não, a gente tinha um intervalo a um quarto para as 10. Do quarto para as 10 às dez e dez nem era (...) minutos que a gente tinha de intervalo. A stôra não sei como é que comia. Não me pergunte porque eu também não lhe perguntei, por acaso. A stôra vinha sempre assim um bocado suja, suja, assim coiso. E ela quando vinha falar comigo.

- Suja quê? Com nódoas é?

- De comer (...) ela sujava-se toda e depois não se limpava. E ela quando vinha falar comigo. Ela não gostava mesmo nada de mim. Ela detestava-me mesmo!

- Porquê?

- Porque é assim: eu não falo muito bem inglês. E a gente ao falar inglês, queria que eu traduzisse. Eu tentei traduzir. Ela pediu-me para traduzir. Eu sabia lá e enganei-me numa palavra. Chegou-se ao pé de mim. "Vai para a rua!" E eu assim: "Vou para a rua, stôra, vou porquê?" "Eu comecei-me a rir, porque eu dantes eu falava ria-me logo. Achava piada (...). Depois ela começou a mandar aqueles gafanhotos para a minha cara. "Ó stora, olhe que eu já tomei banho. Você está-me a sujar todo." "Não faltes ao respeito!" Hei! Depois começava a mandar vir comigo, começava a levantar a voz –

- Foi uma bola de neve.

- Agarrava em mim. "Rua!" Chamava o contínuo. Dantes havia a Faca (?), que era um espaço em vez de a gente ir para a rua, para o recreio, jogar à bola, isso não. Íamos para aquela sala. A gente... Estava lá o stôr. Podia calhar o director de turma 'tar lá, se tivermos azar. Calhou-me umas 3 vezes ou 4 quando eu fui lá. Ia para rua mesmo sem saber porquê. Porque o stôr... Ela depois escrevia o relatório e mandava para lá. E eu escrevia o meu. E a stôra quando escrevia era uma grande mentirosa! Ela dizia que eu tinha feito coisas que eu nunca tinha feito. Depois eu escrevia, depois dizia: "A stôra é que teve razão." Os stôres têm sempre razão, a gente nunca tem razão. E depois os outros também não diziam nada. Eram muito caladinhos. Uma vez estava com o chapéu. Ela 'tava a apagar o quadro. Agarrou no apagador e pisou no meu chapéu. O apagador virado logo mesmo, sujou o meu chapéu. Eu agarrei no chapéu. Tirei o apagador, deixei ao lado e limpei o meu chapéu para aquilo não ficar manchado. "Marco, vais para a rua." "Então stôra vou para a rua porquê?" "Porque eu disse para não mexeres no chapéu e tu foste mexer." Stôra, você sujou-me o chapéu!" "Vais para a rua, não quero saber." Lá ia eu para a rua.

- Então, o Marco, o que está a dizer, achava que essa professora era um bocado injusto consigo?

- Era um bocado injusta e não era só comigo. Porque muitos deles faziam coisas. Ou ela gostava mais deles do que eu e não os mandava para a rua. E depois dizia que eu é que era o culpado. Mas como eu dizia que eu era o culpado.

- O Marco achava que a professora não gostava do Marco?

- Foi uma coisa que eu pressenti isso, porque era morava no Lavradio (...) no Lavradio, e sempre que a vejo ela nunca me cumprimentou, nunca na vida dela. E as outras professoras eu vejo, eu vou às vezes lá à escola, –

- Quais? Aquelas que gostava mais (...)?

(...)

- A de História, dava-se bem com ela?

- A de História mora em Lisboa. Essa aí era um espectáculo, porque –

- Então qual era a diferença dessa para a outra? Por que é que gostava dessa e não gostava da outra?

- O porquê? Porque era assim: aquela stôra de História parecia mais viva a falar. As coisas dela. Ela ria-se com as coisas que a gente dizia. A gente ria-se com as coisas que ela dizia. E aquilo entretanto não era bem História, parecia a história da gente, mas a história mesmo do coiso... A gente falava muito bem, fazíamos jogos e essas coisas assim. Era uma stôra que deixava a gente sair mais cedo. As outras diziam sempre: "Ah!

A gente não pode deixar sair mais cedo." Nos testes –

- Mais cedo, quê? Muito mais cedo?

- Sim, tipo quinze minutos. A gente não podia sair 15 minutos antes do toque. Tínhamos de sair 5, às vezes mesmo depois do toque é que a gente saía. E a stôra de História nunca fazia assim à gente. Fazia o teste. (...) "Stora, não sei fazer o teste." "Assinas, entregas e vais-te embora." E stôra assim fazia.

- Mas assim aprendia alguma coisa, o Marco? O que é que aprendeu de História assim? Acha que aprendeu muita coisa?

- É assim: eu não aprendi assim grande coisa de História. Mas era assim: uma pessoa quando não sabe nada do teste. O mais que possa tentar, se calhar faço uma pergunta. Eu não estudei. Para que é que vou estar aqui a fazer isto? Vou 'tar aqui a incomodar os outros?

- Mas assim também não se esforçava, não é?

- Eu estou a dizer é o meu caso, não é, não estou a dizer o caso dos outros, porque por acaso sempre fiz bons testes de História, porque –
- Gostava da História?
- A stôra virava-se para mim gente tinha uma hora e meia. A gente quarenta e cinco minutos tinha para fazer um teste. A primeira hora, de quarenta e cinco minutos, ela dava fichas para a gente rever a matéria, essas coisas assim, deixava agarrar um livro. Eu como nunca gostei de estudar, essas coisas. Eu nunca estudei para o teste. Nunca na minha vida.
- Não?
- E tive sempre Muito Bom, essas coisas assim!
- Por que é que nunca estudou para um teste? Por que é que não gosta de estudar?
- Porque é assim: eu gosto mais de aprender aquilo que acontece (...) na vida. Eu não gosto de me agarrar aos livros. O meu pai, se o pai um dia perguntarem: “O seu filho gosta de estudar?” Ele vira-se e diz: “O meu filho nunca agarrou num livro dentro de casa enquanto eu ‘tive lá.”
- Mas já experimentou agarrar num livro?
- Tentei, mas eu não percebo nada (...)
- Porquê? Não sabe o que é que há-de fazer com um livro? Como é que é isso?
- Porque eu não sei estudar, sinceramente.
- Não sabe estudar.
- Não sei. Porque é assim: se a stôra estiver a dizer-me a mim e eu pensar aquilo que a stôra tá a dizer e eu pôr na cabeça. Agora eu ‘tar a ler aquilo que está ali e decorar aquilo que tá ali. É muita confusão. Eu não percebo nada daquilo! Mas eu digo: “Pois, o livro tá aqui a dizer.” Mas o que é que aquilo quer dizer? Não... A stôra, se calhar, pelas palavras dela, explica melhor do que aquilo que tá lá no livro.
- Portanto, os livros não estavam com uma linguagem muito clara?
- Sim, porque é assim: a stôra dizia mesmo que preferia ela ‘tar a explicar e a gente ‘tar a perceber do que a gente ‘tar a ler para ela, porque ela já sabia, não é. E ela explicando as palavras dela, era muito mais fácil.
- Hum hum.
- Porque a gente, vamos a ver, o livro diz que há 40 anos atrás morreu na sei quem, mas não diz o porquê. Esse porquê a gente tem de (...) No livro não ‘tá, onde é que a gente vai buscar?
- Ou seja, o Marco acha que para aprender qualquer coisa tem que aprender primeiro o porquê?
- O porquê, sempre. Porque as stôras se calhar sabem mais, porque os livros delas, vamos supor, que eu já vi, os livros de professores, os nossos livros não trazem as respostas, assim na berma do livro, o das stôras trazem. E elas ficam a saber mais do que a gente só nisto. Porque se a gente tiver isso nem precisa de ir à escola de certeza, não é, a gente tinha lá aquilo, lia. E elas com as palavras delas vão mudando aquilo e eu vou percebendo e eu no livro, eu, se calhar, não sou capaz de perceber aquilo que elas querem dizer. Se tiver por exemplo umas perguntas de lado, ela vai-me falando e eu vou-me lembrando aquilo que stôra está a dizer. Se ela não me disser nada, eu posso ‘tar ali meia hora a olhar para o livro que eu não percebo nada daquilo. Eu posso...É que é mesmo!
- (.....) muito tempo ali a olhar para o livro?

- Consigo-me aguentar. Mesmo que a resposta estiver mesmo à minha frente eu não vou perceber (...) a resposta.
- E nessas alturas não tinha ninguém que o ajudasse? Os seus pais, não?
- Os meus pais... nunca foram uma coisa, porque eu nunca fiz trabalhos de casa. Nunca fiz trabalhos de casa em casa. Eu (...) na escola tirava (...) lá para a biblioteca. (...)
- Ia para a biblioteca?
- Agarrava no trabalho de casa. Ia para a biblioteca, descansadinho. Fazia o que tinha a fazer.
- Fazia os trabalhos de casa sozinho na biblioteca?
- Mesmo sozinho.
- E em casa não porquê?
- Não sei, porque eu... Não era ter falta de apoio dos meus pais, porque os meus pais sempre diziam se eu tinha trabalhos de casa. E eu dizia sempre que já os tinha feito e mostrava. (...) estava mal ou não, o pouco que sabiam não iam dizer que estava bem. Algumas vezes tinha errado mas, pronto, já eu fazia o esforço de tentar. Mas os testes –
- Portanto, o que o Marco está a dizer é que os seus pais não sabiam responder às suas perguntas?
- Porque eram coisas novas e eles –
- Eles não estudaram?
- Eles (...) porque dantes –
- Eles não costumavam ler livros?
- Não. O meu pai e a minha mãe somente de vez em quando, quando conseguem, arranjam –
- Que livros é que eles lêem?
- Livros...A minha mãe é mais de cozinha. Sinceramente, é mesmo de cozinha.
- E o pai?
- O meu pai... se tiver algum livro que lhe interesse.
- Que tipo de livro?
- Sinceramente não sei.
- Mas há muitos livros lá em casa?
- Há.
- Há?
- Muitos mesmo.
- Muitos? Então eles compram muitos livros?
- O meu pai era sócio de uma coisa de....
- Círculo dos Leitores.

- Sim.
- E comprava os livros?
- E vinha muitos livros da... por exemplo, do corpo humano, filmes, essas coisas todas.
- E alguém lá em casa via e lia essas coisas?
- Sim. Eu e o meu irmão, pronto, o último que ficou lá a viver. A gente viu isso tudo. O meu pai quando viu isso tudo...Ou lendo e a ver o filme (...) perceber essas coisas.
- E gostava o Marco?
- Eu gostava, mas sinceramente já não me lembro nada disso. Porque nem me lembro como é que era o filme porque eu nunca peguei nisso. Sinceramente, eu se calhar nunca liguei ao corpo humano, porque na escola se calhar dei pouco tempo de aulas mesmo dos ossos, dessas coisas assim. Acho que não dei nenhum. Ciências da Natureza (...) músculos (...) ossos, do corpo humano, nunca (...) nada disso.
- As coisas assim muito difíceis e complicadas depois o Marco perde um bocadinho a vontade?
- Perco, porque é assim –
- Porque é sozinho e não tem ajuda, não é?
- Se for uma coisa – é como eu já disse – se for uma coisa que eu goste, que eu sinta que estou a gostar, eu levo aquela coisa até ao fim.
- E que está a correr bem, não é?
- Pois. Mesmo que não esteja a correr bem, eu vou lá tentar.
- O que é que gosta mesmo... mesmo, mesmo? O que é que gosta mesmo, mesmo de aprender e de saber mais?
- Se eu gostasse de saber mais era mesmo sobre computadores.
- Computadores.
- O conteúdo do computador.
- O conteúdo? O computador por dentro? Os componentes?
- Os componentes, como é que funcionam.
- E as coisas novas da Internet, essas coisas todas.
- Mas é engraçado que o computador por dentro funciona também com electricidade. Pois, aí está! Por isso é que é que eu não percebo porque é que não sirvo para a electricidade, e eu não percebo mesmo! Mas, por exemplo, se eu desmontar esse computador agora, vamos a ver, eu desmonto, monto outra vez e não acho problema nenhum! Porque não sei se (...) com o computador antes de desmontar.
- Não dá medo dos choques quando é um computador?
- Dos choques, não.
- Mas com a electricidade já dá?
- A electricidade não é um medo. A gente não vamos supor que é um medo.

- Então é o quê?

- É um receio. Um receio mesmo a sério. Porque como já apanhei um grande choque eléctrico, por isso, tenho um receio...

- Ou seja, o receio para o Marco é uma coisa maior do que o medo.

- Sim, porque um medo, a gente... medo não vamos dizer que não temos medo. A gente tem medo sempre.

- A gente tem medo, claro.

- Mas eu tenho mais receio da electricidade. Porque é assim: apanhar um choque, vamos por exemplo, meter uma pomada e (...) pomada. A gente pode sempre apanhar um choque, isso é uma coisa (...). A gente não vamos ter medo disso, né! Se dá um choque, faz aqui um tremelique, e pronto passou. Agora um receio é apanhar um novo choque eléctrico novamente, e eu tenho medo. Mas não é medo, medo, eu digo medo mas é um receio que eu tenho, porque eu safei-me à vida por muito pouco. Eu tinha pouca idade também.

- Quem lhe contou isso, de qualquer maneira, foi a sua mãe? Porque o Marco senão não sabia?

- Nem me lembro.

- Pois.

- Nem me lembro.

- Mas ficou com essa ideia na sua cabeça de que teve quase a perder a vida, não é?

- Sim, porque com a idade que eu tinha -

- Claro.

- Um choque que eu apanhei, e saber que tenho marcas para toda a vida, porque também elas não saem.

- Esse medo tem qualquer coisa a ver com a epilepsia?

- Sim, porque esse medo é... de bater em alguém.

- Oh, Marco, mas quem é que lhe disse você que tinha epilepsia?

- Quem é que lhe disse... Foram mesmo os médicos.

- Quais médicos?

- Os do Centro de Saúde.

- Quando (...)?

- (...) Hospital. Foi assim, o meu irmão teve dois ou três ataques epilépticos na rua, porque...ele enervava-se, (...), golfava, caía, começava a coiso -

- Mas os ataques que o Marco tem, não são assim?

- Não.

- Então será que isso é epilepsia?

- Porque é assim...O médico diz que sim, porque diz que é epilepsia. Eu reviro os olhos e reviro a língua também.

- Mas como é que alguém assim pode fazer mal a alguém?

- Porque. Quem está nessas condições não pode fazer mal a ninguém. Porque...é assim...os médicos a mim disseram-me, ao meu irmão, fizeram exames, essas coisas assim, porque viram logo por causa dos meus irmãos. Porque a minha mãe. Os meus irmãos todos desmaiam. Os meus irmãos desmaiam quando têm um ataque epilético.

- Todos irmãos têm epilepsia?

Sim.

- E o pai ou a mãe têm epilepsia?

- É a minha mãe.

- A mãe também tem epilepsia?

- O meu pai já é mais, vamos supor...é um bocado revoltado, nervoso.

- Tem uns ataques berrais, é?

- Às vezes, se calhar apetece-lhe dar, vamos supor, um murro na parede mas não dá. Pensa duas vezes mas não dá.

- É uma pessoa assim um bocadinho explosiva.

- É uma pessoa que não gosta de confusão nenhuma. É como eu. Não gosto mesmo de...

- Mas de vez em quando parece muito nervoso?

- Parece nervoso com tão pouco, com tão pouco. Mesmo a gente a falar com ele parece...

- É como se fosse uma bola a explodir. Anda ali a aguentar para não explodir.

- Aguenta mas tem de sair de fora.

- E os ataques epiléticos que o Marco tem então são mais desses do estilo do pai?

- Porque é assim.

- Não revira os olhos nem a língua?

- Eu... a minha vontade de um ataque... A gente vamos supor que isto não é um ataque epilético é mesmo um ataque que uma pessoa tem.

- Um ataque de nervosismo.

- Porque a gente é... Vamos supor que agora estão a bater na coisa mais sagrada da minha vida.

- É nessas alturas que...

- A minha mãe, o meu pai, alguém da minha família. Vamos supor. Deus queira que não. Que eu veja, que não seja só uma pessoa a fazer. Eu não sei mas eu tenho a impressão, que essas duas pessoas não ficavam bem conscientes como eu era, porque eu viam-me de uma maneira e de repente viam-me de outra. Porque eu...

- É mais um ataque de...irritação do que propriamente de epilepsia?

- Sim, porque é assim. Epilepsia como o médico me disse: é uma pessoa desmaia, desmaia e fica a tremer.
- Revira os olhos revira a língua.
- E começa-se a deitar aquela espuma.
- E alguma vez aconteceu ao Marco, dessa maneira?
- A mim, dessa maneira nunca me aconteceu.
- Nunca.
- Mas já tive um ataque nervoso.
- De perder o controlo?
- Perder o controlo. De ver o meu irmão à porrada. E sabendo que ele estava a levar de 2 pessoas. Eu senti... Tinha 12 anos. Parti uma perna a um homem, que eu nunca pensei. E depois no outro dia, quando eu acordei, o meu irmão virou-se para mim: "Obrigado, mano que tu salvaste-me" 'Tava ele todo na cama todo estendido. E eu disse assim: "E quem é que te fez isso?" "Foram umas pessoas que tu lhes batestes." "Eu bati em alguém?"
- O Marco, entretanto já não se lembrava.
- É uma coisa que eu esqueço.
- É uma emoção tão grande que se esquece.
- É uma coisa que eu me esqueço. Uma vez também deu-me um ataque mesmo nervoso, mas esse já não foi tão grande. Estava (...) no hotel, eu andava nesse espaço aí. E então, estávamos a saltar o trampolim, depois a arrumar os colchões e essas coisas assim. Estávamos a brincar, a mandar para dentro dos colchões e os outros caírem em cima da gente. Um moço pensou que eu queria-lhe aleijar a sério e deu-me um pontapé aqui. Estava eu de costas. Eu virei-me. Caí. Caí, começou-me a faltar o ar, porque bateu-me aqui começou-me a faltar o ar. Comecei-me a pôr nervoso. Fiquei tão irritado, que mal o vi, não sei o que é que me deu, dei-lhe uma pancada, ele caiu das escadas abaixo. Deu-me isso. Mas depois mal ele caiu, eu acho que tive noção disso, fui lá logo ao pé dele, dizer se tava tudo bem, pedi-lhe desculpa, na sei quê. "Exaltei-me um bocado, não foi nada de mal." Dessa coisa aí ainda me lembrei. Ainda corri atrás disso, do mal do que eu fiz. Pedi desculpa. Sei lá. Não pedi mais. Só faltou beijar os pés. Mas é assim –
- E no curso de electricidade alguma vez aconteceu um ataque de raiva desses?
- Não, nos cursos não.
- E na escola?
- Na escola, também não. Só fiz isto duas vezes: uma vez a sério, uma vez pacificamente. Eu não gosto de me meter em confusões. É a coisa que eu detesto mais.
- Portanto, o Marco evita sempre meter-se em confusões e quando alguém o chateia...
- Eu viro as costas, deixo passar para trás.
- Mas também não se defende? Não se defende, explicando, tentando conversar?
- É assim. Eu falar, falo. Eu gosto mais de falar do que andar logo à porrada. Andar à porrada isso não é de pessoa. Eu gosto de falar, porque a gente a falar é que vamos entender. Não é dar dois murros e amanhã está tudo bem, acho que não é assim.

- E esses desentendimentos que às vezes aconteciam com alguns professores, chegava a tentar falar com os professores?

- Eu tentava mas não valia a pena.

- Alguns professores não valiam a pena?

- A stôra de Inglês não valia mesmo a pena.

- E os outros professores?

- Alguns stôres sim, porque compreendiam em me dizer o porquê daquilo que eu fiz. Em me dizer: "Marco, o que é que te aconteceu naquele dia? Por que é que foste assim?" Eles falavam comigo...

- Parece aquilo, parece igual ao que estávamos aqui a conversar sobre a História, não é?

- Sim.

- Ou seja, seja naquilo que for, para o Marco o mais importante é que lhe expliquem o porquê das coisas, que o ajudem a entender.

- "Stôra, olhe, fiz isto, estou arrependido. (...) Peço desculpa, não era aquilo que eu queria fazer." Porque se for muita gente a chatear-me a cabeça, eu acho que não digo nada. Agora, se for um assim a chatear-me a cabeça já mais de duas horas, sempre a matar a mesma coisa e não pára, começo-me a chatear. "Eh pá. Vai-te embora. Está calado. Deixa estar isso que isso já passou." "Na sei quê." "Pronto, lá tá ele a continuar! Virou as costas. (.) As costas. Isso já me conheço a pôr memo... Já estou farto. Já me está a pôr uma raiva, que às vezes apetece-me logo bater. Mas depois eu paro.

- Isso é mais com os amigos e com os colegas, não é?

- Sim, porque... Chatices. Já não tenho uma chatice, vamos ver, há três ou quatro anos.

Já não ando à porrada há 3 ou 4 anos. Tenho brincadeiras: ontem (...) antes do trabalho 'tou com uns amigos.

- Agora está a trabalhar, é?

- Agora tou. Infelizmente, felizmente.

- Quando é que começou?

- Comecei esta 2ª feira.

- Então está a fazer o quê?

- Estou a trabalhar no... Aquilo é secar roupas e essas coisas, ali no CML... CML.

- É uma empresa de quê?

- É... roupas dos hospitais, dessas coisas.

- É tipo uma lavandaria.

- Sim.

E o Marco trabalha na secagem, é? Das roupas?

- Não, a secagem é das mulheres. As mulheres passam a ferro.

- E o Marco faz o quê?

- A gente é...agarra os sacos, passa (...) Lisboa.
- Distribuem a roupa?
- Sim. Não, primeiro estiramos, depois lavamos e depois é que vamos levar. Porque eu nunca faço isso. Eu só vou buscar e trago. Trago, enfio lá na máquina. Aquilo é sacos de 70 quilos, às vezes.
- Mas leva isso para os hospitais como?
- Dentro da carrinha.
- Mas quem é que vai a conduzir?
- É...é o....patrão.
- Mas como é que arranjou esse trabalho?
- Como é que eu arranjei? Tenho pessoas amigas. É assim, eu tenho lá umas pessoas conhecidas que trabalham lá. É um senhor que é lá o. Engenheiro, essas coisas assim.
- Como é que conheceu esse engenheiro?
- Eu já o conheço há vários anos e ele, pronto, numa conversa, conversa para cá conversa para lá disse que estava a precisar de uma pessoa.
- Conhece-o de onde?
- Conheço-o do, conheço mesmo lá do (...)
- Iam para lá beber café (...).
- Tem o café, mora ali perto.
- E ofereceu-lhe trabalho lá.
- Numa conversa a gente a falar, disse para mim: "Olhe, estou a precisar de uma pessoa de confiança." E eu ofereci-me logo porque eu não estava a fazer nada.
- Claro.
- E disse "Não estou a fazer nada. Para que é que vou estar (...)"
- Claro.
- Sabendo que ele (...) "Olhe, estou à vontade. Estou ao dispor." "É um favor que tu me fazes." Agarrou no carro comigo. Fomos os dois até ao Seixal. Fui-me lá inscrever. Vim aqui sexta-feira de manhã, sexta à tarde já 'tava eu lá matriculado, inscrito. No sábado o patrão telefonou-me. "Olha, 2ª feira às quatro da manhã estou ao pé da tua casa." (...) de madrugada (...). Saí às duas. Vim do Seixal até aqui. Depois fiquei de vir preencher a ficha ainda. Por isso é que eu cheguei ainda um bocado atrasado.
- Mas não foi muito atrasado.
- Estou a trabalhar desde as quatro da manhã. Isto também não é –
- Pois é, deve estar cansado, não é?
- Isto não é um trabalho muito cansativo. Porque é assim: porque a gente recolhe as roupas até às 6 da manhã praticamente. E, depois é uma paragem, uma paragem... isto é trabalho, vamos supor, tempo a

tempo, é alguns. Por exemplo, o moço que meteu-me lá a trabalhar. Eu entro 4 e saio às 6. Eu só trabalho praticamente duas horas com ele. Duas horas.

- Entra a que horas para o trabalho?

Eu, hoje ou ontem, ontem entrei às 4 da manhã e –

- E saiu às duas.

- Agora saí às duas. Amanhã vou até...só entro já, entro às 9 da manhã e vou sair às 4. Mas também quero fazer horas extras que é para ganhar mais algunzinho. Como eles pagam-me as horas, eu tenho de aproveitar isto, que isto –

- Claro.

- Quanto é que estão a pagar de ordenado, ó Marco?

- É assim...ele diz-me se for uma pessoa bem feita, sem descontos, que não faço descontos –

- Então não tem contrato de trabalho?

- Não, agora ainda não.

- É de boca só?

- Agora...a gente...parece que querem (...), porque o moço que foi para lá que eu conheço também, conheço lá uns três ou quatro, pronto, que se davam muito bem comigo, estão lá a uma semana e assinaram logo contrato. Por isso é que eu quero aproveitar (?).

- É contratos de quanto tempo, que eles fazem?

- Se eles fizerem de um ano e meio já é muito.

- De um ano e meio?

- Um ano e meio de trabalho. Aquilo é um trabalho que nunca acaba, porque é... os hospitais, os hospitais fechavam.

- Claro.

- Eu, por exemplo, vou ganhar, por exemplo, se calhar 120 contos ao mês.

- Com as horas?

- Não, sem as horas.

- Sem as horas.

- Com as horas vou se calhar ganhar mais. Porque por exemplo, a gente tem... O domingo aquilo fecha, é obrigado a fechar porque não há trabalho. De 2ª a sábado a gente tem uma folga. E essa folga é a dobrar. Por exemplo, se eu fizer essa folga, fazendo as horas extras vou ganhar a triplicar ainda, vou ganhar mais.

- Esses 120 contos já são a contar com esses extras?

- Os extras depois são o patrão que decide. Porque é assim: a gente pode receber no final do mês com os extras, por exemplo, eu posso fazer duas folgas num mês. Sem contar com o domingo, que o domingo ninguém trabalha. A gente vamos supor, vamos receber 140 contos.

- Quem é que lhe explicou que ia ser assim?

- Foi mesmo o patrão.

- Foi o patrão.

- O patrão mostrou-me as instruções, com a folha do ordenado, essas coisas assim. Teve-me a explicar praticamente tudo. É uma pessoa –

-Ele não se importa que o Marco não tenha o 9º ano?

-

Não. Porque ele diz: “Meu amigo”, desde que eu tenha 16 anos. Não seja pessoa (...) “Queres vir trabalhar comigo?”, essas coisas, arranjar trabalho para os outros, eu não posso fazer isso. Eu não tenho essa autoridade toda para fazer isso. Ele disse-me logo. “Tenho estado no Fundo de Desemprego. Tenho tado lá ajudar uma pessoa. E se calhar, às vezes se ela me pedir, tenho de faltar.” “Ah, não há problema nenhum. Vês o dia que ela te pede. Tu marcas a folga o mais rápido possível que é para eu saber. Que é para quando tu marcas a folga, a outra pessoa não marcar. “Se é assim, muito obrigado.” Eu hoje já perguntei. Pronto. Fiquei 5 dias à experiência. Não faltei nenhum. Nunca cheguei atrasado, cheguei sempre a horas. Fiz tudo o que eles querem.

- E o Marco gostava de ter esse emprego sempre?

- Não. Porque aquilo não é para muita gente, sinceramente. Eu tou lá –

- Gostava para a sua vida?

- Não. Para a minha vida, não. Não me tou a ver. Aquilo ali não é para eu morrer, de certeza absoluta. Porque é um trabalho cansativo. Uma coisa que a gente tem que ter uma higiene: tem que usar muito luvas, máscaras, essas coisas. Isso não é para mim. É um sufoco. A roupa das outras pessoas... É uma coisa que a gente não pode falar assim, só mesmo vendo. Por exemplo, eu agarro, vamos supor... numa semana agarrei 2000 e tal sacos, 2000 e tal sacos de roupa de 70 quilos.

- Não se vê a fazer isso a vida toda nem pouco mais ou menos?

- É assim: se eu arranjar este trabalhinho até arranjar uma coisa aqui no Fundo de Desemprego, ainda vou lá. Ainda aguento.

- Até entrar para algum curso? Até saber se entra ou não para algum curso, é isso?

- Até ao mesmo ao Verão. Até Verão de certeza que tenho que lá ficar. Se eu assinar contrato, aí já é mais complicado. Mas eu... pronto...se calhar também não vou... não sou daqueles que vai faltar de certeza.

- Vamos supor que o Marco entrava para um curso daqueles que lhe davam o 9º ano? E que aprendia uma coisa, uma profissão, o que é que preferia?

- Preferia o curso, sinceramente.

- Porquê?

- Porque o curso era um curso que eu queria fazer.

- Qual era o curso?

- Era o de informática.

- Aquele para abrir os computadores?

- Abrir os computadores, o hardware, essas coisas assim, e eu queria essas coisas. Se eu não tivesse a possibilidade de entrar, eu tinha de recorrer ao trabalho mesmo. Eu tinha que fazer qualquer coisa na minha vida, porque andar assim também é muita mau. Tar à espera é um bocado chato, porque se isto

- Mais vale trabalhar e ganhar qualquer coisa?
- '(...) tar a ajudar. Não 'tar em casa e acordar ao meio-dia. E depois "Isto 'tá um dia muita bonito!"
- Dá muito boa vida, não é? Como se costuma dizer.
- Vou para a rua, não faço nada. É assim. Uma pessoa não pode tar quieta. Não gosto de 'tar quieto. Eu sou eléctrico. Sou mesmo eléctrico. É por isso que eu –
- Então o Marco...um curso destes ainda pode demorar algum tempo, não é? Portanto, para além dessa história muito chata de não saber se entra ou se não entra, ainda há a história, de quem decide, a última palavra é do Centro de Formação e depende sempre do número de pessoas que estão encaminhadas.
- Deus queira que eu fique lá. Deus queira.
- Além disso a pessoa pode não entrar à primeira e entrar à segunda, porque pode haver outro igual. Mas o que é que acha que vai ganhar na sua vida por fazer esse curso?
- O que é que eu vou ganhar...
- O que é que isso tem de importante para o Marco fazer esse curso?
- É assim. Sempre que ouvi dizer que uma pessoa quando gosta de uma coisa, a gente não se cansa de correr atrás dela.
- Está a falar de abrir os computadores?
- Sim, essas coisas foi uma coisa que eu experimentei e gostei. Ainda hoje se me mandarem fazer, eu faço. (...) É uma coisa para o futuro. Eu até se calhar não me estou a ver bem nesse futuro porque eu sei que é um curso difícil, porque eu já tive no site a ver, daqui da Segurança Social.
- Centro de Emprego.
- 'Tive lá a ver as indicações são boas. 'Tive a ver. Depois 'tive a ver noutro site mesmo do curso. É um bocado complicado.
- Ou seja, vai ter que ter algum trabalho ainda, não é? Vai ter que estudar, vai ter que fazer (...).
- É assim, eu estudar...faço mais na prática.
- O que quer é prática.
- Eu não quero saber de isto funciona assim porque isso eu já sei. Eu quero é saber como é que uma pessoa monta as coisas, saber montar um computador, porque agora a gente vê: Bill Gates é um dos homens mais ricos do mundo. (...) A gente tem de saber porquê, né. E eu é assim, (...) queria ser como ele.
- Queria ser rico como ele, é?
- Hu! Na fazer –
- O que é o Marco queria ser?
- Na fazer nada. Faz um programa que dura 2 anos, 2 anos e não chega a fazer nada. Ganha montes de dinheiro. Isso também eu queria, né!
- O Marco queria assim ganhar muito sem ter muito trabalho, era?

- Se fosse como o Bill Gates era assim! Eu não posso ser assim! Isso era uma coisa que eu gostava muito, não é.
  - Mas o que é que o Marco imagina para a sua vida?
  - O que é que eu imagino...Eu imaginava um trabalho destes: ter uma secretária, um computador (...)
  - Assim como o meu trabalho é?
  - Eu não me importava de trabalhar aqui (...)
  - Porquê? O que é isso tem de agradável? É o espaço, é o quê?
  - (...)
  - É?
  - (...) Eu não tou a dizer que (...)
  - O Marco imagina que aqui não se faz...?
  - Não! Faz-se porque eu vejo, não é. Por exemplo, trabalho de segurança também não é muito divertido, 'tar ali sentado.
  - Para o Marco fazer muita coisa é montar, desmontar. Mais trabalho com o corpo físico é isso?
  - Se eu 'tivesse 24 horas a mexer no computador, eu não me importava. Agora 24 horas a preencher papéis, eu já não gostava.
  - Porquê?
  - Porque eu também não gosto de escrever.
- Pois.
- Eu gosto de fazer os meus apontamentos, é claro, por exemplo, estou a mexer no computador, esta é a peça 1, 2, tem o nome tal. Tudo bem. Agora, por exemplo, darem-me a ficha e eu 'tar assim, assim naquilo, ó eu nem lia! Nem me dava ao trabalho!
  - Portanto, tudo o que meta papéis, ler e escrever, o Marco dispensa.
  - Ler, ler tudo bem, isso por mim não há problema nenhum.
  - Gosta de ler?
  - Ler é uma coisa que me interessa.
  - O que é que costuma ler?
  - Harry Potter li isso tudo.
  - Ah é? Gosta de ler os livros de Harry Potter?
  - Nem é gostar. (...)
  - E lê?
  - Leio.
  - Até ao fim?

- Até ao fim.
- Já leu muitos?
- O último já li todo. Os outros –
- E porquê é que gosta do Harry Potter?
- Eu não sei porquê. Porque eu nunca me interesso por isso. Não me interesso por gostar ou não gostar de ler. Qualquer coisa de ler, interessa-me.
- Interessa?
- Porque eu também tenho lá livros... Livros, que eu não percebo nada daquilo. Não sei o que é que aquilo quer dizer. Tenho lá que é... tenho lá uns livros, pronto, de horror. Na me tou a lembrar assim dos nomes. É uma colecção que eu tenho lá.
- E costumava ler.
- De assassinos e essas coisas assim. E eu lia essas coisas todas.
- Mas não sabe explicar porque é que gosta de ler?
- Não. É uma coisa, se calhar, por não fazer nada e 'tar a fazer –
- Ocupado.
- A prática de melhorar ler. É uma coisa que uma pessoa se não souber ler não vai a lado nenhum. É ler e escrever. Escrever também, tenho uma letra razoável. Mas escrevo (...)
- Mas não gosta muito de escrever?
- Não. Não é uma coisa (...)
- Ler. Ainda vai lendo?
- Ler. Podem-me dar tudo para ler que eu leio.
- Tudo? Mesmo tudo?
- Tudo.
- Mas há bocadinho estava a dizer que os livros de História não gostava de ler.
- Os livros da –
- Os livros da escola que não.
- Ah, isso não!
- Portanto, quando diz tudo não é bem tudo.
- Por exemplo, o jornal eu gosto de ler.
- Que jornal é que lê?
- Eu não leio nenhum. Mas quando está, tenho de ler, não é?
- Quando está aonde?

- Se eu for para o café, com o café, gosto sempre de ler um jornal, por exemplo, "A Bola", essas coisas assim, "O Record", "O Diário de Notícias".
- Lê as notícias.
- As coisas aqui do Barreiro. As notícias do Barreiro. Aquele que entregam em casa, isso 'tou sempre a ler. "A Dica" também entregam em casa.
- Ou seja, quando não tem nada para fazer, é isso que está a dizer?
- Sim.
- Quando não tem nada para fazer entretém-se a ler.
- Tenho que me entreter com qualquer coisa, não é. Ler é uma coisa que não me importava de fazer o dia todo. 'Tar a ler uma coisa interessante...
- O que é que escolhia para ler?
- O que é que eu escolhia... Boa pergunta. Eu não percebo muito bem de livros. Agora posso dizer aquele livro mas eu não sei o que é que aquele livro quer dizer.
- Gosta de livros de quê? De aventuras, pelos vistos? De aventuras e de terror?
- Comédia, mas romance também é melhor. Romance eu gosto. Já li alguns.
- Lembra-se de algum que tenha lido?
- Romeu e Julieta. Esse li de certeza.
- Leu Romeu e Julieta?
- Mas li. Tenho lá em casa.
- Esse é um livro difícil. É daquele que é Shakespeare.
- É difícil.
- E já leu esse livro todo, foi?
- Todo não, nem a metade se calhar cheguei.
- Ah é difícil.
- É muito complicado. Aquilo é muita página. Muita página.
- Quando diz romance, está a falar mesmo de história de amor, é isso?
- Sim, mas também pode ser um drama qualquer.
- Então gosta de histórias de amor e de dramas?
- Sim, até mesmo...de terror também gosto. Mesmo ontem à noite 'tive a ver um filme de terror. Filmes de terror é que eu gosto mais.
- Porquê?
- Porque dizem que é terror. Eu não gosto nada de terror. (?) 'Tarem ali a deitar sangue...

- Gosta de ficar ali experimentar a ver se aquilo lhe dá medo ou não?
- Pois, porque é uma coisa... Porque eu vejo um filme de terror. Às vezes, se calhar, há aquelas imagens, os filmes têm sempre aquela parte que uma pessoa assusta-se. Porque a gente está aqui a ver um filme. Está uma pessoa distraída. (...) Bu! (...) A gente 'tá assim deitado. (...) 'Tá assim tão entretido a ver um filme. De repente (...). Eu assusto-me também. Pronto, é claro. (...) Cortarem a cabeça. Essas coisas...'Tar a falar, a mim até mete impressão mas eu 'tar a ver não me mete impressão nenhuma. Eu vejo...Por exemplo, a minha mãe não gosta de ver filmes de terror e eu tenho montes deles. Sempre que eu quero comprar um filme tenho de comprar um filme de terror, porque eu tenho de achar um filme que –
- Que o assuste muito?
- Me assuste mesmo muito. Por acaso ainda não descobri nenhum.
- Para ver até onde é que consegue aguentar?
- Mas eu tenho de descobrir um filme que –
- Para ver se resiste ao medo, é?
- Já vi tantos filmes de terror.
- Bom, Marco, então, o que é que tem mais desejos para o seu futuro e o que tem mais medo para o seu futuro?
- Medo, tenho medo de morrer.
- É?
- Sinceramente, tenho medo de morrer. Na tenho medo da morte, mas tenho medo de morrer.
- Porquê? Todos nós temos medo de morrer.
- Porque eu na quero morrer a sofrer.
- Não quer sofrer antes?
- Na quero.
- Pensa muito nisso, é?
- Penso. Porque é assim, eu preferia morrer a dormir, não sinto nada. Agora, por exemplo, eu 'tar no meio da rua e ser atropelado e 'tar no hospital sabendo que eu vou morrer e ficar ali na cama, os outros com pena de mim e eu ali a sofrer. É uma coisa que eu tenho muito medo é disso: de ver os outros a sofrer por mim. Hoje em dia pode-se morrer de tudo, porque por exemplo, a gente pode andar na rua, tropeçar numa cana, cair, morrer.
- O Marco acha que a vida hoje em dia tem muitos perigos, é?
- Hoje em dia sim. Dantes não.
- Dantes não? Imagina que antigamente (...)?
- Imagino porque as pessoas dantes... Acho que não havia tantas mortes. Mesmo hoje em dia sabendo as coisas genéticas que há de remédios, essas coisas todas. Acho que dantes poucas pessoas morriam. Dantes havia mais doenças fortes: febre negra, febre-amarela, essas coisas assim. Coisas que antigamente toda a gente tinha medo e hoje em dia essas pessoas se calhar já não têm medo porque têm cura.

- E de hoje o que é que tem medo?
  - Eu de hoje...sinceramente...Eu tenho medo de morrer. Não gostava de morrer a sofrer. É uma coisa que acho que ninguém gosta de morrer, assim, a sofrer.
  - Com uma doença, é isso?
  - Sim. Por exemplo, eu preferia morrer (...) por exemplo, estar a dormir, por exemplo, a sonhar bem.
  - Com o que é que sonhava? O que é que é isso de sonhar bem?
  - Sonhar bem.
  - O que é que é ter um bom sonho?
  - Ver as coisas diferentes, mesmo a sonhar, ver o que vai acontecer no futuro da minha vida. E aquele momento parou. Aquele momento pára enquanto eu morro. Se calhar eu a morrer não me vou lembrar mais. É uma coisa que eu penso. É a última coisa que eu penso. A gente vamos ver, morrer é uma coisa que vai acompanhar a gente a vida toda. Porque a gente tem de morrer um dia, porque a gente somos nenhuns heróis. Os heróis já morreram todos. E aqueles que não morreram ficaram paraplégicos, tipo o Super-Homem.
  - Quais é que são os heróis do Marco? Tem heróis?
  - Eu tenho um herói. A minha barriga.
- (Risos)
- Meto muita comida mas nunca rebenta. Heróis são assim. Eu não tenho grandes heróis. Eu não...
  - Não tem assim ninguém que admire muito?
  - Sinceramente, não. Para mim são todos iguais. Se uma pessoa pode fazer, por que é que eu não posso fazer? (...) fazer igual a ele.
  - Então o Marco é o seu herói?
  - Para mim, sou eu mesmo. Há pessoas que dizem: "Aquele é o meu ídolo."
  - Não tem ídolos o Marco?
  - Ídolos?! Eu...

**ANEXO 2**

**ENTREVISTA À SÓNIA**

## ENTREVISTA À SÓNIA

- Então, só para recapitular, o que é que é aqui suposto sabermos, não é? Porque é que eu a convidei a participar nisto. No fundo o que eu gostava era uma coisa muito simples: era que a Sónia me contasse a sua história até chegar aqui ao centro de emprego. O que é que no fundo é importante nos conversarmos nessa história até chegarmos ao centro de emprego? É depois, também, o que se passou depois disso, e também, o que se passou antes, nomeadamente, como foram as coisas na escola e também como está a ser esta experiência no curso? Claro que se a Sónia achar importante outras coisas da sua vida que ache importantes para melhor contar a sua história. Nomeadamente falar da família, dos amigos, dos tempos livres, de outras coisas da sua vida, tudo bem. No fundo é uma conversa, está bem? Que começa com esta pergunta inicial. Conte-me a sua história até chegar ao centro de emprego que é onde nos conhecemos, no fundo.

- Começou quando eu tive no sexto ano e passei para o sétimo e nesse mesmo ano eu chumbei porque comecei a faltar muito, comecei a faltar muito. Até aí eu nunca tive amigos, costumava andar sempre sozinha, era discriminada pelos meus colegas e então como queria começar a... os meus pais nunca me deixavam sair, eu queria começar a evoluir. Entre outras, não é. Queria pertencer ao grupo delas, tinha que fazer as mesmas coisas que elas. Faltar às aulas, teria que fazer tempo para ir passear, fumar, namorar, essas coisas. Foi quando eu chumbei. A partir daí...

- No sétimo?

- No sétimo. A partir daí foram mais três anos, assim sempre a mesma coisa, no sétimo ano, sempre faltava, só queria ir passear, chegava à escola não queria ir para as aulas. Ficava sempre dentro da escola. Fui ficando mais velha, os miúdos quando entravam no sétimo ano eram todos mais novos que eu, eram poucos os repetentes. Fiquei sozinha na mesma porque no final aquelas companhias todas que eu andava iam todas para outros sítios que eu acabava por nem ir, achei que já estava a exagerar um pouco.

- A que é que a Sónia se refere? O que é que faziam juntas quando faltam às aulas?

- Faltava-mos, íamos atrás umas das outras, fazíamos festinhas, os meus pais não estavam em casa, íamos para minha casa. Começava a ver elas a fumar um tipo de coisas sem ser tabaco.

- Por exemplo?

- Eu, na altura comecei a fazer um pouco de tudo mas depois deixei.

- A fumar o quê?

- Gansas. Sim, foi isso, festinhas, namoricos, depois algumas foram aparecendo grávidas. Éramos várias então haviam às vezes confusão entre nós. Eu comecei a ver aquilo. Os meus pais começaram a ficar desorientados, não sabiam o que fazer comigo. Eu até cheguei a dormir fora de casa umas vezes.

- Mas sem eles saberem?

- Sem eles saberem. Dizia-lhes que ia sair, e quando eu dizia. Eles ficavam... e tchau. Ficavam à espera que eu voltasse até ao dia seguinte. Depois eu fazia um pequeno filme. Que estava muito arrependida e depois eles perdoavam e no dia seguinte era a mesma coisa. Ia para a escola às 8 da manhã. Chegava a casa às 3, 4 da manhã. O dia todo fora de casa e eles sem saberem onde eu tava. Eu não comia, não ia às aulas. Chegaram alturas que eu falsificava as justificações da minha mãe. Entregava à stora. Os meus pais eram sempre muito chamados por queixas. O meu comportamento. Levava as cadeiras lá para fora, para ter aulas lá fora, com os meus colegas.

- Mas quem é que levava as cadeiras para fora da sala?

- Era eu, havia alturas que me incentivavam os meus colegas, mais novos também eu ia influenciando a esse tipo de vida e eles começavam a fazer aquilo.

- Mas tiravam as cadeiras para fora da sala de aula durante a aula. Perturbava imenso.

- E os professores o que é que diziam?
- Os professores faziam imensas queixas. Telefonavam aos meus pais, faziam reuniões. Mandavam-me para a rua constantemente. Passavam-se. Havia alturas que todos os alunos eram postos fora da sala de aula e era posta falta disciplinar. E é assim, sim. Foi isso, durante três anos.
- Como é que os seus pais reagiam?
- Os meus pais, o meu pai nunca me tocou. Nunca me bateu. A minha mãe cortava-me.
- Cortava-a?
- Os fios do carregador do telemóvel ou mesmo fios de electricidade. Ela batia-me e como aquilo era fino, cortava. Eu levava muita porrada dos meus pais.
- Eles viviam juntos?
- Viviam juntos, mas também não se dava muito bem. Discutiam sempre. Discutiam mas também faziam as pazes. Entretanto. A minha irmã mais nova era calminha, nunca deu trabalho.
- Que idade tem ela?
- Ela tem 16. Eu tenho 17, temos um ano e 4 dias de diferença. Então havia certas alturas que eu fazia tanta coisa que influenciava a minha irmã a fazer o mesmo que eu. Havia certas alturas que ela às vezes falhava porque eu fazia. Então a minha mãe já não sabia o que me havia de fazer. Já não me deixava sair. Eu queria liberdade, queria fumar, queria poder ir à discoteca como elas, queria me poder pintar.
- Porque é que era tão importante para a Sónia, essas amigas?
- Porque eu queria poder ser como elas, queria também ser popular, não sei. Elas quando passavam na escola. Elas tinham aquele grupinho: 3, 4. Iam almoçar juntas, iam à casa de banho juntas. E eu desde que entrei para a escola, desde a primeira classe que fui muito posto de parte.
- Porquê?
- Eram aqueles grupinhos. Na escola há aqueles grupinhos. Dos jovens que têm as melhores notas, aqueles grupinhos dos negros que tinham menos possibilidades financeiras, aquele grupinho que era mais mal comportado, essas coisas.
- E a Sónia não fazia parte de nenhum desse grupinhos?
- Não, apesar de ter tido, desde que entrei para a escola, nunca tive más notas, sempre fui uma aluna intermédia mas possibilidades financeiras também sempre tive razoáveis, nunca tive grandes problemas. Mas creio que a única coisa que sobrava era eu ter a minha cor, ser mulatinha. Não ser branca como elas e não vestir as marcas que elas vestiam. Roupas de marca, não poder ir para o parque como elas. Então essas coisas, elas achavam que eu não podia pertencer ao grupo delas. É uma maneira de dizer, e eu sentia-me bastante, até hoje, eu não sofro, mas sou exactamente diferente do que era antes, mas até hoje em sinto coisas que me perturbam bastante, alguém a pôr-me de parte. Isso não pode acontecer. Eu não gosto de estar sozinha, então naquele tempo eu sofria muito com isso. Então eu tinha que ver o que é que elas tinham que eu não tinha para poder fazer o mesmo que elas.
- E o que elas tinham que a Sónia não tinha, afinal de contas?
- Eram essas coisas todas, tinham as saídas, tinham?
- Aparentemente viviam melhor...
- Sim, tinham tudo mas quando uma virava as costas a outra falava mal e vice-versa. Eu queria ser como elas mas no fundo eu não sabia no que é que eu me ia meter. Eu não sabia que muitas coisas que elas

tinham eram tudo uma fachada. Era tudo superficial, no fundo eu não queria ser como elas, só agora com 17 anos é que eu vejo bem isso. Mas eu queria ser como elas, então comecei a fazer muita coisa. Comecei a faltar as aulas para poder ser como elas mas só me estraguei, não melhorei em nada. Durante três anos, 4 anos, no sétimo ano em chumbei 3 vezes, entretanto, eu chumbei a primeira vez no sétimo ano. A segunda vez quando eu fiz o período escolar, no segundo período a minha mãe mudou de casa, separou-se do meu pai. Fomos para o Seixal.

- A Sónia tinha quantos anos?

- Tinha treze, foi na altura do Natal então não tinha 13. Eu já tinha 13 porque eu já tinha feito o sétimo ano, chumbei, uma coisa assim. Já não me lembro bem. Acho que tinha 13 anos então ele separou-se do meu pai e eu e a minha irmã fomos com ela.

- Para o Seixal.

- Sim, fomos viver para o Seixal. Fui para uma escola, continuar o sétimo ano, comecei no segundo período. Mesmo assim não resultou. Quando eu cheguei àquela escola eram todos mais novos que eu, não tinha ninguém, eu não conhecia ninguém naquela escola. Tinha primos mais velhos que sempre se sentiam superiores a mim.

- Lá no Seixal?

- Sim lá no seixal são os filhos dos irmãos da minha mãe. Eles também nunca me deram muita importância.

- Porque é que eles se sentiam superiores?

- Tinham a mania que por eu não poder sair como eles, por eu não poder vestir as mesmas marcas que eles. Por eu ter chumbado tantas vezes no sétimo ano, por eu ser mais nova que eles. Dois, três anos mais nova que eles. Não devia estar com eles, não podia estar com eles. Sempre fui muito posta de parte e sofri muito com isso. Mesmo quando fui para o seixal e pensei. Bem, financeiramente piorou, não é, não melhorou. Mas eu queria mudar um pouco a vida. Queria passar aquele ano. Deixar as coisas de parte. Mas foi pior porque eu estava sozinha. A minha irmã foi para outra escola, então estávamos separadas. Na altura estava na mesma escola que eu e tínhamos os meus amigos. Ficámos separadas e nada melhorou. Comecei a arranjar outras amizades que não foram as melhores e continuei a fazer as mesmas coisas. A fazer o sétimo e depois passei e depois fui para o oitavo, sempre com essas mesmas companhias, já tive duas discussões, por pensar que eram amigas mas não eram amigas. Queriam me prejudicar por eu ser nova na zona.

- Esse já era outro grupo de amigas?

- Eram do Bairro da Quinta da Princesa. Tem lá algumas jovens, assim, um bocado estranhas e elas ao princípio quando cheguei quiseram fazer-se minhas amigas, quiseram me levar para sair com elas. Rodeavam-me como elas, vestia-me como elas, e eu como queria ser como elas deixava-me levar como elas. Fazia tudo como elas. E ouve uma certa altura que elas, para, não sei, se eu por ter menos alguma coisa que elas queriam arranjar confusão, então combinaram, juntaram-se várias raparigas. Uma diziam que eu falei mal de uma delas e a outra vinha ter comigo e dizia a mesma coisa que a outra que era para ver o que é que eu dizia que era para as duas poderem juntar-se contra mim. Mas elas infelizmente não tiveram sorte. Mas já tive várias confusões naquela zona que o pessoal apesar de se mostrar nossos amigos queriam levar para o mesmo lado que eles e depois arranjar confusão comigo. Ou por causa de namorados ou por causa de dizerem que eu queria ser diferente, porque ouve uma determinada altura que eu passei a estudar a bíblia para ser testemunha de Jeová.

- A mãe da Sónia é testemunha de Jeová, é isso?

- Não, estudava para poder vir a ser mais tarde, para obter conhecimentos, e ela estudava e como eu e a minha irmã estávamos com ela, prontos, seguíamos o mesmo caminho que ela. Começámos a estudar também. Entretanto começaram a haver algumas mudanças, isto, eu estava ainda no sétimo ano. A terceira vez que eu fiz o sétimo ano. Comecei a estudar a Bíblia e comecei a ter mais conhecimento. Comecei a levar mais a sério as leis de Deus e essas coisas e comecei a mudar um pouco. Melhorei

algumas coisas e comecei a aplicar-me mais e foi mesmo esse ano que eu consegui passar. Comecei a deixar mais de parte o pessoal com que eu andava, comecei a deixar de fumar. As ganzas já não fumava à muito tempo, desde os princípios, quando eu fui viver no Seixal. Inicialmente ainda fumava mas depois deixei. Aquilo não me viciava, não apanhei vicio. Deixei, comecei a levar a sério e deixei de andar com muitas pessoas com que eu andava. Então foi aí que os meus colegas, o pessoal com quem eu andava que começaram a agarrar mais ainda. Porque diziam que eu era fina. Que eu já queria fazer as mesmas coisas que eles. Que eu estava a ficar fina, que eu estava a mudar muito. Que já não gostavam mais de mim, mas por um lado eu sinto-me mais feliz porque eu estava a ver: a minha mãe que já não sabia o que fazia comigo, que eu já não dava importância. Ela saía de manhã cedo e chegava, meia-noite, uma da manhã.

- Ela trabalha onde?

- Em restaurantes.

- É cozinheira? É...

- Ajudante de cozinha

- Ajudante de cozinha.

- Sim. Porque enquanto vivemos no Barreiro com o meu pai ela nunca trabalhou. Ficou sempre em casa comigo e com a minha irmã e depois quando mudámos de casa ela começou a trabalhar e tudo ficou muito complicado. Além do stress da nossa situação financeira eu só fazia asneira. Ela dava-me 5 euros para comprar o pão eu tirava dois para ir comprar tabaco. Eu só piorava a situação. Queixas constantes na escola, ela já nem ia às reuniões então eu comecei a ver que estava a deixar a minha mãe magoada e eu não estava a beneficiar em nada.

- Foi aí que apareceu a Bíblia?

- Sim

- Porque é que se lembrou da Bíblia? O que é que ocorreu, agarrar-se à bíblia?

- As testemunhas de Jeová costumam ir à porta das pessoas pregar e então foram à nossa casa e falaram com a minha mãe. A minha mãe ficou e depois a minha irmã e eu ficámos. Começámos a ir às reuniões do reino das testemunhas de Jeová.

- Mas o que é que levou a Sónia a convencer-se que ali obteria alguma ajuda?

- A minha mãe falava muito comigo e ela pedia-me para mudar, às vezes chorava, no futuro para eu pensar. Ela dava muitos conselhos e eu começava a ver que realmente eu não queria deixar a minha mãe triste. Então ela influenciou-me para começar a estudar só que eu não sisaria do que se trata e tudo. Então eu disse tá bem, eu vou iniciar o estudo bíblico e...

- E o que é que aprendeu?

- A conviver. Aprendi que Deus fez as pessoas, e Adão, e pôs-nos com objectivo. Que apesar de vivermos com guerra, com fome, com mortes, países, doenças. Apesar disso tudo o objectivo de Deus continuou em pé e mais tarde um dia ele vai transformar a terra num paraíso.

- E a Sónia antes era uma pessoa com crenças religiosas?

- Não, nunca liguei, nunca liguei.

- E os seus pais tinham crenças religiosas ou não?

- Não, nunca rezavam, nunca iam à igreja, nunca. O meu pai é católico mas não praticante. É católico mas nunca fez nada. Nós nunca tínhamos nada a ver com Religião. Entretanto quando eu consegui estudar a Bíblia, com uma jovem que estudava o mesmo eu, era uma jovem da Quinta da Princesa mas

era mais velha que eu. Ela tinha 19 anos e eu tinha 14, 15, 16 estudei muito até há poucos meses mais ou menos. Estudei e como ela era um pouco mais velha que eu, ela entendia os meus problemas, essas coisas que eu passei no Barreiro até lá: fumar, os namoricos, ganzas, escola. Nós aprendemos essas coisas na Bíblia, nós jovens. E ela explicava-me, ela ajudava-me muito. Além de ela ser minha instrutora da Bíblia ela tornou-se minha amiga e sempre com a minha irmã ao lado. Ela sempre participou. Aprendeu muito. Então ela tornou-se minha amiga. No salão do reino das testemunhas de Jeová juntávamos a muitos jovens. Uns já passaram as mesmas experiências que eu. Outros não passaram mas sabem mais ou menos o que se passa. Então ela começou a puxar-me mais ou menos para dentro da congregação. Eu comecei a viver com os jovens lá de dentro e comecei a ver que a vida daqueles jovens era completamente diferente da vida que eu tinha. Da vida as pessoas com quem eu convivia diariamente. Eu comecei a conviver com eles. Em vez de ir a uma discoteca ou em vez de fumar um cigarro ou aparecer na minha porta com um grupo de rapazes, eu comecei a ir com eles, com músicas. Era um ambiente completamente diferente, era e é. Não tem nada a ver. Então eu comecei a ver que eu tinha que mudar a minha vida.

- O que é que era diferente nesses convívios? O que é que fazia com os seus companheiros?

- Não havia tabaco, não havia palavrões, os palavrões que havia lá fora. Falávamos sobre a Bíblia. Falávamos uns com os outros, éramos todos muito alegres. Não havia aquela coisa de olharmos uns para os outros e criticarmo-nos.

- Então a Sónia sentia-se mais aceite, finalmente?

- Sentia-me aceite. Sentia-me à vontade, eu sentia que eles gostavam de mim mesmo e eu gostava deles. Eu sentia que ali podia dizer. Não, ela é minha amiga. E ele também é meu amigo. E não só, era uma coisa que a minha irmã também. Na altura da minha vida que eu fazia asneiras a minha irmã fazia as mesmas coisas que eu, então quando eu comecei a estudar a Bíblia nós estávamos sempre juntas. Eu comecei a fazer orações, comecei a estudar a Bíblia. Em vez de sair para o pé delas eu fechava-me no meu quarto e estudava a revista das testemunhas de Jeová. Nós, todos os domingos quando íamos às reuniões davam-nos uma revista que é a Sentinela. Eu estudava a revista. Em vez de ir namorar estudava a revista. Comecei a fazer modificações, a minha mãe apoiou-me muito, sempre me deu muito amor, muito carinho. Comecei a melhorar, entretanto passei para o oitavo mas depois chumbei outra vez.

- Então o que é que aconteceu?

- Comecei a ficar um pouco farta de estar sempre a estudar a Bíblia. E apesar de eu ter amigos lá dentro quando ia para escola estava praticamente sozinha porque essa minha amiga também saiu da escola. Comecei a andar sempre sozinha. Toda a gente e os meus colegas começaram a afastar-se porque diziam que eu era testemunha de Jeová mas eu tinha muito orgulho. Ao contrário de outras moças que já tinham sido baptizadas eu era apenas uma simples estudante da Bíblia, não podia ser chamada uma testemunha de Jeová. Nós olhávamos para ela e não pareciam ser, porque as testemunhas de Jeová têm princípios, valores diferentes.

- Que princípios?

- Não fumar, não faltar às aulas, muitas coisas como estar em certos grupos. Muitos rapazes, muitas raparigas, dizer muitos palavrões. Falarem coisas, não sei, um ambiente assim estranho. Vestir certas roupas, não sei, que mostravam mais do que deviam. Essas coisas. E eu estava ao pé delas e começava a pensar: estas moças são testemunhas de Jeová mas não estão a fazer aquilo que eu aprendi que era suposto fazermos. Eu falava muito sobre o que eu estava a prender, eu partilhava muito o conhecimento que eu tinha com as minhas colegas. Eu encarava aquilo como uma coisa muito bonita mas toda a gente dizia que era testemunha de Jeová, etc. então comecei a ficar farta dessa situação. Sempre a dizerem que eu era diferente. Apesar de eu estar na congregação eu estava mais vezes cá fora com os meus amigos que com os testemunhas de Jeová. Então eu comecei a ficar farta daquilo e no princípio as coisas são sempre muito bonitas. Quando eu comecei a estudar a Bíblia. E comecei a gostar de aprender, estudar, mas depois tinha que mais que estudar, tínhamos reuniões duas vezes por semana e tinha que estudar. Entretanto as minhas colegas da escola convidavam-me para sair. E depois já não sabia se queria realmente sair com elas ou se queria realmente queria ir à reunião e ter aulas, não é?

- O entusiasmo inicial foi esmorecendo?

- Foi. Quanto mais nós procuramos aqueles que pedimos ajuda, ele está cada vez mais próximo, mas quanto mais a gente deixa para amanhã, quando a gente dá conta, já não temos nenhuma relação. Foi isso que aconteceu. Eu comecei a ficar desligada e entretanto deixei de estudar a Bíblia. Depois foi aquela coisa, voltar a estudar a Bíblia. Quando recomeçava com convicção depois fartava-me. Voltei outra vez durante esse ano escolar, as férias. Foi sempre assim. O oitavo ano o primeiro período faltei por faltas.

- Para onde é que ia quando faltava?

- Ficava na rua, às vezes ficava mesmo lá na escola. Ficava com as minhas colegas a falar da vida.

- O que é que falavam? Dos namorados, das saídas, daqueles mesmos problemas que eram problemas que eu tinha que resolver mas que continuavam sempre ali a bater na mesma tecla. É pá, mas eu tenho que deixar de fazer isto mas eu continuava a fazer aquilo.

- Como sair, fumar, essas coisas?

- Sim e gozar com as outras. Picar a outra para ir à porrada com a outra. Levar uma facada na perna para defender a minha irmã.

- Uma facada?

- Sim. Mas não foi nada de especial. A minha irmã andou à porrada com uma rapariga depois outra rapariga que já não gostava da minha irmã quis bater à minha irmã e eu claro que não ia deixar que a minha irmã era muito mais nova que ela. Então quando nós éramos novas lá na escola. Foi quando eu fui para lá. A moça queria bater na minha irmã e eu não deixei. Começámos a discutir.

- Ela já tinha uma faca, era?

- Ela já tinha pensado antes. Ela sabia que eu estava lá, porque disseram: há a tua irmã vai levar na cara. Começaram a picar-me: a tua irmã, a tua irmã. Eu disse: o quê?

Eu fui ter lá à escola com ela. Fiquei lá muito tempo com ela. Entretanto a coisa passou-se e disseram à moça que eu estava lá, a moça foi buscar a faca a casa e veio. Quando veio então começou a discussão. Eu cai no chão. Agarraram nela. Fui pró hospital, depois posto da polícia e isso acabou. Acabou, depois o tempo foi passando e passou tudo o que eu já disse.

- Estava a dizer que no oitavo reprovou por faltas.

- Sim, no primeiro período escolar, então a minha mãe expulsava-me varias vezes de casa. Ela queria que eu viesse para casa do meu pai. Porque já não aguentava mais, já não sabia o que fazer. Ela fazia as minhas malas, gritava, gritava muito e eu estava a ver que ia dar em doida. Eu é que o pesadelo da mina mãe. A minha família, sempre falaram mal de mim. Eu era a ovelha negra no meio dos meus primos, dos meus tios, da minha avó. Toda a gente me dava conselhos mas conselhos que não ajudavam em nada.

- Essa família vive toda ali na zona do Seixal é?

- Sim, duas tias e a minha avó.

- Mas a sua avó materna

- A minha avó materna. Tenho 4, 5 primos. Um já é grande, dois pequeninos e dois da minha idade.

- Os seus pais são de onde?

- De Cabo Verde. Nasceram os dois em Cabo Verde.

- De que ilha?

- A minha mãe é de São Vicente e o meu pai de R....

- Ya, estava lá com a minha família mas a minha irmã sempre foi mais querida que eu para todos. Mesmo pequenina mesmo antes de eu fazer tudo o que fiz, eu, sentia-me sempre mais discriminada porque a minha irmã era mais quieta, eu era mais reguila. Malandra. Então toda a gente gostava mais da minha irmã. ...

- Mas porquê, está ansiosa em estar a falar dessas coisas?

- Estou nervosa, não sei.

- É difícil estar a falar estas coisas?

- É, fico a me lembrar.

- A Sónia fala naquilo que quiser.

- Estou a falar muito baixo.

- Não, percebe-se muito bem.

- A minha irmã, sim sempre foi mais querida que eu. Toda a gente brincava mais com ela. Até quando os meus primos queriam sair, saíam mais com ela. Então, quando morava lá já nem ligava muito à minha irmã, apesar deles porem-me de parte eu já nem sequer ligava. Então depois da minha mãe pôr-me fora de casa. Eu ia para o meu pai e depois a minha mãe dois ou três dias depois chamava-me. Ela telefonava-me para saber se estava tudo bem e perguntava-me se estava tudo bem e eu logo percebia que já estava na altura de ir para o pé da minha mãe. Entretanto o meu pai sempre insistiu para nós irmos viver com ele porque como era muito mais velho, o meu pai tinha 66 anos e a minha mãe 40. O meu pai sempre teve o trabalho dele. Sempre se deu bem.

- O que é que o seu pai faz?

- Está reformado mas na altura era motorista das Carris. Dos autocarros. Então foi ele que sustentou. A minha mãe como foi viver sozinha era ela que pagava. O dinheiro que ela recebia, o ordenado dela, ela recebia com uma mão e com a outra ela entregava para pagar a casa. Ao que a gente comia, o que a gente vestia, os materiais escolares, era dinheiro gasto à toa, porque tava tudo lá, eu não usava nada. A minha irmã também chumbou por faltas porque ela fazia mais ou menos as mesmas coisas que eu mas não tanto como eu. Então tudo o que nós comíamos, vestíamos, era o meu pai que dava. Dava dinheiro à minha mãe mensalmente e depois dava-nos roupa, sapatos e tudo. Então o meu pai sempre insistiu para irmos para o pé dele para facilitar a vida à minha mãe. Talvez ela conseguisse outro trabalho que não dispensasse tanto tempo para ir buscar a minha irmã porque ela tinha que vir a casa fazer a comida e a comida estragava-se porque nós queríamos só passear. Ela tinha que arranjar um horário no trabalho que lhe facilitasse a vida em casa comigo e com a minha irmã. Então se nós fossemos para o lado do meu pai a vida para ela iria ser mais fácil. E para mim e para a minha irmã também porque do lado do meu pai tínhamos mais coisas. Era mais fácil para o meu pai dar o que a gente sempre precisou. E tínhamos sempre com a minha mãe à mesma. Então cada vez que a minha mãe me punha fora de casa. Eu sofria imenso e no fim ficava bastante do lado dele. Mas eu tinha que estar com a minha mãe porque apesar de estar ligado mais ao meu pai a minha mãe era a minha mãe. Eu com a minha mãe cresci. Eu estava com a minha mãe em casa.

- Então a Sónia viveu até aos 13 anos com a sua mãe em casa, Desde pequenina. Já nasceu cá?

- Sim. Vivi sempre em casa com os meus pais.

- Os seus pais já cá viviam há quanto tempo, quando a Sónia nasceu?

- A minha mãe conheceu o meu pai aos 29 anos ou 19, nessa mesma altura em nasci. Foram logo viver juntos nesse mesmo ano.

- Já cá estavam em Portugal os dois?

- Sim, porque o meu pai vivia em Lisboa e comprou casa aqui no Barreiro. A família da minha mãe vivia na Baixa da Banheira. Mas a minha mãe trabalhava no Restelo.

- Com que idade é que eles vieram para Portugal?

- O meu pai não sei, a minha mãe também não. A minha mãe veio com 19 anos ou 18 porque ela veio tratar do coração. Ela tinha um problema, tinha, diziam que tinha. Porque ela fez muitas análises e até hoje não deu nada. Mas então ela veio, ela trabalhava em Lisboa. Eles conheceram-se e num espaço de um ano, nasci. Pouco depois a minha irmã apareceu. Pronto, eles ficaram logo a viver juntos, quando a minha irmã apareceu. Foi sempre assim até aos 13 anos. Eu apesar de gostar muito do meu pai. Sempre fui muito aberta com o meu pai e ele comigo. Sempre tive uma ligação muito forte. E saber que a vida seria muito mais fácil, eu quis estar ao pé da minha mãe. Porque a minha mãe sempre me fez ver que, eles viveram 14 ou 15 anos juntos, que esse tempo que estiveram juntos, eles discutiam muito, o meu pai às vezes, maltratava muito a minha mãe. Bater-lhe ele não batia mas verbalmente. Sofria muito, então ela sempre disse que viveu na casa do meu pai para não ter que abandonar a minha irmã. Ela não tinha para onde ir, ela não trabalhava. Onde é que ela ia trabalhar sem levar a minha irmã com ela. Ela tinha ficar na casa do meu pai. Então ela continuou a viver na casa do meu pai até ter uma certa idade, que era essa dos 12, 13 anos e as minhas tias e avó ajudaram a minha mãe, ajudaram a comprar uma casa e separou-se dele. A minha mãe disse que esteve estes anos todos por causa da minha irmã. Apesar de terem estado sempre juntos, fazerem as coisas juntos. Mas estavam sempre a discutir. A minha mãe andava sempre triste. O meu pai jogava à cara dela que a casa não era dela, que ela não tinha nada. Mas a minha mãe é que fez daquilo uma casa porque pelo que a minha mãe conta quando ela foi viver para aquela casa estava horrível.

- Onde é que é a casa?

- Na Quinta da Lomba. Em cima dos correios. Então a minha mãe sempre, eu sei, eu sei mesmo que com o passar do tempo a minha mãe sempre fez tudo por aquela casa. Ela não trabalhava fora mas ela trabalhava em casa. Ela fez daquilo uma casa. Ela sempre foi uma ótima dona de casa. Fazia tudo ao meu pai. O meu pai trabalhava muito.

Levantava-se às 4 da manhã e chegava à meia-noite em casa. O tempo que tinha para descansar. Então o meu pai às vezes era injusto para a minha mãe. Tipo, falavam coisas a ela que magoavam e que não eram verdade. Eu pensava a minha mãe fez tantos esforços, engolir sapos vivos, para não deixar a mim e à minha irmã. Ela agora chegou à altura de começar a vida do zero. Começar a trabalhar. Trabalhou naqueles poucos momentos quando veio de Cabo Verde. Trabalhou como interna mas...

- Trabalhava numa casa particular, era?

- Ya, como empregada doméstica. Trabalha em restaurantes e antes dela sair de casa começou a trabalhar um ano antes e sempre deixou tudo muito bem claro. O meu pai sempre soube que ela estava a trabalhar para ter a casa dela e abandonar.

- E ele como é que reagia a isso?

- Ele sempre dizia que estava tudo bem. Que ela estava à vontade. Que iria continuar amigo dela e que iria ajudar me tudo. Realmente ele ajudou e até agora ajuda. Sempre ajudaria a ela queria ir ele ajudaria em tudo. Ela levou quase tudo o que o meu pai tinha. O meu pai começou de novo. Levou a mobília de casa do meu pai. O meu pai sempre deu dinheiro para mim e para a minha irmã como eu já disse. Até então enquanto ela trabalhava o meu pai começou a fazer menos horas. Em Lisboa começou a trabalhar menos para poder orientar a mim e a minha irmã. Comida e algumas coisas.

- E ele fazia a comida?

- Foi aí que ele começou...

- A habituar-se.

- A habituar-se. O meu pai nunca fez essas coisas.
- Pois por isso é que eu estou a perguntar.
- A minha mãe começou a sair de casa, A minha mãe nunca apanhava transportes. Não conhecia nada. Estes anos todos ela estava sempre em casa. Nunca foi mulher de sair. E o meu pai sempre a trabalhar. Então a minha mãe começou a sair, a trabalhar, e o meu pai começou a ficar mais tempo em casa. Eu pensava eu vou-me embora mas depois para deixar eu vir para o pé do meu pai outra vez. Para ela ficar lá sozinha no Seixal, para ela ficar com a minha irmã sozinha. Decidi ficar com a minha mãe. No fundo eu queria mudar aquele meu comportamento. Aquelas coisas feias que eu estava a fazer. Eu queria mudar. Queria andar com pessoas divertidas.
- E as aulas não eram divertidas?
- Não as aulas não eram. Os professores eram muito chatos.
- Mas isso a partir do sexto, porque a partir do sexto...
- Até ao sexto sim porque até ao sexto eu estudava. A minha mãe é que ajudava a fazer os trabalhos de casa. Ela estava em casa, ela punha-me sempre a fazer tudo. Até aí ela conseguiu mandar em mim. A partir daí ela dizia uma coisa e eu fazia outra. Eu olhava para ela e saía, não queria saber.
- Quer dizer a Sónia nunca reprovou até ao sexto?
- Não, nunca. A minha mãe é que me orientava. A partir daí, comecei a... Pois, eu não gostava de nada. Nas aulas era tudo uma grande seca.
- Não havia nem um professor que gostasse? Nem uma aula que gostasse?
- Não, havia professores que eu gostava, as aulas eram divertidas...
- Lembra-se de algum que fosse diferente?
- Eu tinha uma professora de ciências no primeiro que chumbei, era uma pessoa muito culta, ela brincava muito e quando dava a matéria de ciências ela envolvia outros assuntos que não têm nada a ver. Eu aprendia, gostava, achava interessante. A gente podia falar da nossa vida pessoal. A professora brincava connosco e eu gosto de ver as minas professoras tipo que vestem bem, vaidosas. Se forem novas, eu gosto de falar com as minhas storas e brincar com elas, mesmo agora. Eu danço com as minhas professoras na sala, fazemos muita coisa. Mas sem desrespeitar, sem passar aquele limite. Eu gostava muito disso mas passava o limite porque eu aproveitava-me, eu não queria saber da matéria para nada. Eu queria era divertir-me e divertia-me demais.
- A escola não tinha interesse para o futuro?
- Não tinha interesse nenhum.
- Não pensava no futuro?
- Não. Quando me perguntavam o que é que eu queria ser eu respondia pediatra porque eu sempre gostei muito de crianças. Eu queria ser pediatra mas não enxergava que para ser pediatra tinha que ser uma pessoa responsável. Coisa que eu não era, nem nada. Tinha que estudar, ter boas notas.
- Porque é que acha que não era responsável?
- O meu comportamento nas aulas não era o comportamento de uma pessoa responsável.
- Porque é que acha que não se tornou uma pessoa responsável?
- Porque eu queria ser como as outras. Queria fazer coisas como elas.

- Havia coisas mais importantes a preocupar a Sónia como por exemplo ser aceite pelos amigos?
- Sim, queria ser aceite pelos amigos.
- A Sónia descreve-se como uma pessoa que esteve muito sozinha desde a primária, como uma pessoa muito carente.
- (risos)
- Muito, muito carente. Não gosto de estar sozinha.
- A Sónia andou na pré-escolar antes de ir para...
- Estive sempre em casa.
- Esteve sempre em casa. E lembra-se antes de ir para a primária como é que era. Teve muito tempo em casa? Como é que era a sua vida?
- Era sempre em casa com a minha irmã e a minha mãe.
- Sempre sozinhas?
- Sim.
- Não saíam? Não se davam com outras crianças?
- Não, de vez em quando a minha mãe dizia, vamos ao jardim, ao jardim dos pombos, não sei se você conhece. Mas não brincava com as outras crianças, sempre... como é que se diz: anti-social.
- Mas não brincava porque não queria, é isso?
- Não sei.
- Não gostava? Ou porque não havia outras crianças?
- Havia. Eu não estava habituada à vida cá fora. Eu não estava habituada a conviver com outras crianças então, além de porem-me muito de parte eu sentia-me muito...
- Tímida.
- Sim.
- Ainda se lembra do seu primeiro dia de aulas?
- Só me lembro. Ainda hoje tive na brincadeira com as minhas colegas por causa disso. Lembro-me de uma parte em que, todas já se conheciam e eu tava numa parte onde não conhecia ninguém. A minha irmã ainda não tinha entrado. Era no ano seguinte. Eu tava sozinha, tava num intervalo, a funcionária, a continua, elas foram todas brincar ao lenço da botica. Era um jogo, faziam uma rodinha, não sei quê. Eu fui a única. Fiquei ali, não sozinha a olhar para elas. Tipo. Ninguém me chamava então a continua disse: então miúda não brincas? Ninguém me deixa brincar. E fiquei assim. Às vezes quando eles faziam jogos. Estávamos todos juntos. Eles diziam, tipo aqueles jogos dos apalpões.
- Hum.
- Elas escolhiam, as meninas mais bonitas, os meninos mais bonitos. Não sei quê, e eu ficava ali ao pé deles. Às vezes olhavam para mim e diziam que eu estava com vontade de brincar mas que não ia brincar porque eu não devia jogar aqueles jogos porque não era bonita como elas. Diziam-me mesmo. Eles eram muito estúpidos para mim.
- Pois eram. (risos)

- E maltratavam-me e eu ficava assim. Eu queria poder divertir-me com eles. Mostrar que também era uma criança fixe, né? Mas eles não deixavam.
- Mas esta questão de fazer parte do grupo de amigos. Sempre foi uma coisa mais ou menos importante para a Sónia, durante a escola?
- Sim. Muito. Eu... agora já não tanto. Agora ainda sinto mas agora já não sinto tanto. Agora não preciso de dizer a ninguém para virem. Agora eles vêm. Na altura se ninguém puxa-se por mim, então.
- Então mas essas amigas da primária que se conheciam umas às outras conheciam-se de onde?
- Vivíamos todos aqui na Quinta da Longa.
- Só que a Sónia não costumava brincar com essas crianças? Não. Elas conheciam-se porque umas eram da creche. As outras minhas amigas, as mães delas eram amigas.
- Então conheciam-se mesmo antes de terem entrado na escola não é?
- Sim, elas sempre saíram.
- Que idade tinha a Sónia?
- Quando?
- Quando entrou para a escola primária.
- Seis anos, sei lá, primeira classe seis anos.
- Fazia os 7 quando?
- Em Julho.
- Já haviam grupos formados quando entrou para a escola enquanto que a Sónia não tinha ninguém.
- Sim, aquilo foi novidade. Foi pura novidade.
- Foi para um grupo que já estava feito e no fundo tinha que (...)
- Sim, ninguém me ligava nenhuma.
- E foi se mantendo, mais ou menos, até esse oitavo ano que chumbou por faltas?
- Ya.
- E que veio para aqui viver com o seu pai.
- Sim, o oitavo ano já foi diferente.
- O que é que fez nesse resto do oitavo ano porque reprovou por faltas no primeiro período? Ficou o resto do ano sem fazer nada?
- Fiquei, quando chegou às férias do natal eu vim ter com o meu pai. Falei com a minha mãe. A minha mãe perguntou: então e a escola. As aulas já acabaram? E eu disse: já. E ela disse: e então? Eu disse: olha fui excluída por faltas, outra vez. Ai é. Por isso vou para casa do pai. Pois. Só que já não foi preciso fazer as minhas malas, porque ela já estava tão farta de me aturar que já nem dizia nada. Eu fiz as minhas malas e vim. O meu pai já veio farto de dizer que ficou tão contente. Começou a fazer tudo por mim, a fazer uns planos, a preparar o quarto. A comprar tudo que eu gostava. Ele sabia que eu gostava de uma comida então era durante uma semana, até eu me fartar, era sempre assim. Dava-me sempre dinheiro. Mesmo, até agora é assim, eu e a minha irmã somos os brincos dele.

- Os brincos?

- Os brincos. Os brinquinhos. Ele diz isso a toda a gente. Temos muito valor.

- Tem muito orgulho, é isso?

- Sim, ele gaba muito as filhas. Tudo o que é as filhas para ele é sagrado. Então vim para o pé dele e ele recebeu-me muito bem. Eu fiquei a minha irmã ficou lá. Entretanto, mesmo quando eu fui viver com a minha mãe todos os fins-de-semana o meu pai ia-nos buscar. Ia Sábado de manhã e trazia-nos domingo à noite. Quando eu vim para aqui, todos os dias mesmo os dias de semana, quando eu queria estar com ele o meu pai levava-me. O meu pai sempre teve carro. Ele levava-me e se eu quisesse passar as férias com ele, ele deixava.

- Ele fala com a sua mãe?

- Sim muito. Eles telefonam-se. O meu pai vai lá. A minha mãe é que não vem cá, nem ela quer, nem o meu pai aceita. Mas eles falam-se muito bem. Tudo o que tenha a ver comigo e com a minha irmã eles tratam-se muito bem e o meu pai ajuda a minha mãe. A minha mãe sabe que ele ao ser o pai das filhas. Ya foi muito bom. Acho que a minha situação ia piorar. Eu vim e continuei com o meu pai e fiquei o resto do ano em casa. Não saía, tipo, a minha irmã chumbou também. Eu fui excluída no primeiro período. A minha irmã. Há entretanto a minha irmã apanhou-me, no sétimo ano, no ano que eu passei, estudámos juntas. Ela chumbou dois no sexto e eu três no sétimo. Ela apanhou-me, estudámos juntas no sétimo ano. Eu passei e ela chumbou. Ficou no sétimo ano. Eu passei para o oitavo, ele ficou no sétimo. Quando fui para o oitavo e reprovei ela chumbou o sétimo outra vez. Então pronto. Ela chumbou. Ficámos de férias. Eu já não estava na escola. Ela ficou de férias. Eu ia ter com ela, ela vinha para cá. Ia-mos para a praia juntas, fazíamos tudo juntas, andávamos sempre juntas.

- E foi nesse ano que a Sónia veio inscrever-se no Centro de Emprego?

- Sim, aliás nem fui eu, foi o meu pai. Se eu soubesse do Centro de Emprego já tinha vindo antes. Ou seja a Sónia não chegou a fazer o oitavo ano escolar?

- Não. Porque só cheguei a fazer o primeiro período.

- Foi o seu pai que a inscreveu no Centro de Emprego.

- O meu pai andava, o meu pai informava-se muito. Ele lutava mesmo para fazer alguma coisa por mim. Eu chumbei o oitavo ano e mesmo assim o meu pai nunca me deixou de dar nada. Nunca me tocou nunca brigou comigo. Sempre me deu muitos conselhos que eu me lembro bem e procurava, como trabalhava em Lisboa, tinha muitos amigos, muitos conhecimentos. Ele dizia que havia muitas moças e moços na mesma situação eu mas estavam a tirar cursos. Pois sabia que eu era muito inteligente. Que tinha "chances" de ser alguém na vida. Que eu podia tirar um curso que me fosse safar no futuro e todas essas coisas. Eu não sabia o que se tratava. Eu pensava que cursos, cursos. Era só depois de fazer o 12º e essas coisas, a universidade. Ele informou-se e teve a descobrir. Já te inscrevi e eu disse: o que? E eu fiquei assim. Depois comecei a dar-me com essas pessoas.

- Mas ele não pode ter-lhe inscrito aqui no Centro de Emprego sem a Sónia saber. Levou-lhe um formulário foi?

- Não me lembro. Eu lembro-me bem de ter preenchido um papel qualquer e eu nem sabia do que se tratava. O meu pai disse que me inscrevia num curso que eu nem sabia o que era. Só quando comecei a vir às entrevistas.

- Quando chamaram a primeira vez.

- Sim, foi aí que eu percebi que ia tirar um curso para ter o nono ano. Então eu fiquei logo muito contente. Agora é que eu vou atinar.

- E já começou o curso? Quando é que começou?

- Em Setembro, dia 6 acho eu.
- Então já está desde Setembro a frequentar um curso lá no Centro de Formação do Seixal.
- E então?
- E então foi a melhor coisa que me aconteceu na vida.
- Então?
- Porque gosto das aulas, gosto dos amigos. Agora já estou mais velha, já tenho mais experiência.
- Quais são as aulas que tem?
- Tenho Inglês, Matemática, já tive Informática e Actividade Comercial e acabou. Tenho Cidadania, Mundo Actual, Português. Agora tenho A.T.V. Das nove e meia às 4 e meia. É um horário espectacular. Os meus formadores, eu adoro. Algumas colegas eu posso dizer que são minhas amigas. Andamos sempre juntas. Não foi preciso muita coisa para eu me relacionar.
- As suas colegas são todas dali?
- Sim, são todas ali daquela zona. Sim, não. No Centro de Formação tenho muita gente que eu conhecia quando fui morar no Seixal. Tenho muitos amigos no centro. Nunca estou sozinha, estamos sempre em grandes grupos. E gosto da matéria que dou. Tenho muito boas notas. Sou a melhor ou uma das melhores da turma.
- Para o curso de empregados comerciais, não é?
- Sim.
- Na área comercial?
- Tá a gostar?
- Estou. Muito, tenho muito boas notas. Eu não estudo mas eu gosto tanto daquilo. Aquilo é tão bom para mim que eu fico as aulas todas a tomar notas. É tudo muito bom. Tenho muitos amigos meus que têm aquela vida, não estudam, não trabalham, querem é jogar futebol e estar com os amigos. Quando os encontro no autocarro eles dizem que não estão a fazer nada e eu explico que estou a tirar um curso que aquilo é muito bom.
- Então explique-me lá como se fosse uma dessas suas amigas.
- É um curso que nos vai beneficiar, para já o curso de empregado comercial tem muita saída, não é? É fácil encontrar-mos emprego quando acabarmos o nono ano. É bom termos o nono ano e ficarmos com uma boa qualificação profissional. Conhecemos muita gente nova. Como é que está organizado o curso?
- Temos muita prática.
- Como é que a pratica?
- Fazemos muitos trabalhos de grupo. Eu adoro trabalhos de grupo. Eu adoro poder participar. Eu chamo muita atenção na minha turma. Eu trabalho com as minhas colegas, fazemos muita coisa. Trabalhamos muito.
- O que é que é diferente da escola afinal de contas?
- Não, além de trabalharmos muito, são coisas que despertam muito interesse, a matéria não é tão... cansativa, sempre a mesma coisa, como na escola. A matéria é mais curta, damos só o básico, não damos tanta coisa que às vezes começamos a olhar para os professores e pensamos: para que é que

eu estou a aprender isto, isto no futuro vai-me servir para quê? No fundo, a gente até sabe para que é que aquilo nos vai servir mas é chato. No curso a gente aprende muita coisa da escola, mas é diferente, né. Não aprendemos tanto. Não temos trabalhos de casa. Temos testes em todas as disciplinas.

- O que é que aprende lá?

- Falamos sobre a adolescência, sobre a natureza, sobre as drogas, falamos sobre o mundo actual onde vivemos. Tudo o que tem a ver com o mundo. Fazemos muitos debates, fazemos inquéritos às pessoas no centro. Saímos em grupos, vamos fazer inquéritos. Agora estão a organizar visitas de estudo, principalmente em mundo actual a professora está a falar sobre a poluição atmosférica. A água, o lixo. Nós queremos fazer uma visita de estudo não sei ainda, para irmos limpar alguma zona para incentivar. Visitas de estudo. Sei lá. Toda a gente naquele centro briga para poder ir comer.

(Risos)

-m A parte que eu mais gosto no Centro é a hora de almoço.

- Quanto tempo têm para almoçar?

- Uma hora. Da uma e meia às duas e meia.

- Mas não têm intervalo da parte da manha?

- Temos, temos intervalos de 20 minutos, meia hora. (Risos)

- Então como é que é isso?

- Há professores mais simpáticos que outros.

- Cada período de formação tem quanto tempo?

- Duas horas, às vezes não temos.

- Nas faltas os professores faciitam-nos muito. Quando nós não podemos. Em vez de marcarem falta como na escola. 15 a vinte minutos de atraso. Eles não marcam falta. Eles dizem se portares bem, não sei que, não marcam falta. Só mesmo se não aparecermos é que eles marcam. Nós temos um bom relacionamento com os nossos formadores.

- Acontece com muita frequência atrasarem-se muito?

- A minha turma é só raparigas. Bem tudo de bom que eu estou a falar do curso eu estou a falar de mim. Mas naquele curso, a turma em si, não vale nada. Somos todas muito inteligentes. O meu formador estava ainda hoje a dizer que ele tem uma turma em Sesimbra e a nossa turma é muito melhor que a deles. Nós temos muito mais cabeça. Mas eles conseguem ter melhores notas, na nossa turma duas, três no máximo conseguem ter positiva nos testes, no fim de cada unidade. Porque faltam muito. Três foram retiradas do curso. E outras 3 estão em vias de extinção, também. Estão quase a ser postas fora. Toda a gente fala muito nas aulas.

- E perturbam muito?

- Nós trabalhamos muito e os formadores acabam às vezes por ser muito menos rígidos do que o que deviam de ser. O nosso formador ainda hoje, de A.P.V.

- A.P.V?

- Animação em Ponto de Venda. Só para ver se nós conseguimos tirar boa nota se elas conseguem tirar positivas nos testes. Fizemos, a matéria toda que a gente teve a dar desde Janeiro que começa-mos esta disciplina. Começamos a fazer trabalhos, esquemas e a por na parede. Quer dizer nos vamos fazer teste daqui a umas semana. Quer dizer olhamos para as paredes e escrevemos. Temos as respostas escritas nas paredes. Isto é que o professor faz para a gente ter positiva nos testes.

- E o que é que Sónia acha disto? Desta facilidade toda que é dada.
- Eu acho que as minhas colegas é que são muito burras.
- Acha que os professores, os formadores, deviam fazer isso? Acha bem que façam isso?
- Por um lado, eu acho que o curso no princípio eles não nos conheciam. Não sabiam o que é que iam fazer de nós, né? E eu já achei muito fácil. Eu nunca precisei de muita coisa para ter boas notas. Mesmo as minhas colegas, elas também são inteligentes. Então para quê facilitar mais? Acho que não deviam facilitar tanto.
- Acha que havia um limite?
- Havia um limite, porque elas, se o curso desde o princípio já é tão fácil. Mesmo assim acho que elas não vão melhorar muito.
- Mas começa a ser também chato para vocês que têm melhor nota.
- É chato para nós sim, é chato para nós sim. É muito chato. Eu hoje estava a olhar para o meu professor e estava a tentar perceber. Porque é que ele quer por a matéria toda na parede, porque é só olhar e copiar.
- E tem-lhe dito isso?
- Eu digo-lhe muitas vezes, de vez em quando falo com o professor e digo e o professor diz que ele tem que fazer estas coisas para a gente. Para a gente se aplicar. Mas pronto eu sou formando e não tenho que dizer nada. Eles sabem o que fazem. Há reuniões constantes sobre a nossa turma, para verem o que é que eles fazem. Comportamento, muita brincadeira, só de vez em quando é que a gente lembra-se de fazer tudo bem. Nós temos 4 horas. Nas duas horas de manhã portarmo-nos bem, nas duas horas seguintes, super mal. E à tarde vem outra vez, conseguimos acompanhar., mas por outro lado há muito desleixo. Não querem saber. É daquela turma.
- A Sónia já esta para levar aquilo mais a sério é?
- É a minha vida, eu gosto muito daquilo, quero avançar. E quando eu acabar este curso vou inscrever-me noutra para fazer o décimo segundo. Não sei se vai dar para ficar naquele Centro de Formação. Fico noutra qualquer mas eu quero.
- Então que utilidade, que sentido é que acha que este curso tem para a sua vida?
- Saber trabalhar em lojas.
- Acha que vai saber trabalhar em lojas depois do curso?
- Eu acho que sim. Acho que é uma coisa que tem a ver comigo. Eu gosto muito de conviver, eu gosto de falar, de ajudar os outros. E se trabalhar numa loja eu vou ajudar os outros. Conhecer muitas pessoas diferentes, eu vou falar com muita gente.
- Mas então quer tirar outro curso a seguir? Não está a pensar procurar emprego depois deste?
- Não eu quero procurar emprego mas vou fazer mais algum tempo porque a minha irmã está a fazer o mesmo curso que eu mas na escola. Então a minha irmã acaba ao mesmo tempo que eu mas vamos estagiar em sítios diferentes, né? E depois vamos fazer o mesmo curso do 12º juntas.
- Então? O mesmo curso de 12º porque?
- Porque queremos estar juntas, estamos a tirar o nono ano juntas, no mesmo curso. Empregadas comerciais. E queremos seguir o mesmo curso juntas.

- Mas isso pode não acontecer. A Sónia sabe?
- Ya.
- Podem não conseguir entrar para a mesma turma.
- Mas eu tenho fé. Se nós não conseguirmos ficar na mesma turma, se ficarmos no mesmo centro, pelo menos temos sorte. Não sei vamos ver.
- Este curso esta a alimentar muitas esperanças na Sónia, sobre o futuro.
- Muito.
- Que esperanças?
- Esperanças de ter um bom emprego, não sei. Eu não queria. Apesar de tudo o que tem a ver com atendimento ao público nós aprendemos ali, né? Tipo, eu não espero ficar só numa loja, ali a falar com as pessoas. A vender. Eu quero procurar mais que isso, não sei. Trabalhar numa empresa qualquer com o curso que eu quero fazer no 12º ano. Eu acho tudo bonito, né? Mas o que eu quero é trabalhar.
- Gostava de ter um papel mais importante?
- Sim. Eu quero poder..., sim, eu já perdi quatro anos, né, andei quatro anos na brincadeira. Agora vou fazer 18 anos em Julho e quero aproveitar. Quero tirar bons resultados disto e pensar. Eu fiz muita asneira no passado mas agora estou com juízo, agora estou muito bem. Eu quero ter orgulho de mim mesma.
- O que é que acha que já ganhou neste curso?
- Olhe, já calei a boca de muita gente, para já.
- A quem é que refere?
- A minha família e a coisa mais importante, mais importante que mim mesma, é dar orgulho aos meus pais. Principalmente pela minha mãe. Ela dá tão duro no trabalho e eu prejudico a ela em tanta coisa, agora quero trabalhar para ela. Talvez ainda vá para Universidade quem sabe. Ainda sou nova. Eu quero estudar, quero ter um bom emprego, quero dar orgulho aos meus pais, quero ser alguém.
- Quer ser alguém? O que é para a Sónia ser alguém?
- É ter um emprego que eu goste, sentir-me bem comigo mesma. Ter dinheiro para fazer as coisas que eu gosto, ter o que é meu e manter uma aparência também para os outros. Para os outros dizerem mas ela está bem. Eu, poder ser alguém é poder ter aquilo tudo que eu gosto. Ser feliz. Estar bem com aquilo que eu quero.
- E acha que o curso tem estado a proporcionar isso?
- Sim, eu acho que sim, se continuar e passar vou continuar com os meus estudos. Evoluir e talvez no futuro apanhe uma sorte grande. Ter mais oportunidades.
- Acha que o curso lhe pode dar mais oportunidades, é isso?
- Sim.
- Quando é que acaba o curso?
- Em Maio ou Junho. Por um lado tenha pressa para terminar por outro... Muitas colegas minhas já não sabem o que hão-de fazer. Já estão fartas daquilo, querem sair. Eu adoro aquele centro, adoro as pessoas, adoro a matéria que dou, os trabalhos que faço. O caminho, agora vou apanhar os transportes.

- A Sónia esta viver agora com quem?
- Com o meu pai.
- Vai todos os dias para o Seixal?
- Todos os dias. No Inverno quando chove mais...
- Fica lá
- Não, o meu pai vai-me buscar de carro ou vou dormir com a minha mãe. Hoje é a folga dela vou dormir com ela lá. Ainda vai para o Seixal hoje?
- Vou, Vou tomar banho, despachar-me. Vou de Comboio.
- Vai de Comboio.
- Agora é rápido dantes apanhava dois. A torre da Marinha ou Quinta da Marinha mas os horários dos autocarros daqui até à torre da Marinha é complicado. Demora muito tempo.
- Então o que é que faz?
- Apanho o 6 da Câmara até à Coina e depois da Coina apanho Fertagus até aos Fogos da Amora.
- E vai mesmo até lá? Dos Fogos de Amora vai a pé até ao centro de Formação?
- O meu passe já está pago, posso ir de autocarro ou a pé, se tiver lá um autocarro sigo.
- Então acha que este curso está ser?
- Muito. Bastante.
- Tem muitos sonhos para o futuro, não é?
- Muitos. Às vezes até tenho medo de cair.
- E acha que pode não correr como a Sónia espera?
- Não sei, pode não correr, o trabalho está difícil, há aí tanta pessoa. As vezes até os meus vizinhos dizem para me rebaixar por causa de muitas coisas que eu fiz. Diz: o teu primo tem o 12º ano e não está a arranjar trabalho e tu vais arranjar trabalho.
- As expectativas baixas das outras pessoas em relação à Sónia.
- Não.
- Mas irritam um bocadinho, não é?
- Irrita. É o que me dá mais força, quando me rebaixam, eu sou uma pessoa que quanto mais me pisam mais eu tenho moral. Além de querer calar a boca a eles eu quero lhes mostrar.
- Há pessoas que acreditam na Sónia?
- Os meus pais, os meus formadores sem dúvida.
- E às vezes há certas coisas que conseguir e não conseguir não têm a ver só com capacidades. O ter um bom emprego não tem só a ver com ter capacidades ou não ter.
- Pois o único pensamento negativo que eu tenho é só isso: não depende só de mim.

- Claro.
- Às vezes os cursos podem correr muito bem mas depois eu chegar lá fora e não encontrar nada lá fora.
- Mas qualquer das formas um dia de cada vez, não é? O curso está a correr e tudo depende da Sónia. Está nas suas mãos e está a agarrar essa oportunidade.
- Eu estou a agarrar, estou a agarrar com as duas mãos, muito bem.
- Tá bem, eu gostei muito da nossa conversa, não é?
- Também gostei.
- De tudo isto que nós falámos e se calhar vamos ficar já por aqui, porque hoje conversámos muitas coisas, conversámos o essencial e se calhar dispenso que a Sónia venha cá uma outra vez, portanto já não há muita necessidade... Eu agradeço a colaboração da Sónia, Tá bem?

**ANEXO 3**

**ENTREVISTA AO RICARDO**

## ENTREVISTA AO RICARDO

- Pronto, então é assim: a nossa conversa começa com uma pergunta apenas, ou seja, eu gostava que o Ricardo me contasse qual a sua história até chegar aqui ao Centro de Emprego, até ao momento em que veio cá, antes naturalmente de ir para a formação. É óbvio que, só para lhe explicar um pouco melhor, há duas coisas que nos interessam especialmente. Uma delas é perceber o percurso escolar do Ricardo, escolar, portanto antes da frequência da formação. E a outra é essa experiência porque está a passar que é a formação profissional que está a frequentar. Naturalmente para contar essa história se achar importante falar de outras coisas como, por exemplo, da sua família, dos seus amigos, dos seus tempos livres, de outras coisas relacionadas com a história do Ricardo no global, pode fazê-lo, está bem? Então mas partimos daí pela contagem da história até ter chegado aqui até ao Centro de Emprego.

- Sim, prontos, eu estudava, eu estudo, não é. E eu...tinha algumas dificuldades na escola e pronto e...quando soube que, prontos, havia inscrições para cursos, inscrevi-me, vim até cá, fiz os tais exames. Pronto. Cá estou, agora estou no curso -

- Que dificuldades eram essas que o Ricardo sentia na escola? Em que ano estava?

- Estava no 7º ano.

- Estava no 7º. Portanto, e concluiu o 7ºano?

- Não. Ainda estava a frequentar.

- Estava a frequentar. Pela 1ª vez?

- Sim.

- Que dificuldades eram essas que sentia?

- Não eram propriamente dificuldades. Era mais por faltar e -

- Faltava à escola?

- Sim, mas era pouco. Depois havia várias matérias, prontos, que tinha alguma dificuldade mas não era assim...

- Que matérias é que tinha dificuldade?

- Algumas, assim tipo Ciências, Matemática. Algumas, não era assim muitas. Inglês.

- Achava difícil -?

Sim, um bocadinho.

- Aprender nessas disciplinas...?

- Depois quando soube que havia inscrições para os cursos, inscrevi-me neste curso, pronto, como serralheiro mecânico. Pensava que mecânica - carros.

- Pensava que tinha a ver com a Mecânica de Automóveis, foi?

- Pensava que fosse mais por aí. Depois entrei. Agora estou a gostar. Agora vou no 2º ano. Estou a estagiar já há dois meses e meio ali em Alhos Vedros na Metalúrgica. Pronto. Estou lá já há umas 3 semanas.

- Conte-me um pouco como é que eram as coisas na escola antes de ter entrado no curso.

- (Pequeno riso) Eram normais. Estudava na mesma.

- Era uma pessoa que estudava, o Ricardo, portanto?
- Mais ou menos. Não estudava muito, mas só o básico. Meia horinha, para aí. Não estudava muito.
- E já tinha reprovado alguma vez ou não?
- (Pequeno riso) Já, já reprovei.
- Em que anos?
- No 5º ano.
- No 5º?
- No 5º ano, no 6º.
- Quantas vezes havia reprovado?
- Algumas. Para aí umas duas.
- Umas duas. Que idade quando fez a escola?
- Eu tinha 17, vá 16, quase a fazer 17. Agora tenho 18. Fiz agora o (...).
- Hum, hum. Então como é que soube do curso?
- Eu andava na escola, entretanto foi lá uma senhora.
- Qual era a escola?
- (Risos.) Era ali ao pé do (...).
- Hum, hum.
- Eu andava aí. E depois, depois foi lá uma senhora com uns papeis, a perguntar quem é que se queria inscrever num curso, num curso profissional. Sabe quem era essa senhora?
- Não. É uma senhora (...) que andava só com uns papeis. Falou connosco e com o director de turma. E depois a gente inscrevemo-nos. Depois ela disse que depois recebíamos uma carta em casa a dizer que era para nos apresentarmos aqui. Cá estou.
- E então, o que é que o fez pensar que a formação seria melhor que a escola? Ou pelo menos, optar pela formação em lugar de continuar a escola?
- Não sei, porque se calhar...não sei. Foi mais por encontrar novos amigos, aprender também outras coisas, aprender a lidar com máquinas...pronto, coisas assim.
- Então e agora quer-me contar como é que foi? Como é que tem sido o curso nestes 2 anos? Como é que funciona, por exemplo?
- (...) tem sido bem.
- Como é que é? Como é o seu dia-a-dia desde que está na formação?
- É assim. Nós todos os meses mudamos de horário. Nós não, os professores mudam. Por exemplo, temos uma semana de, pronto...uma semana...uma semana de aulas normais em que entramos às 8 e meia. Depois vamos almoçar ao meio dia e meio. Voltamos à 1 e meia. Depois saímos às 4 e meia. Depois nesses tempos, durante a semana temos uma vez ou duas oficinas. Depois temos Desenho,

temos Matemática, Português, Mundo Actual. Assim, várias disciplinas. Eu também desenvolvi um pouco, pronto.

- E o estágio quando é que começou? O Ricardo já fez estágio?

- Já, já. Há um mês e meio. Agora neste 2º período é dois meses e meio. Agora voltamos para a escola no final do estágio. Estamos lá mais um tempinho. Depois voltamos para o estágio outra vez mas já são 3 meses. E depois é que vemos se ficamos lá se não.

- Vão sempre ao longo dos 3 anos de curso, não é?

- Sim.

- Ao longo dos 3 anos de curso vão sempre alternando entre o estágio e -

- E um determinado... determinado tempo vai aumentado para ver se nós aprendemos melhor. Como é que a gente está. Para ver se depois no final de estágio. Depois de fazer os exames. Não sei qual é os exames. (Pequeno riso) Depois do estágio, para ver se ficamos aprovados, se passamos.

- Então, disse-me que estava na Metalúrgica -

- De Alhos Vedros.

- De Alhos Vedros. O que é que está lá a fazer no seu estágio?

- Agora estou a fazer uns contentores, prontos, entre aspas, em ferro. A fazer isso, a rectificar, a soldar. A mexer com várias máquinas.

- E vai estando com a orientação de alguém no estágio?

- Sim, sim. Nós temos...cada um de nós tem um oficial ao pé, ao pé de nós. A explicar-nos. A ensinar-nos. A dizer como é que as coisas funcionam. Máquinas. Como é que a gente deve trabalhar.

- O Ricardo nunca tinha trabalhado?

- Não, não.

- Nunca tinha tido nenhuma experiência profissional?

- Não.

- Como é que está a ser esse contacto com a empresa e com o trabalho?

- Está a ser bom.

- Está a gostar dessa experiência, é?

- Sim.

- Sente que tem aprendido? O que é que tem aprendido?

- Sim. Sim, tenho aprendido muito. Ao nível de, prontos, ao nível do curso que eu estou a tirar como formação.

- Hum, hum. Mas há pouco estava a dizer que quando lhe falaram na serralharia mecânica que o Ricardo imaginou que talvez tivesse alguma coisa a ver com a mecânica dos automóveis. Então, eu imagino que no fundo gostava de ter ido para Mecânica de automóveis, era?

- Sim, eu tenho pensado, não sei se é bom se não, eu tenho pensado quando acabar este curso (...)Mecânica, Mecânica de Automóveis. Não havia vagas. Fui a Lisboa. Não havia. Já estava esgotado. Não havia.
- Foi a Lisboa aonde?
- Foi ali ao pé do Terreiro do Paço.
- O Centro de Formação para o Sector Terciário, é?
- Não sei dizer o nome.
- Não sabe dizer o nome. Então, como é que foi para si viver a experiência de um curso diferente daquele que gostaria?
- Até agora está a correr bem.
- A serralharia mecânica -
- Sim.
- Está-lhe a agradar.
- Está. De certa forma, está. Pronto, não era bem isso que eu queria. Mas, pronto, já que estou, não vou desistir. Agora acabo. Depois se me der bem na empresa, continuo. Se não der, vou tentar um outro curso, que seja de Mecânica, prontos, de automóveis.
- Tem esperança de ficar a trabalhar onde está no estágio, é isso?
- Sim.
- Quando diz quando me der bem na empresa, é isso que está a referir? De ficar a trabalhar lá?
- Sim, se me derem emprego, já não vou tirar outro curso. Mas se não derem, tenho de procurar. Vejo se arranjo qualquer coisa. Se não arranjar, então sigo outro curso.
- Se lhe derem emprego então imagino que para o Ricardo esse é um aspecto importante: o conseguir emprego depois do curso, é?
- Sim.
- Mas coloca a hipótese de não conseguir?
- Não sei. Prontos. É eu procurar noutro sítio para ver se fico, ou então tentar tirar outro curso.
- E tirar outro curso, acha que vai servir para arranjar emprego?
- Não sei. Pode ser que sim, pode ser que não.
- Então qual a vantagem de tirar outro curso?
- Vantagem porque, prontos, não é, vou tirar um curso que gosto.
- Pela possibilidade de finalmente aprender o que gostaria realmente.
- Já desde pequeno que mexo em carros. O meu avô, pronto, tem stands de automóveis. Desde pequeno que mexo, gosto. Não sei. Vou tentar. Pode ser que um dia mais tarde consiga, não sei. Ou arranje emprego.
- Portanto, o Ricardo está a terminar o 2º ano, não é?

- Sim, sim.
- Termina o 2º ano quando?
- Agora no final dos 2 meses e meio.
- No final dos 2 meses e meio. Lá para Julho?
- Sim.
- Lá para Julho. E entretanto, depois ainda tem mais um pela frente?
- Sim, tenho mais um ano.
- E como é que tem corrido as coisas neste ano e quase 2 anos que tem estado?
- Tem corrido bem.
- Tem tido bons resultados? Como é que foi o 1º ano?
- Foi bom, mais ou menos. Não foi lá grande coisa, mas –
- Não foi lá grande coisa, então?
- Quer dizer, não foi assim, notas muito altas. Mas, prontos, deu para passar minimamente.
- Hum, hum. Quando pensa no curso e na escola, não é, já que o Ricardo optou para ir para o curso em vez de continuar na escola, porque a verdade é que a sua escolaridade obrigatória é o 9º ano, não é?
- Sim, sim.
- Nasceu em que ano?
- 87.
- Pois, exactamente. Podia ter optado por fazer o 9º ano na escola ou de outra forma. E optou por fazer de outra forma, na formação profissional. O que é que para si foi a grande diferença da escola para a formação, para a formação que está a fazer?
- É mais fácil. É um bocadinho mais fácil.
- Acha mais fácil. Mais fácil porquê?
- Se calhar os 'stôres não apertam tanto como apertam na escola. Algumas coisas são diferentes. É diferente, não tem nada a ver.
- Sente isso?
- Sinto.
- E essa é a principal diferença? Ser mais fácil?
- Não. Também conheço novas pessoas. Outros professores. Outros colegas.
- Então quer dizer, por exemplo, se na escola fosse tão fácil como acha que é o curso e se pudesse conhecer novos colegas, teria continuado na escola em vez da formação?
- Sim, talvez.

- Talvez? Para si o mais importante de tudo realmente e o principal na decisão de ter ido para a formação foi mais o ser mais fácil e o conhecer novos colegas?
- Foi mais também por fazer o 9º ano e ficar também com a carteira profissional.
- Era importante para o Ricardo aprender uma profissão?
- Sim. Sempre tem mais alguma vantagem do que ficar só com o 9º e ficar também com alguma carteira profissional.
- E porquê? Por que é que isso da carteira profissional é importante para o Ricardo?
- Porque, se calhar, um dia mais tarde para arranjar emprego, se calhar, é mais fácil do que não ter.
- E os seus pais o que é que dizem disto? O Ricardo vive com os pais ainda?
- Vivo.
- O que é que eles acharam desta decisão?
- Acharam uma boa ideia. Como já disse, é bom, porque como isto está hoje em dia ficar só com o 9º ano e não ter, prontos, quase cursos, não saber quase nada é muito mais difícil do que se tiver um curso já com o 9º ano, algum curso para ajudar.
- Essa é a opinião dos seus pais?
- Sim, também.
- O que é que eles fazem já agora? Qual é a profissão deles?
- O meu pai é motorista.
- Motorista de quê? De pesados?
- Sim, conduz ligeiros, conduz pesados. E a minha mãe tem -
- Trabalha numa empresa específica, é?
- Sim, sim. A minha mãe....tem...tem casa de repouso, pronto, lares. É tipo lares.
- Trabalha em lares ou tem um lar?
- Tem lares.
- Tem lares. É proprietária e dirige lares de 3ª idade. É isso?
- Sim, sim.
- E os seus pais estudaram também, estudaram mais? Já que estamos aqui a falar de escola e de estudar.
- A minha mãe tem o, prontos, vá, fez o 6º ano antigo.O meu pai fez até ao 9ºano.
- Hum, hum. E o Ricardo tem mais irmãos ou não?
- Tenho mais 3.
- Mais velhos, mais novos?

- Tenho dois mais velhos e um mais novo. Tenho um mais novo com 11, tenho o meu irmão mais velho com 21 e tenho uma irmã com 26.
- E vivem todos ainda lá em casa?
- Não, só vivo eu e o mais pequeno.
- E os mais velhos estudaram?
- Sim.
- Até que ano?
- Até ao 9º. A minha irmã fez até ao 8º e o meu irmão até ao 9º.
- O que é que eles fazem?
- O meu irmão é segurança (...) e a minha irmã trabalha ali na Moita numa loja de roupa de bebé.
- E o mais novo, tem 11 anos é?
- Estuda.
- Está em que ano ele?
- Está no 5º.
- E as coisas com ele na escola como é que estão a correr?
- Mais ou menos. De vez em quando não estuda mas a gente lá o obriga a estudar.
- Também o obriga a estudar?
- Mais ou menos.
- Porquê? Por que é que acha que é importante o seu irmão estudar?
- Já que eu não estudei como devia estudar, gostava que o meu irmão fosse mais alguém na vida do que eu, prontos, por exemplo.
- Então quer dizer que o Ricardo quando olha para trás acha que devia ter estudado mais, é?
- Sim, um bocado.
- Por que é que acha que não o fez na altura?
- Sei lá. Na brincadeira. Depois. Sei lá. Na brincadeira, mais. Mais na brincadeira. Depois, outras vezes não estudava.
- Mas gostava da escola?
- Ah, mais ou menos. (Risos) Não foi assim...
- O que é que não gostava da escola, então?
- Sei lá. Das matérias. Não me recordo muito bem. Devia ser das matérias. Alguns professores.
- Lembra-se de algum professor que não gostasse?
- Não.

- Já pôs isso tudo para trás das costas?
- Já não me lembro.
- E o que é que gostava da escola? Havia algumas coisas que gostava, não? Disse que era mais ou menos.
- Sim, algumas disciplinas, por exemplo, como as que ainda gosto, de Português. Algumas disciplinas assim...
- E essa relação assim com a escola, do gostar mais ou menos, sempre foi assim, mesmo desde a escola primária?
- Sim, sempre foi assim.
- Nunca foi assim, uma coisa...uma grande paixão para si, a escola?
- Não. (Risos)
- Não?
- Estudo porque sei que tenho de estudar para amanhã ser alguém porque senão...
- Senão tinha muita vontade?
- Mais ou menos.
- O que é que isso significa para si: um dia amanhã ser alguém?
- Hum.
- O que é que para o Ricardo ser alguém?
- Ser uma pessoa com estudos. Pronto, tirar cartas. Prontos, trabalhar, arranjar emprego. Porque sem estudos é difícil. Estar orientado. Estar bem na vida, como se diz.
- O que é que é estar bem na vida?
- Ter casa, ter carro, ter dinheiro, algum, não é, não muito, algum para desenrascar. (Risos)
- É isso que é ser alguém?
- Sim, mais ou menos.
- Mas o Ricardo já é alguém, ou não?
- Sim.
- Não é? Em muitos sentidos já é alguém. É uma pessoa com valor com certeza, não é? (Pausa) Então quer dizer que o ter estudos tem essa importância embora não seja uma grande paixão para o Ricardo?
- Sim.
- Mas entrou para a escola com que idade?
- Com 5.
- E antes já tinha estado nalgum ensino pré-priMarco ou não?

- Já, já.
- Já?
- Já desde pequeno que ando.
- Que idade que...?
- Desde os três anos, mais ou menos.
- Até aos 3 anos com quem é que o Ricardo ficava?
- Ficava com os meus avós. Os meus pais iam trabalhar.
- Os seus pais sempre trabalharam? E a sua mãe também?
- Sim. Outras vezes ia para o infantário lá.
- Já tem uma carreira escolar até longa .Desde os três anos. (Risos)
- Sim.
- E sempre foi assim complicado ir para a escola?
- Não. Havia dias que, pronto, gostava mais, outros que gostava menos. Depende, depende do dia.
- Dependia do dia. Hum, hum. Há bocadinho estava a dizer que isto da formação tinha a possibilidade de arranjar novos amigos, não é?.
- Sim.
- Então quer dizer que fez novos amigos no curso?
- Fiz muitos.
- Muitos. Então quer dizer que neste aspecto tem sido bom?
- Tem, tem.
- Tem? Tantos amigos como professores (?).
- É uma turma de quantos formandos?
- Éramos 19 mas estamos reduzidos a 9.
- Ai, que grande debate(?), não é? O que é que aconteceu aos outros?
- Era mais nas aulas, brincadeira e... coisas assim.
- Foram desistindo.
- Brincadeira, muitas faltas, outros foram desistindo.
- Outros foram sendo excluídos.
- (Pequeno riso) Foi. Entraram para ali, como por exemplo, como eu também como com mecânica. Por acaso entraram muitos com mecânica.
- A pensar que era mecânica de automóveis.

- Outros desistiram, outros continuaram.
- Mas quando falaram com o conselheiro de orientação profissional, no processo, não percebeu que não era mecânica de automóveis?
- Não. Porque eles só disseram que era serralheiro mecânico.
- Mas depois teve uma entrevista aqui no Centro de Emprego, não teve?
- Não, acho que...
- Ah não?
- Não.
- Então como é que foi feito o seu processo? O que é que teve de fazer para entrar para o curso?
- Recebemos a tal carta, viemos aqui, estivemos a fazer os testes, depois fomos embora.
- Já não fez mais nada?
- Não.
- Porque tinha falado já com alguém da escola, não era?
- Não, não. Foi no próprio dia. Vim cá falar com aquela senhora (...)
- Então ainda estive a falar com uma colega?
- Sim, estivemos a falar qualquer coisita.
- Na altura não ficou claro para o Ricardo que a serralharia mecânica não era mecânica de automóveis? Ou simplesmente o Ricardo não perguntou?
- Quer dizer, eu também não perguntei, né, pronto. Pensava que serralheiro mecânico tinha a ver com a mecânica. Não imagina que tinha a ver com ferro, com...
- (Pausa) Estávamos a falar dos seus amigos, não é? Dos que conheceu e dos que foram desistindo, quer dizer que alguns foram ficando pelo caminho. Mas o Ricardo, então, tem conseguido continuar o seu percurso, não é?
- Sim, até agora.
- Até agora.
- Até agora as coisas...
- Têm corrido bem.
- Houve alguma unidade que não tivesse conseguido fazer ou tem tudo feito?
- Não, não. Está tudo feito. Até agora.
- E está com perspectivas de continuar assim como está?
- Sim.
- Como é que é a relação com os amigos da formação? São todos rapazes ou há raparigas?
- (...).

- É?
- Depois têm outro curso, pronto, outro de curso de informática, mecânica.
- Aonde? No local onde têm as aulas, onde têm a formação. Que é aonde? Que é no Quimiparque?
- É aqui ao pé da Casa da Cultura.
- É na Profoc (?).
- É no Profoc (?).
- E como é que é então a relação com os amigos? Conte lá. Como é que é o ambiente?
- É boa, sem confusões nem nada, como se fosse na escola. Na escola era um bocadinho pior, ainda mandaram umas bocas (...)
- Acha que é diferente nesse aspecto? As pessoas são mais...
- Também há mais convívio, porque há mais pessoas da nossa idade. Alguns com menos outros com mais.
- Sentia diferença lá na escola, o facto de ser mais velho?
- Um bocadinho.
- Aqui estão todos em igualdade de circunstâncias, é?
- Aqui está tudo ela por ela: mais um menos um.
- E para além da formação, como é que é o dia-a-dia do Ricardo? Tem outras actividades, outras coisas que faça?
- Tenho.
- Então?
- Neste momento sou...sou bombeiro há um ano.
- Ah é?
- Aqui no Sul e Sueste. Na Moita já andei lá 7 anos. Neste momento, agora não estou a fazer patinagem artística. Já fiz, agora estou parado.
- Tem muitas actividades.
- Faço natação, faço ginástica, jogo futebol. Algumas, pronto, para não estar parado.
- Hum hum. Muito bem. E as suas actividades como bombeiro voluntário consistem em fazer mais ou menos o quê? Intervém em que situações sobretudo? Os bombeiros (...) fazem muitas coisas, não é?
- Fazem. Têm saldas de ambulâncias, como para fogos, como aberturas de portas, lavagem de estradas, assim, algumas coisinhas assim.
- Isso ocupa-lhe muito tempo?
- Alguns fins-de-semana. (Pequeno riso)
- Então quando é que estuda?

- Aos dias de semana.
  - Porque a formação ocupa-lhe os dias todos da semana, não é?
  - Aos dias de semana só.
  - Quando sai da formação, que é a que horas mais ou menos? Às 4 e meia sempre.
  - Às 4 e meia.
  - Mesmo nos dias de estágio?
  - Não. Agora nos tempos de estágio estamos a entrar às 8, estamos a sair às 5.
  - É mais meia hora, o que também não é assim muito mais. Sim, senhor. Então, é assim, se eu pudesse... se o Ricardo pudesse resumir o sentido que tem para si estar a frequentar este curso, o que é que me dizia? Ou seja, por que é que isto é importante para si? Se é que é importante.
  - É importante porque, como já disse, prontos, fico sempre com algum estudo, e aprendo sempre mais alguma coisa e fico sempre com uma carteira profissional para que algum dia precise, prontos, precise. Sempre tenho mais esse papel que ajuda, essa carteira, pronto.
  - Essa é a principal motivação -
  - Sim.
  - Do Ricardo. Então o que é que pensa fazer no futuro quando acabar o curso? Já me falou um bocadinho disso, não é? Mas um bocadinho mais em detalhe. Pensa, há pouco já me estava a dizer, que se acabar o curso e não ficar a trabalhar na empresa onde está, gostava de fazer o curso de Mecânica de Automóveis, não é? Mas vamos supor que até arranja trabalho. Como é que se vê daqui por uns tempos na sua vida?
  - Já melhorzinho. Arranjar emprego, pronto já é melhor. Não é aquela coisa de andar a correr sempre de um curso depois para outro. Estar sempre praticamente no mesmo sítio. É diferente.
- E- os seus pais estão satisfeitos com o facto de estar a fazer esta formação?
- Sim.
  - Ricardo, eu acho que, dentro da medida do possível, o Ricardo já me foi falando de uma série de coisas, daquelas que achou importantes também para explicar, para contar a sua história, da forma que eu lhe tinha pedido.
  - Sim, sim.
  - Isso já foi uma enorme ajuda, não é? Por isso, se calhar, ficamos por aqui. Está bem?
  - Está bem, está bem.
  - Eu vou desligar então.

**ANEXO 4**

**ENTREVISTA AO PAULO**

## PRIMEIRA ENTREVISTA AO PAULO

- No Fundo, a nossa conversa resume-se a uma pergunta apenas: contar a sua história até chegarmos aqui ao centro de emprego, claro que para contar essa história era importante que pudesse-mos falar não só do percurso escolar do Paulo e eventualmente o que o levou a abandonar a escola também no seu percursos formativo. O percurso que fez, como é que foi curso que frequentou. É óbvio que para as pessoas contarem estas histórias podem contar outras coisas da sua vida que considerem úteis para melhor contar a história, como por exemplo, os tempos livres dos amigos da família, está bem? Mas a nossa pergunta é só uma, é aqui por onde nós começamos, pelo contar da história até ter chegado ao contacto connosco.
- Entrei num curso de dois anos, num cursos de mecânica auto, tirei um curso de dois anos e...
- Que era um curso que se inscreveu onde?
- Era um curso que me inscrevi na escola que eu estudava
- Que era..?
- Na Escola secundária de Santo António que tinha ligação ao centro de formação do...
- Do Seixal.
- Seixal. Tive dois anos a tirar o curso.
- Era algum projecto em específico? Como é que se chamava esse projecto?
- Escola incluída
- Escola incluída. Pronto tinha aulas cá, na minha escola, tinha formação lá, haviam dias que era lá. Depois no final de cada ano tinha o meu estágio. Num ano tive num sitio diferente noutro ano tive noutro., pois pronto, o meu estágio, foi na entrada do meu curso que comecei já a ter ligação com o centro de emprego, eles ficaram com o meu nome, com os meus dados, com tudo.
- Como é que era, Paulo, para eu saber, Frequentava a escola?
- Frequentava a escola.
- Estava em que ano?
- No sétimo, e depois informaram-me desse curso só que esse curso era só a partir do oitavo. Oitavo e nono, ficava com o nono ano. Mas eu tive que passar para o oitavo para poder entrar nesse curso, depois foram esses dois anos, fiquei com o nono ano.
- E quem é falou desse curso ao Paulo?
- Era um stora lá da escola, conhecia-me e eu conhecia-a, chamava-se Teresa.
- E ela já tinha sido professora do Paulo?
- Já, de Geografia. Já tinha sido professora de Geografia. Depois passado um ano ou dois estava a correr mal, fui pró sétimo, continuei no sétimo. Continuei no sétimo. Só tava mesmo a ver a saída do curso.
- Tinha reprovado no sétimo, não era?
- Tinha reprovado no sétimo. Já não me estava a ver a sair dali.
- Mas quantas vezes é que reprovou no sétimo?

- Duas.
- E antes tinha reprovado alguma vez?
- Não. Fui para aquela escola, levei duas vezes no nono ano e depois tive que ir para esse curso.
- E porque é que foi para essa escola?
- Era a escola. Eu estudei dois anos na Quinta da Longa e quis logo acabar o nono ano só que o sétimo ano não deram-me para a cidade do sol que é o sítio onde moro.
- É o local de residência.
- É o local de residência e mandaram-me para lá.
- Mas portanto o Paulo gostava de andar na escola da Quinta da Longa em Santo André?
- Antes de eu ir para a Cidade do Sol não queria sair de lá mas entretanto fui para a Cidade do Sol comecei-me a portar mal e, já não queria sair dali, já não queria mais escola nenhuma.
- Porquê?
- Porque foi aquela que eu mais gostei
- Porquê?
- Porque estava ao pé dos meus amigos. Os meus amigos estavam todos ali, ao pé do pessoal.
- Amigos que eram vizinhos também...
- Eram vizinhos, era tudo e foi assim.
- Então o Paulo enquanto andou em Santo André, até ao primeiro sétimo ano, mas reprovou no sétimo ano ali em Santo André?
- Não. Tive lá o quinto e sexto.
- Santo André tem quinto e sexto?
- Santo André não, ali aquela escola ao lado...
- Há! Já estou a perceber... A outra escola da Quinta da Longa também, é uma E.B.2+3.
- É essa mesmo.
- Há, já estou a perceber. Fez o quinto e o sexto aí, e até aí nunca reprovou, fez a escola primária, quinto e sexto ano sem nunca ter reprovado.
- Chego ao sétimo ano...
- Em Santo António
- Em Santo António, foi logo a primeira vez que reprovei, depois reprovei de novo no nono ano e depois já não tava a ver a sair dali, não é? Porque eu entrei no curso, só porque se eu não saísse para o curso eles iam-me mandar de novo pró sétimo porque acho que eu não cheguei a passar o sétimo, não tinha notas suficientes, para tinha sete negas sou mediano em qualquer lado, e eles com sete negas meteram-me no curso, passei do sétimo para o oitavo. Ajudaram-me, tiraram-me dali, porque eu ali já não tava a ver a sair mais.

- Pois estou a ver. O que é correu mal? Tudo tinha corrido bem até aí, o que é que acha que correu mal?
- O que correu mal foi a companhia, foi a companhia, porque eu tinha notas, tinha boas notas só que o que eu tinha era mau comportamento. O meu comportamento é que era mau.
- O que é que era isso de mau comportamento?
- Tinha faltas disciplinares. Mandavam-me sair da sala.
- Mas o que é que fazia nas aulas para o mandarem para a rua?
- Fazia tanta coisa que às vezes eu não fazia nada e já me mandavam, era já tudo meu, tudo meu. Já cheguei tirar cenhas a um professor, quadro cheio, tirava o apagador, depois queria ver como é que ele ia apagar aquilo tudo. Tinha que chamar um funcionário com um paninho húmido ali não quadro, limpar aquilo tudo e coisas desse género.
- E porque é que fazia isso tudo?
- Estava a pensar como é que ele ia apagar o quadro então fazia desaparecer o apagador.
- Gostava de ver como é que o professor iria resolver a situação?
- Há certas coisas que eu fiz que também não sei porque é que fiz.
- Nunca pensou sobre isso?
- Não, aquilo é mais no momento, acontece, faço e depois, também não penso muito nas coisas. Já cheguei a tirar...
- Acha que é uma pessoa assim mais impulsiva, é, primeiro faz e depois pensa?
- É. Eu sou mais assim, primeiro é assim mas outras vezes também penso antes de fazer e chegou a uma altura que isto era, qualquer coisa era o Paulo. Paulo sai. Paulo sai.
- Mesmo quando não era.
- Mesmo quando não era, uma vez os meus colegas da minha turma meteram um papel a dizer "...", dobraram e meteram-lhe (Professor) à frente que era no início das aulas a gentes costumava fazer para o stor habituar-se ao nosso nome. Então meteram-lhe"..." e ele fazia perguntas e ninguém respondia e como ele viu que o pessoal estava a levar aquilo a sério ele vira-se e diz: Paulo sai. E foi a mim que ele tinha feito a pergunta eu comecei-me logo a rir, comecei logo a rir. Eu a pensar para mim: não fiz nada e já me está a mandar para a rua. Depois ele disse: vamos a sair, vamos a sair. Eu disse não fui eu, não fui eu, está aqui o meu papel, não é "...". Se você falar comigo nem lhe vou responder "...". Se eu não respondo manda-me embora mas agora vai perguntar a outro, o outro não lhe responde e tá a dizer Paulo fora, Paulo fora não e coisas desse género. Qualquer coisinha já, mas também não tinha nada que fazer isso.
- O Paulo está a dizer que sentiu injustiçado no fim. Tinha ficado com aquele rótulo do mau da fita.
- Sim, é que foi mesmo assim.
- Porque é que acha que os professores ficaram com essa ideia?
- Porque foram muitas, uma vez desapareci com o rato do computador
- Desapareceu com o rato do computador?

- Sim estava a falar com o stor e peguei na mala dele e tirei o rato do computador e levei para casa.
- Isto foi no sétimo ano também?
- Isto foi no sétimo ano. Isto foi no sétimo ano, não, isto aqui já foi no décimo porque eu acabei o curso e quis ainda tentar estudar. Fui pró décimo e foi aí que vi que não dava
- Porque tinha físico-química nunca tinha visto essas disciplinas na minha vida e fui apanha-las no décimo, "fiquei a ler" "fiquei logo a ler". Foi no décimo ano peguei no rato.
- Voltou logo ao funcionamento antigo.
- Sim, foi até ao décimo segundo e ainda hoje estou a pensar, já tenho o nono ano há muito tempo e eu não consigo arranjar nada de jeito. Não consigo arranjar nada não ser obras, para quê arranjar obras na boa, para isso ficava com o sexto ano. Não estudava mais.
- É isso que sente hoje em dia?
- É isso que sinto e é isso que penso.
- O curso era de mecânica, não era?
- Era, de mecânica auto.
- Mas tinha pensado em ser mecânico?
- Eu gostava porque gostava de estar ligado a carros, e então estive ligado à mecânica só que não deu, não deu porque nunca tive um bom estágio, eu estagiava em qualquer oficina. Em oficinas que nunca ouvimos falar. Tive colegas na Volkswagen, na Audi, na Fiat.
- Quem é que arranjava os estágios? Quem é que fazia os contactos?
- Era... cada colega meu, cada aluno tinha uma técnica, elas trabalhavam...
- Essas técnicas eram da Rumo?
- Da Rumo. Elas trabalhavam para a Rumo.
- A tua escola incluía, já ouvi falar nesse projecto, era um projecto que incluía a escola de Santo António, a Rumo e nós.
- Os centros de emprego e os centros de formação também.
- Os centros de emprego faziam a vossa selecção, não é?
- No início do curso todos tiveram que marcar uma entrevista, no início do curso, foi aí que começou. Fizeram a todos, eu não fiz.
- Sim foi uma colega minha que fez o trabalho de...
- Eu não fiz porque eu não tinha idade para entrar para o curso.
- Mas depois acabou por entrar como?
- Porque fazia anos, eu faço anos em Outubro e a escola começa em Setembro, como é um mês de diferença eu tinha catorze e era só a partir dos quinze, eu ia fazer quinze e era só através de um mês que...

- Conseguiram abrirem uma excepção. Mas aí entravas na mesma como os outros todos, com provas e..
- Provas assim como?
- Através de entrevistas e coisas assim
- Não, eles fizeram entrevista e eu não fiz, nem uma entrevista eu fiz.
- Então entrou directamente sem fazer nada.
- Entrei directamente, entrei eu e mais outro, o outro tinha idade mas não tinha escolaridade.
- Mas também não fez nenhuma entrevista com nenhuma colega lá do Seixal?
- Não, não fiz nenhuma entrevista. Não liguei mais a isso. Fizeram todos, eu não fiz, eu compreendi. Ainda bem que entrei no curso, não tinha idade. Eu ainda estava a pensar se vou entrar se não vou. Estava na dúvida.
- Era importante para si então?
- Era, era muito importante.
- Porquê?
- Eles fizeram tudo por tudo e eu também fiz tudo por tudo pelo o que eles fizeram por mim porque eu tinha que entrar neste curso.
- Quem é que fez tudo por tudo?
- Quer dizer, primeiro foi preciso eu ir falar com eles.
- Eles com quem?
- Eles, aquela stora quando me pôs ali
- E mais? Com quem é que costumava falar sobre o curso?
- Foi só com essa stora, só falei com essa stora. Era a stora Teresa e eles disseram que eu tinha uma bolsa de estudo, explicaram-me tudo, mas isso colegas meus é que ouviram falar. Falaram tudo e eu disse: isso é bom para mim, fui lá falar com a senhora. Com a senhora, com a stora Teresa e depois eram essas coisas que eles me diziam, há... Para mostrar interesse fui lá eu falar com a mulher não deixei ser ela a vir falar comigo. Ela disse vem lá falar comigo, fui lá falar e mostrei interesse, eu quero... Como também já tinha sido minha stora, como eu já disse, ela já me conhecia e tudo e olha...
- Mas quando tu disseste que o curso era muito importante para ti porque é que achavas que o curso era muito importante para ti?
- Porque se não fosse o curso se calhar eu hoje não tinha o nono ano.
- Era sobretudo pelo nono ano.
- Era mais pelo nono ano, sim porque eu a meio do curso já não pensava em ser mecânico pensava em ter o nono ano. Eu só pensava: se acabar o curso vou para o décimo se não acabar vou para o sétimo, é uma grande diferença.
- Então como é que desistiu da ideia de ser mecânico?

- Quando vi no curso, nada, isto não é para mim.
- Porquê, o que é que imaginava antes e o que é que o desiludiu?
- Não sei...
- Antes estava a dizer que gostou da ideia de ser mecânico
- Sim
- Mas não tinha escolha, deve..
- Deve ter sido isso, a meio do curso é que eu vi que aquilo, aquilo não dava. Gosto de carros mas tem que ser outra coisa ligado a carros. Não arranjà-los, conduzi-los, mas não arranjà-los porque se não estou a conseguir desapertar aquela porca começo logo a ficar chateado, com os nervos um gajo acaba por não conseguir fazer, isso é uma granda chatice, até uma vez chatiei-me por causa disso. Havia...
- Era precisa paciência.
- Às vezes só um parafuso não sai uma pessoa perde logo a paciência com aquilo.
- O Paulo é uma pessoa que perde facilmente a paciência, é?
- Depende, depende do que eu estiver a fazer. Há coisas que esgote logo mais há outras que não. Posso estar ali um dia inteiro e não.
- Em que é que você é paciente, Paulo?
- Há paciência em várias coisas, em muitas coisas...
- Há alguma coisa que goste tanto que seja útil para si?
- Sei lá, eu com as mulheres não me farto.
- Hahaha, é um pouquinho mais persistente.
- Com as mulheres. Eu não me esgote.
- Quer dizer, perdeu a paciência a meio do curso, é?
- Perdi muito, só pensava em ir para o décimo ano, na minha escolaridade.
- E foi só isso a dificuldade, a impaciência que as actividades para mecânico exigem? Foi só isso que fez-lhe pensar que aquilo não era para si?
- Foi só isso, não há mais nada.
- Como é que era o curso, explique-me lá, como é que aquilo, como é que estava organizado, como é que funcionava?
- Tínhamos aulas teóricas e aulas práticas, eram muito mais aulas praticas que teóricas, as teóricas a gente já não aguentava, já não bastavam as aulas que agente tinha em Santo António. A gente lá no Seixal só queriamos era práticas, não queriamos lá nada teórico porque a gentes já se estava a fartar então com aquelas aulas teóricas não dava mesmo.
- As aulas teóricas eram onde, Paulo?
- Eram salas que eles tinham mesmo lá, salas de aulas que eles tinham lá dentro.

- Dentro do centro de formação?
- Lá dentro do centro de formação. Quadros em branco, com os marcadores e tal, umas mesas, umas cadeiras, na minha turma eramos quinze.
- Lembra-se das aulas teóricas que tinha?
- Bom já não me lembro da matéria, há, não apanhei nada. Daí não apanhei nada, era só pratico. Teórica, escrevia, falava, só que eu não apanhei nada. Só prática.
- Porquê?
- Não dava, não dava. O stor começava a falar eu já não lhe ligava.
- Desligava
- Já não conseguia. Só quando ele dizia para ir almoçar ou para ir lá para dentro para o pavilhão onde havia carros, onde a gente treinávamos ali, debaixo dos carro com os carrinhos, aí sim, aí já interessava. Agora teórica já não me interessava muito.
- As coisas teóricas não lhe interessam?
- Não sei, não sei, também depende do assunto, não é? Também aulas teóricas de mecânica.
- Que assuntos é que gostava de aprender?
- Teóricos? Eu gosto é de História. Eu gostava porque também apanhei professores que também gostava, não é?
- Quando andavas na escola antes gostas de História?
- História sempre me interessou, interessou porque era a única coisa que gostava de estar ali. Estar ali a olhar para o stor e ouvir.
- Achava interessante.
- Achava interessante a falar de ...
- Porque será que a História é importante para o Paulo?
- Porque gosto, eu acho que a história é importante para qualquer pessoa, para a gente saber o que é que... A gente antes não estávamos cá, não é? Parava gente saber o que é que se passava quando a gente não estava aqui antigamente. Pá, eu achava interessante.
- Para nós sabermos porque é que somos o que nós somos? Como é que chegámos a ser assim?
- É mesmo...
- É o que o Paulo está a fazer aqui, a contar a sua história.
- Pois e o Inglês também se soubesse tinha me aplicado mais. Tive 5 anos de inglês e não tenho nada.
- Desde quando? Desde o ciclo, desde o quinto?
- Desde o sétimo. No quinto e sexto já fui falando e no curso...
- Também tinha Inglês no curso?

- Mas não tinha nada a ver, porque os senhores do nono ano nunca davam o que eu tava a dar, não, era ao contrário, eu é que nunca estava a dar o que eles estavam a dar. Eram coisas básicas.
- Quais é que eram básicas? As suas ou as deles?
- As minhas erma bastante básicas, eram, pá, aquilo era mesmo básico. Português então, eu via os testes dos meus amigos do oitavo, do nono, nada, a partir do oitavo já se tem Físico-Química, eu não tinha nada.
- E o que é que o Paulo achou disso? O que é que achava que aquilo que estava a aprender era básico, como diz.
- Eu não estava muito preocupado, sabia que os outros estavam... prontos, eu sabia que aquilo era diferente. Eles estavam na escola normal, eu estava no curso. Eu sabia que as coisas que estava a aprender eram coisas básicas. Eu já sabia que aquele curso era para nos ajudar. Porque aquele curso quando começou, colegas meus que tinham estudado. Deixaram a escola e eram expulsos, prontos. Foram-lhes buscar a casa, mandaram-lhes carta, esses mandaram, enviaram cartas a perguntar se quiser continuar ou se quiser frequentar este curso. A mim não, a mim fui falar com eles sobre isso, mas o que eu estava a dizer-lhe era que esses rapazes que, prontos, já não estudavam nem nada e as pessoas mandavam cartas tinham sido expulsos. Já não andavam naquela escola, as pessoas é que os foram buscar e disseram: se quiseres, olha, entrar para o curso. Eram vários colegas meus que já nem estudavam, veja lá, eu nem tinha quinze anos e o mais velho da turma ia fazer vinte e um anos e coitado e era o patinho feio, como se costuma dizer. Era mais velho, era o patinho feio, era só rir. Era com cada peça que aparecia lá. Eram gajos dentro do carro a destravar o carro, outros empurravam. Esse o patinho preto, o palerma...
- Mas porque é que esse era o palerma.
- Não o palerma, eu não disse que ele era palerma. Eu sou daqueles que estou a ver pessoas a abusarem mas não deixo de falar com eles e ser amigo deles. Às vezes tou-me a rir, é aquela não é? Estou com eles a vê-los a abusar mas depois digo assim: não liguês pá (eu não sou amigo deles, tá a ver?), não liguês pá, esses gajos são parvos. Só que prontos ele sabe lhe abusam e isso às vezes trás vítimas, sabe-se lá, olhe ainda antes de ontem tive a falar com um rapaz que depois de tirar esse curso já houve quem tira-se o mesmo curso dele, então ontem tive com um rapaz. Para já ontem tive com um amigo meu que tirou o curso dele e ele falou-me que esse rapaz era o patinho preto do outro curso.
- Tá sempre o patinho preto.
- Tá sempre, não sei, mas nesses dois cursos, no meu era, e depois no outro, era outro.
- Porque é que acha que esse fenómeno acontece?
- Eu não sei, pá, os rapazes são diferentes. Eu acho que é todos dão-se, basta um ser diferente, os outros são todos iguais, basta um ser diferente, sei lá... Isolado, não gosta muito de falar, prontos, basta entrar nesse caminho, aqueles que estão sempre a rir, sempre a brincar, não sei quê.
- Ou seja há pessoas que se conseguem relacionar com os grupos melhores que outros. Conseguem integrar-se com outros. É isso que está a dizer?
- É, porque aquela turma era reunida, tipo...
- Quantos eram, Paulo?
- Se desse o segundo toque éramos quinze, um ou outro ia embora. Bastava dar o segundo toque se alguém dissesse já não vou, já ninguém ia. Éramos muito unidos, a minha turma. Como a

minha turma era muito unida bastava um ou dois estar de fora, prontos... Era a turma toda contra aqueles dois. E era isso que se sucedia.

- Quando dava o segundo toque, pronto...
- Eu vi ali com cada coisa, era tanta coisa que se fazia àqueles rapazes. Uma delas era essa. Meter-lhes dentro do carro, tirar o travão de mão, ponto morto e tal, empurravam o carro contra as paredes. Começavam a partir as paredes.
- Isso era lá nas oficinas da centro de formação
- É, aquilo eram pavilhões com uns 7 carros lá dentro, depois eram equipas de 2/3 pessoas, um carro para cada grupo, ficavam lá. Ainda tinham lá bastantes carros. E, tinha lá todo o equipamento. O nosso problema foi que não tivemos mais com esse formador, se a gente tivesse os dois anos com aquele formador agente sabíamos muito mais do que sabemos agora.
- O que é que gostavas nesse formador?
- Era que o homem sabia. Aquilo é que era um formador. Sabia mesmo de mecânica, não era o segundo, o segundo foi, nos dois anos tive quatro.
- Nos dois anos teve quatro.
- Nos dois anos tive quatro
- Mas porquê?
- Eles não estavam a aguentar, não sei.
- O primeiro disse, tou farto disto, e depois dizia: voçês pensam que eu estou aqui para vos aturar, mas ele dizia isto a brincar porque se quizesse dava cabo da gente. Dava cabo da gente entre aspas, corria dali com a gente. A gente portava-se mal e ele fazia, se fosse preciso éramos expulsos do curso, ele não estava para se chatear.
- Então o Paulo acha que ele até tinha mão em voçês. Voçês até o respeitavam.
- Sim... Ele é que quis ir mesmo embora. Ele é que disse, acham... eu não tou aqui para vos aturar, mas ele é que quis ir mesmo embora porque já estava farto daquilo, já devia ter estado lá há mais anos a dar formação a mais turmas. Não sei, mas deve ter sido. Foi para lá outro. Foi para lá outro. A gente é que mandava
- O outro chegou a ir embora, não?
- Um pouco, a gente viu logo que aquele homem é que sabia, aquilo era um homem... ele sabia tudo de carros. Ele era capaz de desmontar um carro e montar à nossa frente. A gente ficava horas com aquele homem. Mas o segundo eu não percebia nada, o segundo veio para ali, agente é que mandávamos nele. A gente não fazíamos nada. Ele não percebia nada daquilo. Não percebia nada. A gente aí começou a ver: afinal mas que é isto? Mas quem é este gajo? A gente começou a pensar, isto já está é... isto já... Depois veio outro. Três formadores, sempre caras novas, a gente já estávamos numa de: isto já não está a dar com nada. Veio, foi-se embora também, esse, o terceiro, a gente a querer tirar um curso de mecânica e esse, o terceiro, meteu-nos um mês ou dois, foi o que ele teve conosco, a limar, a limar. A chave de bocas, a chave de bocas, não é, dáva-nos uma ripa de ferro, a gente tínhamos que limar, limar, limar... Tínhamos que desenhar uma chave de bocas. Metíamos uma chave de bocas em cima de uma ripa de ferro, com um giz desenhava- mos e depois ficávamos um mês ou dois sempre a limar a limar a limar, dois meses a limar. A gente a dizer: mas somos mecânicos ou quê, afinal? Tamos aqui só a limar! A Fazer chaves. Veja lá o que é que a gente estávamos a aprender: a fazer chaves. E depois, esse foi-se embora, também não aguentou....A gente é que não aguentou, a limar. Foi-se embora e veio um baixinho, o último. Esse já eu gostei, o último, ele veio: mecânico de aviões, veja lá. O que é que um mecânico de aviões percebe de carros? Não

percebe nada, Não percebe nada, ele não percebia nada. A gente dava à chave e o carro não trabalhava, ele sabia tanto como eu onde é que era o problema. Dizia: liga lá tudo. Eu ligava, ele ouvia o barulho, não sabia o que é que era, não sabia arranjar, não sabia nada. No primeiro ano foi a troca de formadores mas no segundo ano acho que já foi tudo com esse: o quarto. O mecânico de aviões. Era da força aérea. Era capitão da força aérea, ou sei lá o que ele era, mas esse era... Depois ainda tive outro mas foi numa questão de uma semana porque o meu quarto formador que era o Tavares, este último, foi para o estrangeiro, uma semana, e veio um gajo qualquer para o substituir. Este muito menos sabia, aí é que agente já andava na palhaçada: o que é que este gajo está aqui a fazer? Não nos dizia nada, parecia um colega, a gente já fazíamos o que queríamos dali. Só depois quando o outro veio é que a gente atinámos e prontos. Agora é só este formador, vamos seguir isto, vamos acabar isto.

- Com tantos formadores o que é que o Paulo acha que é um bom formador?
- Um bom formador é...
- Porque é que gostava de uns, porque é que não gostou de outros, o que é que tinham de especial?
- Eles não sabiam, eles não sabiam nada daquilo. O primeiro formador é que nos ensinou mesmo...
- Era importante vocês perceberem, era importante para o Paulo perceber que aquela pessoa percebia coisas?
- Era importante é que aquela pessoa me ensina-se o que sabia. A mecânica a gente sabe que não era um nem dois, aquilo eram vários anos, muito menos dois anos. Em dois anos eu aprendo mas não aprendo mecânica, a mecânica é... um bom mecânico tem uma certa idade, uns certos anos de conhecimento, de prática, de mexer naquilo. Não é eu que nunca toquei num carro em dois anos eu treinava aquilo. Aquele formador a gente vê que percebe e sabe. Aquele era o melhor que havia ali. Ele disse mesmo que não tava para tar ali mais, foi-se embora, depois chegou a ir-nos visitar, ia lá um dia, depois ia lá outro.
- O que é que o Paulo acha que ele se foi embora?
- Foi-se embora porque ele já estava farto de formação. Não daquela vida, de mecânica. Da formação, de estar a ensinar rapazes, porque ele... a gente chegou e estávamos come ele, mas ele já tinha estado a dar formação mais que uma vez. Já devia estar farto daquela vida.
- Porque é que acha que ele se fartou?
- Não sei, ele fartou-se como toda a gente se farta de... Sei lá, de... Tantos setores chegam a um ponto e pensam. Que é que eu estou aqui a fazer? Já estou farto de estar aqui a dar aulas aos miúdos. Ele também já tinha uma certa idade, se calhar reformou-se, não sei... Ele também já tinha uma idade, esse que sabia. E era esse que a gente devia ter ficado os dois anos porque os outros sabiam tanto como nós. Não tinha mesmo nada a ver com os outros, aquilo era mesmo nosso. Ele é que era bom, para já esse centro de formação é um bom centro de formação porque eu já tive... onde é que fica aquilo? Já não me lembro do nome daquilo. Já fui a outro centro de formação, porque eu já tentei entrar noutra curso, foi em Setúbal.
- Há foi?
- Foi em Setúbal, o curso que eu comecei, comecei com umas raparigas, o meu curso era só homens e o curso delas era só mulheres. Então elas tinham ligação ao centro de formação de Setúbal. Em Setúbal tem um centro de formação, elas tinham ligação a esse centro de formação.
- Então qual foi a relação entre o Paulo e o centro de formação de Setúbal, como é que é?
- Não, não, não, eu não tive nada a ver com... Eu era do Seixal, as mulheres é que eram do curso de Setúbal. Eu só lá fui porque elas estavam na mesma situação que nós, entraram no mesmo

curso ao mesmo tempo. Então, elas foram lá ao nosso para tratar da nossa escolha, da mecânica, depois fomos a Setúbal que é para tratarem da, das entidades administrativas, acho que era. Não me estou a lembrar do cursos delas, acho que era... Mas acho que era isso. Prontos era isso, ainda quis ficar a trabalhar no estágio Mas isso foi mesmo porque eu queria dinheiro, queria dinheiro queria ficar a trabalhar no estagio.

- Então o Paulo fez dois estágios, não é? O primeiro e o segundo ano. Onde é que fez os estágios?
- Os dois de um mês: um na baixa da banheira, em Serrão Lda, foi a pior oficina. E depois tive ali em Trabouco, ao pé da Repsol, Que é o ...Santos, esse foi, esse não gostei mesmo da cara dele. Porque esse era daqueles: quando o trabalho corria mal ele descontava com os empregados, falava mal. As coisas corriam-lhe mal, prontos, corria mal para toda a gente. Mas ele ainda me pediu para ficar lá a trabalhar. Eu disse a ele que queria 5 contos ao dia. Ele começa-se a rir e a dizer-me: a 5 contos tenho um oficial. Mas eu disse a ele: só venho para aqui se ganhar 5 contos ao dia. E ele a rir-se a gozar comigo: Cinco contos ganha um oficial, e eu. Tá bem então não fico aqui e ele ainda me está a dizer: 5 contos ganha um oficial e tu que nem uma roda sabes desmontar e eu disse a ele: eu que nem uma roda sei desmontar e você está a pedir-me para aqui ficar. O gajo não gostou desta resposta, não é. Ficou logo de trombas comigo e não tocou mais no assunto. Chegou ao dia final, acabou o estágio, nunca mais lá apareci. Nunca mais, ele era um antipático. O Serrão era o meu patrão no meu primeiro estágio, eu a estagiar e ele vai-me de férias com a família, fique eu e os empregados e os empregados ninguém mandava em mim. Não estava lá o patrão.
- Sentiu-se um bocado desamparado, desacompanhado?
- Não eu sempre trabalhei, o patrão fica lá no escritório e eu fico lá com os empregados, falo com eles, vamos arranjar aquilo, não sei quê. Eu não percebia nada no meu primeiro estágio, eles é que me pediam: olha, pá, sabes aquilo.
- Eu dizia sempre: faz tu primeiro. Mas depois de fazerem a primeira eu faço logo a segunda, já nem, basta me fazerem a primeira vez à frente que eu faço logo o resto. Tive lá e tal, ainda ganhei uns trocos. Por acaso esse foi o melhor estágio.
- Qual, esse, o primeiro?
- Foi. A gente, aparecia lá uma mulher com um carrinho de bebé, a fazer barulho lá nas rodas, precisava óleo, dava-me dinheiro. Olha vai comer um gelado ou vai beber um sumo ou não sei quê. Outro era: o meu carro ficou ali parado não tenho bateria. Ia-mos nós com uma bateria e um carrinho pela estrada. O outro meu colega levava os cabos, chegamos lá, pegávamos o carro: o homem dava-nos sempre guita, era mesmo à maneira. Na Auto Luis Santos só havia um empregado, este trabalhava comigo, chegava à hora o patrão dizia: olha, vai levar aquele carro à inspecção. Pegava no carro e ia-se embora, ficava lá eu a trabalhar e ia passear, ele levava o carro à inspecção. E eu um dia disse se podia ir, ele disse que sim e sempre a dizer: amanhã, amanhã. Nunca, nunca fui. Era por isso que não gostava dele. Ele era mesmo antipático. Eu nunca tinha ido a uma inspecção com um carro, podia ir com um colega. Porque todos os dias ele levava um carro à inspecção, aquilo era só carros. Eu disse, senhor Luís deixe lá ir com ele. Ele disse: não, não tu ficas. Nunca me deixou ir, nem uma vez só para eu ver como é que aquilo era.
- As Oficinas recebiam algum dinheiro para vocês fazerem lá o estágio?
- Não faço ideia, eu recebia o meu, a bolsa. No estágio em recebia mais, claro que recebia mais, eu estava a ali praticamente a trabalhar, claro que tinha que receber mais e... Recebia mais, pois prontos, acabou.
- À quanto tempo é que acabou o curso?
- Hum, acabou o curso...

- Entrou com 15 e acabou com quando?
- Entrei com 15, dois anos, fiquei com 17.
- Quinze a fazer 16 não é?
- Não, 14 e ia fazer os 15.
- Há, 14 e ia fazer os 15.
- Passou para o segundo ano com os 15 a fazer 16. e neste momento tem quantos?
- Tenho 19.
- Já faz praticamente dois anos que acabou o curso.
- Dois anos, há dois anos que acabei o curso.
- Quando acabou ainda estudou...
- Quando acabei, ainda estudei, o 10º ano.
- Ainda estou o 10º ano, não é?
- E depois estive lá fora no estrangeiro. Desde que vim em Novembro.
- Teve quanto tempo no 10º ano? Foi logo a seguir que acabou o curso?
- Assim que acabou o curso fui logo para o 10º ano.
- Porque é que queria ir para o 10º ano?
- Porque queria acabar o 12º segundo.
- Porquê? Porque é que isso é importante para si?
- É muito importante, porque como já lhe disse eu com o 9º ano ainda não arranjei nada. O que eu queria mesmo era não andar nas obras.
- Ou seja, no fundo o que é que acha que ganhou? Que utilidade é que pensa que esse curso lhe fez ter?
- O curso deu-me escolaridade. Parece que não mas o 9º ano, é que nem toda a gente tem. Eu conheço gente que está à rasca para tirar agora o 9º, para tirar o 9º e eu quero tirar o 12º. E eu agora não sei, eu agora é... eu se calhar vou ter que tirar um curso. Não posso ficar parado como eu tou. Não posso ficar parado só que eu também quero arranjar umas trouxas e o curso tá-me a empatar. Eu não sei o que é que eu faço. Eu se calhar estou a pensar em trabalhar durante o meu Verão. O Verão acaba, prontos via começar o ano...
- O ano escolar.
- O ano escolar e eu se calhar vou-me meter num curso. Vai ter que ser, vou ter que me meter num curso.
- Vai-se meter num curso aonde?
- Vou-me meter num curso, não sei onde, vou ter que me meter num curso de 3 anos.
- Mas não sabe aonde é que as pessoas se inscrevem para fazer um curso desses?

- Não, eu posso ver aqui quais é que são os cursos que eles têm mas eu ainda não sei bem qual o curso que eu quero escolher. Eu agora quero escolher o que eu quero seguir, o que eu quero ser. Agora tenho que pensar bem no que escolher.
- Porque é que acha que isso agora é importante?
- Isso agora é importante antes que fique tarde, ainda sou novo, ainda sou um jovem. Tenho 19 anos mas se eu me agarrasse agora a um emprego, um emprego mesmo, não estou a falar em trabalho. Se eu arranja-se um emprego, tenho 19 anos era a melhor coisa.
- Então diga-me uma coisa: ajude-me a perceber a história, como é que foi, desde que acabou o curso? Acabou o curso e a meio do curso já estava ciente que não queria ser mecânico, não é?
- Sim, depois acabou o curso fui...
- Achou que devia ter o 10º.
- Fui meter-me na informática.
- ...
- Como assim? Mas aonde é que se meteu na informática?
- Porque estava lá a rapariga que eu namorava e eu disse: olha vamos ser da mesma turma. Estava a fazer as matriculas e ela a perguntar-me o que é que eu ia escolher.
- E eu disse, olha, escolhe conforme tu escolheres, depois ela escolheu informática, depois tive azar. Escolhi informática para ser da turma dela, só que em informática eram duas turmas, ela estava numa e eu estava noutra. Então telefonei ao conselho directivo e disse: para mostrarem a turma onde eu tava, mostraram e eu apontei e disse: metam-me noutra turma porque não vai dar para tar aqui com esse rapaz. Era Igor, eu nem o conhecia, disse: é melhor tirarem-me daí porque aí assim, quer dizer eu estava a proteger o meu "couro". A minha gaja a dizer que já tinha tomado juízo que estava mesmo com vontade de estudar, não queria.
- Foi em St. António, outra vez?
- Foi em St. António, eu já me conheciam e disseram quem é este? Eu disse é um pirata então eles meteram-me noutra turma. Meteram-me na turma dela.
- O Paulo queria esta na turma da namorada?
- Eu queria tar com ela e ela também me ajudava.
- Ela ajudava o Paulo era?
- Mesmo assim fiquei lá meio ano. Se eu não tivesse com ela fica lá nem sei, um mês. Mesmo assim em meio ano fui três dias. Três dias não, fui três vezes para casa. A última vez eu fui para casa fiquei lá uma semana, por causa de um rato.
- Ou seja, começou outra vez a fazer essas coisas.
- Pois.
- Porque é que acha que faz essas coisas aos professores?
- A última foi uma semana para casa e pensei: já foi.
- Porque é que acha que fazia isso?

- Não sei, eu não sei porque é que eu fazia isso, porque nesse tempo já tinha computador. Eu tive computador, eu tive computador quando tive informática, disse ao meu pai : tenho informática e ele deu-me um computador.
- Era um curso tecnológico de informática, era isso?
- Era um curso, era um curso tecnológico, era. Era um curso de informática. A gente, a gente temos agrupamentos.
- E o Paulo escolheu o agrupamento de informática?
- E eu escolhi o agrupamento de informática. Depois eu até tinha rato. O meu rato até era melhor que o que eu peguei do stor. Depois chamaram o meu pai, já sabiam todos, disseram ao meu pai que só podia ter sido eu. E o meu pai teve uma conversa comigo e disse para eu entregar. E eu disse ao meu pai, fui eu, eu peguei assim à toa. E ele perguntou assim como você perguntou: então o que é que me passou na cabeça. Sei lá. Porque é que tu fazes isso? E eu disse: então, sei lá o stor estava a falar comigo e eu peguei mesmo assim.
- Ou seja, o Paulo tem dificuldade em perceber porque é que fazia essas coisas? Mesmo o próprio Paulo não percebe porque é que fazia?
- Não sei, há certas coisas que eu não sei. Há coisas que eu faço que eu não... Quando eu faço essas coisas que eu não acho bem fico a pensar porque é que fiz. Mas são essas coisas que eu faço que não me parece bem.
- E o que é que o seu pai diz dessas coisas?
- O meu pai conhece-me bem, ele sabe pessoa que eu sou, não é?
- Que idade tem o seu pai?
- ...
- O que é que o seu pai faz?
- O meu pai trabalha em St. Apolónia.
- Aonde? Na Estação dos comboios.
- Na estação dos comboios.
- E o que é que ele faz lá?
- Ele vende bilhetes. Talvez ainda saia pra fora. Mas prontos ele costuma estar lá nas bilheteiras. Ele teve uma conversa comigo e disse para eu dizer que tinha sido uma brincadeira de Carnaval. Aquilo até se passou no Carnaval. E a stora chamou-me lá e estavam todos a olhar para mim e eu disse não fui, e hei-de vir aqui as vezes que me chamarem, vou sempre dizer que não fui. Ó, fui pra casa chamaram o meu pai, ninguém me disse nada. No dia seguinte eu entreguei e disse: olhe está aqui o rato do computador fui dizer que foi uma brincadeira de Carnaval como disse o meu pai para dizer. Então ela começou a falar e a dizer, não diga mais nada, faça só o que tem a fazer, já nem precisava de ouvir sermões. Já tinha tido aquela conversa lá em casa, não era preciso encher a cabeça durante uma semana.
- O seu pai ficou chateado consigo, como é que ele fez?
- Ele nem reagiu mal porque essas coisas já não eram a primeira vez. Assim de roubar não. Mas assim de portar mal. Uma vez fui de suspensão porque fui uma vez, não queria lhe fazer mal de lhe bater. A uma colega minha. Queria fazer mal de lhe pregar uma partida nela. Então ia-lhe mandar lixo para cima. Ia-lhe mandar lixo e o outro estava lá em baixo a fazer sinal para quando

ela estivesse a subir. Pá, ela desconfiou. Esperou para subir com a stora. Agarrei no contentor, um de um lado e outro de outro. O outro faz-nos sinal, ela a subir. Descarrega-mos aquilo lá para baixo. Só que a gente tivemos azar A stora é que levou com o lixo. Quando eu dei conta já estava com a vassoura na mão. Veja lá.

- Quem? Quem é que estava com a vassoura?
- Eu a pensar assim: então mas como é que fui meter-me.... Prontos estava me a acusar. Quando vi o lixo...
- Já estava com a vassoura na mão? Quem é que estava com a vassoura?
- Eu e outro já estávamos ali a limpar o chão, quando eu dei por mim: o que é que eu estou aqui a fazer?
- Mas quem é que lhe deu a vassoura para a mão?
- Fui eu que fui buscar.
- Há...
- Já estava preparado.
- Assumi logo as culpas.
- Foi mesmo. Fiquei assustado porque não queria fazer aquilo à stora.
- A sua intenção não era... aquilo escapou um bocadinho ao seu controlo?
- Foi mesmo, aquilo não era o que eu queria, eu queria fazer uma coisa e aquilo aconteceu, fui fazer outra. Fiquei todo atrapalhado, quando dei por mim já estava com a vassoura na mão. O meu truque quando fazia essas coisas. Não era bem o que eu queria mas prontos, eu queria era a outra, porque se fosse a outra eu levasse com o lixo não se passava nada. O meu truque era quando eu fazia essas coisas tinha que ser eu a falar com os meus pais. Tinha que chegar a casa e dizer assim: olha... só dizia uma vez, depois eles ouviam dos stores e eu já não dizia. Os stores quando dissessem: olhe o seu filho fez isto, o meu pai já sabia. Já tinha falado, já lhe tinha dito o que é que ia acontecer, ele já não queria saber. É por isso que muitos professores pensavam, prontos que o meu pai deixava andar. Não, eu falava logo com o meu pai e ele dava-me logo um aviso.
- Que aviso é que o seu pai lhe dava?
- É a última vez. Não, tinha também respeito. Eu ainda lhe respeito. Ele só a falar, fico logo... Uma vez vim a pé do Seixal, da Cruz de Pau. A gente ia de autocarro e às oito da manhã a gente ia pró Seixal. Então eu fiquei a dormir em vez de apanhar o autocarro, eu e mais outro. Quando acordamos era para aí meio-dia. Eu disse assim: vamos almoçar, e ele sim. Fomos almoçar, quando lamos a entrar, na parte da tarde a porta está fachada do nosso balneário. A gente para entrar começa aos gritos, abre. E o segurança diz: a partir de certa hora eu só abro esta porta se eu quiser. Não nos quis abrir a porta, também da maneira que ele estava a falar. Então a gente já tínhamos almoçado, ele não abre a porta, viramos as costas e viemos a pé. Viemos a pé, arrancamos à uma da tarde, chegamos às 3 e meia na Cidade do Sol. E depois os nossos colegas a dizer que não sabiam da gente. Fomos todos de autocarro. E o outro que estava comigo estava a dizer: viemos embora e ele ainda estava a inventar qualquer coisa. Cheguei a casa, sabia que não tinha ido a Seixal. Chego a casa e o meu pai: telefonaram-me da escola para eu ir lá, (e eu fiquei assustado, já nem sabia o que fazia). Chego à escola e uma continua diz: então hoje não lhe apeteceu ir ao Seixal? O meu pai mandou-me logo um olhar e eu disse: essa mulher está maluca, pai, eu fui ao Seixal. E fui mas fui-me embora e depois tive que contar essa história toda. Estava lá a minha stora do curso mais os outros todos, o director de turma, todos ali, a olharem para mim e meteram o meu pai a olhar para mim. Então conta lá a história como é foi o Seixal? Então contei como foi: o outro diz que até certa hora não abre. Então não

abre. Já tinha almoçado. Meti-me dali embora. Se não tivesse almoçado, almoçava. Tínhamos ali 3 pratos à escolha, peixe, carne, opção. Era o que a gente quisesse escolher, então comemos e fomos embora. O homem não abriu a porta e eu ia fazer o quê? Eu cheguei às 3 e meia e vim a pé e sai à uma. Eles saem lá às 5 chegam aqui 5 e meia, meia horita daqui ao Seixal. Chegam aqui às 5 e meia, 5.40, eu não ia ficar lá até essa hora. Assinaram falta e descontaram dinheiro, quando souberam que eu vim a pé eles descontaram-me. Eu não percebi bem essa, mas pronto, levei falta, descontaram-me só porque eu vim a pé.

- A sensação que eu fico é que o Paulo... esses episódios deixam-lhe um bocado a pensar... Tratam-me mal, tratam-me bem, mas quando pensamos bem não encontramos explicação. Agir desta maneira ou agir daquela maneira, não é?
- Às vezes, já lhe expliquei: essa do lixo não tem explicação.
- Ou seja, às vezes não considera todas as consequências e aquilo as vezes sai um pouco diferente do que está à espera.
- Sai.
- O Paulo. Eu acho que nós achámos muitas coisas interessantes mas mesmo assim era preciso continuar mais um bocadinho outra vez, o que é que acha?
- Por mim tudo bem, eu não faço nada. Por mim...
- É só porque há outras coisas que se calhar é importante continuar a falar. Saber mais algumas histórias e para dar uma hipótese de se explicar um pouco melhor. Contar um bocadinho melhor a história, não é?
- Se calhar de uma próxima vez nós continuávamos.
- E quando é?
- Quando lhe der jeito, vamos ver...

## **SEGUNDA ENTREVISTA AO PAULO**

- Portanto, nós na semana passada acabámos de falar de muitas coisas. Falámos na forma como correu o curso. Falámos como corriam as coisas na escola. Quando as coisas começaram, enfim, a correr menos bem. Falámos também das perspectivas do Paulo e ficámos um bocadinho por aí. Se eu bem me recordo ficámos aí nessa fase do curso, do fim do curso, das suas intenções em ir para o 10º ano, mais ou menos por aí.
- Tou a ver.
- Da história.
- O Paulo tinha-me contado que ainda esteve um bocadinho no 10º ano e gostaria de continuar mas depois voltou curiosamente, para se dar conta, voltou a funcionar da maneira antiga que é, enfim, aquelas partidas aos professores sem querer fazer mal mas quando se dava conta já tinha feito e eu até lhe tinha dito que seria engraçado o Paulo pensar um bocadinho o Porquê daquelas atitudes assim mais impulsivas.
- (Risos)
- (Risos) É assim, eu pensei mas continuo sem...
- Sem resposta.

- Sem saber porque é que eu fazia aquilo. Não sei, era o que nos passava na cabeça naquela idade, agora já não...
- Passados dois anos depois de acabar o curso pois já passou algum tempo, não é? Para já o que é que Paulo foi fazer nesses dois anos desde acabou? Logo a seguir inscreveu-se no 10º ano, não é?
- Inscrevi-me no 10º ano.
- E esteve lá quanto tempo?
- Tive lá meio ano. Em meio ano desisti. Depois acabou esse ano, depois fui para fora. Não fiz mais nada.
- Teve o resto do ano lectivo em casa, foi?
- Tive o resto do ano em casa e depois fui trabalhar para fora.
- Como é que se sucedeu essa oportunidade?
- Lá fora, porque foi para lá um amigo meu. Prontos, um daqueles amigos que cresci com ele. E prontos ele foi trabalhar para fora e fiquei à espera para ver como é que se ia dar lá. Vi que ele se deu bem então pedi para ir ter com ele.
- Lá para fora, para onde?
- Para Inglaterra, Manchester. Depois fui para lá, só tive meio ano, depois não me renovaram contrato.
- O que é que o Paulo estava a fazer?
- Estava a trabalhar numa fábrica de... numa fábrica de fiambre.
- O que é que fazia concretamente?
- Eu trabalhava com carne crua. Carne a escorrer sangue. Trabalhava, prontos, nessa, numa fábrica com vários postos. Eu trabalhava num e esse meu amigo que me levou para lá trabalhava noutro. Mas fazíamos praticamente a mesma coisa. Tanto o posto dele como o meu era trabalhar com carne crua. Metemos no forno, para depois os outros trabalhadores de outro posto que trabalham com a carne cozida vão buscar a carne de... Prontos é a gente a meter carne de um lado e eles a meter no outro. Era muito frio. Eu não gostava daquilo porque era muito frio. Sentia muito frio. Trabalhava com luvas de aquecimento e tinha que meter as mãos na água quente de 5 em 5 minutos. Era agarrar cinco pedaços da carne a escorrer sangue e já tinha que as molhar. Levávamos umas luvas de aquecimento e depois levava-mos umas de plástico para não se molharem senão ainda era pior, com aquele frio e com as mãos molhadas aí é que não dava mesmo.
- Mas a carne vinha fria?
- A carne aparecia congelada mas depois descongelava mas não deixava de estar gelada. Ficava bem gelado e era assim que a gente trabalhava. Era fechar, meter em caixas e meter em fornos.
- Quanto tempo esteve o Paulo a fazer esse trabalho?
- Fiquei lá seis meses. Tive lá seis meses porque não me renovaram contrato.
- E onde é que vivia?

- Vivia numa cidade chamada? Burther...? Eu não vivia bem em? Burther? ... Vivia em? Bramton? Burther? ... é Barreiro, Bramton? É Cidade do Sol. Prontos, era assim que eu vivia.
- Vivia onde, numa casa? Onde é que vivia?
- Eram só vivendas, vivendas, depois aquela casa era de 5 pessoas, era uma das maiores lá da agência, aquilo foi: fui ara fora mas não fui directamente para a fábrica, estava a trabalhar com uma agência. Para trabalhar directamente para a fábrica tinha que arranjar casa e transporte, porque a mim aquela fábrica ia-me buscar de carrinha só quando chovesse porque era muito perto do trabalho, ele não davam-me transporte. Só se chovesse é que eles davam-me transporte. Mas se eu trabalhasse directamente para a fábrica já tinha que arranjar a minha casa, prontos alugava uma casa lá e tinha que arranjar transporte.
- Havia uma empresa a mediar, era?
- É
- E essa empresa era portuguesa?
- Era Inglesa só que estava lá um Português.
- Como é que o seu amigo soube dessa empresa, por exemplo, como é que consegui esse contacto?
- Quis eu, ele disse-me que ia trabalhar lá para fora só que ele não foi para Manchester. Ele foi para outra zona e não gostou, não gostou nada daquilo, não estava a gostar e depois foi ter com o tio dele. Disse: estou nesta cidade vem cá ter comigo. Prontos ele deu-me a morada eu fui ter com tio, depois onde estava o tio é onde eu estou melhor. Quando eu fui para lá aquilo era bom, só que começaram a aumentar a renda.
- Quem é que foi consigo?
- Comigo foram dois da Cidade do Sol que foram comigo e mais dois da Figueira da Foz.
- Todos com que idades?
- Há... o máximo 19.
- O mais velho tinha 19?
- O mais novo 18.
- Viveram então 6 meses juntos nessa casa.
- Juntos os 3. Os outros dois apareceram mais tarde. A gente fomos para lá e viviam dois rapazes, dois rapazes, prontos, 40 anos. Vivemos com dois homens que acabaram por ir embora. Um foi despedido e o outro acabou por ir embora. Foram para lá esses dois rapazes. Eles queiram ficar juntos. Eram primos e eram da mesma idade queriam ficar juntos, a gente trabalhávamos com gente mais velha. Claro que eu queria ficar com os da minha idade, não queria ficar com os mais velhos, mas prontos era assim. Lá na discoteca a gente andávamos sempre juntos. Os mais velhos os mais novos.
- Na discoteca?
- Na discoteca, sim.
- Quando salam era?

- Na discoteca quando saímos ao fim de semana. Ali saíam todos. Tinha que se sair ali. Eu tinha que me distrair ali, senão tinha que voltar para Portugal. Domingo a quinta só pensava em Portugal. Só sexta e sábado é que esquecia Portugal. Por causa daquelas noites, aquela loucura, aquilo era mesmo só lá. Aqui não há.
- Mas o que é que era? Que loucura era essa?
- Aquilo era uma loucura à noite. Fim-de-semana, sexta e sábado, aquilo era uma loucura.
- Mas porque é que era uma loucura?
- É tudo em grande, bastante gente, loucas, bem loucas. As inglesas são bastante malucas. Não são como as portuguesas. São as portuguesas bêbadas, 3, 4, 5, juntas as inglesas, são assanhadas.
- E isso era uma coisa boa ou má para si?
- Era uma coisa boa. Qual é o homem que não acha uma coisa boa. Tinha dinheiro, trabalhava, tinha casa.
- Tinha dinheiro porque recebia bem.
- Recebia bem...
- Quanto é que lhe pagavam, mais ou menos?
- Recebia para mim porque não dava para sustentar mais ninguém.
- Quanto é que recebia, mais ou menos?
- Normalmente, 40 contos.
- Recebia 40 contos por mês?
- 40 Contos por semana. 160 Contos por mês.
- Como é que gastava? Quais eram as suas despesas?
- Eu recebia à semana e gastava um bocadinho com as minhas compras da semana, depois ficava com... Juntava, né, metia sempre um de parte para juntar e o resto era para os meus vícios. Fumo. Gastava depois no fim-de-semana, também. Queria ir beber um copo.
- Juntou muito dinheiro.
- Não, não juntei dinheiro nenhum. Fui apanhado de surpresa, tive lá 5 meses, vim de férias com 500 euros, ainda comprei um bilhete de avião. A minha passagem de ida e volta dei 60 contos. De 18 de Outubro a 24, tive uma semana, vim num sábado, fui num sábado. Vim com 500 euros e estorei aqui os 500 euros numa semana.
- Em quê?
- Em muita coisa. Em várias coisas.
- Que tipo de coisas é que gastou o dinheiro?
- Não sei, gosto de comer bem e viver bem. Gosto de ir àqueles sítios que estou ali estou a comer e a beber à fartura. Gosto dessas coisas e quando tenho dinheiro gosto mesmo de abusar, gasto mesmo o meu dinheiro. Às vezes penso, também não é preciso abusar dessa maneira. Não sou rico nem nada mas já que não sou rico eu quando tenho dinheiro quero aproveitar aquelas

coisas boas, né? Que a gente quer fazer. Jantar fora ou almoçar fora. Fazer essas coisas todas. Tudo o que me apetece faço, tenho dinheiro, faço.

- É ceder a qualquer tentação do momento sem tar a contar o dinheiro.
- É que é mesmo, o que me vier à cabeça, faço. Também naquele tempo, agora já não, mas naquele tempo fumava aquelas cenas: haxe. Aquelas cenas que fazem rir.
- Huhum.
- De vez enquanto comprava ali depois comprava ali. Fumava um pouco, era raramente mesmo ia gastar dinheiro a comprar isso. Comprava só para, fumava não é? Consumia aquilo. Tive algumas confusões por causa disso, e depois eu vi, não vale a pena. Não vale a pena. Eu cheguei a meter na cabeça que não vale a pena a gente insistir em dizer que, prontos, não é isto que vai estragar a minha vida. Eu consigo fazer a minha vida normalmente. Como deve ser, prontos, consumindo aquilo mas eu vi que não dá para meter na cabeça, quem é antiquado não vale a pena. Os meus pais já têm uma certa idade. Não compreendem bem.
- Aquelas confusões que está a falar são confusões com os seus pais, sim?
- Sim, porque para mim confusões só se for da parte da família, porque de resto não me preocupo muito. Só com a família é que eu me preocupo. De resto, não.
- Que confusões é que aconteceram?
- Não. Apanharam-me com coisas nos bolsos.
- O que é que fizeram? Perguntaram?
- Perguntaram não, tiravam, a minha mãe não queria tocar no assunto. E eu perguntava, então? Foram me mexer nos bolsos, tinha lá uma cena. Agora já não tenho. Depois diziam: queres encontrar aquilo?
- Eu dizia, não, eu contornava só para não arranjar problemas para o meu lado. Quero dar ao dono. Davam-me e eu despachava a cena.
- Quer dar aquilo ao dono, então o Paulo dizia que aquilo era seu.
- Sim, nunca, nunca, quando era apanhado com aquilo na boca eu ia dizer que era mentira.
- Porquê?
- Não, não vou assumir porque como eu lhe disse...
- Acha que não ia ser compreendido.
- Não dá, não dá. Não dá mesmo Ainda por cima com a vida que eu levo, não trabalho, não faço nada, ainda pior. Se agora voltassem a me apanhar com aquilo no bolso, imagino. Não sei quê? Não fazes nada, depois andas metido nessas coisas. Agora se eu tiver a trabalhar, a ganhar bem, a fazer a minha vida e se ma apanharem a fumar eu ainda lhes digo: olha já fumo isto à não sei quantos anos. Trabalho, faço a vida normalmente, eu estou é à espera desse momento. Estou à espera de arranjar um trabalho. É o que me está a faltar.
- Ai já se vai sentir menos preocupado com...
- Ainda ontem a minha irmã perguntou se eu queria ir lá para fora, porque eu disse a ela eu gostei daquilo. Gostei da maneira de viver deles, como vivem os ingleses, gostei da maneira como eles vivem em Inglaterra mas não gostei do clima.

- O que é que lhe agradou na maneira de viver em Inglaterra?
- Gosto da maneira deles serem.
- Como é que são?
- São malucos, é diferente, a gente nota logo a diferença quando está lá, não sei, também tem os seus, pronto, também tem aqueles, aqueles racistas, aquilo é mesmo racismo, não... Sabiam que éramos Portugueses e andavam ali a meter-se connosco. Chegaram a mandar-nos pedras, e tudo, um dia. Agora a minha vontade era apanhar um aqui. Ir ali ao Algarve passar umas férias, apanhar uns "cámones" e dar-lhes umas tareias.
- Mas está a dizer que gosta da maneira de viver deles. Acabei por não compreender porquê.
- Gosto mesmo da maneira deles viverem, gosto tudo daquele país. Gostava de viver lá.
- Mas o que é que eles têm que nós não temos?
- É grande, é muita gente... o movimento, é tudo, tu ali... Belos carros, belas casas, "bueda" gente ali. É tudo diferente, tudo em grande está a perceber?
- Aparentam viver com muitos bens, é isso?
- Eu tou habituado a isto, só que ali grandes cidades, grandes carros, eu fico maluco ali onde eu tava. Onde eu tava aquilo era bem duro. Mas eu agora não ia voltar para lá. Eu agora ia para a capital, para Londres. E não ia passar férias, ia trabalhar em hotéis a fazer caminhas, a fazer a cama. Ui, isso é que eu queria. Trabalhar lá em zonas frias, como eu, na fábrica, eu trabalhava num frigorífico.
- Então porque é que o Paulo não acabou por ficar lá?
- Não me renovaram o contrato... Estavam lá uns tipos...na casa onde estávamos. Os polacos estavam a pedir 70 libras por semana e eles caladinhos, a gente estávamos a pagar 40 e subiram para 50 a gente já estava a arranjar confusão. Eu fui para lá trabalhar dava 30 libras, todas as semanas dava 30 libras.
- Que é mais ou menos os 40 contos?
- 30 Libras? Não. 50 Libras são 15 contos. Tínhamos que descontar 15 contos todas as semanas.
- Há, tá bem.
- Eu fui para lá estavam a descontar 30, subiram para 40. Falamos mas prontos. Depois quando subiram para 50 a gente, não isto já é demais, não sei quê.
- Mas eles faziam o desconto de quê? Era da casa?
- Era da casa. A gente descontava da casa. Podíamos gastar a água, a luz que quiséssemos, o gás que quiséssemos.
- Estava incluído.
- Já estava tudo incluído, não pagávamos mais por isso. Deixávamos a luz sempre ligada. Gastávamos a electricidade toda.
- Porque é que faziam isso?

- Não, a gente fazia isso, também não pagávamos mais. Não pagávamos mais por isso. Deixávamos as coisas ligadas, não pagávamos mais por isso. Deixávamos as coisas como estão. Não íamos pagar mais. Às vezes até deixávamos a televisão. Não é como eu agora.
- Deixavam a televisão ligada sem lá estar ninguém a ver?
- Sim. Eu lembrava-me: deixei a televisão em casa ligada não ia voltar para traz.
- Há esquecia-se.
- Sim, pensava: deixa estar.
- Não se preocupava...
- Não me preocupava, não ia pagar mais por isso. Não é como aqui em casa, aqui já é diferente. Aqui saio, lembro-me, deixei a televisão acesa, não está lá ninguém, vou deixar a televisão acesa para quê? Volto para trás. Lá não, lá era diferente. Não pagava mais por isso.
- E o Paulo, à quanto tempo chegou lá de Inglaterra?
- Cheguei em Novembro.
- Em Novembro passado, de 2004
- Em Novembro de 2004.
- E o que é que fez desde essa altura?
- Pois, não fiz nada, porque só estava a pensar no fim de ano. Só estava a pensar em Janeiro arranjar alguma coisa. Chegámos a Janeiro não arranjei nada e ainda vim aqui ao centro de emprego. Recebi cartas de ofertas de emprego. Recebi umas 3 cartas de daqui do centro de emprego. Depois...
- O que é que aconteceu?
- Cada vez que... Recebi uma, era um talho, telefonei, já tinha uma pessoa. Depois arranjaram para trabalhar no (...) ali em Palhais na parte da manhã, cheguei lá e disseram que já estava uma pessoa. Ainda me lembro: inscrevi por que a mulher disse. Inscreve-te porque essa pessoa está para começar segunda-feira e pode não vir e assim a gente telefona-te e vem tu por essa pessoa. Ainda me inscrevi e tudo mas prontos não me disseram nada, essa pessoa deve ter comparecido. E agora depois, nunca mais, recebi aqui a carta do centro de emprego para a entrevista mas ofertas de emprego já não recebi mais.
- E nunca recebeu propostas de trabalho nem nunca chegou a procurar propostas de trabalho na área da mecânica? Na área que fez o curso.
- Não, não, não fui.
- Mas porque?
- Não, porque mecânico não quero, podia arranjar assim ligado a carros, não é? Mas eu não procurei. Já tentei a Auto-Europa. Já tentei ir à Auto-Europa. Só que a Auto-Europa, fui lá com um amigo meu e eles queriam arranjar trabalho hoje, trabalho amanhã, acabou. Um trabalho temporário. Eu disse logo: eu quero um trabalho todos os dias, quero vir para aqui trabalhar todos os dias, não falhar. Eles disseram: não, não, aqui nesta parte é só trabalho este dia, depois acabou-se. Há, já não quero. Nem apareci lá mais. Na Auto-Europa até era capaz de entrar nessa. Tar lá a montar carros, e o quê, ganha-se bem e tal.
- Então ao vim destes dois anos que utilidade é que o Paulo vê no curso que tirou?

- Que sentido tem?
- O curso foi só para me dar o 9 ano mais nada. Já tou a pensar tirar outro curso que me dê o 12º e vou ter que tirar outro curso.
- E porque é que acha que o 12º vai ser útil?
- Vai ser útil porque fico com o 12º.
- Porque?
- Porque meto-me a estagiar e nunca mais saio de lá. Só se mesmo eles disserem: não te quero. Porque eu não vou descontentar nunca mais.
- O Bruno gostava de fazer outro curso para ficar com o 12º e para ter oportunidade de fazer um estágio.
- Porque eu podia ficar a estagiar onde estagiei mas não quis porque para já vi que não era mecânico que eu queria ser. Também não gostava do... não ia com a cara dele. Não quis ficar lá. Agora tava a pensar em tirar outro curso.
- Um curso de quê?
- Uma amiga minha falou-me de um curso só que eu não sei se é isto. Técnico comercial. Eu não sei se foi este curso que ela me falou. Ela falou-me num curso para eu tirar de três anos e ficava com o 12º. Tem ligação a vendas. Pronto, ela tá a trabalhar com aqueles carros... Tá a ver aqueles carros que estão no stand acabadinhos de sair, novos, que até dizem nas portas: novo ou aquelas frases. Por acaso o dela era: novo Opel astra... E ela está a trabalhar aí, e eu quando lhe vi naquele carro até fiquei maluco. Um carro novinho em folha, tipo test drive, foi buscar aqueles carros novos do stand e eu perguntei-lhe como é que ela fez para trabalhar ali. E ela disse para tirar um curso de... eu já não sei bem se é isso. Técnico comercial. Só sei que vou-lhe perguntar qual é e vou mesmo tirar esse curso. Poroso não ter o mesmo trabalho que ela mas posso ter sorte posso até ter mais sorte que ela.
- Mas o que é que gostava exactamente? Poder conduzir esses carros novos.
- Era, era. Era poder conduzir esses carros.
- E sabe o que é um técnico comercial?
- Técnico comercial?
- Sabe o que é?
- Eu não. Ela disse o curso acho é de técnico comercial e eu até nem sabia e disse a ela: mas isso tem muitas saídas? E ela: vendas. Vendas. Vi ela num carro novinho me folha. Tem uma certa lógica. Percebi. Agora não sei o que é um técnico comercial.
- O que é que imagina que é?
- Técnico comercial. Eu nunca fui bom a explicar essas coisas.
- Mas pode dizer o que é que lhe passa pela cabeça.
- Não faço ideia. Técnico comercial. Então é um técnico.
- Que trabalha na área comercial. E o que é a área comercial?
- A área comercial é isso. Comercio.

- O que é que conhece de comércio?
- Vendas.
- E pode vender o quê?
- Sei lá.
- No caso da sua amiga é um stand de automóveis e pode vender o que? Pode ser outra coisa qualquer. Não é? Uma pessoa que tira um curso comercial é para trabalhar, enfim, em vendas, de facto, mas não necessariamente na venda de carros. Pode trabalhar em stands, pode trabalhar em empresas. Pode trabalhar em lojas. Pode trabalhar em n sítios mas é uma pessoa cujo principal papel é vender, não é?
- Pois então eu agora estou a pensar. O que eu queria mesmo era estar ligado aos carros, então agora vou ter que sondar outras coisas. É verdade.
- Então afinal o que é que Paulo gostava mesmo para o seu futuro? O que é que queria fazer?
- Eu queria era trabalhar. Mas eu penso numa coisa e depois já penso noutra, eu a vida, eu não sei.
- Tá um bocado perdido.
- Ainda não sei o que quero ser quando for grande.
- Ainda precisa de esperar mais um bocadinho até ser grande? Saber o que quer? O que é que é que espera da vida.
- Eu quando penso na vida espero que ela melhore.
- Melhor em que aspecto?
- Quando me perguntam: então como via a vida? Vai bem mas podia estar melhor.
- Em que é que podia estar melhor?
- Se eu trabalhasse podia estar melhor. Eu só preciso de trabalho, só preciso de trabalho, não preciso de namorada. O que eu preciso é de trabalho, não preciso de mais nada.
- Para que é que quer o trabalho?
- Diga?
- Para que é que quer o trabalho?
- Até trabalhar faz bem porque eu já estou a dar em maluco. Para estar ocupado porque eu não tenho preocupações, eu não tenho responsabilidades, não tenho nada. Se eu quiser acordo todos os dias às 2 da tarde. Tá bem que não me falta comida não me falta roupa não me falta nada. Mas prontos, para já não sustento os meus vícios. Tenho vícios e depois não os posso sustentar.
- Que vícios é que tem?
- Fumar. Fumar só. Depois gosto de beber os meus copos todos os fins-de-semana. De sair, de beber os meus copos. Eu se sair não tenho dinheiro.
- E é para isso que quer o dinheiro, essencialmente?

- Sim, e também queria trabalhar por causa disso, eu já tive problemas de saúde e já estava a dar em maluco.
- Que problemas de saúde é que teve?
- Palpitações, eu tou-me a rir. Tou a gozar. Tou-me a rir com os meus amigos e de repente começava a ficar assustado porque o meu coração começava a bater mais depressa e aí eu começava a ficar assustado.
- Tipo um ataque de pânico?
- Sim, mas ninguém se apercebia. Continuava a rir, não parava de rir e começava a ficar assustado e começava a pensar: que é isto que está a acontecer comigo? Vou morrer? Já não estava a aguentar a pressão. Então falei com os meus pais e disse: eu não tou bem, tou com uns sintomas "malaiques" . E depois era mesmo isso, falei com a minha médica e ela disse: tu não estudas, tu não trabalhas, não tens preocupações, não tens responsabilidades, não tens nada, prontos. A tua vida, todo o dia é igual. Tu tens que arranjar qualquer coisa para te entreteres e depois receitou-me quarenta calmantes. Todos os dias tinha que beber um durante 40 dias, mais que um mês. Tive que tar sem beber, sem nada, todos os dias tinha que tomar um comprimido e tinha que ser à noite, durante o dia tinha que tomar metade porque aquilo era forte. E isso porque eu comecei a dar em maluco, porquê? Porque não fazia nada da minha vida e depois fumava haxe e aquilo já estava a mexer com a minha cabeça mas...
- Mas fumava com muita regularidade?
- Sim fumava bué.
- Bué, é o quê?
- Bastante.
- Sim eu sei o que é bué. Eu quero saber é quantidade. Era varias vezes durante o dia.
- Sim, varias vezes.
- Todos os dias.
- Bué, sei lá, havia dias que podia fumar 5 ou fumar 20. Depende.
- Mas fumava haxixe ao mesmo tempo que tomava a medicação da médica?
- Sim, ela disse para eu ter cuidado para eu deixar porque aquilo podia piorar, então eu disse que ia deixar mas deixei durante uns dias.
- Mas continuou até hoje.
- Não, depois continuei, assim nas calmas, e tal, depois deixei de tomar os comprimidos, acabou a caixa. Já não me dava nada. Comecei a tomar aquilo passou-me, aquelas palpitações passaram. Depois tive que fazer um exame ao coração. Um aparelho ligado ao peito durante 24 horas e eu como já não sentia nada, prontos. Praticamente já estava bem, ainda fumava. Fui de manha elas ligaram-me ao peito e disseram tudo o que se passar com o teu coração vai ficar aqui registado. Mas o que eu queria era isso antes, eu queria é que eles me detectassem quando eu tinha aqueles ataques. Foram-me me detectar as palpitações só quer era de eu fumar. Aquilo cria palpitações, não é? Mas eu não noto. Sinto que o coração tá a bater muito rápido mas entro em pânico, não entro em nada. Aquilo está a declarar que eu estou a consumir, prontos. E depois disse a médica: há sim, tens aqui umas palpitações. Depois eu disse a ela: eu tenho isso desde manha à noite. Desde de manha mal eu saí da clínica encontrei uns amigos e aí sim anda fumar e tal. Tive que abrir a camisa e mostrei cheio de ventosas no meu peito,

depois prontos, esses exames correu tudo bem. Só deu lá umas palpitaçãozinhas, essas palpitações e pronto foi de eu ter consumido.

- E quem era a médica?
- Era a médica de família. Nem sei o nome dela porque já há muito tempo que não vou lá.
- Portanto essas palpitações passaram.
- Passaram.
- Já foi a quanto tempo, Paulo?
- Foi o quê? Foi antes de eu ter ido para o estrangeiro.
- Foi antes de ir para Inglaterra?
- Foi. Eu lembro-me de a minha mãe perguntar-me se estava tudo bem comigo? E eu disse: não, está tudo bem.
- E lá no estrangeiro continuava a consumir haxixe?
- Não, lá consumi só para experimentar e era mesmo deles. Era. (...) Foi só para experimentar.
- E agora anda mais calmo não é?
- E agora já não fumo, e não compro nem nada, fumo tabaco. Não costumo comprar, é raro comprar. Se compara é um dia que eu vá curtir assim uma "night". Porque eu quando começo a beber quero fumar, assim como não bebo não fumo. Mas quando chega sexta e sábado uma pessoa começa a beber depois tenho que fumar.
- Costuma sair às sextas e aos sábados, é?
- É, sempre, todos os dias.
- O que é que vai fazer? Onde é que vai? Como é que se diverte?
- Onde é que vou? Começo a beber uns copos em bares, discoteca. Aqui no Barreiro já não dá. Aqui no Barreiro é só para quem tem "business" para quem tem negócios é que para aqui no Barreiro.
- Que tipo de negócios?
- Negócios. Se tem alguma coisa para dizer...
- Está a falar de tráfico de droga é isso?
- Não tráfico de droga não, para quem tem alguma coisa para vender. Telemóveis, ouro. Qualquer coisa. A gente está aí e vêm sempre dizer: querem comprar, roubaram e vão vender. Normalmente esses roubos é para darem para a veia, pra droga. Roubam, depois vão logo vender: querem é dinheiro na mão para comprar droga. A gente vê tanto disso que o Barreiro é só para isso, para o negócio.
- Então para onde é que costuma sair?
- Costumo ir aqui para D.N.A, esta discoteca aqui do Barreiro. Esta discoteca a gente nem pode por lá os pés. Os gajos gostam é de tu entras, tu entras, tu entras, tu é por 125 euros. Os gajos gostam dessas coisas. Já arranámos lá confusão.

- Quem é que arranjou confusão?
- Um amigo meu. Éramos 4. Tu entras, tu entras, tu é 125 euros. Ouve um que estava comigo e disse: 125 euros por quê? Viemos os 4 o que é que se passa? O outro começou a insistir e ele disse: olha agora tu para poderes entrar é 125. Foi aí que começou. Ele desafiou de porrada e ele chamou o outro e ele disse: ele vai contigo para lutar contigo e os outros ficam a ver. Eles foram e começaram a lutar. Éramos 3 e os outros eram dois. Dois seguranças, os dois seguranças ficaram ali connosco e disseram, ninguém vai lá, deixem-nos lutar. Eles lutaram. Depois vieram. O segurança era um gordo. Depois acabou a porrada. Tá-va mesmo ali ao lado a P.S.P. Os P.S.P. olharam e não se meteram. A gente também como já estávamos com os copos começámos a chamar os gajos. Os gajos começaram a vir e nós começamos a dizer: vem, vem, só os furos que vais ver. Os gajos começaram a pensar que eu é que a gente devia para ali ter na mão. Levaram com pedras, meteram-se para dentro da discoteca, a policia é que nos agarrou. Depois fui para o hospital porque o gajo é que mandou porrada ao meu amigo. Fui para o hospital com ele depois quando ele veio apresentou lá queixa. Os seguranças têm a mania. Eles têm mesmo a mania. Já vi com ganda barra. Já vi senhores e eles a pedir a cada um 90 euros. Isto não é nada.
- Nesse dia chegou tarde a casa.
- Não, mas chagava mais tarde se tivesse entrado. Se eu tivesse entrado na discoteca chegava muito mais tarde.
- Então quando sai é costume chegar tarde a casa?
- Sim.
- Tarde é que horas?
- Tem que haver autocarros. Os autocarros começam por volta das seis.
- E os seus pais o que é que dizem disso?
- Depende. Se eu fizesse isto este fim-de-semana o meu pai não dizia nada porque o meu pai agora esta de noite. O meu pai entra à meia-noite e sai às 8.
- Já tina dito que o seu pai faz?
- O meu pai trabalha em St<sup>a</sup>. Apolónia.
- Há, sim.
- Então ele agora sai à meia-noite, ele entra eu saio.
- Não dá pela sua chegada.
- Não dá pela minha chegada. A minha mãe também não deve dar porque ela é daquelas que está sempre a dizer: só vou para a cama quando tu vieres. E eu estou sempre a dizer: se calhar nem durmo em casa. Eu durmo em casa mas digo-lhe logo isso que é para ela ir logo para a cama, para não esperar por mim. A gente nunca sabe. Um dia o meu pai estava à espera porque eu dizia que ia arranjar trabalho com um amigo meu. Era aquele trabalho na Auto-Europa. Então nesse dia o meu pai ficou acordado. Tava a achar estranho, ainda tinha a luz acesa é porque está lá alguém. E eu nem ia dormir em casa, ia dormir noutra casa. Não, eu não avisei ninguém eu queria era ir a casa buscar o telemóvel e depois ia dormir noutra casa. Tava lá o meu pai. Tava aqui a fazer tempo, à tua espera. Amanha. Veio aqui o teu amigo chamar que é para ires à Auto-Europa. E eu comecei a pensar: como é que eu vou dormir fora? E tinha mesmo que ir dormir fora. Eu queria mesmo ir dormir fora porque o assunto era mulher. Então disse ao meu pai. Estava mesmo a pegar no telemóvel para dormir fora. Tens que estar aqui às nove da manha então disse assim: então às nove da manha eu estou de pé. Só vou é dormir noutra

casa. Ele começou a olhar para mim e disse: não sejas parvo vai mas é deitar. Amanha vais arranjar trabalho. E eu disse: isso é filme teu: eu dormir aqui eu dormir noutra lado vai dar na mesma coisa. Desde que eu esteja de pé. E eu fui e às nove da manhã estava ali de pé. Fui com ele.

- E o seu pai não se chateou com isso?
- Não se chateou.
- E ele não perguntou onde é que ia dormir?
- Não, ele perguntou. Eu só lhe disse o assunto é mulher. Ele perguntou onde é que eu vou mas eu tive que me ir embora. Ficou a olhar para mim. Eu disse vou ter que sair às nove estou aqui. Às nove estava lá, levei o telemóvel. E a minha mãe viu, a minha mãe acordou de propósito para ver se eu ia. Tas a ver? O meu pai a dizer que eu não sei o que faço, não sei quê.
- Eles no fundo não ficaram incomodados com o facto do Paulo ir dormir fora de casa?
- Não, mas eles não gostam. A tua casa é aqui. Só que eu digo a eles: vocês têm que ver que eu já tenho 19 anos e não estou para fazer... já tive mesmo essa conversa com os meus pais. Se eu quero dormir com uma rapariga como é que eu vou fazer? Não vou levar uma rapariga para casa dos meus pais. Tá lá a minha irmã, a minha irmã ainda vive lá.
- Que idade tem a sua irmã?
- A minha irmã tem 23 ou 24. Acho que é 24.
- E ela é a única irmã que tem?
- Sim, é a única irmã. Já comprou casa mas não sei o que é que ela está à espera para ir embora.
- Mas gostava que ela se fosse embora, era?
- Eu gostava, ficava com o quarto dela que é maior.
- (Risos)
- Tar a li na casa ou não é a mesma coisa, trabalha e faz a vida ali na baixa da banheira. Comprou casa e o namorado é de lá.
- O que é que ela faz?
- Trabalha na Nokia, em Lisboa.
- E estudou até que ano?
- Foi para a Faculdade mas disse ao meu pai que aquilo não era o que ela queria então ela desistiu.
- Ela estava a estudar o quê?
- Não sei. Lembro-me da minha irmã estudar Saúde mas não sei se ela acabou com Saúde. Se ela mudou depois de área, não sei o que ela fez. Só sei que ela acabou o 12º, chegou a entrar, chegou a entrar, e disse ao meu pai: pai afinal não é isto que eu quero e vou-me embora. Depois foi-se embora, foi trabalhar.
- Porque é que o Paulo não gosta da ideia de levar as namoradas lá para casa?
- Bom, eles têm que perceber isso, não é?

- Mas que solução é que encontra?
- Que solução é que encontro?
- Pois.
- A solução é dormir fora de casa.
- Fora de casa, o quê?
- Dormir noutra casa.
- Na casa da namorada.
- Naquele dia foi na casa dela.
- E ela tinha lá os pais?
- Não, se tivesse era muito mais difícil.
- Fui dormir lá porque ela não podia dormir na minha casa. Com os pais dela à beira era impossível, praticamente. Casa vazia, não tem ninguém, disse logo ao meu pai: vou dormir ali. E a mesma coisa. Para tar a dormir num lado. Durmo no outro.
- E agora ainda tem essa namorada?
- Não, isso não era namorada. Eu namorei com uma rapariga dois anos e meio com ela.
- Tão novo não pensei que ia namorar assim tanto.
- Começou a namorar com quer idade?
- Comecei, devo ter começado aos 15 com essa rapariga, 15, 16, 17. Namorei dois anos com ela. 17, 18, eu lembro-me que ela não tinha 18.
- Foi aquela namorada que andou consigo no 10º?
- Foi essa mesmo e a gente acabou quando eu estava em Inglaterra. Acabei lá.
- Quem é que tomou essa decisão, foi o Paulo?
- Não, fui eu que acabei, ela não se tava a portar bem.
- Porque é que não se tava a portar bem?
- Já não tava a gostar, já sei muito bem como é que é a minha zona. E também conheço muito bem a ela. Depois tive... um, dois, três meses lá. Acabei porque já não estava a gostar. Estava a ver ela já com umas companhias que nunca pensei. Mudou muito, então agora. Ela vive neste prédio e vive neste na Cidade do sol, então agora como as coisas estão, as coisas mudaram bastante. Mudaram mesmo. Nunca pensei. Aí é que eu vi. Como é que a vida dá voltas.
- Então o que é que mudou?
- Mudou bastante, como a gente era e depois como é que ficámos. Ela depois também quando eu acabei com ela foi quando ela tinha acabado de fazer os 18 e quando chego aqui e vejo ela, discoteca aqui, discoteca ali. E eu conheci aquela miudinha de escola- casa, casa-escola, fez os 18.
- E o Paulo não gostava de ter uma namorada que saísse.

- Não, gostava. Nunca quis uma namorada parva e estúpida. Quer dizer há raparigas que não saem e não têm nada de parvas ou estúpidas, são raparigas que saem de vez em quando. Mas também aquelas que estão ali todos os fins-de-semana, isso também já não. Já não gosto. Começa a ganhar outro estilo. Isso é para as solteiras. Para mim é. Tar ali todos os fins-de-semana, para mim já é para as solteiras.
- Porquê?
- Porque isso torna-se um hábito de sair todos os fins-de-semana. Eu nunca gostaria que a minha namorada saísse todos os fins-de-semana.
- Mas porque é que não gostava?
- Para já para sair tinha que ser comigo. Eu vou sair, ela vai sair, não vamos um para cada lado. Só se estivéssemos chateados. Vamos sair os dois, também não há problema em sair os dois. Só que todos os fins-de-semana não. Nem que eu tivesse que ficar um fim-de-semana ou outro e dizer: não. Não me está a apetecer. Um gajo tem que saber... Como diz o meu pai: há tempo para tudo. Há tempo para tar em casa, para namorar, para sair, para se divertir.
- Com os homens é diferente?
- Com os homens também não, porque eu também não ando todos os fins-de-semana nas "nights". Então se namorasse não é? Já pensava de outra maneira. Porque eu que namoro já penso assim então se namorasse já pensava de outra maneira.
- Então quer dizer que depois dessa namorada o Paulo nunca mais teve assim nenhuma namorada mais tempo?
- Não. Nem tou a pensar namorar. Agora é deixar andar. Tou a pensar em trabalhar, não estou a pensar em namorar.
- Então quer dizer que os seus pais reagem mais ou menos bem a estas situações do Paulo dormir fora de casa, em sair.
- Se houver dinheiro as coisas resolvem-se bem.
- Eles compreendem bem se for para casa de uma namorada?
- Têm que compreender. Já tive essa conversa para eles compreenderem. Aquela conversa que não posso trazer elas para aqui então se me apetecer dormir com uma durmo fora de casa.
- E o que é que eles disseram?
- Não dizem nada. Vão dizer o quê? Não, não vais. Eu com 19 anos, tá bem que eu ainda vivo no tecto deles mas...
- Mas conversam sobre essas coisas.
- Sim, eu converso. Mas não é a toda a hora. É raro uma conversa dessas. Quando eles vêm com uma conversa dessas eles vêm que eu estou a falar a sério. Não é?
- Sim, eu pergunto é se na sua casa é comum falarem dessas coisas? Sexualidade. Se é uma coisa normal?
- Sim, eles falam o que têm a falar. Claro que eles passam essas dicas quando eu digo que vou dormir fora, não sei quê?

- A minha irmã, ela diz mesmo: tu andas aí com essas gajas ainda apanhas doenças. A minha irmã é logo assim descarada, começa logo a mandar essas bocas. O meu pai não o um pai já é de namorar... A minha irmã não, é mais descarada, diz: andas com essas gajas, andas sem preservativo, apanhas essas doenças. O meu pai não diz: faz as coisas com cabeça, não sei quê. Só que eu não gosto de ouvir isso, porque sei, sei, já ouvi isso bastante vezes. Sempre com camisinha e tenho amigos, tenho um amigo meu mais velho que eu um ano e já tem um filho de quatro anos. Um que vive ali na Cidade do Sol. Outro, meu vizinho engravidou a irmã do meu amigo que tem 23, ela tem 18. já têm uma filha de 2 anos. Ela teve o filho com 16. Já tive ali tantas, prontos, essa rapariga que tem há dois anos eu comecei a namorar primeiro que eles e eles foram fazer filhos. Estragou a vida dele, porque têm filhos e ela quer lá saber dele. Ela sabe que ele é o pai da filha dele só que ela quer é... Aquilo é... é mesmo assim. Eu tive dois anos de cabeça enquanto andei com ela e ainda bem porque era o maior erro que eu ia fazer na minha vida. Não ia faltar nada ao miúdo mas só de saber que aquela ia ser a mãe ia-me arrepender bastante. Graças a Deus.
- Quer dizer bem ou mal as coisas vão sendo conversadas. Vai dando para o Paulo pensar nas coisas.
- Sim, temos que pensar nisso. Não é fazer um filho à toa que é para depois ter vergonha de dizer que aquela é a mãe do meu filho. Né? Hoje em dia eu queria que ela fosse mãe de algum filho meu. Nunca na vida. As pessoas mudam, as pessoas mudam bastante. É mesmo triste, ainda por cima saltaram ao pé da janela dela, roubaram-lhe uma cena, e já vieram falar que ela desconfia de mim. Ela abriu a janela para lhe roubarem e depois sou e mais dois "pretos" que eu vim lá daqueles lados. E ela agora ficou tipo desconfiada. Ela que não venha com essa conversa porque eu ali nunca pensei que tu pensasses uma coisa dessas de mim. Entrar na tua casa e roubar a tua casa.
- Parece que a vida do Paulo, a própria vida tem sido uma escola não é?
- Sim.
- Para quem não gosta da escola.
- É verdade.
- Nunca gostou da escola, ou gostava antes?
- Adorava a escola, detestava era as aulas.
- Mas desde pequenino ainda se lembra de quando entrou para a escola?
- Lembro-me de quando entrei para a escola. A primeira classe.
- Lembra-se! O que é que se lembra?
- Lembro-me que fui para lá. Estava lá quietinho, mas não me lembro, lembro-me de não almoçava naquela escola.
- A mãe estava em casa?
- Estava. Depois lembro-me quando passei a 4ª classe nem consegui dormir sabendo que ia para uma escola nova. Uma escola diferente, aí é que mudei bastante... a primeira vez que tive chaves de casa e passei.
- Tinha que idade?
- Sei lá eu entrei para a escola primária com 5 anos soque fiz logo os seis, e tive lá quatro anos só depois chumbei. Aí com 10 anos fui para o 5º ano.

- Sentia-se já crescido com a chave de casa e com o passe?
- A tua mãe já trabalhava?
- A minha mãe aí já trabalhava.
- Que idade tinha quando a sua mãe começou a trabalhar?
- Tinha para aí 11, 12.
- Nessa altura a mãe teve sempre em casa?
- Foi, ela teve lá em casa depois começou a trabalhar, depois fui pra a cidade do sol. Nessa altura gostava da escola. Foi mesmo no 10º ano que não gostava da escola. Não gostava era das aulas não podia entrar lá dentro.
- E na primária gostava das aulas?
- Na primária já não me lembro se gostava ou não. Mas que ficava contente quando tocava para saída, ficava.
- (risos)
- O Paulo não andou na pré-primária?
- Não.
- Portanto passou até aos 5 anos com a sua mãe em casa, não é?
- Sim.
- E depois é que foi para a escola primária.
- Sim, não fazia nada ficava a tomar conta de mim. A minha irmã também acho que sim.
- E o seu pai trabalhava.
- Sim, no mesmo sitio.
- Muito bem, Paulo, Então o que é que o Paulo diria aqui para resumir a nossa conversa?
- Pronto, sei lá o que é que ia dizer: esse curso que tirei para ter mais escolaridade, agora quero tirar um curso para ficar bem.
- O que é ficar bem? É arranjar um trabalho, ficar efectivo.
- Segurança?
- Estar seguro, sim. Pronto o trabalho pode ser puxado, tenho é que estar seguro lá dentro. Ficar efectivo. Saber que se eu continuar a fazer o que faço não me irá acontecer nada. Não me vão despedir, não me vão fazer nada.
- Então aquilo que mais deseja é a sua vida segura?
- Segurança mas no trabalho, porque eu não preciso de segurança nenhuma. Tenho a minha segurança, as minhas armas, não preciso de segurança. Eu quero é estar seguro no trabalho.
- Então que armas são essas?
- Tenho armas minhas.

- Como é que se defende de outras inseguranças?
- Sou baixinho, eu ando à noite na rua e tenho que usar armas brancas, ainda por cima como isto agora anda. A polícia já cai, enquanto mais nós, temos que andar sempre com a coisa no bolso. Foi desde que inventaram a pólvora que acabaram os heróis.
- Como assim?
- Antigamente a gente via os gajos grandes fugia. Agora os pequeninos, até de longe caem.
- Tá bem, Paulo. Olhe. Eu agradeço mais uma vez todas as vezes que cá veio.
- Eu também gostei de vir aqui.
- Gostou de conversar comigo?
- Pelo menos vir aqui tinha aquela preocupação de vir, não é acordar e tar a olhar a ver os carros. Não é lá no parque lá no bairro a olhar.
- E o que é que pensa fazer agora?
- Não sei se calhar vou lá para esse hotel. Em Londres? E é só depois de passar o Verão.
- Porquê?
- Porque eu não passei o Verão passado e este verão tenho que passar porque eu adoro o Verão. Desde pequenino que o meu pai levava-me para a praia e habituei-me àquilo.

**ANEXO 5**

**ENTREVISTA AO FRANCISCO**

## ENTREVISTA AO FRANCISCO

- Então é assim. No fundo, há uma pergunta inicial que eu gostava de lhe fazer e é essa que eu peço que responda. No fundo, que conte a sua história até chegar aqui ao Centro de Emprego. Ou seja, como é que o Francisco chegou ao Centro de emprego? Como e Porquê. E, como é óbvio, para responder a essa pergunta é normal que venha a falar, e isso também lhe interessa que venha a falar na sua experiência escolar e na experiência que teve no tal curso que teve, de educação e formação de jovens lá na escola. Não é? Claro que, se o Francisco achar por bem não falar nessas coisas e falar noutras coisas, também, de outras coisas da sua vida, que o Francisco ache importantes para melhor contar a sua história, pode falar nelas. No fundo é contar um pouco da sua história.
- Pronto, foi assim, eu no quinto ano fui para a escola da Quinta da Lomba, E.B. 2+3. Pronto, fiz o quinto ano só que sou um rapaz que não gostava muito da escola.
- Porquê?
- É assim, eu ir às aulas eu vou bem, só que ir às aulas eu estou sempre desatento. Eu sou daqueles rapazes que penso: tenho que estar atento, tenho que estar atento, não consigo estar atento nas aulas e, mais ou menos. Consigo ter um bocado de aproveitamento nas aulas, só que sou assim, sou um bocado distraído e dou um bocado de conversa, voltando à conversa. E pronto. Eu acho que estou mais ali a falar e a ver as coisas do que estar propriamente atento às aulas. Pronto, começou tudo no quinto ano. Desde a primária que eu não gostava. Foi assim...
- Nunca gostou da escola?
- Nunca gostei da escola e depois no quinto ano, a primeira vez que estive no quinto ano chumbei. Também tive lá problemas, repeti-o. Na segunda vez que fiz o quinto ano...
- Que problemas é que teve?
- Não era bem problemas. Eu ia para as aulas mas não gostava de tar nas aulas e ia-me embora. Problemas assim, de não querer estar nas aulas, gostava de andar aí fora, pronto com a malta e isso tudo.
- A fazer o quê?
- A passear, em vez de estarmos nas aulas cheguei a ir com amigas minhas, em vez de termos Física, íamos para o parque da cidade. Jogar à bola, andarmos por aí a passear pelo Barreiro. Eram coisas assim. No segundo, que fiz o quinto ano já apanhei uma turma mais ou menos porreira, já ia às aulas, não era muito atento, não era muito atento. Comecei a ir às aulas e passei para o sexto ano. Mas no sexto ano voltei a ter aquela coisa de baldar à escola. Tive que fazer o sexto ano pela segunda vez.
- O que é que não gostava nas aulas para além dessa dificuldade em estar atento? O que é que não gostava?
- Não sei explicar, era mesmo aquela coisa: ir para as aulas e não querer estar lá a ouvir os professores a falar. Não querer estar ali a ler.
- As aulas não tinham interesse?
- Não, não me davam interesse nenhum as aulas a mim. Era mesmo aquele, estava com os meus colegas na conversa numa aula inteira, preferia, do que estar a ouvir o professor a explicar a própria coisa da aula.
- Mas as conversas com os colegas eram mais interessantes porquê?

- Eram, falávamos do que se passava, do que se fazia. Naquela altura, foi quando saiu a Playstation. A gente falávamos os dois da Playstation e passávamos nisso. Havia colegas meus que falavam de carros.
- Falavam dos vossos interesses.
- Pois, os nossos interesses, da bola e isso. Pronto depois quando passei para a escola da Cidade do Sol fazer o sétimo ano foi quando comecei a abrir-me mais. Portava-me mal na aula, num momento qualquer saía da sala. Foram aquelas coisas. Pronto comecei a andar com malta repetente e tudo.
- Porque é que foi para a Cidade do Sol?
- Porque ficava mais perto de casa, então como me transferiram para a Cidade do Sol ficava mais perto e muitas pessoas minhas vizinhas e amigos iam para lá. Eu não sabia se ficava nesta escola. Então vou, também. Fui para a escola, entrei numa turma, era pessoal repetente. Pessoal da minha zona, depois comecei a meter-me com o pessoal repetente. Eles baldavam-se à escola. Chegavam aos testes, eles assinavam o teste e iam-se embora. Coisas assim.
- Na rua o que é que faziam?
- Ia-mos jogar à bola e começávamos a ver o pessoal nas aulas. Não queríamos era estar dentro da sala fechados a aturar a professora que não nos deixava fazer nada.
- Não gostava dos professores?
- Não, não era não gostar dos professores. Pronto era aquela coisa de estar fechado ali durante uma hora, ter que fazer exercícios, ter que ir ao quadro, um gajo aborrece-se um bocado. Foi depois nessa altura que eu estava a acabar o sétimo ano que eu soube dos cursos de formação profissional lá na escola.
- Como é que soube?
- Foi, porque os meus colegas, de repente, ouvi lá uma professora, que é a professora Teresa Costa veio falar à minha sala. E como estava lá um colega ao lado meu, veio dizer: existem uns cursos assim, para fazer o oitavo e nono. E eu ouvi aquela história e comecei a pensar: isto é um bom curso para mim. Um curso de dois anos, se chegar ao final fico com o nono ano, eu agora não sei se chumbo. Vou falar com os meus pais. Cheguei a casa falei com a minha mãe: ouvi isto na escola, falei-lhe do curso. O meu pai disse: isso não dá para nada. Se tu não fazes a escola na escola normal num curso também não consegues fazer. Só que eu tinha ouvido um curso de mecânica, já gostava um bocado de carros. Um curso de mecânica. Depois quando soube que tinha chumbado não me custa nada tentar. Ver se consigo entrar ou não. Se chumbar pelo menos fico a saber alguma coisa de mecânica, se passar melhor ainda.
- Que idade tinha o Francisco nessa altura?
- Tinha quinze. Tava quase a fazer os 16. Depois a minha mãe. Fui ver a nota e tinha chumbado. Fomos os dois lá falar com a professora. Ela teve que assinar um papel a dar a autorização. Ela dá-me autorização para entrar no curso, eu estava quase a fazer os dezasseis. Comecei no curso, não sei o que é que me deu, não sei se foi a motivação de fazer o nono ano e tirar o curso. Mas eu tenho impressão que foi mesmo força de vontade minha de fazer o nono ano e de tirar um curso diferente da escola normal. Então nessa altura foi quando eu comecei a gostar mais das aulas. Porque as pessoas falavam com a gente. Com a gente era quase tudo sobre carros. A minha turma era quase tudo pessoal da Amoreira. Começámos a gostar do Tuning, alguns já gostavam do Tuning. Depois começámos a ver. Eles compravam revistas e agente via Tuning e assim. Como já gostava de carros comecei a interessar pelo Tuning. E com o Tuning é que comecei mais a interessar pela mecânica, as pessoas falavam com a gente nas aulas e nós começávamos a explicar o que é que vocês faziam se tivessem isto e isto e assim. E Matemática, Português...

- Mesmo na aula de Matemática falava-se em Mecânica?
- Mesmo na aula de Matemática falava-se em Mecânica.
- Os exercícios de Matemática eram sobre a mecânica?
- Os exercícios de matemática eram adaptados ao curso de mecânica que gente estava a ter. E mesmo em Português também. A gente começava a aprender também como é que fazíamos folhas de cartas para entrevistas de emprego e isso tudo. E pronto, aquele curso e as aulas começaram a dar motivação à gente. Começámos a ver: a gente aqui começámos a aprender mais para sabermos no futuro, quando a gente começarmos a trabalhar. Não é aquela coisa de chegarmos lá ter o 12º ano e preenche estes papéis. E pronto, para mim acho que foi isso. A forma de ensino era diferente, era mais baseada com o curso que a gente estava a tirar. A gente até achava engraçado. Tínhamos professoras por exemplo de computadores. A gente íamos para os computadores fazer trabalhos e isso tudo. Depois era tudo malta porreira e começámos a dar-nos todos mais ou menos uns com os outros.
- E eram quantos?
- Éramos quinze se não me engano.
- E antes quando era na escola?
- Na escola eram 25 mais ou menos, 24, 25. Era muito mais gente. Depois começámos a ir para o Seixal, ter as aulas práticas. Começa-mos a mexer nas ferramentas e nessas coisas. Basta esta perspectiva de a gente gostar de ir para lá.
- Como é que as coisas eram? Como é que estava o curso organizado? Eram dois anos.
- Era dois anos...
- Oitavo e nono, não era?
- Depois era tudo mais ou menos tipo escola. Tínhamos aulas aqui na escola, três dias por semana, aqui na escola. Eram aulas normais, Português e Inglês.
- Que disciplinas tinham da escola normal?
- Tínhamos Inglês, Português, Matemática, mundo actual, T.I.C, Mundo Actual...
- O que é T.I.C. era Tecnologias de Informação? Informática?
- Informática, Cidadania. A professora trazia aquele jornal, como se chama?
- Jornal?
- Diário da República. Para a gente ver as leis, os artigos, pois a gente tirava uns artigos do Diário da Republica para folhas para fazer uns livros para gente.
- E gostava?
- Não, gostávamos. Estávamos todos entretidos, depois havia um que dizia uma piada, a stora metia-se com a gente. Por acaso, foi...um curso que a gente gostou.
- Tinha mais disciplinas para além dessas?
- Acho que não. Era Português, Inglês, Matemática, Cidadania, Mundo Actual, T.I.C. Apoio ao Desenvolvimento Pessoal e já não sei mais nenhuma. E depois era a prática. E como a gente de manhã, de semana, três vezes por semana tínhamos aqui na escola. Quando chegava à quarta

e sexta-feira tínhamos sempre aquela coisa. Ia-mos para o Seixal. Vamos de autocarro. Chegávamos lá, aquilo era um mundo diferente daquilo que estávamos habituados ali na escola.

- Tinham que entrar cedo, não era?
- Não, porque a gente entrava só à tarde, à uma e meia. Abalávamos aqui da escola quarta-feira às 11 horas num autocarro que a Câmara nos fornecia e então abalávamos para lá.
- Esse curso foi organizado por quem? Pela escola?
- Era pela escola, pelo centro de emprego, pela Rumo e pela Câmara. Acho que era só isso. Prontos, a Câmara dava-nos o autocarro para nós irmos e virmos.
- Chamavam a isso à escola incluir, não é?
- É, a Câmara dava-nos o autocarro para a gente ir e vir. Ia-nos lá pôr e depois quando a gente saía, às 7 horas estava lá para nos trazer. E depois ela, aquela coisa, íamos para o Seixal e aquilo era muito diferente. Até tínhamos aulas teóricas para aprender a saber as coisas do carro e era as práticas, prontos para aprender a desmontar os motores. Depois de semana íamos para as aulas, tínhamos os testes. Andávamos sempre naquilo, como a gente gostávamos daquilo dos carros a maior parte da minha turma, éramos quase todos. Lá havia um ou dois que não gostava muito de carros. Mas pronto era mais para fazer o nono ano, eles. Agora a maior parte gostava de carros andávamos lá coisa, pá, qualquer dia mexer em carros, andávamos sempre lá a falar e depois o nosso professor era um senhor porreiro. Estava sempre na brincadeira e tudo.
- Foi sempre o mesmo formador ou não?
- Sempre. Foi só um durante os dois anos. Durante os dois anos foi sempre o mesmo formador e pronto a gente chegava ao final do ano. Era um mês de estágio. Arranjava um sítio para irmos estagiar. Pronto era um mês que estávamos a estagiar naquela empresa.
- Onde é que estagiou?
- Eu estive a estagiar na Toyota, aqui em Palhais.
- Como é que foi?
- Foi porreiro, nos dois anos calhei com duas pessoas impecáveis. No primeiro ano foi um senhor impecável. Eu estava ao pé dele e ele dizia-me: olha agora a primeira semana ficas aqui a aprender. Na primeira semana ia andando com ele, ia levando a chaves e não sei o quê e ia aprendendo com ele. Depois nas outras semanas ele ficava ali ao pé de mim a ajudar-me, claro, não ia deixar-me sozinho a trabalhar. Ele às vezes ajudava-me, eu ia buscar os materiais, ele fica de olho nos carros. Ele ia-me ajudando nas coisas, se visse que eu estava a fazer mal, ia-me dizendo: não faças isso pois estás a fazer mal. No primeiro ano tivemos a trabalhar só em carros da Toyota, depois tivemos as nossas férias e voltámos ao curso. No final do segundo ano de curso já houve professores que não tivemos, foram trocados por outros. No final do segundo ano voltei a ir para Palhais, só que voltei, como ali em Palhais é Toyota e BMW, apanhei já a ficar, como o senhor da Toyota, uns iam de férias, outros estavam para ir, o único naquela altura que não ia de férias era o senhor que estava a trabalhar com os carros da BMW. Então ele fazia carros da BMW e da Toyota. E por acaso fiquei com ele, cheguei lá ele perguntou-me o que é que eu queria fazer. Eu disse já aprendi a fazer isto e assim-assim. E ele então pronto, isto assim-assim, a gente faz regularmente. Então eu disse que ia fazer dois testes e ia fazer um teórico e um pratico. Ele disse então o que é que sai. Por acaso naquela altura eu sabia o que é que ia sair e expliquei-lhe e eles na BMW como têm um computador para ver as avarias dos carros e para ver onde é que ficam os sítios das peças. Então nas últimas semanas, às vezes havia aquelas abertas, quando acabávamos os carros mais depressa, então ele metia-me lá no computador e dizia: olha vais dando aí um olhinho enquanto eu dou um olhinho aqui a ver se está tudo bem. Foi um senhor sempre impecável, levou-me a mexer nos carros. Tava sempre comigo e dizia-me: se tentares agarrar assim é melhor agarrares assim. Tive umas semanas lá

- no computador. Sempre ajudou, a gente vai vendo as peças, como é que se tira, como é que não se tira.
- E isso ajudou-te?
  - Ajudou um bocadinho. Porque aprendia coisas que a gente na escola está às vezes na conversa ou não ouvia muito bem ou os apontamentos que a gente tirava não estavam muito bem esclarecidos. Eu ali aproveitava e revia mais ou menos a matéria. Levava o papel que o meu professor me deu. Via o que é que ia sair, o que é que a gente tinha que fazer. E no mês que eu tive no segundo ano consegui fazer mais ou menos na Toyota o que conheci no curso. Olha o senhor dizia isto vai-te sair no teste, eu vou ficar de olho em ti. Tu vais fazer isto sozinho. E pronto o senhor dizia: pera aí que isso não era bem assim, tenta lá fazer isso de modo diferente. Uma vez apanhámos um carro de um senhor e ele disse: eu vou deixar o rapaz fazer sozinho porque ele está aqui a estagiar e depois vai fazer um teste. Ele foi impecável, deixou-me estar sozinho a mexer. Eles os dois a verem, correu-me lindamente. Cheguei a abrir uma cabeça de um motor. Foi impecável, era para passar lá depois do curso mas como fui de férias e depois fui lá agradecer ao senhor.
  - À quanto tempo é que acabou o curso?
  - O curso acabou em Julho, se não me engano.
  - Em 2004. Já tou cá fora há um tempinho. Por acaso gostei muito do curso. Fui procurar muitas escolas. Na minha escola a ver se havia cursos. No ano passado havia na minha, mas só de um ano. Fui lá ver se dava porque eu queria continuar até ao 12º
  - Então quer continuar a estudar mas neste sistema.
  - Sim neste sistema. Como eu gostei.
  - Portanto, o que é que o Paulo pensa que foi diferente em relação à escola?
  - Foi mesmo o ensino era baseado mais ou menos no curso que nós estávamos a tirar.
  - Tinha mais a ver com a realidade.
  - Tinha mais a ver com a realidade que a gente estava. Como estávamos a tirar um curso de mecânica. As aulas tinham sempre mais ou menos a ver ou não com mecânica e a gente estava sempre a ser específico. Tem mais a ver... a aulas que a gente está a aprender e o curso que a gente está a tirar dá mais aquela expectativa que a gente está a aprender mais. Na escola normal não. É mais a gente vai aprender isto e agente está ali a aprender aquilo. E depois a gente começa a ver: mas isto não tem nada a ver com a vida que a gente está a viver. Estamos a ler Saramago, mas o que é que isso vai me dar.
  - Só um bocadinho.
  - (pausa)
  - Desculpe lá Francisco. Diga.
  - Pronto. A gente começa a pensar: na escola dão-nos Saramago mas o que é que isto vai-nos servir para um dia que a gente vá para o trabalho. Ali no trabalho não vamos estar a ler Saramago aos colegas. E como no curso a gente aprendia mais ou menos aquilo que a gente estava a dar naquele momento, sempre é outra forma de ensino. Parece que a gente está mais à vontade com os professores. Para falar. Por exemplo. E se a gente tiver 50 litros num carro tirando 10.
  - Quer dizer, estavam a resolver problemas.

- Estávamos a resolver problemas, quer dizer se naquela altura a gente já tivesse um carro. Távamos a resolver problemas, a gente estávamos numa aula e aproveitávamos. Acho que fica mais prático do que a escola normal. Eu por acaso gostei. Depois quando acabou o curso eu andei à procura para fazer o 12º ano no mesmo sistema. Porque como na escola normal até ao sétimo ano eu não dava com aquilo. Eu fiz o oitavo e nono ano bem e gostei do curso e isso tudo. Olha vou tentar fazer até ao 12º para ficar com uma escolaridade mais alta e pronto vou procurar e coiso. Pronto então na escola disseram e eu vim aqui ao Centro de Emprego.
- Quem é que lhe falou do Centro de Emprego.
- Foi uma professora que falou... quando eu fiz a inscrição na escola, a professora Teresa Costa.
- Essa professora é professora de quê?
- Era a nossa professora de Mundo Actual
- Mas ela antes na escola dava aulas de quê?
- Hum, não sei.
- Mundo Actual não há no currículo anual.
- Não sei, foi uma coisa que não chegámos a perguntar. E
- Era tudo diferente daquelas disciplinas que tinha antes não é?
- Bem, o Português e a Matemática eram diferentes, as Disciplinas?
- Não, quer dizer. A gente o que dava no curso era mais ou menos o que se dava cá fora no nono ano.
- O Português, a Matemática...
- O Português, a Matemática e o Inglês. Os professores davam aulas de outra maneira, conforme o curso que a gente tinha.
- E isso agradava o Paulo?
- Isso agradava-me. Em vez de ouvir os professores a falar de Saramago. Távamos a dar quase a mesma coisa, os poemas e isso tudo, e ao mesmo tempo a aprender o curso. Távamos a aprender tudo mais ou menos na aula. E essas disciplinas que não tinha antes como Mundo Actual?
- O Mundo Actual era mais ou menos como eu tinha antigamente Ciências, falávamos do 25 de Abril e...
- E gostava disso? Gostava, era tudo de forma diferente porque era, como é que hei-de explicar, a professora estava sempre... Depois mostrava imagens à gente como é que eles eram antigamente a trabalhar. Tinha outra forma do que a escola. Antes de 25 de Abril, foi uma guerra e essas coisas assim. A professora emprestou algumas folhas para a gente ver umas imagens para vermos como é que era o trabalho antigamente, como é que as pessoas viviam. E depois tínhamos perguntas e naquelas perguntas, a gente começava a ver, temos aqui umas folhas para ver o que é que a gente acha que está bem e agente estava sempre entretidos. A Stora até trazia, a forma para ensinar a gente, palavras cruzadas, que a gente gostava muito. Ou procurar sinónimos e fazia perguntas e pronto era uma forma diferente de a gente aprender. Na escola normal tínhamos as perguntas e tínhamos que andar à procura e tínhamos a andar a procurar e escrever a data lá.
- Era como se fosse um jogo.

- Era como se fosse um jogo então era mais divertido, e pronto. No Mundo Actual. Na Cidadania também gostava porque a gente estava a aprender os artigos que há. A gente copiava os artigos para uma folha apenas aqueles artigos que a gente achava que um dia mais tarde iam servir para a gente trabalhar em mecânica.
- Achou aquilo útil?
- Achei porque é assim, os artigos que a gente tirava eram do nosso trabalho, haviam artigos de várias coisas, só que a professora mandava-nos procurar, só para o nosso curso, de mecânico. Então a gente andava sempre a ler.
- ...
- Pois mais ou menos a gente já sabia, pois tratávamos mais ou menos com isso. Somos mecânicos. A gente na nossa escola falavam qualquer coisa da turma do 9º E ninguém sabia quem era da turma do 9º E. Se falassem nos mecânicos do Barreiro já sabiam quem era.
- Sabia bem ser conhecido por mecânico do Barreiro?
- Lá na escola diziam: então és de que turma? Tou a tirar o curso de mecânica aqui na escola. Eu falava, mesmo agora, saio à noite com amigos meus. E vejo pessoas lá da minha escola e perguntam: então não pertencias lá aos mecânicos do Barreiro, da Escola da Cidade do Sol. Então prontos, como é que hei-de explicar. Naquela altura ficou conhecida por sermos os únicos mecânicos ali na nossa escola. Havia uma turma antes, sempre ouvi dizer que a turma que tinha tirado o curso antes de agente também era uma turma porreira. Malta 5 estrelas, portavam-se bem. Prontos pelo que ouvi dizer uns portavam-se bem outros não. E a gente portava-se bem porque era a nossa imagem que estávamos a mostrar também. Agora, olha aquela turma dos mecânicos é só malta que não presta para nada e não sei o quê. E eu não gostava, gostava de falar assim: a minha turma dos mecânicos do Barreiro, aquilo são uma turma espectacular, são uns rapazes que aprendem depressa. Eu gostava disso.
- Antigamente quando andava na escola antes de andar no curso era exactamente ao contrário, não era?
- Era, naquela altura dizia mal, quando cheguei à Cidade do Sol não tanto. Mas Alina Quinta da Lomba, falavam em dois ou três da minha turma: esses rapazes, não valem um corno.
- O que é que você sentiu com essa mudança de reputação, entre aspas?
- É assim, depois a gente chega a um ponto que começa a farta-se de andar ai na rua, faltar às aulas. Naquela altura queria arranjar namorada e ela depois: mas tua andas a baldar às aulas. E a gente chega a uma altura que também começa a faltar-se. Está na aula tem que arranjar qualquer coisa. Depois ia para a rua só para não estar dentro da aula. Não ia de repente para não ficar a olhar e mas o que é que se passa com ele. Arranjar, como é que se diz, arranjar encrencas com os colegas, depois ir para a rua, também não porque depois eles também ficam mal. Eu penso: tenho que arranjar qualquer coisa para ir para a rua.
- Mas porquê? Não suportava estar nas aulas?
- Não, porque naquela altura não gostava de estar nas aulas. Era mesmo aquela coisa: tenho que ir para as aulas, ficar uma hora fechado. A aturar com...
- Não havia nem uma aula que o Francisco gostava?
- As únicas aulas que eu gostava no 5º e 6º ano era de Física.
- Há era?

- Porque era só ao ar livre e era só...
- Há, Educação Física.
- Educação Física.
- E era Educação visual, que era trabalhos manuais e começar lá a desenhar.
- Então Francisco gosta de coisas práticas?
- Agora Inglês nunca foi o meu forte, Matemática, dou um bocadinho, Português também dou um bocadinho só que tar ali, duas horas, 90 minutos a aturar sempre com a mesma coisa.
- Era 90 minutos sem intervalo?
- Era. No curso só tinha 90 minutos de intervalo. Eram mesmo 90 minutos seguidos. Antes no 5º e 6º ano não. Só tinha apanhado 45 minutos.
- Então e era mais fácil suportar os 90 minutos do curso que os 45 minutos das aulas?
- Era, porque a forma de ensino era diferente. A gente chegava a acabar os 90 minutos e a gente a dizer à stora: já acabaram os 90 minutos? Porque a gente estávamos tão empenhados a fazer os trabalhos que estávamos a fazer que nos esquecíamos do tempo e na escola normal não. A gente fazia vários trabalhos, só passaram 10 minutos, ainda faltam 25 para a aula acabar e uma pessoa fartava-se.
- E sempre foi assim, Francisco? O Francisco estava a dizer, à bocadinho, que nunca gostou da escola, nem na primária.
- Na primária era mais ou menos assim: os professores mandavam fazer os trabalhos, eu fazia os trabalhos mal. Pagavam-me e eu embirrava que não fazia outra vez. Mesmo em casa, a minha mãe diz agora, por causa do meu irmão. O meu irmão entrou agora para a primeira classe.
- Que idade tem ele?
- Tem seis anos, faz agora no final deste mês.
- E o meu irmão, se ela diz, olha esta letra está mal. O meu irmão é capaz de apagar a linha toda. Voltar a fazer para ficar bonito. E eu não, a minha mãe a dizer que está mal, a minha mãe apagar e eu a não querer apagar. Ela apagava, obrigava-me a fazer e eu continuava a fazer mal. Chegou mesmo a dizer que já estava tão farta de apagar que a folha já estava furada. Não gostava mesmo de cumprir ordens. Fazia aquilo a primeira vez. Tem que estar bom. Quem gostasse, gostava, quem não gostava, não gostasse.
- Ou então não aguentava dizerem-lhe que as coisas estavam mal.
- Ou então isso.
- Ou sabe bem dizerem-lhe que a coisas estão bem feitas.
- Pois. Então desde que entrei para o curso que comecei a dizer. Não, eu não posso embirrar tanto com as coisas. Isto tem que estar bem, está bem. Está mal, tenho que fazer bem porque um dia mais tarde no meu trabalho não vou estar a fazer uma coisa mal e o meu patrão vem falar comigo, e diz isto não está bem, e eu fico sem poder fazer nada. Tenho que aprender as fazer as coisas bem e a forma do curso deu-me essa volta por dentro e disse: é pá, vou começar a...
- E acha que foi o curso que lhe deu essa volta ou essa volta já tinha acontecido na cabeça do Francisco antes do curso?

- Quando eu ia entrar para o curso já tinha que dar essa volta.
- Já estava a achar que as coisas tinham que mudar, era?
- Já estava a achar que as coisas tinham que mudar. Já era o facto de faltar à escola. Os meus colegas diziam: então, vais à aula. Quando eu ia às aulas os meus professores já diziam: aleluia veio às aulas. Ou vens as aulas dizer boa tarde à gente e vais já embora. Então comecei a dizer: eu ando aqui a fazer o quê? Eu, aqui não ando a fazer nada. Tenho que começar a...
- E os seu pais o que é que diziam, desde a primaria?
- Os meus pais desde a primária, prontos, pensaram que eu tivesse alguma coisa. Até a Psicóloga, pensaram que eu tivesse algum trauma com a escola, não sei. Não gostava da escola. Depois no 5º ano quando viram que eu faltava às aulas e isso tudo começaram a ver, não, isto é ele que não gosta da escola. Depois quando eu entrei para o curso o meu pai até ficou admirado de eu ter entrado para o curso. Não conseguia fazer a escola normal, não iria conseguir fazer o curso. A minha mãe apoiou-me, vais entrar para o curso e vais fazer o curso. Tu é que queres, tu é que sabes. Chegámos ao fim. Se chumbares voltas para o sétimo ano outra vez. Então prontos, eu quero entrar para o curso, quero ver se faço o nono ano. Se conseguir fazer o nono ano, fico com o nono ano, se não conseguir volto para o sétimo. E quando estava mesmo no final do curso o meu pai ainda andava a dizer: tens a certeza que entraste mesmo para o curso? E depois assim que acabei o curso e soube que tinha passado disse ao meu pai que tinha passado e o meu pai ficou todo contente, é claro. Pronto eu meti na cabeça em fazer o curso e então vim a saber que o meu pai sempre me apoiava para eu entrar para o curso.
- Mas não lhe disse assim, não é?
- Ele sempre fez daquela forma: se queres entrar no curso tens faz de modo para que eu saiba que quiseste entrar para o curso. Só agora é que me veio dizer e a minha mãe também que gostou muito, ele até me veio dizer que achou bem eu ter entrado para o curso.
- Sentiu-se orgulhoso.
- Sentiu-se orgulhoso. E depois quando eu acabei, eu disse, olha, passei. Ele ficou todo contente que eu tinha metido na cabeça que queria fazer a escola, que queria fazer o 9º ano e com a minha força de vontade consegui fazer o 9º ano. Ele ficou todo contente. E depois quando lhe disse que queria fazer o 12º ano, outra vez ele disse: então pronto, tu agora é que sabes. Se queres fazer o 12º tudo bem, se queres ir arranjar um emprego de mecânico, tu é que sabes. Pôs-me a vontade para eu escolher e eu escolhi fazer o 12º ano.
- O Francisco tentou procurar emprego depois de concluir?
- Não. Por acaso não procurei.
- O seu objectivo é mesmo...
- O mesmo objectivo é...a área mais ou menos de mecânica para continuar os cursos que eu tinha. Para saber mais sobre mecânica, prontos até para mais tarde, quem sabe, vá para uma grande empresa de mecânica.
- Era isso que gostava?
- Era isso que eu gostava.
- Ainda não chegou a trabalhar?

- Não, quer dizer, trabalhei mas não foi bem em mecânica. Tive a ajudar os meus pais na Serigrafia deles.
- Há, os seus pais têm uma empresa, em Serigrafia?
- Sim. Imprimem t-shirts. E prontos, nas férias gostava de ir para lá ajudá-los porque era um ambiente diferente da mecânica e do que eu tinha na escola. Eu vou para lá. Perco tempo no computador a fazer desenhos e isso. Para lhes ajudar a elas. Por acaso é uma coisa que eu também gosto de fazer. Que é era designer gráfico, só que prontos, como meti-me no curso e fiz o curso de mecânica gostava de o continuar.
- Os seus pais trabalham os dois na mesma empresa?
- Trabalham, trabalham.
- É dos dois?
- É dos dois.
- E eles estudaram até mais tarde?
- A minha mãe era professora de Geografia, o meu pai é que não. O meu pai só fez o sétimo ano.
- A minha mãe fez a faculdade. Ainda deu aulas.
- O seu pai fez?
- O sétimo ano. A minha mãe ainda chegou a dar aulas de Geografia só que depois acharam os dois melhor abrir a empresa, ela deixou de dar aulas. Nunca mais foi dar aulas.
- E o Francisco só tem esse irmão? É o mais velho? E já dá trabalho o pequenino.
- É?
- É muito chato. Mas é porreiro.
- É uma grande diferença, não é?
- É, uma diferença de dez anos.
- Então como é que tem dado com essa diferença. De ter um irmão...
- Ter um irmão é aquela coisa de, prontos, eu sempre quis ter um irmão. Eu queria ter um irmão e uma irmã. Queria ter mais dois irmãos e depois a minha mãe disse: olha vais ter um irmão. Eu fiquei todo contente, e depois é assim, eu gosto de tomar conta do meu irmão. Pronto, depois há aquelas coisas, eu estou a descansar no meu quarto ele vem para lá chatear. Às vezes eu brigo com ele. Às vezes estou chateado. Depois peço desculpa e ele fica todo contente comigo. E depois segue mais ou menos os exemplos do irmão, se eu fizer isto ele tenta fazer o mesmo que eu para dizer que é como o irmão.
- É. É como se o Francisco fosse o ídolo dele?
- É. É como se o Francisco fosse o ídolo dele. E por acaso já disse à minha mãe que gostava que ele. Eu vejo que, ele na escola é dos melhores da turma dele.
- Quer dizer, ele ao contrário do Francisco...
- Ele ao contrário de mim gosta da escola. Ele desde que entrou para a pré-primária andava sempre com mochilas atrás.

- Ele andou na pré-primaria é?
- Foi para a pré-primaria no ano passado, agora entrou na primária este ano. Desde o infantil que ele gosta de estar sempre a fazer desenhos e quando dissemos que ia para a escola. Quis logo comprar mochilas e cadernos para levar para a escola.
- E o Francisco lembra-se ainda do seu dia de escola? Porque é que foi assim tão difícil ir para a escola?
- Não sei, a minha mãe diz que...
- Estava com quem?
- Estava com os meus avós.
- Andei num colégio, ali no Barreiro, ao pé da Igreja. Ao pé do Tribunal novo. Há aí um colégio.
- O Manuel de Melo
- O Manuel de Melo, andei aí nesse colégio ainda e depois fui para a escola. Andei lá dois anos, mais ou menos. Quando era pequenino os meus avós iam-me lá buscar. Andei aí um tempo. A minha avó também trabalhava. Então nessa altura.
- Avós quê, paternos, maternos?
- Os pais da minha mãe. Hãn, maternos. Então nessa altura a minha avó tinha uns problemas então tinha ficado em casa. Então até entrar para a escola sempre estive com os meus avós. Fiquei com os meus avós em casa.
- E gostava de estar com os seus avós?
- Gostava, porque, pronto, a minha avó estava em casa com ela, e vamos passear para o parque. Ia para o parque com ela e divertia-me muito e ao contrário, o meu irmão também gosta muito de ir para o parque, só que ao contrário de mim, a escola detestava mesmo. Não gostava de estar na escola. O meu irmão é ao contrário. Ele sai da escola de manhã para ir almoçar. Ele assim que acaba de almoçar quer ir logo para a escola e agora esta de férias na escola e já sabe que dia um volta para a escola outra vez. Já anda a fazer os trabalhos todos da escola, entretém-se muito. Gosta muito de ler.
- Acha estranho?
- É estranho de uma forma. É estranho ele gostar tanto da escola mas por outro lado sinto que acho bem que ele goste da escola. Espero que ele goste mais da escola que eu e seja melhor que eu.
- Não se lembra da sua professora primária?
- Não.
- Não?!
- Não, por acaso não me lembro. Há aquelas pessoas que se lembram da professora primária mas eu não me lembro.
- Foi só uma professora que teve.
- Sim, até ao 4º ano foi só uma professora que tive. Não foi até à segunda. Depois na terceira e quarta foi outra professora. Só que já não me lembro. Era para ter reprovado no quarto ano mas

andava por lá, a minha mãe apertava comigo. As professoras fizeram um esforço e consegui passar.

- Costumava estudar com quem? Com a sua mãe?
- Era com a minha mãe. Nessa altura...
- Então os seus pais já tinham a Serigrafia?
- Sim, nessa altura já tinham, quando eu fui para o 3º ano os meus pais já tinham a Serigrafia.
- O que é que os seus pais faziam?
- A minha mãe dava aulas e o meu pai trabalhava numa empresa de frigoríficos. Depois só quando ela faliu que eles abriram a empresa.
- A empresa é aqui na zona também?
- É na baixa da Banheira. Então e como é que foi ali aquela passagem da primária para o ciclo? Como é que isso aconteceu? Viveu isso bem?
- Não, até gostei de sair da escola primária. Depois mudei de escola.
- Foi para Quinta da Lomba, não é?
- Sim, na Quinta da Lomba. Como mudei de escola era sempre aquela coisa como será aquela escola, é diferente? Uma pessoa sai da escola primária, é totalmente diferente, tem montes de professores, montes de aulas, a gente ao princípio fica um bocado baralhado. Começa a gostar mas depois começa a ser cansativo. Todas as semanas ter aquelas aulas, foi quando eu comecei a desgostar mais da escola, ainda. E lembra-se dos professores que tinha.
- Lembra-se de algum em especial?
- Lembro-me que cheguei a ter uma professora de Inglês. Pronto eu não pesco nada de Inglês. Desde o quinto ano. Apanhei com essa professora durante 3 anos. Fiz o 5º duas vezes apanhei com essa professora. Fiz o sexto, então a professora embirrava, não é bem embirrar, como é que hei-de dizer: esforçava-me muito, como eu não...
- Exigia.
- Exigia muito de mim, como eu não sabia, quando via que eu não conseguia, tentava, tentava até eu perceber. Foi a professora que, pronto, no final da escola. Pronto eu gostava dessa professora. Mas chegávamos às aulas, os outros aprendiam bem e eu se ela punha-se a perguntar coisas das outras aulas, eu já nem me lembrava. Ela tentava apertar comigo mais para ver se eu aprendia alguma coisa. Mas pronto consegui fazer o 5º e 6º ano. Passei para o sétimo. Pronto. Fiz o curso gostei e é tudo
- É assim, há algum professor que não tenha gostado mesmo e que lhe tenha ficado na memória?
- Não, assim professor que me tenha ficado na memória, não. Porque apesar de eu não gostar da escola e faltar muito as aulas se eu me portasse bem. Se eu mete-se na aula de Inglês, tá bem que não fizesse nada, mas seu eu me portasse bem. Eu até era um rapazinho que me portava bem. Se eu tivesse num conto da sala sozinho a ouvir a professora a falar era um rapazinho calado. Se não tivesse ninguém à minha volta eu estava calado. Às vezes fazia desenhos. Os professores gostavam de mim, sem ter aquela coisa de faltar às aulas e não gostar das aulas, se eu tivesse nas aulas. Não era mal-educado com os professores nem nada, os professores até gostavam de mim, nunca tive problemas com os professores.

- E os seus pais como é que eles viviam essa sua dificuldade em lidar com a escola?
- Os meus pais foram dizendo, olha. A primeira vez que chumbei., olha é a primeira vez, não estavas habituado. Como passei para o sexto, pronto, tas a ver? No sexto ano como chumbei eles começaram a ver como eu estava a faltar mais, não podia ser. Não podes faltar mais, tens que começar a estudar. Só que depois estudava em casa chegava à escola, não ia às aulas.
- E o seu pai como é que lidava com isso?
- O mau pai dizia: tens que estudar mais, às vezes até me ajudava, às vezes chegava a levar-me à escola e ficava na porta da escola para ver se eu ia às aulas. Mas pronto às vezes eu ia espreitar, via que ele estava lá. Ia para o campo da bola. Em vez de ir às aulas ia para o campo da bola e ele já nem me via e depois se visse o carro a passar escondia-me que era para ele não me ver. Como é que eles reagiam quando descobriam que você faltava?
- Quando descobriam ralhavam comigo não é?
- Metiam-me de castigo e em vez de jogar computador, às vezes não jogas.
- Mas conversavam sobre o assunto?
- Depois avisavam-me: tens que começar a ir às aulas porque depois de ires às aulas nunca mais fazes a escola. Vais andar aqui. Qualquer dia queres ter carro, não podes ter carro, queres tirar a tua carta, porque não tens a escolaridade. Qualquer dia tens aí colegas teus, tu és quase o dobro deles. És muito mais velho. Parece que andas com miúdos do infantário, pareces quase o pai deles. Não, deixa lá mas é agarrar aos livros.
- O pai do Francisco também estudou pouco. Não porque ele disse que naquela altura que andava a estudar os pais dele também não tinham possibilidades. Então ele teve que ir trabalhar para ajudar os pais. Trabalhar para ajudar os pais em casa.
- Portanto ele não estudou, não porque não quisesse mas porque não podia.
- Sim, pronto os pais dele não queriam que ele deixasse de estudar. Só que ele é que quis os ajudar em casa para os ajudar.
- E é onde? O seu pai morava aqui?
- O meu pai morava aqui só que ele nasceu no Alentejo. Nasceu lá só que depois veio para cá com os pais dele. Os meus avós também trabalhavam cá. Sim, sim o meu avô trabalhava aí e o meu avô estava em casa. A minha mãe ainda teve possibilidades de estudar.
- O que era pouco comum, a altura.
- Era, os meus avós não estavam cá. Tinham imigrado para a França, então sempre ganhavam mais e então em França quando se vinha para cá vinha-se com muito mais dinheiro. Então ela estava cá com os pais da minha avó. Ela ficou cá com os avós dela. Então a minha avó mandava dinheiro para ela poder, tanto a ela como ao meu tio. O meu tio também, agora, é professor, tanto ela como o meu tio sempre tiveram posses para continuar a escola. E ela como sempre teve posses para continuar a escola e queria ser professora conseguiu fazer o que ela queria. O meu pai é que já não. O meu pai, prontos, os pais dele queria que ele fizesse a escola só que ele queria ajudar em casa então deixou a escola.
- E a sua mãe também nasceu aqui no Barreiro?
- A minha mãe nasceu aqui no Barreiro.
- E os pais dela também?

- Não. O meu avô era de Viana do Alentejo.
- Também era Alentejano.
- Era. E a minha avó também nasceu. Foi em Alvito, a minha avó. Eram do Alentejo os dois e depois vieram para cá.
- Quer dizer, vieram à procura de trabalho.
- Foi, é engraçado que tanto da parte da minha mãe como do meu pai eram alentejanos e vieram para cá à procura de trabalho.
- Embora os seus pais já tenham feito a vida quase toda aqui.
- De vez em quando ainda vamos lá ao Alentejo, ver a família.
- Gosta de ir ao Alentejo? Gosto porque é fora de... como é que hei-de dizer, a gente está habituado a vir para o Barreiro essas coisas da cidade. A gente via para lá, não se vê nada, é diferente.
- O Francisco sente-se alentejano, ou não?
- Quer dizer eu gosto de estar lá no Alentejo como também gosto de estar aqui, só como é que hei-de explicar é diferente de estar lá. Aquilo é muito mais sossegado à noite. Eu morava ali na baixa da banheira. Morava mesmo onde o comboio passava. A gente a dormir passava o comboio. A gente a dormir passava o comboio. E lá não, a gente está lá e às 9 e tal da noite a gente já não vê ninguém na rua. É muito raro ver as pessoas já na rua. Não há tanta confusão como aqui no Barreiro. Há muitos carros a passar. Há muita coisa a passar. Lá quase toda a gente se conhece, é diferente. Toda a gente se conhece. Por caso gosto de ir para lá. O meu pai tem lá uma casa que era dos meus avós para dividir com os irmãos para poderem lá passar... Pronto combinaram, vai lá um uma semana, vai lá outro.
- Conhece lá alguém?
- Tenho lá amigos.
- Há uma coisa que estou aqui a pensar o Paulo desde Junho que está em casa. O que é que tem feito?
- Tenho andado por aí. Pronto, tenho ajudado os meus pais, estou lá na loja a ajudá-los. Pronto vou para lá. Também aproveito, como estou em casa. Vou em buscar o meu irmão, levar o meu irmão à escola e prontos tenho ajudado os meus pais. Às vezes estou farto de estar em casa e vou ter com eles à loja, apanho o autocarro e vou ter com eles à loja. Só que propriamente vou buscar o meu irmão à escola, tomo conta dele, ajudo-os a fazer o trabalho de casa.
- E esta a conseguir aguentar este período de espera?
- Estou a tentar aguentar. É um bocado difícil uma pessoa ficar um ano, mais ou menos, em casa sem fazer nada. Depois uma pessoa aborrece-se, chega uma altura que uma pessoa aborrece-se.
- Esta com uma grande expectativa em relação a isto?
- Estou...
- Ó Francisco, e em relação ao futuro? Já percebi que esse curso que fez, de mecânica, fez mudar algumas coisas. Gostava que o Francisco sintetizasse, ou seja, gostava que o Francisco espremesse o que é que acha que o Francisco ganhou com esse curso?

- Aprender uma coisa diferente. Nunca imaginava aprender mecânica. A gente fica com uns aninhos. Uns aninhos para quando mais tarde sabemos alguma coisa de mecânica e eu aprendo também como é que hei-de lidar no dia-a-dia à procura de trabalho e isso tudo e pronto mais ou menos ver para mim próprio o que é que eu hei-de fazer no futuro. Procurar um emprego mas como tenho o meu curso e gosto de mecânica tentar arranjar qualquer coisa.
- Descobriu um interesse?
- Descobri um interesse na mecânica. Gostava de continuar na mecânica e mais tarde trabalhar numa oficina.
- Um dia mais tarde como é que imagina o seu futuro?
- Imagino, primeiro fazer a escola, ficar com o 12º e mais tarde quem sabe tirar um curso numa oficina. Numa oficina de mecânica, para a Toyota ou para a Opel e tirar mesmo um curso de mecânica lá, pronto para aprender mais qualquer coisa.
- Gostava de aprender a trabalhar numa empresa grande, é?
- Pronto, tirar um curso numa grande marca para... porque o que a gente aprende nos cursos e tirando um curso só manual numa grande empresa sempre nos ajuda mais um bocadinho.
- E pensa fazer isso da sua vida?
- Quem sabe. Por enquanto ainda não porque eu quero mesmo é acabar a escola mas mais tarde se achar que não consigo acabar com a escola. Entrar para a faculdade ou coisa assim.
- Há, ainda pensa na faculdade?
- Na faculdade, se calhar penso. Porque na faculdade também há partes em que se mexe em carros e isso, acabando o 12º ano pode ser que venha trabalhar, pode ser que ainda entre para a faculdade.
- Daqui a 10 anos como é que imagina a vida?
- Daqui a 10 anos se calhar imagino-me a trabalhar numa empresa. Naquela altura logo se verá.
- A mecânica preenche todo o seu universo ou tem outras ocupações?
- Não.
- O que é que faz nos seus tempos livres.
- Eu gosto de Tuning. Paro muito com pessoal com carros equipados.
- O que é que faz; vai ver carros equipados? Vai ver as corridas que eles fazem é isso? Não corridas não vou. Vou ver montes de pessoas. Conheço um rapaz aqui da loja do Barreiro.
- Gosta de ver a transformação?
- Gosto de ver a transformar, às vezes, vou passear pelo Barreiro para não estar em casa. Tar ali com ele a mudar umas gueltras a um carro. Deixa estar que eu ajudo-te. E tar ali a ajudar. Gosto de estar a ver. Ainda à pouco tempo houve uma concentração na Moita e muita gente conhecida minha foi para lá. E eu fui lá ver, os carros, há lá carros muito bonitos. Há muita transformação de estilos de carros. Por exemplo há aí certos de carros que milhares de coisas podem-se fazer num carro. Vendo vários carros é possível imaginar que é que se pode fazer num. Por exemplo eu nunca tinha visto um Saxo, Citroen, portas a abrir para cima.
- Ficou fascinado.

- Fiquei fascinado. Há carros muito bonitos, por acaso, há carros muito bonitos.
- O Francisco para além disso, o que é que faz mais nos seus tempos livres?
- Vou ao cinema, gosto de estar no meu computador, gosto de jogar. Coisas assim. Tenho namorada. Gosto de passear com ela. Essas coisas, por enquanto é só isso.
- Tá bem. E já é muito bem, não?
- Já é muito bem.
- Ô Francisco eu gostei muito desta conversa. Foi uma conversa muito rica porque nós conseguimos conversar tantas coisas da minha vida. É fantástico, e antes de mais eu queria agradecer por ter colaborado com isto, não é. É uma grande ajuda para este estudo, porque nós queremos saber qual o sentido que esta formação faz para os jovens. Se é positivo ou não. A sensação que fiquei foi que para o Francisco isto fez sentido.
- Fez. O curso para mim teve um grande sentido na minha vida. O curso deu uma grande volta na minha vida e acho que a muitas pessoas também, para fazerem a escola e meterem-se no curso.
- Acha que o curso de mecânica ajudou muito?
- Acho, claro que há outros cursos. Há pessoas que gostam de informática. Depende da escola, como eu fiz o meu, acho que há pessoas que não gostam da escola, dos cursos de informática e de outras coisas e...
- Interessariam-se mais
- Interessariam-se mais, prontos, tem aquela coisa como é um curso de informática, tem aquela coisa. Deixa lá tirar o curso. Fico com o nono ano. Foi isso que me deu, quem sabe um dia a gente continuar mais e a gente aprende sempre mais qualquer coisa.
- Muito obrigado Francisco.

